

Marcelo Donizete da Silva

**O Ensino da Filosofia da Educação no Ensino Médio em Campinas-SP:
da Crise de Identidade à Desestruturação Institucional
Pós – LDBEN**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
2003**

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Si38e	<p>Silva, Marcelo Donizete.</p> <p>O ensino da filosofia da educação no ensino médio em Campinas – SP : da crise de identidade a desestruturação institucional pós LDBN / Marcelo Donizete Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.</p> <p>Orientador : César Aparecido Nunes.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Educação – Filosofia. 2. Ensino. 3. Ensino de segundo grau. 4. Professores – Formação. 5. Práxis (Filosofia). I. Nunes, César Aparecido. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>03-039-BFE</p>
-------	---

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- UNICAMP -
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O Ensino da Filosofia da Educação no Ensino Médio em Campinas-SP:
da Crise de Identidade à Desestruturação Institucional
Pós – LDBEN**

Marcelo Donizete da Silva

Orientador: Prof. Dr. César Aparecido Nunes.

**Este exemplar corresponde à redação final
(dissertação) defendida por (Marcelo Donizete da
Silva) e aprovada pela Comissão Julgadora.**

DATA: ___/___/_____

Orientador: Prof. Dr. César Aparecido Nunes

Comissão julgadora:

Em memória

Para meu Pai, Francisco José da Silva:

“... ninguém morre antes da hora. O tempo que perdeis não vos pertence mais do que o que precedeu vosso nascimento, e não vos interessa: ‘Considerai em verdade que os séculos inumeráveis, já passados, são para vós como se não tivessem sido’. Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante. Imagináveis então nunca chegardes ao ponto para o qual vos dirigíeis? Haverá caminho que não tenha fim?” (Montaigne).

De minha Mãe:

“Quero, hoje, agradecer por tudo o que conseguimos conquistar. As lutas as vitórias e, até mesmo as derrotas que, por difícil que seja a situação encontrada ainda conseguimos tirar dela algum aprendizado. Obrigado, por todos os meus filhos e pela conquista de cada um deles naquilo que almejaram para as suas vidas.”

Para Alcione, que durante esse período sempre se mostrou ser companheira e paciente em todos os momentos, principalmente nos que mais precisei.

*“Encontro pela vida milhões de corpos;
desses milhões posso desejar centenas;
mas dessas centenas, amo apenas um. O
outro pelo qual estou apaixonado me
designa a especialidade do meu desejo.”*
(Roland Barthes)

*“Penso em ti no silêncio da noite,
quando tudo é nada, E os ruídos que há
no silêncio são o próprio silêncio, Então,
sozinho de mim, passageiro parado De
uma viagem em Deus, inutilmente penso
em ti...”*

Agradecimentos

- Ao Professor Dr. **César Aparecido Nunes**, que depositou em mim uma enorme confiança orientando-me nesse trabalho. Talvez tudo o que aqui eu disser será pouco para lhe agradecer pelo que fez. Mais do que um Professor, ele demonstrou ser um grande amigo. E essa amizade não se iniciou aqui. Disso ele pode ter certeza, jamais vou me esquecer.
- Aos Professores, e agora amigos, que cederam o seu tempo e paciência para que, juntos, pudéssemos dialogar sobre seus trabalhos, assim como a disponibilização de algumas de suas aulas, para que pudesse assisti-las, o que auxiliou muito na pesquisa. São eles: Prof.^a Maria Tereza, Prof.^a Eliana, Prof.^a Camila, Prof. Marcos Francisco Martins, Prof. Paulo César de Souza, Prof.^a. Janieire Evaristo Teodoro, Prof.^a Geovana e Prof. Itamar Simionato
- Aos Diretores e Diretoras dos colégios visitados que nos permitiram conhecer e vivenciar a realidade de cada um deles:
 1. **Colégio Ave Maria:** Diretora, Irmã Salete Bolzan.
 2. **E.E Carlos Gomes:** Diretora, Maria Auxiliadora Alves B. Castelar
 3. **E.E Cyro de Barros Rezende:** Diretora, Lúcia Valenton.
 4. **E.E. Dom. Jaime Câmara:** Diretora, Angelina Conceição Perucelo
 5. **E.M.P.S.G José de Anchieta:** Diretora, Maria Berlintan
 6. **E.M.P.S.G Magalhães Teixeira:** Diretora, Aparecida Bergamin Girardi
 7. **E.E Pe Ismael Pereira (CEFAM):** Diretor, Juvenil Alves do Nascimento
- Aos alunos de todos os colégios cujos nomes não caberiam neste espaço e que manifestaram as suas opiniões ou não as manifestaram, mas souberam atender-me com carinho e dedicação. A todos, quero deixar um grande e sincero abraço.
- À Wanda, que a sua fé sempre a ilumine, assim como me iluminou.
- A todos os Funcionários da Secretaria da Pós-Graduação, quero deixar um grande abraço, porque sem eles eu não estaria aqui. Meu Muito Obrigado.
- Aos amigos do grupo de pesquisa PAIDÉIA, que sempre souberam dar opinião sobre o trabalho e me acolheram não apenas como um membro do grupo, mas como um amigo com quem pode contar a qualquer hora.
- A meu Pai, **Francisco José da Silva**, que hoje não se encontra mais aqui, mas compartilhou comigo uma parte desta história e ensinou-me a ser o que sou.
- À minha Mãe, **Maria Luiza das Silva** que, além de ser mãe, é uma grande amiga e mulher, que nunca se ausentou e que soube estender o braço, assim como sempre pediu que lhe estendesse o meu quando estávamos precisando um do outro.
- A meus Irmãos, Irmãs e Familiares, que nestes três anos estiveram ao meu lado mesmo sabendo que, muitas vezes, passamos por momentos difíceis.

- À Professora **Ieda**, pela revisão do trabalho.
- A um grande amigo, **Ascísio**, que não poderia esquecer. Considero-o mais do que um amigo, ele é um irmão, por tudo que me ensinou e por tudo o que aprendeu comigo. Com ele aprendi a dar valor a muitas coisas, a ter simplicidade e a ser humilde. E por ter aprendido essa lição é que cheguei onde estou agora.
- À **CAPES**, pela concessão da bolsa.
- Acima de tudo, a Deus, porque se não fosse por sua intervenção em muitos dos momentos que aconteceram nestes anos, talvez não poderia estar aqui agora, fazendo a conclusão deste trabalho. Nós conquistamos nossa autonomia, produzimos a ciência e a racionalização do mundo mas não descobrimos ainda qual é o verdadeiro mistério da vida.

Resumo

O princípio fundamental desta pesquisa é , dentro da perspectiva ética e política, discutir o ensino da Filosofia da Educação na realidade educacional do ensino médio, mais especificamente, o Curso Normal (magistério) das escolas da região Metropolitana de Campinas-SP. Pretendemos resgatar alguns dos contextos históricos (LDB 5692/1971 e 9.394/1996), que foram permeando a concepção desse ensino até a atualidade.

O eixo norteador desta análise será a prática pedagógica, atuando na formação do futuro educador do ensino fundamental nos ciclos um e dois. Deste modo, ensinar Filosofia da Educação no contexto atual do ensino médio, significa fazer a crítica aos paradigmas de uma educação, que continua a excluir muitos do processo de ensino/aprendizagem. Esse mesmo sistema de ensino, utiliza-se dos ditames legais (LDB, p. ex.) da política educacional, para excluir dos currículos escolares a Filosofia, suprimindo de seu discurso, sua identidade crítica.

Abstract

The principal this research is, into the ethical and political perspective, to discuss the Philosophy Education teach, in the reality educational high schools, more specifically Mastership, of the Campinas-SP Metropolitan region's schools. We intend to ransom some historic contexts (LDB 5692/1971 and 9394/1996), which had been interposed his conception until nowadays.

The directing shaft of this analysis will be the pedagogical practice, acting in the formation of the future teacher in the elementary school, (cycles one and two). So, to teach of Philosophy Education in the present context of the high school, signify to criticize the paradigms on education, which continue excluding many people of the process teach /learning. The same teach system utilize educational politics (LDB), to exclude the Philosophy of the scholar's curriculum, suppressing of this discuss his critical identity.

SUMÁRIO

Introdução.....	05
-----------------	----

CAPÍTULO I

O Ensino da Filosofia da Educação no Ensino Médio em Campinas-SP:

<u>a teoria <i>na</i> prática.</u>	15
I – A Prática.	18
1. – E.E Dom. Jaime Câmara.....	20
2. – E.M.P.G José Roberto Magalhães Teixeira.....	25
3. – Colégio Ave Maria.....	29
4. – E. E. Pe. Ismael de Barros (CEFAM Campinas – SP).....	38
4.0. Primeiro Momento.....	38
4.1 Segundo Momento.....	42
5. – E.E Carlos Gomes.....	53
6. – E.M.P.S.G Jose de Anchieta.....	59
7. – E.E Cyro de Barros Rezende.....	70

CAPÍTULO II

As Concepções dominantes do Ensino de Filosofia da Educação nas escolas da

<u>Região.</u>	74
I – Contribuições de uma proposta dialética para o Ensino da Filosofia da Educação.....	88
II – Por que ensinar Filosofia da Educação?.....	94
III – A possibilidade da Práxis no Ensino da Filosofia da Educação.	96

CAPÍTULO III

<u>Raízes históricas onde iniciamos a reflexão do nosso tema investigativo.....</u>	105
I – Contextualização histórica do problema: a LDB.....	109
I.1. A Influência histórica da LDB na organização do ensino.....	110
II – Crítica ao contexto político da Educação: O veto presidencial.....	120

CAPÍTULO IV

<u>A formação docente e a realidade do ensino escolar atual.....</u>	126
1 – A organização política do ensino, tendo a “marginalização social” como ponto de partida.....	126
1.1 A pedagogia tradicional.	129
1.2 Pedagogia nova.	130
1.3 Pedagogia tecnicista.	133
2. – A Formação docente em nível médio e a Filosofia.....	136
3. – Conclusões.	139
3.1 – As lições aprendidas com esse trabalho.....	144
BIBLIOGRAFIA.....	187

QUADROS

Quadro 1.....	21
Quadro 2.....	22
Quadro 3.....	27
Quadro 4.....	28
Quadro 5.....	41
Quadro 6.....	44
Quadro 7.....	45
Quadro 8.....	81
ANEXOS.....	147

Lista de Siglas

APEOESP: Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

CEB: Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica.

CEETEPS: Centro de Educação Técnica Estadual Paula Souza. (Fundação Paula Souza).

CEFAM: Centro de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério.

CENP: Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

E.E: Escolas Estaduais.

EMPSG: Escolas Municipais de Primeiro e Segundo Grau.

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC: Ministério da Educação e Cultura.

PCN: Parâmetros Curriculares e Nacionais.

PEC: Programa de Educação Continuada.

RMC: Região Metropolitana de Campinas.

SIRASE:

INTRODUÇÃO

O que iremos apresentar nesta dissertação faz parte da investigação que realizamos, no decorrer dos anos de 2001 e 2002, sobre o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores que lecionam **Filosofia da Educação** nas escolas da região que “mantiveram” o curso Normal no seu currículo, para a formação de professores de nível 1. Entendemos ser um tema muito abrangente e de fundamental importância para a propositura de um debate amplo, porém, em nossa pesquisa, este não ficou restrito apenas ao trabalho dos docentes, mas abriu sérias e desafiadoras polêmicas. O enriquecimento da discussão e um melhor entendimento do problema se deram também, como não poderia ser de outra forma, com a contribuição dada pelos discentes na avaliação que fizeram quanto à importância e os objetivos da referida disciplina no processo de sua formação.

Seguindo o ponto de vista acima, principalmente no que se refere ao Ensino da Filosofia da Educação, existem outros fatores importantes a serem analisados e iremos polemizar, dentro deste universo, sobre outra questão fundamental, por ser uma situação que vem alterando a concepção de ensino na escola. Isto é, com as alterações que estão ocorrendo constantemente nos meios de produção (devido à introdução das novas tecnologias no processo produtivo), os conceitos Ensino, Educação e Escola também sofrem essas alterações, criando novos paradigmas cujo objetivo é a suposta “modernização” e a possível mudança destes conceitos principalmente através das políticas públicas que dão “direcionamentos” legais à construção deste novo modelo (a LDB é o exemplo concreto desta “nova” realidade). É este sentido que estaremos também discursando sobre o momento crítico em que, já concretizada na esfera da política educacional, a Filosofia e a Filosofia da Educação, devido o fechamento do

curso normal, estão passando com a retirada paulatina dessas disciplinas da grade curricular do Ensino Médio.

O que vem ocorrendo de fato, na escola, com a introdução destes “novos” paradigmas para o ensino? Acreditamos que, ideologicamente, vem se concretizando a tese do “desmonte” da educação pública, ou seja, com o processo de “falência” desta, as disciplinas citadas perdem o seu referencial para o modelo de Educação que foi inaugurado em nosso contexto histórico. Por esse motivo, o processo de degradação das condições de manutenção das mesmas parece ser inevitável. O ensino se dilui em “práticas” que valorizam as tendências utilitárias, uma vez que o viés desta prática tem como fundamento à idéia de “suprir” as necessidades do homem no que é importante para sua “formação”. Tendo em vista que essa formação “garantirá” a sua inserção nesta nova realidade produtiva. Portanto, ter a Filosofia como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio, passou a não ser mais necessário. Ela passa a não ter mais sentido para esta “nova” realidade pedagógica, sendo retirada dos currículos (ou diminuída a carga horária) e, conseqüentemente, da escola. Assim, a Educação continua sendo conduzida de maneira doutrinária e dominadora, como sempre foi, transmitindo a ideologia de uma classe que quer manter sua posição e o seu status na sociedade.

Todavia, como toda discussão política é polêmica e, em se tratando de educação, essa discussão se torna ainda mais abrangente, razão que nos levou a conduzir o eixo de nossa análise para uma crítica aos determinantes históricos que influenciaram e continuam a influenciar na construção de uma Identidade da Filosofia da Educação para o Ensino Médio (em especial o curso normal). Por outro lado, para que essa discussão tenha a profundidade que o assunto proporciona, estaremos priorizando, em todo o momento da investigação, a questão fundamental que vai permear o eixo temático desta análise; o **Ensino**. Ou seja, iremos deslindar esta questão, na medida em que ela é também um dos pilares no processo de formação da consciência do homem: tanto para a condução da sua vida e, conseqüentemente, para a produção da sua História. Por este motivo, buscaremos evidenciá-la com a realidade concreta da escola e como é apresentada, para os discentes essa questão, para que

possam ter um olhar crítico sobre o problema teórico e prático do **Ensino** e como se dão os seus desdobramentos no cotidiano escolar.

As idéias expostas acima são parte de um conjunto de questões e indagações que foram surgindo no desenvolvimento do trabalho e, inicialmente, partimos dos seguintes pressupostos:

1º quais eram os objetivos determinantes na reflexão sobre o ato de **ensinar** e em se tratando do foco no qual nos colocamos para discutir a questão, em especial o que concebemos como determinante no ensinar à **Filosofia da Educação**?

2º No curso Normal tem-se ensinado a Filosofia da Educação ou, por intermédio da História e da Filosofia, ensina-se a discursar (entendemos este discurso como o que se realiza e se constitui na vida prática) sobre a Educação?

3º No que se ensina em Filosofia da Educação (já que se trata da formação de futuras/os professoras/es) existe uma contribuição para suprir também as necessidades de formação e informação dos discentes para que possam analisar, criticamente, o contexto educacional no qual estarão atuando?

4º Quais os encaminhamentos tomados pelo professor da disciplina (sua postura) na execução do seu trabalho?

5º Como o educando interpreta sua postura como futuro educador?

Todas as questões serão respondidas e melhor conceituadas no primeiro capítulo, onde estarão expostos os pontos de vista dos docentes e discentes sobre a importância de se ter a Filosofia da Educação no curso em questão. Assim como, todos os procedimentos utilizados, pelos docentes, para dinamizar e potencializar o processo de organização racional do pensamento, para uma análise crítica e substantiva do fenômeno educacional. Por outro lado, é salutar também analisarmos essa real importância da Filosofia da Educação na constituição do curso. Ela, a Filosofia da Educação, pode ser entendida como organizadora do discurso crítico do fenômeno educacional, seguindo esse ponto de vista, não se poderia entendê-la apenas como uma disciplina a mais no currículo do ensino normal, ela tem os seus pressupostos. E esses pressupostos se baseiam no próprio seio em que eles são produzidos; nas relações de produção no qual se constitui a história humana. Não é possível, no entanto, pensar a Filosofia desvinculada da questão histórica, da mesma

forma que, não é possível pensar a docência se não for através de um projeto vinculado à História humana. E é neste momento que a reflexão filosófica se torna questionadora dos problemas educacionais, uma vez que eles fazem parte da organização da vida material e racional dos seres humanos. Não há dúvida de que educador do é o protagonista das transformações históricas, por ser ele também o sujeito produzido por esses determinantes que constituem tecido do social. Porém, essa consciência ele passa a tê-la quando reconhece que uma contribuição sua para a formação intelectual do homem, é importante na medida em que essa formação venha auxiliá-lo na organização de uma nova concepção de mundo.

Portanto, discutirmos sobre o sentido de ensinar Filosofia da Educação, no contexto atual da escola, é buscar entender as questões fundamentais deste Ensino no processo de formação e desenvolvimento intelectual do aluno. Todavia, essa formação também é parte constitutiva educacional do projeto e do plano pedagógico das escolas. Nestes planos estão contidos também os objetivos políticos, culturais e ideológicos do que se espera e o que se quer da Educação, principalmente para os futuros educadores.

Partindo deste pressuposto, já temos uma questão importante para ser analisada; toda discussão “filosófica” deve partir de uma reflexão teórica do problema, para ser concretizada na realidade prática. Sendo assim, entendemos que o objeto central de organização e constituição de um projeto pedagógico, fundamento norteador de um trabalho com a Filosofia no contexto escolar, é a **práxis**, ponto importante de nossa reflexão. A práxis é o momento teórico/prático da discussão para se analisar as contradições do contexto escolar, portanto é um ponto fundamental para que possamos refletir *sobre* o problema da **Educação** e do **Ensino**. Principalmente, para conhecermos mais amplamente esse universo no qual está relacionado também ao **Ensino da Filosofia da Educação** no contexto atual do **curso Normal**.

O tema, então, se torna relevante, e ao mesmo tempo desafiador, porque não encontramos referenciais bibliográficos que contemplassem a discussão, o que fez com que partíssemos para essa investigação, uma vez que este, como objeto de pesquisa acadêmica, ainda não havia sido trabalhado. E foi por ele que propusemos organizar os caminhos no qual trilhamos.

Portanto, quando falamos que a Educação e o Ensino serão questões fundamentais desse tema é justamente porque não nos seria possível analisar a objetividade dessa questão relevante se, juntamente com ela, não estivéssemos refletindo também sobre uma realidade que conhecemos concretamente em nossa vida prática¹. E se o nosso intuito desde o início foi investigar o **Ensino da Filosofia da Educação no Ensino Médio (Normal)**, primeiramente, seria importante colocarmos o que entendemos por esta prática.

Tendo como norte desse pressuposto o trabalho dos Professores de Filosofia da Educação em suas escolas, entendemos que ensinar² – analisando de maneira geral – é, fundamentalmente, darmos a nossa contribuição (não apenas como educadores, mas como seres humanos que também se educam na relação de diálogo que existe com os educandos) para a formação, a reflexão e a ação do homem na transformação do seu contexto histórico; momento no qual ele passaria a refletir sobre si mesmo e o mundo em que vive. No entanto, não podemos afirmar que a Educação leva à transformação da sociedade, pelo contrário, ela é uma ferramenta em que se pode projetar a discussão sobre as contradições existentes no contexto real da escola e da sociedade (ela é o espaço da luta de classe) e “auxiliar” na transformação das relações sociais. Por outro lado, é o homem, sujeito histórico, que transforma essas relações quando age sobre elas. Por quê? Porque ele é um ser histórico que se produz na história e, por este fato, está intimamente ligado à mesma e onde se realiza como ser humano.

Com efeito, para que esta ação seja efetivada na história humana, este deve estar formando, constantemente, para si, a consciência desta ação. Ou seja, ele deve estar elaborando, plenamente, em sua consciência, na organização de sua vida (uma vez que essa será o seu projeto histórico), uma nova concepção de mundo, que refletida no sentido que **Gramsci** propõe ao termo, o levaria a uma mudança de postura e de consciência que deve ocorrer quando, no processo de organização de seu

¹ Segundo **GADOTTI** (1987: 27), “Não se faz uma tese *sobre* educação: o sujeito está implicado. Falar de educação é falar de mim mesmo. Eu não posso abstrair da minha marcha, de minha história, fazendo um discurso, uma tese de filosofia da educação. Eis porque uma tese, um trabalho de pesquisa em educação nunca é neutro.”

² Por questão de método, fomos buscar o sentido do verbo em sua variação semântica proposta no dicionário e, segundo **FERREIRA** (1994: 251), **ensinar** é; Ministar o ensino é educar, transmitir conhecimento à, adestrar, treinar, fazer conhecer, pregar, doutrinar. Aprender por si.

pensamento; sobre as coisas e o mundo, ele passe a “superar” (a superação da sociedade civil está no fato de se construir a sociedade regulada através da ação política no qual se conquista a hegemonia) as contradições existentes em sua realidade. Portanto:

Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído. Significa também, portanto, criticar toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. (o grifo é nosso) O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que é realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica. (GRAMSCI, A. 2001 (vol 1) p. 94)

Neste sentido, o ensino se realiza na história por ser um projeto humano que se faz com e pelo homem. E, se neste processo, este passa a conhecer-se a si mesmo é porque ele é parte importante desse processo de formação de um novo contexto social.

Para se elaborar essa nova realidade, é necessário conhecê-la concretamente, desmistificando todo o processo ideológico de dominação existente nela e elevando o conhecimento para a práxis transformadora. Ensinar, seguindo este viés, é fazer o resgate e construção da identidade do que seja humano no homem, na medida em que este participa também das ações políticas, sociais e culturais, da sociedade em que vive. “É por isso que o testemunho da Filosofia da Educação pode, às vezes, perturbar, inquietar, turvar os espíritos. Esse testemunho pode denunciar situações que conduzem a opressão do homem, a uma educação da perversão.”³

Por este motivo, quando partimos para essa investigação, nossas indagações já estavam, em certa medida, maduras em nossa consciência, devido ao fato de convivermos, como já dissemos, com a realidade do Ensino nas escolas (principalmente as que se encontram nas periferias), de nível Médio. E, como participamos concreta e diretamente desta realidade socioeconômica dos estudantes, é possível perceber – apesar das contradições que existem nesta realidade – a importância que o Ensino tem para eles, assim como para os que mais necessitam deste ensino, o povo. É pela intervenção popular nas questões sociais, política, cultural, econômica e religiosa, que é possível realizar uma nova concepção de mundo, quando

³ Moacir GADOTTI, A Educação contra a Educação, p. 30.

são transmitidos a essa população os subsídios e os conhecimentos necessários para que possam ter a possibilidade de refletir e atingir o *máximo de consciência possível* do seu tempo, passando a entender, criticamente, o momento em que estão vivendo. Desta mesma ação relacionada à questão educativa, estes possam ter eloquência para discursar, de maneira sistemática e coerente sobre os reais problemas que estão vinculados a sua realidade. Neste sentido, “a tarefa da Filosofia consiste também, desde suas origens, em boicotar todo o projeto que se opõe ao humano, em desmistificar toda a ação que opera o pensamento e produz a desigualdade.”⁴

A origem do problema do Ensino tem portanto, suas raízes fincadas no processo histórico de organização da sociedade. Nesta organização, cada “cidadão” teria uma função socialmente “constituída”, o que, conseqüentemente, já mostra, ideologicamente, como se daria a formação do homem desde o início da sua aprendizagem. Isto quer dizer que o desdobramento da questão está ligado diretamente à realidade do Ensino desde a formação da criança (em nosso caso desde o Ensino Fundamental). Nosso objetivo, teve como meta importante investigar a prática do Ensino da Filosofia da Educação no processo de formação do Educador que irá atuar nesta realidade. Fomos a campo investigar o que se ensina na disciplina aos educandos, que terão pela frente o “compromisso” e a “função” de **Educar** e **Alfabetizar** crianças; principalmente as mais carentes que têm dificuldade de compreender essa realidade. E, estando “desconexas” com esta realidade e o mundo, tornam-se alienadas do processo de dominação da sociedade burguesa, que massifica de maneira indigna os homens, fazendo-os viver em condições sub-humanas.

É importante ressaltarmos nesta questão um problema fundamental que permeia o processo de massificação do Ensino; “**A política educacional do nosso país**”, que também marginaliza o Ensino da Filosofia, retirando dela a sua potencial importância no processo de formação do homem (ela não é a única neste processo, todas as disciplinas, também, dão a sua contribuição nesta caminhada cujo objetivo principal é a formação do ser humano). O fechamento do curso no Ensino Médio, que para os educadores é uma forma de afrontamento às reais necessidades da escola, hoje, ao

⁴ *Ibid.*, pg. 30.

passo que o de que ela mais necessita, é a prática e promoção do efetivo respeito ao ser humano e a tão sonhada democracia.

Como estamos nos apoiando no fato de que o ensino é, materialmente, o objeto que tem como fundamento a reflexão filosófica e a formação da consciência histórica do homem (este processo tem o seu alicerce na formação básica no Ensino Fundamental das séries iniciais da aprendizagem), este é possível de ser realizado na atividade crítica e criadora, no sentido de que possa vir a fazer do seu contexto social, algo que seja digno das suas necessidades, como as necessidades dos outros uma vez que o ser humano também se faz, historicamente, na relação com o outro. Mas, no Brasil, esta perspectiva para a educação sempre esteve na sua contramão. A formação do nosso modelo educativo foi construído a partir de outros objetivos do que se esperava da educação para os seres humanos, nos quais se configurou como um modelo de educação dominador e marginalizador. A relação entre professor e aluno, desde as matrizes coloniais, era ambígua e contraditória; o professor era o “sumo pontífice” do saber, enquanto o aluno era o mero depósito onde as informações necessárias eram “depositadas”.

Se pretendemos formar o ser humano consciente, devemos, primeiramente, entender a escola em sua relação integral com o ser humano; a escola é o educando, que está em pleno sincronismo com o mundo. E, neste sincronismo, existe uma relação fundamental com o Educador; sem esta relação não teria sentido a prática educativa. O **Ensino da Filosofia da Educação**, deve estar sempre contribuindo para que o educando forme para si uma concepção de mundo, desvinculando-o dessa visão fragmentária do senso comum de ver o mundo. Essa visão faz parte de uma cultura que é imposta também pelos modelos (paradigmas) vigentes em nossa sociedade. Não é possível retirar o senso comum da realidade, mas é do seu núcleo na formação intelectual do homem que se atinge o bom senso que, segundo **Gramsci** (2001), é o núcleo saudável deste. É através do *bom senso* que podemos construir uma sociedade mais justa.

Trabalhar, portanto, a postura crítica do educando frente às questões que mais o afligem e o preocupam, como por exemplo: os problemas de seu tempo, são fatos que o educador convive, cotidianamente e com frequência, principalmente em seu

trabalho em de sala de aula. Ser educador é ir além do que se ensina, é ter a humildade de perceber no seu trabalho que o Ensino se faz pela troca simbólica e existencial com seus educandos, e por este intercâmbio se faz a História. O educador só ensina quando percebe que, na sua missão histórica, também aprende com seu aluno, convivendo com seus dramas, alegrias, aflições enfim com o que está intimamente ligado ao humano que existe nele.

Diante desta realidade conflituosa, onde a contradição da questão educacional está muito presente e diretamente vinculada às esferas: políticas, sociais e econômicas, nosso ponto de partida, para analisarmos metodologicamente a questão, vai estar focada em nossa indagação inicial; O que trabalha o Professor de Filosofia em sua elaboração à crítica ao discurso da Educação como base para a manifestação de um Ensino transformador que pode estar ligado, entretanto, a uma concepção de mundo. Para que possamos ter o entendimento amplo da questão buscaremos refletir, no momento seguinte, sobre as chaves interpretativas do Ensino da Filosofia da Educação para uma crítica à Educação, como forma de alienação do homem em relação a sua realidade; no terceiro momento, retomaremos os conceitos históricos em que as legislações foram constituídas e “regulamentaram” esse processo alienador; no quarto momento, faremos nossa crítica a esses conceitos e como influenciaram diretamente no processo de marginalização do homem e da escola, para que possamos interpretar claramente o contexto no qual a Filosofia da Educação está inserida atualmente e está fundamentado o trabalho dos Professores para uma análise crítica dos alunos sobre esse contexto.

Seria, pois, uma reavaliação do Ensino da Filosofia da Educação, sendo que este, no Brasil, passou por várias reformulações, chegando ao modelo que está colocado para a condução da realidade que estamos vivendo.

Fizemos, portanto, um trabalho investigativo, analítico e crítico. A dissertação que ora apresentamos busca reconstruir esta trajetória, com o crivo da reflexão metódica. Para a apresentação do texto dissertativo escolhemos uma ousada trilha. Partiremos da prática e dos programas encontrados nas escolas de nível médio, apresentando-as com nossas impressões e comentários no capítulo primeiro, visando identificar, ao final do mesmo, uma tipologia das concepções dominantes de Filosofia e de Filosofia da

Educação nos programas institucionais heroicamente resistentes. O capítulo seguinte busca apresentar um debate crítico sobre a identidade da Filosofia da Educação no ensino médio. Ali defendemos a concepção materialista e dialética da Filosofia e da Educação.

Nos capítulos finais buscaremos interpretar a condição legal (cap. 3) e institucional (cap. 4) da Filosofia como disciplina escolar, frente às transformações ocorridas na legislação do sistema educacional brasileiro recentemente elaboradas. Ali buscamos ordenar alguns conceitos políticos e determinações históricas.

Enfim, de uma investigação prática da realidade escolar, buscamos identificar as articulações históricas, políticas, epistemológicas e legais que condicionam e determinam identidades e contradições na Filosofia e na Educação.

Ao final apresentamos algumas lições descobertas, bem com reafirmamos nossos propósitos e convicções acerca da Filosofia e da concepção emancipatória da Educação: uma potencialidade humanizadora e intrinsecamente revolucionária.

CAPÍTULO I

O Ensino da Filosofia da Educação no Ensino Médio em Campinas-SP: a teoria *na* prática

Neste primeiro capítulo, iremos apresentar o objeto de nossa investigação, expondo, de forma sucinta, os dados empíricos colhidos durante as visitas que fizemos nas escolas da região. Estes dados refletem, de certa maneira, a realidade concreta em que o Ensino da Filosofia da Educação se faz presente, e que é fundamento do trabalho dos Professores da disciplina nas suas respectivas escolas. E sendo essa realidade o fundamento teórico para a discussão filosófica, o eixo central da nossa investigação terá, como pressuposto básico a busca de uma possível – devido às próprias transformações políticas da realidade educacional em nosso país – **identidade para a Filosofia da Educação para o curso Normal Médio.**

A palavra “identidade” é base para discussões amplas, uma vez que ela está ligada à dinâmica histórica de transformação dos contextos sociais (é possível se falar da identidade cultural burguesa, por exemplo, construída no seio de uma sociedade que estava em pleno processo de transformação; a sociedade europeia). No entanto, para que não percamos o nosso ponto de vista do objetivo central de nossa reflexão, essa questão da identidade estará amarrada, principalmente, à discussão feita pelos educadores sobre o sentido que tem a Filosofia da Educação no processo de formação dos alunos, e como esse ensino, na realidade escolar, pode vir a contribuir para a construção de um novo contexto histórico. Portanto, esta identidade está relacionada diretamente à relação homem e natureza, uma vez que é nesta relação que se objetiva uma nova realidade.

Assim como toda questão *prática*, que deve partir de um pressuposto *teórico*, de uma **práxis** fundamento (teórico/prático) da ação historicamente transformadora,

entendemos que essa identidade da **Filosofia da Educação** também se efetiva, concretamente, nesta relação. Porém, para que pudéssemos analisar claramente esta questão, ir a campo e entrar em contato com esta realidade, conhecer o trabalho dos professores para com seus alunos: sobre o que falam, pensam, entendem e tematizam sobre o fenômeno educacional, foi de fundamental importância. Dessa forma, apesar de todos os problemas que enfrentamos neste período de visitas, tivemos o privilégio de entrar em contato com um trabalho desafiador que é realizado pelos Professores; no que **ensinam em Filosofia da Educação** para os alunos do curso normal. E o que percebemos neste trabalho é que o fundamento deste refletir teórico e prático (ponto de vista dos educadores) da Filosofia da Educação tem, como ponto nevrálgico, trabalhar a valorização da carreira docente para o aluno, no sentido de que este venha refletir também sobre a sua atuação em sala de aula, ou seja, como ele avalia essa sua práxis como educador do Ensino Fundamental.

Inicialmente tivemos a preocupação de sondar, nas escolas da região, quais ofereciam o curso para a população em formação de nível médio. Desta sondagem, partimos para nossa investigação. Neste período de desenvolvimento da pesquisa, citado na Introdução, estivemos em visita a sete escolas da Região Metropolitana de Campinas (RMC). Escolas que estão localizadas no eixo entre Campinas, Hortolândia, Sumaré e Valinhos⁵, que oferecem/ofereciam o curso de formação de Professores para o Ensino Fundamental, em nível Médio (magistério). Destas sete escolas visitadas, apenas quatro mantêm, atualmente, aberto o curso havendo um prazo para o seu fechamento (início da Década da Educação, promulgada na publicação da LDB 9.394/96) até o ano de 2007, quando não será mais oferecido para os estudantes do Ensino Médio. O reflexo político desta realidade é que há dois pontos importantes aí colocados e que, ao mesmo tempo, se tornam polêmicos: o primeiro, é um fato inevitável e foge aos propósitos de nossa discussão, é o fechamento do curso, o que já está acontecendo; o segundo é a supressão da filosofia: tanto no curso como no Ensino Médio, o que vem acarretando o aumento do desemprego para muitos professores da disciplina. Por este fato, a disciplina vem perdendo o seu espaço devido à redução da

⁵ Vide o Anexo I

carga horária para as disciplinas de Ciências Humanas e, em muitas escolas da região, a Filosofia não está mais presente nos currículos das séries do Ensino Médio⁶.

Nesta perspectiva “assombrosa”, por sermos também educador da filosofia no Ensino Médio, até nos pareceu ironia quando decidimos falar sobre tal tema “**O Ensino da Filosofia da Educação**”, justamente neste momento em que a situação é totalmente desfavorável para a sua continuidade. Parecia que discutirmos sobre o Ensino da Filosofia da Educação para o curso normal Médio era cair num “vazio”, numa discussão sem sentido, uma vez que este está em vias de se extinguir. Mas, se acreditamos no nosso trabalho, na importância que os alunos depositam na Filosofia – como uma disciplina que deveria estar presente em todo o momento de sua aprendizagem – para refletirem sobre as questões da realidade e de sua vida, este é o momento de luta em favor do Ensino, da Educação, da dignidade dos alunos e para que ela, Filosofia, continue a estar “viva” dentro e fora dos muros que cercam a escola. Essa perspectiva, que não é só nossa, é uma questão compartilhada com os que fazem do seu trabalho uma “arma” contra a ideologia impregnada na escola, de que a Educação tem que “servir” para o que é apenas necessário, e não que essa questão não seja importante, desvinculando a teoria da prática, empobrecendo cada vez mais o processo de maturidade intelectual dos alunos.

Por esse motivo é que fomos a campo compartilhar e compreender com os outros Educadores (vivenciar essa discussão feita por eles com seus alunos sobre a problemática do ensino e outras questões que fazem parte do contexto histórico da Educação), a importância da reflexão filosófica na experiência cotidiana de cada um dentro sala de aula. Fomos entender, discutir e analisar: o que ensinam, como ensinam, porque ensinam os professores na disciplina Filosofia da Educação, para que no momento posterior, tendo esses dados em mãos, pudéssemos estar analisando que concepção de Ensino da Filosofia da Educação, sua identidade, é preponderante nas escolas da Região para o curso Normal.

Estaremos, neste primeiro momento, expondo todo o conhecimento, todas as experiências que colhemos nas visitas às escolas; os relatos dos professores e dos

⁶ Apesar de nossa crítica, sobre a supressão da Filosofia do ensino médio o Governo de São Paulo, por intermédio da CENP, “lançou” três propostas curriculares (ver anexo II) para a grade 2003. Em uma delas, propõe ter Filosofia no 2º e 3º ano. Porém essa decisão caberá as escolas decidirem, o que nem sempre acontece.

alunos, os projetos, tudo o que se trabalha em **Filosofia da Educação**, para a formação dos novos educadores, para a discussão com todos os que se preocupam e pensam a Educação como fonte fundamental de transformação da realidade do homem. Ela é portanto, um instrumento importante para a organização do seu pensamento.

I - A Prática

Antes de iniciarmos nosso projeto e, conseqüentemente nossa dissertação, já havíamos feito uma triagem em escolas onde o curso normal estava presente. E neste primeiro momento, para a estruturação do projeto, estivemos dialogando com os Professores da disciplina. É interessante destacarmos uma questão fundamental dentro desta reflexão: das sete escolas que visitamos, apenas três Professores tinham formação em Filosofia, enquanto que nas outras quatro, três eram formados em pedagogia e um em sociologia.

Por que levantamos essa questão? Porque, primeiramente, percebemos existir um peso maior para o outro lado da balança. Não queremos aqui desqualificar o trabalho de nenhum Professor, muito pelo contrário, estamos apenas constatando um fato do que vem acontecendo em nossa realidade educacional:

1. Os professores de Filosofia dão prioridade em lecionar Filosofia para o Ensino Médio (quando há Filosofia na escola), a lecionar Filosofia da Educação para o curso normal;
2. Isso acontece porque, com o fechamento deste curso, o número de aulas que já é expressivamente pequeno fica ainda menor e as possibilidades dessas aulas serem atribuídas, para o Professor de Filosofia é quase impossível. Tal fato se dá porque a maioria dos professores que trabalham na rede estadual de ensino não é concursado, e também não se abre concurso, exceto em 86, para a disciplina (vide o veto presidencial). Por esse motivo e por outros dentro desse processo é que as aulas de Filosofia da Educação são atribuídas aos Professores de outras áreas, como complemento de carga;

3. Como as aulas de Filosofia se encontram ainda em algumas escolas do Ensino Médio (na região que congrega as escolas de: Sumaré, Hortolândia e Paulínia, por exemplo, em todas as escolas de nível Médio a Filosofia está presente, tanto no diurno como no noturno), a concorrência é ainda maior para a atribuição entre os Professores da área, juntando com os Professores já estruturalmente desempregados.

Essa é a grande lógica do “salve-se quem puder”, para os professores de Filosofia no Ensino Médio. Dizemos que o Professor está alienado é cometer um grande erro e, ao mesmo tempo, uma grande injustiça uma vez que esse é o preço que estamos pagando pela necessidade de se ter trabalho e, ao mesmo tempo também, por estarmos presos às necessidades que o capital impõe, caso contrário não sobreviveríamos.

O conceito de práxis, dentro desta lógica, parece perder o seu sentido real de transformação do projeto histórico, ainda mais quando falamos de uma necessidade de sobrevivência. Para o Professor de Filosofia, essa situação é ainda pior. Não é possível falar em mudança quando se tem que esperar caírem da mesa de atribuição de aulas as migalhas que irão garantir, por mais um ano, seu sustento. Se no próximo ano haverá aulas, ninguém sabe. Para este ficam duas perspectivas: ou ele se adapta a essa realidade ou procura outra saída, aceitando o velho ditado popular do senso comum; “O destino a Deus pertence.”

Nesta perspectiva, é possível perceber o que está acontecendo na Educação, com a implantação da nova LDB. A escola vem sofrendo com o processo de marginalização social, a retirada do Ensino da Filosofia (não que seja a “salvadora” dos problemas da escola, ela não é, mas muitos já passaram a entender a sua importância no processo de formação, ela também dá a sua contribuição) e, conseqüentemente, o fim do curso normal. Essas questões não fazem parte da nossa reflexão no momento mas, como estamos falando da realidade do Ensino da Filosofia da Educação, entendemos ser importante denunciar esse processo que vem causando o “desmonte” da escola e da Educação.

Retomando a nossa reflexão sobre o que vem sendo ensinado em Filosofia da Educação para os alunos no curso normal, dissemos, no início da argüição, que estivemos nas escolas da região para fazer uma investigação inicial do trabalho dos Professores, o qual serviu de base para estruturarmos quais seriam os pontos fundamentais que estaríamos discutindo em nosso trabalho. Os primeiros diálogos e planos aqui apresentados fazem parte dessa primeira etapa da investigação que entendemos ser importante relatarmos, uma vez que é fruto do trabalho dos professores na discussão que fizeram sobre a importância da Filosofia da Educação na formação dos alunos. Apesar de o curso ter fechado nessas escolas, a luta dos professores ainda continua, e é a nossa luta pelo respeito ao aluno enquanto pessoa humana e pela Educação, e esta luta também estava fundamentada na crítica de cada um deles⁷.

1. E.E. Dom. Jaime Câmara

Prof.^a 1

Estivemos em visita a este colégio no ano letivo de 2000 (início de nossa pesquisa). Lá estivemos em contato com a Professora 1, com quem iniciamos nosso diálogo, cujo objetivo era coletar dados para a estruturação do nosso trabalho, assim como conhecer a realidade concreta da escola e como se fundamentava a prática do ensino de Filosofia da Educação para reflexão desta realidade. Desses diálogos que tivemos, ela nos passou os pontos importantes que seriam discutidos nas aulas e a proposta de trabalho com a disciplina – no sentido de avaliar esse contexto – nas séries em que esta estaria envolvida no período letivo. Fizemos a leitura do projeto, conhecemos trabalho que seria desenvolvido com os alunos, o plano de aula para o ano, levantamos alguns questionamentos e destacamos, nessa conversa, alguns pontos importantes do seu trabalho:

Sinto dificuldades em trabalhar Filosofia da Educação com as meninas, (nos relatou a Professora), Primeiro, porque minha formação é em sociologia; Segundo, trabalhar textos filosóficos com elas é muito difícil, porque elas não têm uma bagagem anterior de filosofia o que dificulta ainda mais o trabalho.

⁷ Por uma questão de ética profissional, nas páginas que se seguem, assim como nos anexos, nos limitamos em não

Nesta reflexão, já encontramos um primeiro obstáculo para o ensino da Filosofia da Educação; a **“falta” da reflexão filosófica entre os alunos**, o que dificulta muito o trabalho dos professores. Essa questão será uma constante em todas as escolas visitadas. Continuando a analisar esse problema, a Professora deu o seguinte comentário:

Essa reflexão não precisaria ser, necessariamente, crítica; deveria pelo menos ser coerente principalmente para elas que serão, futuramente professoras e também terão que discutir, profundamente sobre todas as questões e os problemas relacionados à Educação.

Essa problemática de falta de embasamento teórico e filosófico a levou a organizar suas aulas de maneira que atendesse essas necessidades das alunas e, ao mesmo tempo, que as levassem a refletir também sobre as questões ligadas à realidade educacional.

Para a realização deste trabalho, ela contava com um fato importante; o número de aulas que tinha por série. Isto é, apesar de as aulas de Filosofia estarem concentradas no último ano do curso (4º ano), porque, não havia na grade curricular do 3º ano a disciplina, porém, havia História e Sociologia da Educação, que eram ministradas por ela, onde encontrou espaço para trabalhar alguns tópicos de Filosofia (Introdução) que seriam amarrados ao trabalho das futuras turmas de 4º ano.

Com essa introdução da Filosofia, dada no 3º ano, a Professora trabalharia temas relacionados à Filosofia e à Educação no último ano (Ver Quadro1). Os temas estavam divididos da seguinte forma, (para as turmas do 4º ano

(Quadro 1)

<u>Plano de Aula</u>	
Tema 1º Semestre: “Introdução ao estudo da Filosofia da Educação.”	
<u>Temas para a discussão:</u>	
1.	Filosofia da Educação (conceitos básicos).
2.	Processo do filosofar (textos básicos).
3.	Filosofia e Educação, processo e produto.

Nos três primeiros itens propostos, ela retomaria alguns conceitos analisados no ano anterior, porém o enfoque da questão teria um outro direcionamento; a crítica do discurso filosófico ao fenômeno educacional. Essa discussão partiu de uma matriz histórica fundamental, assim com fora eixo norteador desta o conceito de PAIDEIA grega. Dessa maneira o fundamento real da reflexão seria mostrar a importância que tem a Filosofia no processo de formação do homem que a todo instante altera as circunstâncias da realidade em que vive. Outro fato importante amarrado a essa discussão era a questão dos valores em educação, valores esses que estão ligados diretamente ao contexto produtivo da sociedade moderna. Dentro desta leitura textual, feita pelos alunos, sobre a temática da Filosofia e da Educação a Professora colocou uma idéia central para o debate dos temas, que tinha como pressuposto o seguinte questionamento para ser discutido entre as turmas: **“O homem necessita ser educado, uma vez que existem na sociedade, mecanismos como os meios de comunicação, por exemplo, que lhe proporcionam uma pseudoeducação e ao mesmo tempo “descaracterizam” o papel do professor?”**

Já nos itens do segundo semestre, ela trabalhou as seguintes questões, até como forma de responder a pergunta proposta:

(Quadro 2)

Tema 2º Semestre: “Filosofia da Educação”	
<u>Temas para discussão:</u>	
4.	A formação Ética do Educador (questão política).
5.	Educação Transformadora.
6.	Trabalho e Educação.
7.	Educação, Poder e Alienação.
8.	Reflexão sobre os PCN’s (trabalho multidisciplinar)

A discussão teria como *locus* central a análise da questão política, sendo que o elo de ligação com a temática seria o homem como agente transformador da realidade. Ele necessita, então, ser educado para esse fim. E, como pudemos observar, essa discussão tinha preponderância em toda proposta de seu trabalho uma vez que a

Educação, dentro da sua perspectiva filosófica, era vista como um dos elementos da atividade política (não se faz Educação se não for a partir de uma perspectiva real de transformação da realidade política), e analisar essa temática partindo do pressuposto da Filosofia, era questão fundamental neste trabalho.

Essa discussão nos chamou a atenção, porque ela reflete diretamente os problemas da Educação em nosso contexto histórico político, e o que veio enriquecer ainda mais nossa análise. Por esse motivo, dialogamos sobre todos os itens propostos e, em especial um, o n.º 7 do seu plano sobre as **relações de poder na Educação**. Nesse diálogo, perguntamos como ela analisaria essa problemática com as alunas, uma vez que discutir sobre a atividade política é também discutir o fechamento do curso, por exemplo, que é uma forma de poder, principalmente neste momento em que elas estão se preparando para serem futuras “professoras”. Como elas avaliam este fato, dentro de um contexto político no qual está inserido esse modelo autoritário de Educação para nossa realidade?:

A grande maioria (comenta a professora) não tem a pretensão de estar atuando na sala de aula. Saindo do curso normal, elas pretendem fazer outra coisa, mas que não esteja ligada à escola, a educação ou em dar aula: 1º porque elas sabem que a remuneração é muito baixa, como nós também sabemos disso; 2º elas não se sentem preparadas – e aqui entra o problema da política educacional – mesmo cursando o normal para assumir tamanha responsabilidade. Agora, em relação ao curso normal, este é um problema político sim e muito sério, que deveria ser encarado por todos nós como o momento de luta a favor da escola e da Educação. Mas nós, professores, infelizmente não estamos unidos e muito menos preparados para levar essa luta adiante, o que vai refletir também na formação das alunas.

A resposta dada evidencia o que já relatamos anteriormente, mostrando claramente a realidade na qual a Educação se encontra. Se o educador – quando dizemos que somos formadores de opinião – deixa de acreditar, que com o seu trabalho é possível construir uma nova concepção de mundo, auxiliando os alunos na sua conscientização para a mudança, tanto de postura como de atitude frente aos problemas do seu contexto, conseqüentemente se esse trabalho está “desacreditado”, qual aluno poderá, de fato, dar credibilidade à sua profissão, já que, esse trabalho (seu refletir, sua prática na sala de aula) será, de certa maneira, a “continuidade” do trabalho do educador?

A proposta de trabalho da Professora no colégio, teve um objetivo central, o de tentar resgatar (para a formação dos principais intérpretes dessa causa: os alunos) os valores da profissão Educador quais são os valores **morais, éticos, estéticos, culturais e sociais** que estão profundamente, enraizados na formação não só educativa como também na formação humana dos alunos. Respeitar o educador, enquanto pessoa humana, era a base principal desta busca; é o resgate da cidadania, o direito à educação e, acima de tudo, a dignidade da escola:

Esse trabalho, (comenta a Professora), teria melhor aceitação das alunas se o número de aulas de Filosofia da Educação não fosse tão escasso na escola como em todas as escolas são, o que dificulta qualquer trabalho que se quer sério.

Neste sentido, o que pudemos observar nesta práxis proposta pela professora, é que esta estava voltada para as questões sociais – que não deveria ser diferente devido a sua formação – históricas, políticas e culturais relacionadas ao problema da Educação.

É importante frisarmos que a escola, dentro do seu projeto pedagógico, que é a linha diretora do trabalho dos professores, não congrega com nenhuma tendência ou corrente filosófica que venha fundamentar a prática destes. No entanto, eles tinham “autonomia” em fazer o seu trabalho, desde que esse estivesse voltado para a formação “integral” do aluno (como em todo colégio estadual, esta visão de **clientela** é preponderante, e é a base do processo de “equalização” social entre escola que “deve” ensinar e comunidade que tem o “direito” ao aprendizado):

Esse trabalho, (segundo a Professora), seria para motivar o aluno, levando-o a refletir sobre a importância do processo do Filosofar sobre a Educação, resgatando os valores perdidos do ato de ensinar. É um processo longo e difícil que precisa da participação de todos que estão envolvidos no processo de formação, tanto na vida como na realidade do aluno: a Sociedade, a Família, a Escola, os Sindicatos e as Universidades são instituições importantes para que este trabalho tenha continuidade.

As reflexões e propostas dadas são o resultado de um período de três semanas de visita ao colégio e, para concluirmos essa primeira análise da pesquisa, destacamos a **Fonte Bibliográfica** (ver anexo III) utilizada pela Professora para a execução do seu trabalho, que é rica em autores que fundamentam a crítica de maneira sucinta, e foi

referência para reflexão e estudo das alunas. Como dissemos anteriormente, essas foram as primeiras visitas que fizemos, no sentido de delimitar o assunto da nossa investigação. Nosso diálogo, foi exclusivamente, com a professora e o que pudemos perceber é que a base da sua discussão tinha uma fundamentação crítica e estava alicerçada no materialismo histórico, uma vez que ela também entende a Educação como um construir histórico, consubstanciado na ação educativa.

2. EMPG José Roberto Magalhães Teixeira

Prof.^a 2

Este segundo colégio, também o visitamos no início do processo de organização da nossa pesquisa (no ano de 2000) e as últimas turmas de formandos do curso normal se deram neste mesmo ano, quando a escola já estava incorporada ao CEETEPS.

Conversando com a Professora 2 sobre o seu trabalho com Filosofia da Educação, ela nos comentou que assumiu as aulas já em andamento, iniciada pelo Professor que então era o titular da disciplina na escola. Sendo assim, seu trabalho estaria (pela própria dificuldade sentida pela Professora), amarrado à discussão iniciada pelo Professor anterior com os alunos.

Sinto dificuldades em dar aulas de Filosofia da Educação (comentou a Professora), porque não sou formada na disciplina, mas como assumi as aulas do Professor vou continuar seguindo o trabalho iniciado por ele, que faz parte da apostila adotada nas classes.

Como ela nos disse, as suas aulas estariam centradas na apostila⁸, é possível nesse processo, inferir uma questão fundamental, um problema que a Professora poderia enfrentar no decorrer do seu trabalho – é uma questão real que é parte da “cultura” dos alunos do Ensino Médio, principalmente, quando o assunto é discutir “filosofia.” Ou seja, como o seu trabalho, em certa medida, seria de “reprodução” dos conteúdos da Filosofia da Educação contidos na apostila, o maior problema no qual ele teria um embate faz parte da seguinte questão: quando os assuntos estão desconexos com a realidade concreta dos alunos – devido à própria concepção utilitarista que estes

⁸ A apostila, foi uma proposta de trabalho iniciada pelo Professor anterior. Todos os temas para a discussão, foram de sugestão dele porém, contou também com a participação dos alunos para escolha dos temas que seriam “importantes” para as aulas. Os textos foram apostilados e distribuídos nas salas.

têm do mundo, tudo tem que ter uma finalidade – e, neste caso, para os que estão se formando para serem futuras/os professoras/es, se a partir da reflexão feita do texto, o aluno não se sentir provocado para uma discussão dinâmica no sentido de assimilar concretamente o conteúdo analisado (a leitura do texto filosófico é fundamental, desde que nele esteja contida a crítica do contexto atual), e quando estes não estão amarrados às questões da Educação e do cotidiano da escola; o que acontece é que para os alunos ou pelo menos para grande maioria, o sentido de se falar ou de estudar Filosofia não tem nenhum significado. Esse é o grande problema e o grande dilema da Filosofia no Ensino Médio atualmente, e que tem que ser enfrentado pelos Professores no contexto em que trabalham.

No entanto, na reflexão que seria continuada pela Professora, esta teria uma função importante no seu trabalho: o de “transmitir” os conteúdos básicos da Filosofia da Educação, colocando também, para a concretização deste, suas perspectivas enquanto Educadora, da mesma maneira que, neste processo, ela também estaria transmitindo para os alunos sua concepção de mundo e de Educação. Tendo como base esta análise, perguntamos a ela qual seria a sua proposta de trabalho, como ela iria transmitir os conteúdos e os temas da Filosofia da Educação para as turmas?:

Estou ministrando as aulas de Filosofia da Educação para os 4º anos, e a minha base de trabalho será de continuar a proposta iniciada pelo professor (nos respondeu a Professora). Faremos, num primeiro momento, um estudo introdutório da Filosofia discutindo os seus principais conceitos, porque eles não tiveram a disciplina antes. Já no segundo momento, posterior a essa introdução, iremos enfatizar, dentro do estudo já realizado, à reflexão básica dos conteúdos da Filosofia da Educação.

Com base na resposta, sua proposta de trabalho (plano de aula) centrou-se na questão da **Teoria do conhecimento**, que seria o fundamento central do estudo introdutório da Filosofia para, no momento seguinte, com a reflexão alicerçada, nesta questão, fazer a crítica à Educação por intermédio da Filosofia da Educação. O ponto importante deste trabalho, segundo a Professora, seria a leitura e interpretação dos textos filosóficos para debates em sala de aula, visando trabalhar a autonomia do pensamento dos alunos, cuja questão central seria também de resgatar os **valores** de uma Educação transformadora, tanto para o aluno que está recebendo a informação,

como para os outros (neste caso as crianças) que receberão deles os conhecimentos necessários para resgatar esses valores e a cidadania perdida.

Neste sentido, essa importância de resgatar os valores e levar o aluno a refletir sobre as questões filosóficas e educacionais, está ligada ao fato de este tentar se reconhecer como sujeito da atividade educativa. Tal reconhecimento seria parte da sua caminhada, que estaria sendo construída no decorrer de sua formação.

O núcleo central do trabalho da Professora, no encaminhamento de sua proposta, teve como viés os seguintes temas para discussão nas aulas (ver quadro 3):

O texto de referência era da apostila, cujo tema era a “**Educação como Redenção**”. Sendo assim, o trabalho estaria dividido em dois grandes momentos focados nos dois semestres das aulas, sendo trabalhados da seguinte maneira: no 1º semestre seriam discutidos temas referentes à Filosofia:

(Quadro 3)

<u>Plano de Aula</u>	
Tema 1º Semestre: A Filosofia: “um estudo Introdutório.”	
<u>Temas para discussão:</u>	
1.	Introdução à Filosofia.
2.	Tipos de Conhecimento; “O conhecimento é possível?”
3.	Descartes e a possibilidade do conhecimento (razão absoluta).
4.	Superação do Idealismo; o Materialismo Histórico.

Ela buscou analisar com os alunos, nos temas propostos, a importância do “refletir filosoficamente”. Discutia-se a Filosofia, para o entendimento dos alunos, como a passagem do conhecimento comum para o conhecimento racional crítico, que, por sua vez, é superado na reflexão materialista e a questão central desta superação é a transformação do contexto histórico.

Se a Filosofia, na perspectiva proposta, partiria deste referencial teórico e prático, cujo objetivo da ação era o construir histórico, é evidente que a Educação deveria partir do mesmo pressuposto. Daí o fato de que, na dinâmica das aulas, o ponto de partida seria a teoria do conhecimento ligada à reflexão cartesiana, para, no momento seguinte, se fazer a crítica deste conhecimento, contrapondo-o com a reflexão

marxista, tendo como base desta crítica o ponto de vista de uma ação (práxis) transformadora da realidade. Assim, o que estava sendo colocado em questão, era o homem enquanto sujeito do conhecimento, que poderia, pois, fazer deste seu conhecimento (a teoria) um projeto de transformação da História.

Como estas questões foram analisadas, discutidas e fundamentadas no primeiro momento da discussão, os alunos iriam ter, como pressuposto, a Educação no 2º semestre para uma discussão crítica (ver Quadro 4). O objetivo, porém, seria de relacionar esses temas discutidos a partir do ponto de vista da Filosofia da Educação, assim os temas que seriam trabalhados eram os seguintes:

(Quadro 4)

Tema 2º Semestre: “Crítica à Educação crítica.”	
<u>Temas para discussão:</u>	
1.	O que é Filosofia da Educação.
2.	Reprodução e transformação da Sociedade.
3.	Tendências Pedagógicas da Prática escolar.
4.	A Escola que Queremos.
5.	Escola como Instância mediadora (Crítica à Ideologia).
6.	A Filosofia do cotidiano escolar; do Senso Comum ao conhecimento Lógico.

Os temas sugeridos para reflexão nas aulas e nos trabalhos de pesquisa tinham como tendência a discussão da **práxis**, como instrumento de transformação do processo educacional, uma vez que se fazia também a crítica à Educação como aparelho ideológico de reprodução da cultura burguesa. Portanto, esta educação pode ser entendida e analisada como a que também pode ser a transformadora das causas sociais. Refletindo sobre esse ponto de vista com a Professora, que entendemos ser importante no processo de formação dos alunos, perguntamos a ela como iria trabalhar essa questão e os temas com os alunos, visando fazer essa crítica contra a ideologia imposta atualmente para a educação, inclusive fechando o próprio curso normal, por exemplo? Ela não soube responder a pergunta.

Eis aqui um dos desafios da Filosofia da Educação dentro do trabalho dos professores. Não devemos apenas fazer teorias e ficar esperando que a coisa aconteça

na prática (como dissemos anteriormente; se de um lado o Professor não se reconhece sem o Aluno, do outro o Aluno não se reconhece sem o Professor), ela é um acontecer histórico que depende de todos nós. A Educação não se faz sozinha, ela se projeta e se faz no homem, quando este ainda acredita que é possível ter uma realidade mais justa para todos. Não estamos aqui querendo fazer críticas ao trabalho da Professora e, muito menos, fazer apologia à Educação como a solucionadora dos males do mundo, pelo contrário, na medida do possível ela cumpriu o seu papel como Educadora. Estamos fazendo, sim, uma crítica à lógica que impõe modelos a serem seguidos, a lógica do capital. Dentro desta lógica capitalista, as escolas vão sendo obrigadas a se adequar a novas práticas pedagógicas, vindas de cima para baixo. Foi o que aconteceu também neste colégio. A Educação vai se degradando porque a preocupação se volta para outra questão, que não é mais a formação humana perfilada à formação racional, mas apenas com a formação técnica racional. Neste sentido, esta deveria valorizar também as questões éticas, políticas, sociais, culturais; questões importantes da formação humana. E como o curso normal, inevitavelmente, fora finalizado nesta escola, a tendência desta, foi se adequar às novas técnicas pedagógicas, operacionalizando a ação educativa o que fez ficar de fora a Filosofia como a Filosofia da Educação, porque não tiveram espaço para esse novo projeto de Educação.

Todas as questões aqui colocadas são resultado de três semanas de encontro com a Professora. E, para concluir, destacamos a **Fonte Bibliográfica** (ver Anexo III) utilizada por ela, que tem esse pressuposto de analisar o problema da Educação, a partir da visão crítica de construção de um modelo educacional: primeiramente, a partir da apostila que fora seu eixo norteador e que comentamos no decorrer da análise cujo fundamento teórico era a práxis; e, segundo, suas perspectivas sobre a Educação, dentro do que trabalhou em Filosofia da Educação

3. Colégio Ave Maria

Prof.º 3

A concepção de trabalho do professor 3 tem como ponto fundamental o método de trabalho desenvolvido pela própria equipe de professores, que então atuava no colégio. Esta concepção tornou-se também a linha do trabalho metodológico deste, cujo

fundamento era “a formação do pensamento crítico, racional e autônomo do aluno frente aos problemas do mundo e do seu tempo”. Tendo o referencial teórico desta nova concepção, como viés, essa formação crítica e o alicerce estavam estruturados na análise do **materialismo histórico**.

(essa entrevista foi dada no final do segundo semestre de 2001):

O Ave Maria (comenta o Professor) tem mais de 44 anos, formando professores no curso normal e sempre seguiu uma linha tradicional. Nestes 44 anos, somente no final da década de 80, início da década de 90, que a prática da política pedagógica começou a se alterar, em função das mudanças que ocorriam no mundo como um todo e nas relações econômicas, sociais e políticas, especialmente, no Brasil. O Brasil passou por um processo de abertura democrática, nesta época, e o processo desta abertura refletiu na escola, particularmente no Ave Maria e mais particularmente no curso. Da concepção tradicional, tentou-se delinear um novo projeto que fosse além da concepção tradicional.

Esse projeto repercutiu também na própria concepção do curso normal do colégio, no qual se fundamentou uma nova prática pedagógica:

Os Professores começaram a discutir e chegaram até a fechar um projeto político pedagógico, muito além do projeto anterior (tradicional), que a escola admitia. Esse novo projeto, formulado pelos Professores em discussões nas reuniões, assumiu o materialismo dialético como elemento norteador do novo projeto político pedagógico.

Com tal objetivo, para organizar a nova linha diretriz deste projeto, os professores se apoiaram em três referenciais importantes que serviram como eixos norteadores para a estruturação do objetivo proposto. Esses referenciais tinham como base o marxismo, cuja base de reflexão estava apoiada em autores importantes, com características diferentes, mas que partem do mesmo pressuposto; refletir sobre a realidade humana a partir do ponto de vista materialista. Desta concepção teórica é que se fundamentou a característica do novo papel de formação assumido pelo colégio, naquele momento. Os autores que serviram como referencial foram os seguintes:

1. **Marx e Engels**, cujas idéias foram o norte da construção pedagógica, evidenciado no materialismo histórico;

2. **Antonio Gramsci**, cujo ponto de vista seria a análise da realidade histórica social da educação. Neste sentido, a reflexão se daria a partir do princípio sociológico do autor;
3. **Vigostki**, cuja reflexão é a partir da análise metodológica do processo de ensino aprendizagem.

Essa concepção do materialismo dialético, que fundamentou o novo projeto pedagógico do colégio, era também o fundamento da visão filosófica do Professor, que tem como referencial teórico do seu trabalho, o pensamento gramsciano. Neste sentido o ponto de partida deste projeto, para o trabalho com Filosofia da Educação, tinha um fato importante analisado por ele; o de discutir **criticamente** com os alunos as matrizes históricas e filosóficas que legitimaram em nossa sociedade um modelo educacional dominador e que, ao mesmo tempo, dinamizou e potencializou, no seio desta, uma proposta de formação cultural, cuja ideologia era a massificação da população mais simples. Dessa forma, o discurso se daria como um contra-discurso a essa ideologia imposta que, de certa maneira, “quebra” com todos os valores fundamentais de convivência humana. E essa dinâmica estava fundamentada no trabalho do Professor, que assim comentou como realizou essa discussão:

Meu trabalho se resume em aulas expositivas, leitura de textos em classe, apresentação de músicas, filmes e poemas para dinamizar o processo de ensino aprendizagem e também para relacionar os conteúdos e conceitos estudados com a realidade contemporânea.

A metodologia que ele utilizava tinha toda uma característica da sua concepção de mundo. Neste sentido, não se trabalhava apenas a postura crítica do aluno, frente aos problemas do seu tempo, ele ia muito além do que poderia se entender por ela. A crítica, no ponto de vista do professor, se realiza na história, nas condições materiais da vida; portanto, seu viés fundamental é o de buscar os valores que até então existiam na personalidade de cada aluno, mas eles não reconheciam estas questões em si mesmos.

Postura crítica, (ele nos disse) é tudo o que diz respeito à realidade material, à realidade que vivemos. Nesta relação com a realidade, as alunas se atentavam aos detalhes que passavam despercebidos dos seus olhos e elas se tornavam mais

sensíveis à realidade que se passava ao redor delas. As aulas serviram como um ferramental para que aprendessem os conteúdos da Filosofia, e que são próprios da Filosofia, para que conhecessem como uma discussão filosófica se dá em um determinado texto. Mas a disciplina serviu para potencializar as alunas para compreender esta realidade que está ao seu redor.

E, ao compreenderem esta realidade, percebiam as contradições delas (valores), ou seja, eram colocados em cheque todos os valores que fazem parte da sua própria posição pessoal, nas suas atitudes, nos seus comportamentos e nas próprias ações daquilo que as cercavam. Outros valores se agregaram aos seus, devido à própria concepção filosófica que trabalharam no magistério, valores que iam além do individualismo e da materialização que passa a juventude. Esses valores que foram incorporados se fundamentam na: Solidariedade, na construção da justiça social e de resgate dos valores do que há de humano no homem, ao contrário de valores coisificados das relações humanas.

O interessante neste trabalho é que em suas aulas ele conseguiu construir uma “identidade filosófica” com as alunas, pois muito do que foi transmitido e discutido em sala de aula reflete, atualmente, muito no trabalho (dentro e fora da sala de aula) delas. No colégio, tivemos a oportunidade de conversar com algumas ex-alunas que se formaram no curso, falaram sobre o trabalho do Professor e como o avaliavam. É interessante que muito do que ele disse está contido na reflexão das alunas. Destacamos aqui as respostas dadas por elas, quanto ao trabalho desenvolvido pelo Professor:

O trabalho na disciplina (nos disse a 1) foi muito bom, as aulas eram basicamente, expositivas e liamos os textos ora em classe, em grupos, ora em casa. As aulas eram ótimas e havia muitas questões a serem respondidas. Além disso, o professor indicava sempre mais textos para lermos e muitas alunas liam mais do que o texto pedido. Estes eram “torcidos” até sair a última fonte de questionamento ou o último esclarecimento a ser dado. Os trabalhos eram quase sempre em duplas e eram textos escritos sobre o tema que estávamos estudando. Na minha opinião, eles serviram como resumo organizado do que passou pelas nossas cabeças quando estudávamos algum ponto.

Durante os anos de magistério (disse a aluna 2) pude aprender muitas coisas mas, em primeiro lugar, penso que a Filosofia da Educação me ajudou muito a construir uma visão mais crítica do mundo. Estudamos sobre: o conceito de alienação e ideologia em Karl Marx, senso comum, bom senso, ciência e cultura. Estudamos a sociedade em todos os aspectos; social, político e econômico. Os mecanismos de dominação e de liberdade das classes oprimidas, o papel da educação. Estudamos e aprendemos a pensar como cidadãos e, principalmente, agir como tal. (...) Para mim, em particular, foi possível assimilar todo o conteúdo, pois me lembro de ter ficado super-assustada com aquele “mundo” novo que eu estava conhecendo e de relacionar o conteúdo de

sala de aula com a minha vida, meu cotidiano. Parece que foi a partir daí que eu comecei a “cair na real”, ver e pensar o mundo com outros olhos.

Eu gostei muito (disse a aluna 3), uma coisa que eu me lembro nas aulas é que o Professor tinha uma preocupação muito grande de que a gente compreendesse os conceitos e se apropriasse deles para a vida. As aulas eram muito dinâmicas no trabalho dele, não só por apresentar um conceito abstrato, mas de fazer significar isso na vida da gente, na sociedade, na escola e no funcionamento dela e como essa transformação ia se dando. E uma coisa que me marcou muito, é que “nada é natural tudo pode ser transformado.” E até então eu não tinha essa visão de mundo, só depois que passei a compreender isso é que a minha concepção mudou, ampliou, a minha capacidade de questionar e elaborar as coisas que acontecem na sociedade, na política. Eu cresci com base num conceito simples e pude ampliar muito a minha visão de mundo e compreender melhor as coisas, como elas acontecem.

Pelas reflexões colocadas, percebemos a importância do trabalho desenvolvido durante as aulas, pelo Professor, no sentido de “formar” essa consciência para cada uma delas. Percebemos também que esse trabalho não ficou evidenciado apenas na reflexão teórica feita durante suas aulas, mas muitos dos conceitos estudados em sala de aula hoje são instrumentos fundamentais de organização da vida prática das alunas. Durante o diálogo com elas, isto ficou muito caracterizado na maneira de como elas analisam a realidade educacional, perguntamos para a mesma aluna, que nos deu o último relato, como avaliava o trabalho do Professor para o seu processo de sua formação, justamente para que passasse a analisar as coisas desta maneira, acreditando que é possível transformar as relações sociais:

Muito bom. (ela nos respondeu) O Professor fazia a gente observar e ir atrás de muitas coisas que davam sustentação às raízes históricas da dominação, para que a gente compreendesse como é que a História constrói esses conceitos em nossa cabeça, que até então a gente comprava como uma ideologia. (...) ele fazia a gente ir atrás, identificar onde a gente comprava essa ideologia que não esclarecia realmente as coisas. E com base nesses conhecimentos, podemos trabalhar melhor para conhecer o que realmente acontece. Esse trabalho ele fazia com muita aula dinâmica, não eram apenas aulas expositivas, (tinha bastante aula expositiva) mas usava poemas, músicas, coisas que faziam significado em nossas vidas. Ele buscava isso para fazer com que entendêssemos o que é a Filosofia enquanto conhecimento e com esse conhecimento, como poderíamos estar interpretando a realidade nos utilizando dela para compreender e transformar o mundo. Foi quando ele começou a falar de Marx, ele se baseou muito no autor para explicar a filosofia. Hoje, eu acredito na luta e vivo por isso. Ele, o Professor, me iniciou nesta luta de transformação da realidade. Então eu penso que o magistério não é simplesmente um curso, ele é uma preparação para a vida realmente, a pessoa que faz o magistério e entende alguns conceitos básicos da vida, do mundo, de realidade e de Educação. Ela se põe no

mundo para transformar essa realidade, para buscar essa revolução de valores do mundo. Então houve uma mudança radical na minha vida e eu devo isso ao Professor.

Na medida em que nossa conversa ia se enriquecendo, outros questionamentos surgiam, e o interessante é que toda a construção da práxis transformadora de acreditar na mudança, tanto de consciência (da consciência comum, para uma consciência crítica), fundamentada neste trabalho, estava manifestada no pensamento delas, que passaram a refletir de maneira mais clara sobre a importância da profissão (Docente) que fora construído, na consciência de cada uma. Por outro lado, essa formação da consciência teve um pressuposto básico; as aulas de Filosofia da Educação ministradas pelo Professor no colégio estavam concentradas em todo o curso, do 1º ao 4º ano.

Da mesma maneira que o curso se estendia para todas as séries, outro “fenômeno” estava, conseqüentemente, acontecendo. Como em todas as escolas de formação de Professores de nível médio, não poderia ser diferente no Ave Maria, as últimas turmas do curso normal se formaram no ano de 2001, quando, neste mesmo ano, ocorreu o seu fechamento.

O importante é que, apesar do fechamento do curso, esse trabalho obteve seus frutos, como percebemos nos relatos das alunas. A luta do Professor pela dignidade da escola e o respeito à Educação são uma constante no seu trabalho, uma vez que ele entende o fenômeno educativo como um construir histórico que se desdobra na realidade humana, e portanto terá continuidade no trabalho das alunas sendo ou não profissionais da Educação. Como ele nos disse:

Acredito que tenha dado uma contribuição na formação filosófica, política e ética dessas profissionais da educação, dentro de minhas possibilidades.

Tal questão é importante porque coloca em evidência a realidade prática na qual as alunas vão estar atuando, porém, como elas avaliam este fato? Como a Filosofia da Educação pôde auxiliá-las na perspectiva de analisar o fato de serem “professoras”? As respostas às questões também são parte do diálogo que mantivemos com as alunas:

Bom eu ainda não estou dando aulas mas sou Professora, me sinto como uma. Por mais que eu não esteja (ainda) trabalhando, acredito na possibilidade de mudanças e transformações através da Educação. E acredito mais ainda, que um dia poderei

“pôr em prática” tudo o que aprendi e construí durante os anos de magistério, e assim contribuir de forma mais efetiva, à construção de dias melhores.

Comecei a exercer a profissão este ano, (nos disse a aluna 2) para mim está sendo uma experiência maravilhosa principalmente no ponto de vista pessoal. Sinto-me capaz, segura e confiante. Comecei a prestar mais atenção na minha postura para que seja coerente com meu cargo, tendo atitudes e comportamentos mais éticos e conscientes. Afinal, tenho 23 alunos sob minha responsabilidade e estão lá todos os dias esperando que eu os ilumine com a “luz do conhecimento”. Parece brincadeira mas muitas vezes, parece que eles estão esperando alguma grande revelação. Também sinto orgulho de trabalhar em uma escola pública de periferia e saber que dou o meu melhor para que eles tenham uma educação de qualidade. Acho que isso é uma contribuição da Filosofia na minha prática cotidiana.

Acho que ser professor, (nos disse a aluna 3) é respeitar o aluno, no direito dele pela educação. A filosofia contribuiu muito para que eu pudesse compreender que sou responsável por fazer com que o aluno consiga ter essa visão de mundo, um pouco mais familiar, de que ele é o protagonista, ele é que faz as coisas acontecerem. (...) Acho que a Filosofia ajudou bastante neste aspecto no nosso trabalho. Por exemplo, quando eu vou para a sala de aula para discutirmos sobre um determinado assunto, primeiro eu escuto o que eles têm a dizer sobre o assunto, para depois eu passar o que tinha proposto. Essa dinâmica, eu acredito, aprendi com o trabalho de Filosofia da Educação que tive no magistério. (...) Porque se eu colocasse para eles, como professora, tudo preparado, eu não iria considerar a visão de mundo deles, o conhecimento que eles já fazem das coisas, como não poderia corresponder ao real. A filosofia me fez entender esse outro lado, me fez ir além, transcender, como dizia o professor. (...) Agora, a minha avaliação quanto a ser professora; a Filosofia contribuiu muito para minha formação humana. A preocupação não é só ter um aluno quieto escutando, como era antigamente, os alunos ficavam muito atentos ao que você falava. Só o que você falava era importante. (...) Essa relação ficou mais “tranqüila” para que eu possa fazer uma boa intervenção. Filosofia para criança passa pelo mesmo processo, se parássemos para escutar o que as crianças têm a dizer, saberíamos o quanto elas têm de sabedoria, e não as ensinaríamos a ser um ser passivo, que só recebe informações.

Todo esse resgate do trabalho do Professor foi muito interessante para nós, nessa visita, principalmente porque mostrou os dois lados (teoria e prática) do transmitir o pensamento filosófico em relação à educação. Todavia, uma questão, dentro de toda a reflexão colocada, nos inquietou, que é a análise do ponto de vista político em relação ao fechamento do curso no colégio. Perguntamos para o Professor e também para as alunas, por que o colégio (por ser tradicional no trabalho de formação de professores no Ensino Médio, que construiu, no seu processo histórico e pedagógico de formação do curso, um novo viés temático de crítica às questões educacionais dentro da perspectiva

do materialismo dialético), não se colocou em uma postura contrária, em relação a esse problema, principalmente, na questão das políticas educacionais, e não “manteve” o curso no currículo da escola, fazendo o contrário o fechou, seguindo as **diretrizes** da Educação?:

A formação de professores deve ser uma formação continuada, que ele nunca deve parar de estudar. Esta formação deve ser iniciada no Ensino Médio, que potencializa a pessoa a ter um novo tipo de curso superior uma vez que já trabalham os conteúdos da pedagogia e da Educação. Na verdade, esse problema é político e econômico. Nas políticas educacionais, o Governo, dentro da perspectiva educacional, tem valorizado um sistema de educação onde o ensino privado tem prevalência sobre o ensino público e o que estamos percebendo é que, dentro da realidade educacional, está acontecendo o desmonte do ensino público. E como na LDB há a exigência da formação de nível superior para o professor de 1ª a 4ª do ensino fundamental, o que está acontecendo? A proliferação de Universidades Particulares, despreocupadas com o processo de formação. Exatamente porque estas Universidades têm uma demanda muito grande (garantida) até 2007 onde os professores terão que ter formação superior. Esse desmonte do ensino iniciado pelo Governo garantiu para as Universidades Particulares a sua proliferação pelo território brasileiro, tendo descaso com o processo de formação da soberania e a democracia do nosso País.

As alunas vão pelo mesmo caminho tomado pelo Professor sobre essa questão. E da mesma forma como ele fez a sua crítica sobre a realidade política do sistema educacional, elas nos disseram o seguinte:

No magistério, tivemos uma experiência nova, a equipe de Professores que trabalhou na época era responsável e comprometida com a Educação e faziam muitos esforços para que nós entendêssemos o que é a Educação. Foi uma perda muito grande, (...) Porque existia todo um compromisso profissional, ético e social da parte da equipe pedagógica, fomos bem formadas e teve toda uma preocupação que a gente saísse daqui com uma bagagem capaz de colocar, realmente, em prática tudo o que aprendemos, é uma pena que tenha acabado. (...) Aprendemos que onde estivermos nós podemos transformar aquilo, conhecendo e levando as pessoas a reconhecer sobre o assunto, a analisar, a perceber como podemos estabelecer relações que podem ser diferentes. Nas aulas de Filosofia, sempre nos era sugerido que lêssemos a Legislação, fizemos discussões sobre o problema como isso era prejudicial para a Educação, principalmente para o ensino público, e também discutimos a postura do colégio em relação a esta questão. Mas, infelizmente, o curso fechou.

O magistério ter sido retirado do ensino médio (comentou a aluna 1), achei uma perda muito grande. A formação que tive, pelo menos, a considero excelente e acho que as faculdades de Pedagogia, Normal Superior ou qualquer coisa do tipo, não vão cobrir a fenda que se formou com a “extinção do curso Normal.” Se bem que não conheci outros cursos de Magistério, e não sei se eram dispensáveis ou não. Eu faço letras, atualmente, e toda a bagagem que trago do Magistério me ajudou muito

durante o curso todo. Nem as disciplinas de licenciatura acrescentaram grandes coisas ao que já havia aprendido no Ave Maria. De minha parte, acho que 6 ou 7 matérias são suficientes para “tornar” alguém Professor. Na Licenciatura eu tenho um semestre de Filosofia da Educação, no Magistério eu tive 6. Na Pedagogia é diferente, mas nós também sairemos Professoras (de Língua e Literatura) e acho que não temos estudo suficiente para tanto.

É muito complicado esse assunto (nos respondeu a aluna 2) mas, resumindo, o magistério deveria continuar. Pelo único fato de ser um curso onde se construía o conhecimento, e formava “seres” pensantes, com sonhos e esperança de um mundo mais justo e melhor. A “destruição” do magistério foi um ato extremamente autoritário e, ao mesmo tempo, antidemocrático.

Sem dúvida, essa questão foi muito importante dentro do trabalho do Professor; quando se quer formar um cidadão crítico, todas os problemas que envolvem a sociedade são parte de um ferramental pedagógico fundamental. Neste sentido, discutir sobre o curso normal, na perspectiva filosófica colocada por ele, foi ir além do que se espera da Educação, quando se entende essa apenas como um processo de formação, muitas vezes, desvinculada da realidade. E, pensando o lado contrário desta perspectiva como a própria aluna nos disse, “o curso normal – podemos colocar nesta mesma relação o ato de educar – é uma preparação para a vida”, portanto educar é, acima de tudo, aprender a viver.

O que tiramos de importante nesta visita, que teve uma duração de 30 dias, foi que todo esse trabalho feito, a reflexão das alunas, o amadurecimento filosófico delas para a prática educativa e o envolvimento de ambas as partes quanto à questão do ensino, tinha uma meta fundamental: a importância de aprender o que é educar. No entanto, ainda continuamos com uma dúvida que está evidenciada na realidade prática do ensino. Por que, apesar da formação que o colégio ofereceu para as alunas durante os anos de curso, a população ainda continua “estatizada” assistindo ao desmonte da Educação, uma vez que existia todo um processo formativo para crítica desse processo? O que falta ainda para essa população sair da sua condição de homens-massa para atuarem como intelectuais orgânicos que agem na transformação da sociedade?

A resposta às questões está, pensamos, no processo de organização da realidade, e que está contida na lógica do capital, que hoje é o elemento chave de

sustentação dessa estrutura. Mesmo o professor, dando todo esse embasamento teórico crítico, que também terá continuidade no trabalho das alunas, e que foi importante no processo de formação delas, o fato é que assumir a profissão é ainda uma incógnita. Poucas assumem a docência justamente porque a questão econômica é o ponto chave desse assumir. Elas têm consciência deste fato, que está concretizado na sua formação, mas é difícil, principalmente quando o assunto é a alfabetização das crianças com um salário irremediavelmente pequeno.

Para concluir esta terceira visita, destacamos aqui os elementos fundamentais, que foram os eixos de trabalho do Professor; seus planos de aula para as turmas⁹. Estes planos têm toda a configuração teórica e prática seguida pelo Professor. É também um plano rico em fundamentação, nos objetivos e procedimentos tomados pela equipe de professores, como comentamos, que caracterizou o novo “rosto” filosófico/pedagógico assumido pelo colégio. Entendemos que, neste momento, o melhor é apresentá-lo, empiricamente, porque muita coisa dele já apresentamos na digressão acima.

4. E.E. Pe. Ismael de Barros (Colégio CEFAM – Campinas-SP)

Prof.^a 4.a e Prof.^a 4.b

4.0 Primeiro momento:

Prof.^a 4.a

Este colégio, o visitamos em momentos importantes; tanto para a estruturação da pesquisa como para vivenciar e conhecer, empiricamente, a realidade em que estava inserida a proposta de trabalho do Professor. Esses momentos marcaram duas situações distintas: No primeiro momento, estivemos dialogando com a Prof^a, 4.a Tal diálogo ocorrera no início de nossa pesquisa, no ano de 2000, coletando dados para o projeto. No segundo momento, fizemos visitas, durante o final do segundo semestre de 2001 e o 1º semestre de 2002. Entramos em contato com as alunas e conversamos

⁹ Por se tratar de planos com amplo número de informações descritivas e de uma riqueza fundamental, suprimimos destes sua fonte bibliográfica, destacada no Anexo IV, assim como, no mesmo Anexo damos destaque aos planos de aula, sugestão de trabalho, avaliações, debates e atividades propostas pelo Professor.

também com a Prof^a 4.b e também com as/os alunas/os do curso e, neste segundo momento, já estávamos em pleno desenvolvimento da pesquisa.

Nesses encontros, conhecemos a proposta de cada uma para trabalhar a Filosofia da Educação em sala de aula e passamos a destacar, mostrando os pontos fundamentais, neste primeiro momento, do trabalho desenvolvido. A Professora 4.a (ver os comentários) teve a preocupação de trabalhar os conceitos da Filosofia, no primeiro momento, para discutir sobre o problema da alienação do homem, frente a sua realidade histórica para, no segundo momento, como veremos adiante, discutir como essa alienação é determinante na organização de uma educação autoritária. Assim ela comentou:

Em primeiro lugar, quero colocar que a minha formação é em Filosofia; em segundo lugar, vou mostrar qual é a minha proposta de trabalho com Filosofia para as alunas do CEFAM. Aqui no colégio, trabalho com Filosofia para os 1^{os} anos e Filosofia da Educação com os 4^{os} anos. Na minha proposta de trabalho com os 1^{os} anos, faço um trabalho introdutório da Filosofia, tematizando alguns pontos importantes e resgatando a importância do ato de pensar. Uma questão que é muito difícil. E em cima destes temas introdutórios, trabalho sobre a cultura de massa, que é o eixo central do trabalho, enfatizando o problema das Mídias existentes na sociedade que inculcam na consciência das pessoas uma falsa ideologia. Já nos 4^{os} anos nós retomamos essa discussão, mas incorporo nas temáticas as questões educacionais; aí o trabalho é mais didático, voltado para Filosofia da Educação.

Pudemos notar uma questão importante neste contexto; na grade curricular do colégio, como o período de duração do curso é de 4 anos, havia dois anos (2^o e 3^o) em que a Filosofia não fazia parte dos componentes curriculares. Havia um hiato entre o 1^o e o 4^o ano. E é justamente por esse fato empírico, onde se fundamenta a raiz do problema, que a crítica feita pela Professora toma uma maior eloquência. As dificuldades que enfrentou para discutir e trabalhar questões filosóficas, na qual se tornaria um elo de ligação, para debater sobre a Educação, já mostravam, de certa maneira, a realidade em que o aluno se encontrava com sua “aculturação” ou, como ela mesma dizia, a “massificação da cultura popular”.

No entanto, essa mesma cultura “assumida” na realidade das escolas, cerceava também o projeto pedagógico do colégio que deixou às margens deste a Filosofia. Que aluno, em sua consciência, vai lembrar os conteúdos passados no 1^o ano, se estes não foram equacionados, rediscutidos, aprofundados nos dois anos seguintes para uma

eventual discussão mais sistematizada da questão em relação à Educação, no último ano do curso? Esse é o dilema dos Professores de Filosofia, sem a valorização e mudança da questão política da Educação (isso sem contar que o número de aulas por série da disciplina é o mínimo possível, uma aula semanal) é quase impossível se trabalhar realmente com a disciplina.

Mesmo com essas dificuldades para a execução de um trabalho mais aprofundado de Filosofia na escola, os pontos destacados na reflexão e na proposta da professora são importantes. E, **segundo ela**, *para uma análise mais conceitual da questão educacional*.

A Educação é um processo social construído historicamente. Analisada dessa forma conceitual, neste sentido, a questão fundamental, levantada pela Professora, seria fazer a crítica às principais tendências e correntes do sistema educativo que organizaram e continuam a organizar o processo de formação do contexto sociocultural da sociedade, uma vez que o conceito, o modelo de Educação que hoje está concretizado nesta, está fundamentado no processo de formação técnica e limitado à realidade produtiva. Portanto, gera também na consciência das pessoas, a ideologia do consumo, que hoje é parte dessa cultura de massa e que é também o fundamento sociocultural do ser humano.

Com efeito, esse trabalho, como dissemos anteriormente, sofre uma interrupção nos dois anos seguintes para ser retomado, novamente, no 4^o ano. E a disciplina que seria ministrada para as turmas era Filosofia da Educação, sendo que o viés teórico que seria construído com os alunos na discussão e na proposta da Professora seria “**A Educação Autoritária**.” Essa reflexão central da discussão seria retomada das análises feitas sobre o tema cultura de massas, discutido no primeiro ano do curso.

Do ponto de vista prático, seu trabalho com os 4^{os} anos seria de conscientização dos valores morais e éticos da Educação, uma vez que as alunas estarão atuando com as crianças do Ensino Infantil e Fundamental, e a valorização delas é questão fundamental. Neste sentido, para resgatar esses valores da Educação e fundamentar a crítica à “Educação Autoritária”, a Professora, no 1^o semestre de suas aulas fundamentou sua análise, tendo como referencial teórico: **Hannah Arendt** e **Olivier Reboul**, autores que analisaram e refletiram sobre o tema proposto, porém, com

posições filosóficas diferentes quanto à concepção, entendimento e crítica a essa questão. Os autores foram estudados, discutidos e debatidos em sala de aula, foram expostos os pontos de vista de cada um e como as alunas avaliavam essas concepções para a ação educativa. Ou seja, como encarar essa questão de uma **educação autoritária**, quando estiverem atuando em sala de aula? No segundo semestre, (ver Quadro 5) dentro da perspectiva de crítica à Educação Autoritária, a Professora passou a discutir os problemas éticos, políticos e sociais da Educação, cujos temas foram os seguintes:

(Quadro 5)

<u>Plano de discussão para o 2º semestre:</u>	
Temas propostos para discussão:	
1.	Ética e Educação.
2.	Educação e Cidadania.
3.	Saber Escolar.

Os temas citados acima têm um significado fundamental, segundo a Professora, no sentido de se discutir e pensar a Educação como processo de equalização social e que pode se tornar crítica da realidade, essa mesma realidade, que mantém a ideologia como fator cultural de dominação. Todavia, na perspectiva tomada por ela de se fazer uma Educação crítica, pode-se também construir uma outra dinâmica, e aqui está o objetivo do seu trabalho; de refletir sobre a ação educativa como uma ação transformadora, principalmente para as alunas que estarão atuando na escola na formação da criança e na sociedade. Logo, elas podem fazer também a crítica às questões autoritárias de uma educação que é, ideologicamente, dominadora.

Essa perspectiva era também o viés metodológico e filosófico que existia no CEFAM. “Tinha” ele uma característica de discutir e questionar a imposição autoritária da Educação isto é, sua perspectiva filosófica estava ligada às raízes do **Materialismo Histórico** e a Educação, assim como o ato de educar, eram vistos como um momento crítico de transformação social. Por isso, a crítica, principalmente dos docentes, era direcionada aos sistemas políticos que impõem normas e regras para o “direcionamento” da escola.

Esta perspectiva materialista é muito forte e muito presente, principalmente nas alunas que estão saindo este ano (2002) do colégio e que viveram o final deste ciclo. Há, porém, falta de embasamento teórico para sistematizarem melhor suas críticas. Por exemplo: com o fechamento do curso normal, o que ainda não aconteceu no CEFAM, este vem passando por várias reformulações dentro do colégio, e é evidente que a própria perspectiva filosófica deste também se altere. Um dos grandes problemas para a Filosofia da Educação, como já dissemos anteriormente, foi à diminuição da carga horária da disciplina e, conseqüentemente, o trabalho com as alunas sofreu uma grande deformação. Essa foi uma das críticas da Professora 4.a e também das alunas, que vêem o fim do curso e, conseqüentemente, da Filosofia, como uma derrota da Educação. E infelizmente elas ainda não foram ouvidas.

As visitas que fizemos, neste primeiro momento, à escola nos ajudaram muito no amadurecimento da pesquisa; foram quatro semanas que contribuíram para conhecermos a concepção filosófica e pedagógica do colégio para o trabalho de formação das alunas. Destacamos, para concluir esse primeiro momento, o trabalho desenvolvido pela Professora, por um lado, que é relevante e rico em informações. Por outro lado, faltou uma referência bibliográfica mais precisa, assim como seu plano de aula aos quais não tivemos acesso. O destaque, fica para os dois autores discutidos por ela em suas aulas, e o direcionamento de suas discussões que estavam centradas nos temas propostos. Muitas das análises feitas partiam do mesmo referencial. Estas partiam de pressupostos “**Marxistas**”, mas com um pé nas perspectivas do pensamento **Sartriano** porque, ao analisar os temas relacionados à questão da ética e da liberdade, por exemplo, ela trabalhou com textos ligados à questão fenomenológica para analisar esses fatos.

4.1 Segundo Momento:

Prof.^a 4.b

No segundo momento desta visita, que fizemos no segundo semestre do ano passado e no primeiro semestre deste ano, dialogamos com a Professora que, então, estava ministrando as aulas de Filosofia da Educação. Também dialogamos com as alunas dos 4^{os} anos, série onde a disciplina estava presente. Inicialmente, tivemos o

primeiro contato com a Professora e dialogamos sobre o seu trabalho, o que ensina e vinha ensinando em Filosofia da Educação com as turmas e quais foram as dificuldades encontradas desde o início desta caminhada. (entrevista cedida no final do segundo semestre de 2001):

No início tive dificuldades em trabalhar com a disciplina, por não ser formada na Área, por isso tive que estudar bastante para poder passar os conceitos básicos da Filosofia para as alunas. Trabalhamos Filosofia e Ciência, suas diferenças e não diferenças. As alunas não tinham embasamento filosófico, por exemplo “O que é a Filosofia?” Historicamente, quando há o distanciamento entre Filosofia e Ciência, conceitos de linhas filosóficas que eram importantes conhecer como o Positivismo, Iluminismo e o Marxismo que caracterizam “a linha reflexiva da escola”. No primeiro momento, retomei os conceitos básicos da Filosofia para no segundo momento, discutirmos sobre o papel político (ação política) entre Filosofia e Ação Política. Tendo como eixo central desta discussão, (a questão política). (...) e geralmente a postura filosófica de professores e alunos, não é a mesma que a postura da escola. (...) No terceiro momento, trabalho com textos de várias linhas e pensamentos discutindo sobre a Progressão continuada. Eu penso que estudar a Progressão continuada, hoje, é importante, principalmente para elas que vão estar atuando na sala de aula. Então, nós vemos qual é a postura filosófica e política da progressão continuada, qual a posição da LDB em relação a este fato, e como as outras instituições: MEC, Apeoesp (revista educação), Universidades, etc. avaliam o problema.

Nesse trabalho que a Professora comenta, os temas foram divididos em grupos e a reflexão era feita a partir de leituras das diferentes perspectivas do tema, objetivando diferenciar a Ação Política (qual o projeto político pedagógico, por exemplo, da Progressão Continuada.), a questão filosófica (qual corrente e que linha ela segue e quais as críticas feitas) e entendimento do texto, (qual a proposta e o que elas entendiam do texto). Amarrava-se assim, toda a discussão inicial de Introdução à Filosofia às questões, historicamente, concretizadas na realidade.

Desta discussão, fez-se um quadro estrutural (ver quadro 6) onde estava a análise do trabalho desenvolvido pelas alunas na leitura e nas discussões feitas.

(Quadro 6)

<u>Textos</u>	<u>Idéias</u>	<u>Conclusão</u>
Leitura e entendimento do texto tema: Progressão Continuada.	Análise de diferentes autores e instituições; a reflexão destes sobre o tema.	Comparação com a realidade prática de sala de aula em que estarão atuando.
<u>Proposta</u>	<u>Proposta</u>	<u>Proposta</u>
Discussão e Debate sobre o tema.	Que tipo de ação política e filosófica está explícita e qual a linha teórica do texto.	Que diferença há entre: a aprovação automática e a progressão automática? Concordam com elas? Por quê?

Já no quarto momento de sua proposta, ela avaliou a Progressão continuada, buscando um outro referencial sobre a questão para analisar o tema a partir do seu enfoque psico-pedagógico. O referencial teórico para análise da questão fora retirado do texto de **Perrenot** em seu livro “Pedagogia Diferenciada”. Assim, ela comentou:

Trabalho a progressão continuada, em uma outra perspectiva, fazendo a leitura de Perrenot. A proposta é trabalhar o pensamento do autor mas fazendo uma reflexão contrária a sua proposta, tentando entender, na realidade, que diferença existe entre Avaliação e Progressão Continuada. No tema Progressão Continuada, está se falando da individualização, mas da individualização do grupo, é trabalhar o individual, segundo Perrenot, no indivíduo que faz parte do grupo. Bom, de maneira geral, é isso que trabalho em Filosofia da Educação com os 4^o anos no colégio.

Os temas trabalhados, a este respeito, têm como fundamento a discussão das tendências e correntes pedagógicas, constituídas historicamente, no sentido de entendê-las no contexto atual da Educação. Principalmente dentro das novas metodologias que estão amarradas à ideologia das políticas educacionais. Nessa contextualização das questões políticas, ela relaciona os temas, como vimos, à discussão da Ação política e filosófica. Esses temas (ver Quadro 7) trabalhados no andamento das suas aulas para aprofundamento da discussão eram os seguintes:

(Quadro 7)

<u>Plano de aula</u>	
Temas propostos para a discussão	
1.	Relações de Poder (pressupostos políticos da Educação).
2.	Tendências Liberais.
3.	Tendências Progressistas.
4.	Estudos das características do Professor e do aluno (análise conceitual).
5.	Reflexão crítica/filosófica da Relação Professor/aluno (processo avaliativo).

É importante frisarmos, como já dissemos anteriormente, a postura político-pedagógica que o colégio “tinha”, isso porque houve uma reestruturação no curso e a própria linha metodológica sofreu alterações. Atualmente, o colégio oferece o curso superior à distância (PEC). E devido à implantação da nova LDB, os elos que mantinham essa postura foram “rompidos” Este já não tem mais a mesma característica.

Por que estamos dizendo isso? Porque a postura do colégio “era” de uma tendência crítica “revolucionária” para a Educação. Como a vara sempre esteve curvada para o lado oposto do que é proposto para a ação educativa, ou seja, sempre privilegiou o modelo elitista de Educação, aqui a proposta era curvar a vara para o outro lado desta, para os que mais necessitam da escola. A perspectiva do corpo docente era sempre de questionar qualquer ordem vinda de cima para baixo. Mas, como o projeto educacional sofreu alterações e os rumos do processo pedagógico tomaram outros caminhos, o que ficou visível em nossas visitas, as alunas/os, é um exemplo claro: perderam o seu referencial. tanto pedagógico como prático, e muitas vezes fazem ações isoladas de revolta contra o que está sendo imposto no colégio. É aqui que caracterizamos a importância do trabalho do Professor, quando esse passa a analisar tais questões com os alunos. Se esse trabalho não estiver em sincronismo com as necessidades destes, qualquer projeto pedagógico perde sentido.

É por esse motivo que, dentro dos temas discutidos pela Professora, está o fato de discutir os diferentes pontos de vista construídos na reflexão filosófica sobre o fenômeno educativo, e no que podem auxiliar os educandos na organização do seu

projeto pedagógico. E, como efeito desta organização, elas/es venham refletir sobre o sentido da educação na sociedade auxiliando, também na construção de uma escola que possa ser transformadora dos problemas históricos que a sociedade sempre enfrentou.

Mas o que está acontecendo de fato sobre esta situação é o seu contrário; atualmente, a estrutura política e pedagógica da escola sofreu alterações e esta “assumiu” a perspectiva do modelo liberal de Educação proposto pelas políticas educacionais. Este, pois, é o enfoque que, concretamente, vem sendo efetivado nesta nova conjuntura, cujo fundamento é transmitir esse modelo como o “ideal” para a “transformação” da realidade escolar. Todavia, é importante analisarmos também o que as principais autoras deste processo e que vão “conduzir” esta ação (as alunas) na sala de aula e fora dela, têm a dizer sobre esse fato e como vêem a importância da Filosofia da Educação na organização do seu pensamento e no que ela vem contribuindo para que possam refletir, com clareza, sobre esta prática que estarão vivenciando, quando estiverem de frente às contradições do cotidiano da Escola:

O que a gente está estudando esse ano em Filosofia da Educação, eu penso que ela serve mais para dar uma outra visão para o Professor, para ele estar problematizando as coisas que ocorrem em sala de aula e na educação em si, para estar melhorando isso em sala de aula. Seria uma reflexão que o professor tem que ter e deve usar naquilo que ele acredita, sabendo que esta questão deve estar sendo refletida com o aluno. A Filosofia veio para isso, para que a gente possa analisar a educação como um todo.

Olha, a gente vem desenvolvendo (nos disse a aluna 2) essa reflexão na prática, no estágio, o que acontece hoje na escola, eu observo no meu estágio fazendo a crítica desta situação. É bom que a gente faça essa crítica agora, vendo a realidade, vendo como é o trabalho, principalmente no estágio. Estar se posicionando criticamente sobre estas questões para que, posteriormente, a gente possa estar tentando mudar essas coisas que vêm acontecendo (encontrar soluções) e que estão erradas: tanto na escola como na própria Educação. A Filosofia nos ajuda nisso, em estarmos refletindo, indagando a verdade. Nós lemos um texto onde estávamos discutindo sobre a questão do nada (referência ao trabalho da professora anterior), por exemplo, e a partir da leitura passamos a analisar a questão da verdade. Então, a Filosofia veio para nos ajudar nisso, é “verdadeiro” mas não existe uma verdade única. Penso que a Filosofia nos leva a refletir sobre isso mesmo, à reflexão do ser humano no ponto de vista que a verdade é construída na nossa vida no cotidiano de cada um.

Nos diálogos expostos acima, pudemos perceber a característica do pensamento pedagógico que a equipe docente que atuou no colégio transmitiu às alunas. No entanto, essa tendência está descaracterizada no contexto atual deste. Para as outras turmas, a perspectiva passa por um outro viés de formação e o trabalho da Professora atual com a Filosofia da Educação em relação a este fato é também de fazer uma análise crítica desse processo e das próprias alterações que vêm ocorrendo no projeto pedagógico da escola no qual vem caracterizando esta nova situação:

O CEFAM é uma escola impar (nos disse a Professora) porque nós “formamos” professores. No ano passado, a nossa linha filosófica poderia dizer que era revolucionária, quando entendemos esse revolucionário como partidários da causa, essa era a nossa preocupação. A minha linha pessoal de reflexão com as alunas é a seguinte; “ser culto é a única forma de ser elite”. (reflexão que ela apreendeu em um congresso de Pedagogia em Cuba na Palestra do Prof.o José Martim) O aluno tem que pesquisar sempre, ele tem que saber o que aprender, construir o seu conhecimento. Acredito que eu tenho que dar a minha contribuição como Professora (...) Então, para que eu possa discutir a Filosofia tenho que ter o momento da aula expositiva. Meu primeiro momento de aula com elas foi de quase um bimestre e meio de aula expositiva, passei vários Slides sobre Sócrates, Platão, Marx. (...) Então, eu tenho que dar a minha contribuição pessoal na formação delas. E aqui a gente não tem muito de falar isso de que o aluno tem que pesquisar, tem que ser mais solto, tem que dar a opinião dele. Eu penso que o Professor se acomoda com essa idéia que não tem que oferecer nada, eu tenho que fazer minha bibliografia e pesquisar, eu tenho que direcionar os estudos. E hoje não consigo identificar uma linha filosófica no CEFAM, este ano o objetivo é comum de linha pedagógica ou de linha filosófica. O trabalho da escola hoje é de Formação do Professor Pesquisador, mas neste ano,(2001) na prática, a escola ficou a desejar.

Na crítica exposta está contextualizada a nova realidade do colégio, que dissemos anteriormente. A mudança dos procedimentos metodológicos e do próprio referencial teórico não inviabiliza, de certa forma, que o referencial crítico deixe de ser transmitido para os alunos. É evidente que o contexto histórico em que vivemos atualmente, sofreu transformações iníquas, o que fez também com que a contradição entre os seres humanos aumentasse cada vez mais. E é justamente nesse processo que a teoria revolucionária teve a sua estrutura “abalada”. No entanto, se a postura crítica é o eixo norteador do trabalho da Professora, assim como o incentivo à investigação científica (pesquisa), entendida como forma de aprofundamento das teorias educacionais, é possível ainda se pensar em uma Educação que seja crítica e criadora das questões humanas, uma vez que os educandos têm uma relativa

aproximidade com o pensamento marxista. Logo, pesquisá-lo também seria a melhor forma de entendê-lo de uma maneira coerente, podendo ser contraposto, após este aprofundamento, ao contexto histórico atual.

Da mesma forma que se aproximam da reflexão marxista, as/os alunas/os também – apesar de toda problemática colocada quanto à formação dos novos educadores – se posicionam no sentido de que a Educação é o melhor caminho para a transformação das relações humanas. Desse modo, é possível, dentro desta nova perspectiva do colégio, refletir sobre uma Educação que necessita ser transformada. Na medida em que a realidade se transforma, ocorre o mesmo com a escola: ela tem que se adequar às necessidades desta, e é esse fato que serve de base para a crítica, tanto dos Educadores como dos Educandos.

Todavia, duas questões fundamentais foram marcantes nas visitas que fizemos ao colégio: a primeira, foi à crítica feita pelas alunas pelo fechamento do curso. O que evidenciou para elas, principalmente que estarão atuando na escola, o “fracasso” escolar como um todo, e é uma crítica que elas têm muito bem claro; e a segunda, é a própria importância que elas colocam na atividade docente e como a Filosofia da Educação as auxiliou na reflexão e na conscientização deste fato: (a primeira fala é da professora)

O fato de ser professora é uma questão importante, eu me formei no Magistério do Ave Maria, e lá eu tive uma visão do mundo, e agora dando aula eu estou vendo este outro lado do curso. Eu me formei e dou aula pelo meu Magistério, e não pelo meu curso de Graduação e Pós-Graduação. A minha faculdade foi uma especialização e minha especialização foi um complemento. Eu tinha muito claro que iria ser Professora e iria dar aula. Então, a minha preocupação era entender o que eu daria para os alunos no primeiro dia de aula. Eu tinha essa preocupação, e não sinto isso nas meninas. (...) Eu não sei se é pela própria característica que elas têm de rebeldia, mas muitas delas já tomaram a posição de que não vão dar aula. Elas se preocupam muito com as questões políticas no sentido de política partidária e não política ação; elas lutam pelo Grêmio, lutam para não ter sinal, elas são tão “politizadas”, é engraçado isso, aqui. Essa visão de hierarquia elas não aceitam, o papel do professor, por exemplo, elas se colocam igual e até acima do conhecimento do professor (o saber delas é bem maior que o nosso). Então, eu sinto essa dificuldade aqui, elas terem uma visão política sobre a questão governamental, sobre a educação é indispensável, mas é preciso que a gente tenha a prática para saber fazer. (...) eu acho que o papel do Professor é antes pesquisar, se atualizar para transmitir alguma coisa para o aluno. Essa prática de que eu tenho que pesquisar porque vou ser professora, elas não têm. Elas se julgam marxistas, mas eu sempre

falo para elas; - para se julgar ser alguma coisa, antes eu tenho que entender o que estou dizendo. Então a pesquisa à procura do saber é o que falta para elas.

As críticas da Professora têm fundamento, precisamente, pelo fato de as/os alunas/os terem como “referencial” o marxismo, que para elas/es é importante. Mas, se não buscarmos aprofundar, coerentemente, sobre a reflexão de Marx: na crítica feita por ele ao seu contexto histórico, que é diferente do nosso contexto (as perspectivas e as formas de luta também se alteram devido às mudanças que ocorrem na organização do sistema socioeconômico), na sua forma de ver e compreender a realidade, ou seja, na sua concepção de mundo para que possamos construir a nossa concepção; o que acontece é que, quando o interlocutor “desconhece” o referencial teórico e filosófico do autor no qual se relaciona, o pensamento deste perde sentido aos objetivos que propôs para a transformação da realidade. Da mesma forma que este também se perde no tempo e na História.

Então, quando nos diz Marx na tese III sobre Feuerbach (1999 p. 12) que o educador também deve ser educado, essa reeducação ocorre na relação deste com seu educando e sem esta relação à História, que é um produto humano, perde seu sentido. O Ensino da Filosofia da Educação, entretanto, deve esse continuar da História humana, mas um continuar que tem sua raiz fincada nas relações entre os seres humanos. Não há possibilidade de ser Professor sem antes não se descobrir como ser humano, e essa descoberta se dá na troca com o outro. A pesquisa, que é um pressuposto dessa ação, torna-se fundamental para efetivá-la, principalmente, para os/as alunos/as que irão vivenciar o cotidiano da sala de aula.

Diante desta questão complexa, é importante vermos o que as/os alunas/os têm a dizer sobre o fato em questão, uma vez que elas/es terão pela frente a sala de aula, as crianças e a Educação como objeto central do seu trabalho. Elas/es também comentaram sobre a importância de se discutir e ter a Filosofia da Educação no curso e de como ela contribuiu e está contribuindo para que venham descobrir este ser Professor na vida de cada uma delas/es, se é que pretendem estar atuando na sala de aula um dia, colocando em prática o que aprenderam, inclusive a Filosofia, com seus alunos:

Não serei Professora, porque é uma responsabilidade muito grande, (Eu dou o exemplo às experiências do meu estágio), penso que, para ser Professor, tem que ter toda essa responsabilidade e pela minha falta de preparação eu não assumiria.

Isso vai pelo esforço de cada um (nos disse a aluna 2) eu “estou apaixonada pela área da educação” e sei que é difícil. No início eu achava que o magistério era só fazer desenhos, mas nas aulas eu ampliei muito o meu mundo, tanto na política como na sociedade e que isso é extremamente importante. Como pessoa, percebi o papel que eu tenho na sociedade. Tenho um diploma na mão que me habilita a dar aulas e é aí que eu estarei mudando, quantos forem os alunos que eu tiver na sala de aula. Nós discutimos muito isso em sala de aula, se o ensino é tradicional ou se não é tradicional, é recente, eu sei que vai ser uma luta constante que eu terei comigo mesma para estar deixando isso de lado, para estar contribuindo com as crianças que estarão comigo. Eu estou apaixonada pela área e vou assumir a profissão.

Eu penso, que a gente deve acreditar na mudança (nos disse a aluna 3), isto é importante: Filosofia, Sociologia, Pedagogia são disciplinas importantes que nos auxiliam muito nesta visão de sociedade, de sistema político de educação e elas nos dão espaço para a discussão destes problemas, e aí que está a importância do Professor.

Eu cresci no CEFAM; concordo e discordo de que a Filosofia da Educação abriu meus horizontes, quanto a esse fato. Na verdade, não foi só a Filosofia que me ajudou mas: Matemática, História, Geografia, etc também ajudaram. A filosofia ajudou sim, mas eu cresci muito com o auxílio dos outros professores também. A matéria deveria ter em todo Médio e mesmo no Fundamental desde a infância, para a formação do ponto de vista da criança. E principalmente do professor que vai dar aula. A partir daí, não sei dizer se os Professores das outras disciplinas (que também nos auxiliam) tiveram à Filosofia. Pode ser que tenham tido para nos auxiliarem em nossa formação, mesmo não sendo formados na disciplina. Por isso eu penso que essa disciplina também é muito importante, principalmente, na formação de Professores de 1ª à 4ª série do Fundamental. Essa matéria é importante para todos os alunos, mas o nosso sistema político e de governo, não quer aluno que pensa, então é necessário retirar o “Professor de Filosofia” da escola.

Apesar das contradições colocadas sobre a característica da concepção filosófica das/os alunas/os, o que foi exposto mostra a importância que estes colocam no Ensino da Filosofia da Educação para a sua formação intelectual, independente, se irão ou não atuar na sala de aula. Portanto, o trabalho com a disciplina no CEFAM, é de desenvolvimento do potencial crítico destes para atuarem com coerência e embasamento crítico no contexto educacional.

Porém, dentro deste trabalho, há uma questão fundamental e faz parte da reflexão filosófica. Como o trabalho desenvolvido (mesmo estando voltado para a linha

da pesquisa científica), tinha como característica básica discutir as questões políticas, éticas e sociais da Educação, dentro do contexto histórico atual, um dos eixos da discussão, nesta temática, envolve também o problema do curso. Perguntamos à Professora, assim como para as alunas/os, qual a análise delas/os em relação a este problema, uma vez que é uma discussão que tem desdobramentos na esfera social e política da Educação? Portanto, torna-se uma discussão polêmica, e os próprios alunos/as já fazem sua crítica a este fato; quanto ao fechamento do curso, da mesma forma que têm claro em sua consciência que o Professor, assim como o Aluno, são importantes, como vimos, na reflexão e na difusão deste processo na realidade.

Eu acho pavoroso (comentou a Professora) e o que vamos esperar da educação quando um sociólogo, nosso presidente, veta uma lei que de certa forma denigre a imagem do Professor de Sociologia? O que pensar da Educação se eu só tenho 3 aulas de Filosofia e 2 de História da Educação? E acabar com o magistério? Eu falo para elas, a nossa profissão é a mais bonita e a que mais precisa de dedicação e que ninguém dá valor. Não só financeiro, mas político, filosófico e social. (...) E acabando com o magistério, eu não sei porque, mas eu acho que eles devem estar pensando que quatro anos de curso é muito pouco para você dar aula. Mas eu acredito que os quatro anos que eu fiz de pedagogia não foram suficientes para eu dar aula. Mas os quatro anos de magistério me embasaram. Essa retaliação que está tão na moda hoje em dia. Lógico que a gente sabe que tem um fundo político, que é interessante ter pessoas analfabetas, o nosso povo é analfabeto, a gente sabe que “alfabetizado” é a pessoa que sabe ler e interpretar. Quem é que sabe ler e interpretar hoje em dia é um milagroso no nosso País. A escola está em decadência total com a falência do Ensino e o Professor é mal formado. E é isso que o governo quer e, infelizmente o Professor está contribuindo para isso. (...) Então ele vai se aproveitando dessas brechas, dessas falhas e diz que não funciona, o magistério está falido, o aluno tem que fazer um curso superior para dar aula e não é verdade. O que tinha que reformular não é o magistério e sim a pedagogia é que tem que ser reformulada. (...) Infelizmente, a gente está morrendo mesmo, e estamos esperando acontecer, eu não estou vendo movimentação da nossa classe, dos Professores para parar com esse processo. E também não consigo ver uma saída. (...)

Diante de tal fato, as alunas também deram os seus comentários e não fogem à linha iniciada pela Professora, da mesma forma que elas interpretaram sobre a idéia de que ensinar a Filosofia da Educação como um olhar crítico sobre os problemas reais da realidade educacional, dá o mesmo procedimento pra o curso normal:

Nós pagamos impostos, sempre tivemos o interesse de estudar em uma universidade pública, mas não estamos na Universidade Pública. Enquanto isso, os ricos que

podem pagar uma Universidade Particular, estão na pública. Se a concorrência não fosse tão desleal essa relação seria mais fácil. E aí o que está acontecendo? Estão acabando com o magistério que é público. Acabando com tudo o que é público, mais dinheiro vai para o bolso do governo, isto é, ele gasta menos porque está fazendo de nossa escola uma instituição privada e teremos que pagar mais por ser privada. “Enquanto a população ficar calada, a situação vai ficando cada vez pior”. Na verdade, se não for estruturado por baixo, nunca vai haver uma faculdade boa. Se não houver uma pré-escola boa na formação da criança, se não começarmos de baixo nada muda.

Na verdade, a questão é política (nos disse a aluna 2) porque o governo quer tudo mal estruturado. Por isso, ele tira o magistério, para continuar mal estruturado. Se queremos uma escola boa tem que se começar pela base: a Pré-escola, o Ensino Fundamental de 1ª à 4ª série que são importantes na formação. Formar maus Professores para a sala de aula, é isso que eles querem; Professores que alienam o aluno para continuar a viver essa alienação. As pessoas reclamam que quem faz a Universidade Pública são os ricos, isso é óbvio, ele está investindo nisso, enquanto quem estuda em uma escola pública não tem essa mesma situação.

O ensino do magistério está muito fraco de qualidade (nos disse a aluna 3) em todos os lugares esse ensino está fraco. Pelo menos aqui no CEFAM os professores passam muitos conteúdos, inclusive em Filosofia da Educação, que eu estou vendo no meu curso de Pedagogia. Mas uma professora que se forma sem o magistério, não tem condição de dar aula. Aqui nós aprendemos o todo. Quem faz o magistério e faz pedagogia tem uma base muito boa, porque um é consequência do outro. Mas o que acontece no magistério é que, se você pergunta para pessoa porque está fazendo o curso, a maioria responde que é por falta de opção.

Como já colocamos, o CEFAM tem toda uma trajetória histórica de formação de Professores, cujo objetivo esteve voltado para a formação crítica nos moldes de uma transformação social. A Educação era vista como questão fundamental desse processo e o Professor tinha uma contribuição muito grande neste projeto. O trabalho das professoras, como vimos, apesar de pontos de vista bem diferentes, esteve envolvido com os problemas existentes na Educação e este era visto como um processo de equalização social, ou seja, só é possível mudar a realidade, na medida em que a conhece e essa foi a ponte nos trabalhos colocados. E, como os alunos/as disseram, a Filosofia da Educação contribuiu muito para que elas mudassem sua concepção de mundo.

Neste sentido, é necessário envolver toda a sociedade na discussão sobre o problema do Ensino, uma vez que esta mesma sociedade continua entendendo que

Educação é apenas uma necessidade prática utilitária. Enquanto as pessoas continuarem tendo essa visão, continuaremos a assistir à “falência” do ensino – e é necessária a participação de todas as entidades para lutarmos contra tal processo – e do curso, como vem ocorrendo também no CEFAM.

Destacamos, nestes dois meses de visita que fizemos ao colégio, o trabalho desenvolvido pela Professora 4.b, que é rico em informação, debates, leitura de textos e contextualização do problema educacional do nosso país. Não pudemos ter acesso à fonte bibliográfica da Professora, assim como o seu planejamento. No entanto, destacamos várias idéias que ela propõe para o seu trabalho e que é a base estrutural de todo o seu projeto pedagógico.

5. E.E Carlos Gomes

Prof.º: 5

Assim como o CEFAM, o Colégio Carlos Gomes é o segundo maior pólo de formação de Professores para o Ensino Fundamental e Infantil da cidade de Campinas, além de ser o principal neste desiderato. A sua estrutura civil é tradicional, porque fora construído no início do séc XX. E, por ser de tradição histórica do Colégio, desde o início do seu funcionamento, há mais 100 anos, ele vem formando professores de nível médio (magistério), dentro das principais correntes e tendências do ensino que foram sendo construídos na História da Educação do Brasil. E por ter efetivado essa tradição na cidade, tornou-se conhecido em toda a região, assim como um ponto de referência para os alunos.

Da mesma maneira que o colégio tem um referencial histórico na realidade educacional da cidade, o Ensino da Filosofia da Educação neste também passou pelo mesmo processo. Nestes 100 anos de formação de professores, a Filosofia da Educação se “ajustou” também às correntes e tendências do pensamento pedagógico (desde a tradicional até a corrente técnico/científica, na qual estamos vivendo) que estiveram e estão presentes nesta realidade.

Atualmente, a disciplina vem sendo trabalhada nas turmas de 3º e 4º anos e, por indicação da própria direção do colégio, conhecemos o trabalho do Professor5 que

trabalhava com as turmas de 4^{os} anos, e nos mostrou os pontos fundamentais do seu trabalho, com Filosofia, para as turmas:

Trabalho a Filosofia da Educação nos 4^o anos,(Comentou o Professor) não dou indicação bibliográfica de livros para os alunos, apenas no caso e uma eventual pesquisa. As aulas são trabalhadas em cima de temas, por exemplo, resumidamente, estou falando de Filosofia e Ideologia, é um assunto interessante que fala das frases ideológicas que transmitem uma coisa que nem sempre é verdadeira. Como funciona? Os alunos, resumem o texto que é debatido em sala de aula, eu exijo a participação de todos, explicando o que entenderam e dialogando. Pode haver controvérsias (divergências), que é muito importante. Normalmente faço um resumo com as palavras do autor, palavras que muitas vezes os alunos não têm conhecimento. Por exemplo, dicotomia é uma palavra que está no assunto, porém, o aluno não sabe o seu significado, então decifro para ele. Dessa forma, eu vou passando para os alunos o que acho que deve ser o mais importante, ou seja, se o livro tem de quatro a cinco páginas, resumo em quatro ou cinco fichas e se eles quiserem indico a bibliografia. Por quê faço isso? Porque só tenho duas aulas por semana em cada classe e o assunto é extenso, então sou obrigado a fazer isso. No final do ano, eu indico para o aluno o livro que eu estou trabalhando para que ele faça a sua biblioteca e estude o assunto mais profundamente, com plenitude, é assim que faço.

O Professor, como pudemos observar, trabalhou com vários temas ligados à questão da Educação e da Filosofia, no qual fez a crítica dos modelos educacionais construídos na história, contrapondo-os à realidade atual. Por esse motivo, a Ideologia, como ele disse, foi um dos elementos-chave do seu trabalho para fazer a crítica a essa realidade em que se inserem também os objetivos da questão educativa neste contexto. Ou seja, através da análise feita do tema, era demonstrava-se analisando as outras correntes pedagógicas construídas na História da Educação – o que há por “trás” dos discursos educacionais.

Neste sentido, o eixo norteador dessa discussão era a conscientização dos alunos para a importância do ato de educar, uma vez que a educação tem um conteúdo Ideológico, historicamente construído. Mas é possível, segundo o Professor, fazer a crítica a esse conteúdo através de uma ação educativa melhor estruturada. Sendo assim, o discurso do educador poderia se tornar um contra-discurso a essa ideologia, no sentido de auxiliá-lo em seu trabalho, principalmente, na educação das crianças, que será a base onde os alunos irão atuar.

Outra questão importante que destacamos nesta visita é a bagagem (sua experiência) cultural do Professor, que trabalha há muitos anos no colégio. Porém, a

sua formação não é em Filosofia, mas se sente à vontade para trabalhar os conteúdos, tanto da disciplina, como da História da Educação; disciplinas que ministra no colégio.

Neste trabalho, ele busca também tornar dinâmica a autonomia dos alunos, para analisar e discutir os temas propostos anteriormente. Nessa dinâmica, ele dá toda orientação para a discussão e isso, diz o Professor, é importante porque:

quando estiverem sozinhas/os na sala de aula, serão elas/es que estarão “regendo” a orquestra. Por isso, é necessário debater com coerência para entendermos todos os temas propostos.

O que mais interfere, no trabalho com a Filosofia da Educação, como nos disseram quase todos os Professores, é a quantidade de aulas por série. Por esse motivo o trabalho torna-se rarefeito, transmitindo-se apenas fragmentos de idéias. No entanto, se o aluno quiser se aprofundar em um determinado assunto, terá que fazer por conta própria no final do curso e, muitas vezes, sem orientação didático/pedagógica que deveria ser dada pelos professores.

A metodologia utilizada pelo Professor no colégio Carlos Gomes, neste sentido, seria de uma pré-orientação para o trabalho uma vez que tenta “suprir” essas deficiências pelo debate e pelas aulas expositivas ao longo do ano. Questionamos o Professor neste fato: como os alunos reagem a tudo isso e como elas/es avaliam esse trabalho, naquilo que é ensinado em Filosofia da Educação?

Aqui, no Carlos Gomes, (ele nos disse) os alunos, de uma certa forma, gostam da Filosofia. Por quê? Porque eles participam das aulas, eles podem colocar os seus pontos de vista. Eu também faço supervisão dos estágios, então, muitas vezes elas/es sentem dificuldades no estágio, aí nós debatemos nas aulas os problemas que surgiram, as dificuldades que sentiram e o porquê disso tudo. Então, o que acontece nas aulas de Filosofia da Educação elas/es expõem seus pontos de vista, com relação àquilo que está sendo discutido em sala de aula. Acredito que desta forma, mesmo sem saber perfeitamente sobre a Filosofia, as/os alunas/os a praticam dentro da escola e também no estágio. Isso porque a grande maioria da “clientela” do colégio é bem politizada, não aceitam as coisas com muita facilidade: elas dialogam, trocam idéias, solicitam esclarecimentos no que estamos estudando e isso pode ser entendido como Filosofia. É por isso que nas minhas aulas eu trabalho com os textos para os educandos e, através da leitura destes, tento fazer com que elas/es, indutivamente, formem conceitos e idéias a respeito dos mesmos. Promovo o debate em sala de aula. Penso que seja um método prático, importante, útil e acima de tudo democrático.

Essa metodologia utilizada é, segundo ele, para provocar no aluno a necessidade do diálogo, sendo que o reflexo desta questão desemboca, de certa

maneira, no trabalho com as crianças, que é mais dialógico do que didático (ou melhor, da questão dialógica é que se fundamentam os pressupostos didáticos), porque ela precisa conhecer o mundo, como ele funciona e como podemos torná-lo melhor. Nesta fase do aprendizado da criança, o trabalho do Professor será o de ouvir o que ela tem a dizer para depois saber o que vai ensinar.

Os textos e os temas, neste sentido, são utilizados como um pressuposto que irá auxiliar o novo educador na discussão em sala de aula – uma discussão que será mais direcionada, enfocando determinado ponto de vista. É a “ferramenta” metodológica que ele utilizou, para dar abertura ao pensamento melhor e organizado. Neste sentido, observando o foco de discussão proporcionado no trabalho do Professor, os questionamos sobre esta reflexão discutida na aula de Filosofia da Educação ter uma característica de trabalhar os conceitos propostos, tendo como base a dimensão histórica do fato, porque está envolvendo também os problemas de constituição da nossa Educação; ou essa dimensão é mais filosófica, no sentido da crítica, uma vez que na autonomia já está subentendida a organização deste pensar crítico, em relação à discussão dos temas.:

*Na verdade, (nos respondeu) a História da Educação é ligadíssima à Filosofia, porque História da Educação é uma Filosofia. Por exemplo, se eu falo do Ensino Catequético no Brasil (História da Educação) promovido pelos jesuítas, então eu me pergunto, Qual era a Filosofia que os jesuítas queriam transmitir? Para os filhos dos Colonos, uma escola **Boa**, isso é evidente, enquanto para os índios (curumins) e negros saber ler e escrever para deixá-los mais dóceis. Então aí já havia a perspectiva de uma escola dualista, que prevalece até hoje. (...) A LDB diz que “Educação é direito de todos (ideologia)”, **a linha política da escola é de aceitar tudo o que vem de cima para baixo**, (o grifo é nosso) as teorias vindas de cima sobre o ensino divergem claramente da prática cotidiana da escola. Eu penso que a política educacional deveria ser mais acessível, porque cada escola é uma realidade diferente: os planejamentos divergem muito da prática, existe a educação ideal e a educação real e quem sofre é o Professor e o Aluno. Aqui no Carlos Gomes, por exemplo, há 100 anos se trabalha com a formação de Professores de nível Médio. Aqui, também, já tivemos diferentes maneiras de pensar a Educação e os Professores divergem da postura imposta hoje pelo Colégio. Então, é por isso que eu vejo que a História está ligada à Filosofia, falar de Filosofia, é falarmos de tudo isso que está acontecendo no Ensino e na Escola.*

Entretanto, essa reflexão que parte do pressuposto filosófico, tem o seu alicerce nas perspectivas, no ponto de vista histórico. O que nos chamou a atenção, no

desenvolvimento deste trabalho, é que, historicamente, o colégio tem uma tradição, e ficou claro para nós entendermos o porquê este teve, como hoje continua a ter, posturas filosóficas muitas vezes contrárias à concepção do corpo docente na discussão das políticas educacionais. E por ser um colégio tradicional na formação de Professores, atualmente mantém uma postura “favorável” em relação ao contexto político da nossa Educação, como comentou o Professor, e é o corpo de professores do colégio que continua a fazer à crítica, a essa postura.

Outra questão importante, relacionada ao que foi exposto acima, é que a tendência é se discutir, de maneira aprofundada e crítica, sobre os problemas políticos ligados à questão educativa. E esse é o ponto fundamental do Ensino da Filosofia da Educação: dar subsídios para que o aluno venha descobrir por si mesmo as suas potencialidades, a sua autonomia e como deve ser a sua prática enquanto Educador, no sentido de fazer desta uma ação educativa coerente. A contradição disso é que, se essa reflexão não estiver bem fundamentada, para que o aluno se descubra como esse agente formador da consciência humana, para eles este fato terá pouco significado; e essa é uma das preocupações do Professor, quando nos disse que:

O estágio é a hora da verdade, para o aluno, é o momento mais importante na vida do futuro professor, e aqui as alunas têm consciência disso, elas querem ser professoras. Então, não adiantaria dar a teoria se elas não a entendem na prática.

A temática, neste sentido, na medida em que ia se tornando desafiadora, de um lado (no processo de formação), de outro, esse desafio passou a ser o elo de ligação entre o futuro Professor e o Aluno, ao passo que esse começou a ter maior clareza sobre os problemas do seu tempo (as incertezas da profissão) e o que estará enfrentando quando estiver diante dos alunos na sala de aula. E é justamente neste momento, que começaria esse descobrir do aluno como Educador.

Uma outra questão importante, e atual, (e vem caminhando conosco em todas as visitas) e que também faz parte da discussão filosófica relacionada – dentro da esfera política – ao fenômeno educativo; é o problema do fechamento do curso. Perguntamos ao Professor como ele trabalha esta questão com os alunos, uma vez que no Colégio a tendência também é de acontecer esse fato. Porém, nas suas discussões com os alunos, nas aulas de Filosofia da Educação, fazia-se à crítica à ideologia como uma “suposta” produtora de verdades. Isso significa que fechar o curso é uma forma de

colocar, politicamente, a Educação em “segunda” ordem e o efeito disso é que os próprios alunos passariam a ficar descontentes com esse problema, – o que significaria para eles uma “derrota” da Educação – com o curso em si e com o próprio exercício da profissão.:

Eu vejo com muita tristeza, isso. Tudo evolui, concordo com isso, é inevitável tudo muda e é bom. Mas veja, a nossa escola, por exemplo, é muito boa: temos um corpo docente excelente, preocupado com a Educação e que tem uma experiência de vida no curso normal. Se o curso não for mais oferecido para esse público; quantos daqui podem pagar um curso de Pedagogia? Uma minoria creio. Se o governo tornasse as escolas, hoje, que oferecem o curso normal em centros especializado de formação de Pedagogia, custeado pelo Estado, nossos alunos teriam condições de se especializar em um curso superior. Muitos deles não têm condições de pagar um curso superior, por quê? Porque a maioria dos alunos daqui é de classe trabalhadora e a maioria já tem família constituída; como irão fazer um curso superior? O brasileiro, seja em qualquer linha de trabalho, não ganha bem. Qual a conseqüência disso tudo? A falta de dinheiro. E se acabar o curso normal, quem vai dar essa formação às pessoas? Elas têm isso claro, é um desafio? é, mas que tem que ser enfrentado por todos nós.

O que destacamos deste trabalho desenvolvido pelo Professor, no período em que visitamos a escola, é que ele tinha como chave de interpretação o problema da realidade educacional do nosso país no processo de formação do educador, que era a sua grande preocupação. Não encontramos uma linha metodológica única neste trabalho, o que caracteriza a sua **Fonte Bibliográfica** (ver Anexo V). Ou seja, em seu trabalho, ele transitava por várias concepções histórico/filosóficas, portanto, ele não se colocava como “partidário” de uma linha filosófica específica. Porém, isso não significa dizer que ele não transmitia sua concepção de mundo para os alunos, uma vez que entendia que o aluno deveria compreender um todo, principalmente, naquilo que é necessário para o seu desempenho tanto dentro como fora da sala de aula. Entretanto, o que vai caracterizar a sua concepção filosófica, será o seu trabalho cotidiano (ver seu plano de aula). Não há possibilidade de fazer Filosofia, segundo o Professor, se o aluno não compartilhar com os outros – neste caso seus alunos – o que ele “sabe”, desse modo, é que se constrói o pensamento crítico: pelo debate, pelo entendimento e pela aceitação do outro.

6. EMPSG “Jose de Anchieta”

Prof.^a 6

Dentre os sete colégios visitados o que nos chamou a atenção, primeiramente, é ser este o único, na atualidade, que é mantido com recursos da administração municipal e que também mantém na ativa o curso normal, com um número representativo de alunos que se formaram e estão se formando no curso. Há, ainda, para esta estrutura construída, um núcleo interno que dá apoio às crianças com deficiência no aprendizado (SIRASE), onde as alunas complementam o processo de sua formação e também o estágio.

No que diz respeito à nossa análise, observada essa característica estrutural e política do colégio, que contribuição o ensino da Filosofia da Educação tem dado neste processo? Dialogamos com a Professora 6 sobre o seu trabalho na disciplina, e esse está voltado, como ela nos disse, para a formação prática das alunas naquilo que elas “pretendem” ser, “**professoras**”, quando estiverem em sala de aula. E para que este trabalho realmente chegasse ao objetivo formalizado, a Professora trabalhou com conceitos **éticos, políticos, religiosos, sociais e culturais**; na reflexão filosófica, sobre a questão educacional, relacionando-os também ao momento histórico da Educação em nosso País. Todos os conceitos foram trabalhados de maneira expositiva, leitura de textos, dinâmicas em sala de aula, reflexão das alunas em forma de debate e vídeos. Centralizando em nosso diálogo, nesse primeiro momento, ao eixo temático proposto para suas aulas, perguntamos à Professora sobre a importância desse aprendizado, dessa discussão nas aulas de Filosofia da Educação para as meninas, como elas vêem a Filosofia e como avaliam os desafios que ela proporciona? (essa entrevista foi feita no fim do semestre de 2001):

O que nós vimos em Filosofia da Educação foi o seguinte: a política educacional, ética, as problemáticas que envolvem o ensino fundamental, educação e sociedade, cultura sociedade e trabalho. Fizemos leituras de textos selecionados e trabalhos que refletem sobre as problemáticas encontradas na área educacional. Quando trabalho Filosofia da Educação, eu a entendo enquanto totalidade de conflitos encontrada na essência humana. Buscamos refletir e analisar as problemáticas encontradas dentro da escola e, mais especificamente, dentro da sala de aula, associando-a às políticas educacionais. O que acontece, nesse trabalho? Eu percebo que as meninas sentem muita dificuldade na compreensão de textos, então, é um hábito meu dar muito exemplo e, a partir deles, vamos refletir sobre as questões; do que está acontecendo, quem é o culpado daquilo acontecer e quem não é. Trabalho vários filmes que

envolvem toda essa questão do ato de educar para que elas passem a refletir de uma outra maneira. A outra parte do trabalho com as meninas é que elas têm um trabalho, uma dinâmica para apresentar na sala e há trabalhos muito interessantes (...) dá para perceber a questão política, social, da relação humana e da ética, o que tem de ético em uma sala de aula? Eu penso que na Filosofia, você estuda sobre Grandes Filósofos, sobre grandes situações, e é importante. Mas hoje, o que você mais precisa é saber como utilizar essa filosofia no seu dia a dia. (...) Porque a Filosofia está voltada toda para a Educação, e nela você trabalha, por exemplo, dentro do PCN's a questão da aprendizagem significativa. Como as meninas vão entender, interpretar dentro da Filosofia da Educação, o que é uma aprendizagem significativa? Na minha visão, é a partir do momento em que elas comecem a entender como é que a própria aprendizagem delas está se dando, como a reflexão filosófica delas está se dando. De um lado, é ler uma apostila e não entender nada do que está lendo. Do outro, é fazer uma reflexão filosófica e entender a apostila; seja em ética ou política e conseguir aprender, e aprender isso para sua vida. Elas começaram a refletir; você só pode chegar às grandes reflexões se parte das pequenas. (...) E eu queria mostrar esta visão para as meninas de que a escola não está à parte da sociedade, ela faz parte dela. E eu acredito que hoje não é dada à Filosofia a importância que ela merece. Vivemos em um período onde as pessoas são tratadas como “coisas” e não pessoas, o que gera um conflito de valores entre o “ser” e o “ter”, tais conflitos têm gerado uma alienação coletiva e uma falta de consciência de qual seja o papel para si próprio, para o outro para a sociedade e para o jovem. É isso que tento trabalhar em Filosofia da Educação.

Na reflexão da professora o objetivo desse trabalho, com a Filosofia da Educação, é o de resgatar no aluno a importância desse ato de filosofar, de refletir sobre sua vida e sobre a realidade que estará enfrentando, importância essa que também deve estar presente na relação com o outro. O interessante neste fato, também, é que ela não tem formação em Filosofia, mas valoriza muito a sua importância, e é o que transmite às suas alunas.

Essa experiência se deu devido ao fato, de ela permanecer mais tempo com as alunas, lecionando outras disciplinas da área educacional: História, Sociologia da Educação, Didática e Supervisão de estágio, onde tornou possível amarrar as discussões que estão concentradas na reflexão filosófica. No colégio as aulas de Filosofia da Educação, ministradas pela Professora, estão concentradas no 3º e 4º ano – duas aulas por série – mas há Filosofia no 1º ano do Médio, o que serve de introdução ao pensamento filosófico que terá continuidade neste trabalho.

O que percebemos, a este respeito no trabalho desenvolvido é que a Professora buscou valorizar a criatividade e a autonomia do pensamento das alunas em refletir

sobre as questões filosóficas e educacionais, no sentido de desenvolver as dinâmicas propostas para a discussão em sala de aula. Elas faziam primeiramente, a leitura e a interpretação do texto e, no momento seguinte, passariam a construir, por grupos, suas dinâmicas de acordo com o objetivo proposto no texto, que eram orientados pela Professora. Essas dinâmicas muitas vezes eram trabalhadas de várias maneiras, como: seminários, teatros, filmes trazidos pelas alunas e discussões em sala de aula. Participamos de várias discussões sobre variados temas, que iriam, segundo a Professora, enriquecer cada vez mais esse ato de refletir crítica e filosoficamente sobre os problemas educacionais que elas estarão enfrentando, quando estiverem na sala de aula. Numa dessas discussões, elas colocaram o que pensam sobre o ensino da Filosofia da Educação: (Essa conversa ocorreu no 1º semestre de 2002)

nós nunca havíamos estudado Filosofia da Educação (nos disse a aluna 1) fazíamos leitura de textos para depois respondermos os questionamentos propostos pelo Professor (as respostas, muitas vezes eram a reprodução do que estava colocado no texto) isso nunca provocou na gente o interesse em pensar e entender os problemas que estavam sendo discutidos, depois do trabalho feito pelo Professor (no 1º ano). Agora, em Filosofia da Educação, nós discutimos com mais clareza o que até então a gente não conhecia, nós discutimos e temos autonomia para pensar.

a Filosofia (nos disse a aluna 2) não é só fazer leitura e responder as questões propostas, ela vai além disso, vai além do que entendemos sobre essa questão. Ou seja, o que é proposto para discutirmos em Filosofia não fica apenas na sala de aula, elas são levadas para fora, para que possamos discutir mais amplamente: com a família, na sala de aula que estamos fazendo o estágio e com os amigos. (A gente respondia questões da ciência). E com as crianças esta situação acontece, quando fazem perguntas, por exemplo. Agora, por que, com determinadas crianças é possível trabalhar e com outras não? Então paramos para refletir sobre esse problema, na Filosofia, onde debatemos o pensamento de vários autores. Eles não fazem só a teoria mas também mostram a autonomia, demonstram como podemos tomar certas atitudes em certas situações com as crianças em sala de aula. Como a ética, a ética profissional e assim por diante.

Eu tenho uma certa dificuldade, que eu lembro, vou ter que ter uma certa teoria para falar (nos disse aluna 4) eu não vou querer ter outra visão? Eu penso que, com a Filosofia, a gente não tem uma só linha. Eu preciso ter várias visões e não apenas uma.

O problema maior é que, por termos uma visão mais tradicional (nos disse a aluna 3), encontramos muita dificuldade para dar uma opinião para refletir. E acaba sendo muito rápido o que é estudado em Filosofia. E esta visão dada pela Filosofia da Educação de parar para pensar e dar a sua opinião, nós conseguimos te-la no

magistério mas não tivemos essa formação desde o começo. Por isso é que hoje, nós pensamos que é importante estarmos discutindo estas questões com os alunos também, desde o começo, para que eles não tenham as mesmas dificuldades que tivemos, para eles chegarem ao ponto em que nos chegamos, porque para continuar do jeito que as coisas estão, seria complicado para eles como foi para nós, o que leva à aceitação da realidade como ela é hoje. Com a Filosofia, as coisas devem ser debatidas um pouco mais, não pelo fato de termos chegado aqui, mas para encontrar o que encontramos aqui, tentando buscar a autonomia, na tentativa de mudar a realidade, como foi falado para nós “temos que educar a criança desde cedo para que ela tenha humildade em não aceitar a Realidade como ela é sem antes ter questionado.”(a aspa é nossa)

Quando não temos essa visão mais crítica da realidade, (disse a aluna 2) você pára e pergunta para um adolescente: “O que você poderia fazer para melhorar tudo isso?” Com toda a certeza, ele responderia; ah! mas eu só tenho 18, 19 anos, o que poderia fazer para melhorar a situação política, a educação, a ciência, enfim todas as questões do trabalho. Se a gente não começar daqui (eu dou aula em uma classe, ela na outra), se na instituição onde trabalharmos; cada classe conscientizada, cada criança conscientizada para a Família isso é muito importante, ela também se conscientiza. Então, a comunidade também vai se conscientizar, realmente para uma situação que pode ser mudada através da contribuição filosófica. Achar que esta realidade não pode ser mudada e estar conformado com isso, é aceitar continuar vivendo em uma sociedade em que os poderosos comandam.

Temos que aproveitar essa liberdade que conquistamos,(disse a aluna 3) porque antes os professores falavam aquilo que eles pensavam que era certo e tentavam conquistar (modificar) a cabeça do aluno, era o mínimo que faziam. Hoje não, nós temos à liberdade e temos que aproveitá-la para tentar mudar tudo isso. Se não tentarmos mudar, significa que não podemos fazer nada, mas como educador você não pode falar isso. (...) Por isso, é preciso saber o que está falando. Os pais influenciam muito também nessa Educação (quando as crianças chegam em casa os pais, muitas vezes, passam outros valores, como é que ele vai se tornar um cidadão hoje?), então temos que pensar para que o nosso trabalho tenha o resultado necessário e ter esta troca. E como educadores, temos que tentar mudar esta situação, principalmente nas séries iniciais, onde professor é importante para a criança (o que o professor diz é a verdade). Se o professor começar errado, a criança acaba crescendo um ignorante. Mas se nós, ao exemplo das crianças, tomarmos uma posição contra isso, colocarmos para elas que esta situação pode ser mudada, é possível ser mudada. (...) temos que colocar algumas situações que também a Filosofia esteja presente e de uma maneira que elas entendam o cotidiano delas, quando aparecer um problema você estar questionado aquele problema. Diferente de dizer que vai aprender a Filosofia. Falar dessa maneira é complicado para as crianças, num cotidiano de sala de aula é complicado, é impossível colocar a Filosofia. Também a criança é condicionada; não só precisa como deve explicar coisas e atitudes para ela. Não explicando as coisas de maneira simplista (isso é assim, porque é assim) ela deve questionar também e não podemos dizer que isso está errado porque falou assim. Temos que entender o porquê de perguntar daquela maneira, ou ter dado certas respostas. Por isso, que a Filosofia

que aprendemos, também não é a única, não é tudo, ela vai continuar a explicar o que é a realidade e os seus problemas, que teremos que trabalhar que são problemas reais. Hoje, na sociedade, os problemas são outros, a realidade é outra, temos vários problemas e cada realidade é uma e tem os seus problemas que temos que levar em consideração tudo isso.

Pudemos perceber um certo amadurecimento intelectual das alunas no que disseram, assim como já se preocupam em refletir sobre sua prática quando estiverem na sala de aula. É uma preocupação prática, mas que também faz parte da reflexão teórica que fazem quando estiverem, em certa medida, em contato com a realidade dos seus alunos. Desta forma, é possível transformar essa realidade desde que elas a conheçam. Isso está claro para cada uma delas. Uma outra questão importante que nos chamou a atenção é que elas também têm uma preocupação muito grande em entender o que as crianças mais necessitam, neste sentido, em retransmitir os conteúdos da Filosofia para as crianças: primeiro passa pela necessidade de ouvir o que elas têm a dizer para, no momento seguinte, traduzir isso como reflexão filosófica que poderá ser trabalhado com elas. Neste caso, seria o momento prático de se ensinar a Filosofia ligada à realidade do aluno, a sua vida, enfim a esse momento histórico de que ele é parte importante.

É um trabalho interessante, porque a Professora tenta retratar na prática o que as alunas tinham dificuldade de entender na teoria. Isso é importante, como a Professora já disse, para o que elas irão enfrentar; o chão no qual a escola está inserida.

Essa realidade também faz parte do Colégio onde as alunas estão se formando, ou seja, a Professora se fundamenta na realidade deste para que elas entendam o que terão pela frente. No Colégio, o trabalho de cada professor, de uma certa forma, é “autônomo” – o que ficou evidente em quase todos os colégios visitados. Portanto, não há uma linha ou corrente filosófica mas há o plano diretor, que é o plano pedagógico para o direcionamento das atividades da escola. No entanto, o que prevalece como característica de todas as escolas é o “autoritarismo burocrático”. E é essa burocracia, que entendemos ser o principal fator de desarticulação política da Educação. É por esse motivo, também, que a Filosofia da Educação está sendo jogada na lata do lixo da História, porque não serve mais para o “novo” paradigma da Educação. E quando há

essa disciplina no currículo da escola, elas sofrem a marginalização, como por exemplo; a redução da carga horária por período e série. Assim sendo, fica difícil para nós trabalharmos uma concepção filosófica dos professores, uma vez que, eles, como a Professora, trabalham o que é necessário para a reflexão dos alunos. Como as próprias alunas comentaram, quando entramos nesta discussão:

Nós temos aula de Filosofia da Educação no 3º e no 4º ano (nos disse a aluna 3) são dois anos em que poderíamos abordar muitas situações, mas durante as aulas não dá tempo de finalizar a discussão, e, ao mesmo tempo, cada professor tem um jeito diferente de dar a sua aula. Eu penso que é a direção da escola que deveria resolver isso, deveria se chegar num consenso que desde o 1º ano houvesse a Filosofia da Educação. Então, saberíamos respeitar um pouco mais as diferentes opiniões e debater certos assuntos e nos aprofundar mais nas teorias, relacionando-as com a realidade de hoje em dia. Penso que seria um tempo a mais que estaríamos aprendendo, de como mudar certas situações, como interpretá-las; para dar resposta às perguntas dos alunos. Nós não esperamos que elas venham a fazer perguntas e se fizerem não nos sentimos preparadas para dar uma resposta coerente. E ficamos na seguinte situação: o que vamos falar para eles? Eu penso que a Filosofia dá essa base, para discutir com as crianças o porquê ela está perguntando aquilo, dá para “entendermos” o que a criança está pensando, nós passamos a conhecer um pouco mais a realidade dela. Então, pensamos que a Filosofia deveria, sim, estar presente em todo o curso, para que quando sairmos daqui, termos pelo menos clareza para entender e discutir os problemas das crianças.

Esse problema da falta do embasamento filosófico é uma questão importante, as alunas sentem a necessidade da reflexão filosófica, uma vez que, na escola, a Filosofia poderia ter um espaço maior. Mesmo assim, elas entendem implicitamente que o ensino da Filosofia parte de uma concepção de mundo, que elas querem transmitir para os seus futuros alunos. Talvez aqui, na perspectiva de Gramsci, esteja nascendo o novo intelectual, que ainda não conseguiu se perceber como alguém, que entende que a Educação é um processo fundamental na organização da sociedade, e essa organização começa na base de onde elas, as alunas, estarão atuando.

Essa é uma discussão que também permeia toda a trama de temas propostos pela professora, que parte de uma reflexão teórica mas que se fundamenta na questão material, no concreto no que, historicamente, está inserido na Educação e na Realidade. No entanto, perguntamos à Professora como ela avalia essa importância da Filosofia da Educação na formação da consciência das alunas para o campo em que elas “irão” atuar e como elas assimilam esse fato, ou seja, a partir da reflexão filosófica,

qual é o significado da profissão para elas? (Entrevista dada, também no 2º semestre de 2001)

Ser professoras para alunas: algumas desejam, outras não, elas pretendem fazer outra coisa. Eu tenho alertado muito elas sobre isso, porque algumas dizem que entraram no magistério por falta de opção. (...) Então, quando elas estão lá fora e não encontram o que queriam, acabam voltando para o magistério. As meninas que gostam entraram não gostando e estão saindo com a consciência do que vão fazer, não é uma consciência perfeita, uma consciência ideal, mas é uma consciência. Elas sabem que não podem fazer discriminação das crianças isso está sendo passado para elas, pelo menos nas aulas de Filosofia da Educação, sobre as dificuldades sociais, os problemas de afetividade (temos trabalhado muito isso), as crianças têm bastantes problemas, aquilo que a gente tem visto muito dentro das salas de aula; os professores discriminam os alunos pelos mais variados problemas. Então, essa consciência elas estão tendo. E também estão conscientes de que na nossa formação, pela maneira como o País funciona, nós discriminamos sem saber.

Agora, em relação à Filosofia da Educação, com certeza ela é a única disciplina que leva as meninas a refletirem sobre a atuação delas. Você tem Metodologia, Didática, etc., mas a única disciplina que leva a refletir sobre o que está acontecendo, o que está havendo o que aconteceu antes e o que está acontecendo agora, o que é ética, o que é sociedade, porque há tantas crianças com tantas dificuldades, é a Filosofia da Educação. A Filosofia, pelo menos na Educação, ela aproveita outros textos, tem textos filosóficos? Sim. Mas tendo essa visão da transversalidade, muitas vezes nós pegamos outros temas e incorporamos dentro da reflexão filosófica. Falar de Platão, Sócrates de uma maneira totalmente alienada, ela fica totalmente chata. Agora se você amarra situações do cotidiano, aí sim ela se torna interessante. O que eu tenho observado nas alunas é que elas gostam da Filosofia, o que elas não gostam é da burocracia de não entender o que está se dizendo. Então, existe essa preocupação em perceber que o que nós temos hoje aqui, existiu isso lá atrás, nós tivemos Sócrates, Platão? Sim. Mas de alguma forma, o que aconteceu lá está influenciando a sociedade hoje, e até no cotidiano delas. Pelo menos, dentro das minhas aulas de Filosofia da Educação, tento fazer isso com as meninas e vejo que funciona e elas apreendem aquele conhecimento.

Em nossos encontros com as alunas, na medida em que eles foram se tornando enriquecedores para o objetivo de nossa investigação, também perguntamos a elas, dentro de toda a reflexão que já fizeram em torno da Filosofia e da Educação, qual era a importância da docência e como analisam esse fato sendo que, num futuro próximo, também irão “assumir” a sala de aula.

O professor (nos respondeu a aluna 3) deve formar cidadãos conscientes, não só ensinar mas também aprender com seus alunos. O professor só ensina aprendendo, trocando valores. Mas, o mais importante é tomar cuidado para que não transmita para o aluno os valores de maneira errada, ou seja, eu transmito os meus valores se

sobrepondo aos valores deles. Mas sim trabalhar os valores dos alunos, qual a importância para eles desses valores, relacionando-os aos meus valores.

Você tem que saber colocar tudo o que aprendeu. (nos disse outra aluna) Tudo o que julgava correto, só é realmente correto o que o seu aluno tem que aprender. Você tem que saber quando pode passar os seus valores, mas também estar aprendendo com os valores dos alunos para que ele também tenha essa visão e daqui a uns 5 ou 10 anos pode até ser que esses valores, que foram ensinados para ele, tenham se modificado. Mas que ele possa transmitir para os outros.

Ser Professor (nos disse a aluna 1) é uma troca de saberes, ele tanto ensina o aluno como aprende com ele. Ele, o aluno, também tem experiência de forma crítica e histórica mas o que acontece muitas vezes: o professor se centra no seu mundo, no seu próprio umbigo e ele acaba dando menos valor ao corpo discente pela realidade que eles vivem, por exemplo. Nós percebemos essa diferença quando pegamos uma sala de aula da periferia, com crianças carentes e uma sala onde os alunos não são “carentes”. A diferença de relacionamento é enorme; nas escolas de periferia é possível fazer um trabalho melhor, buscando vários recursos para as aulas, as crianças sentem essa necessidade e muitas vezes não são valorizadas.

O que impede muitas vezes esse fato de ser professor (nos disse a aluna 2) é a falta de relação (visão do problema social), qualquer problema que acontece com ele (o professor), por exemplo, ele desconta em seus alunos. Ou, até mesmo numa ação dos alunos, (indisciplina), o professor já repudia qualquer aproximação dos alunos, fechando os espaços. Todos os alunos têm dificuldades, nós também temos. Mas, quando o professor se coloca na posição de “não tem nada a ver com o que está acontecendo”, não é problema dele e, ao invés de ajudá-lo, ele ameaça o aluno, dizendo que vai colocá-lo de recuperação. O professor não poderia ter outra postura, tomar outra atitude, perguntar o que está acontecendo porque não está participando das aulas? mas o que acontece é que o próprio professor o trata com indiferença.

Os alunos mais carentes necessitam mais de aproximação afetiva do professor e não apenas transmissão de conteúdos (a aluna nos relatou um fato que ocorreu num colégio em que ela estava fazendo o seu estágio, quando viu uma criança morder uma bolacha e guardar o restante para levar para os irmãos de casa. Então, ela refletiu consigo mesma, vendo aquela situação; “quantos pacotes de bolacha ela tem em casa e, muitas vezes, vai para o lixo”) então não é só a troca de saberes que é necessário. A relação está no fato que eu só ensino a viver, quando aprendo a viver com meu aluno. E esta relação se percebe pelo que o aluno não tem em casa. Se ele já vem com esses problemas de casa, e na escola também leva bronca do professor; por que ele vai querer estudar, para que ele precisa aprender? Quando estamos explicando alguma matéria e eles dizem que não entendem, é pela necessidade de aproximação, eles querem atenção e ser professor é estar em sintonia com esses problemas.

Quando o aluno não é atendido, ele utiliza a “violência” para que seja atendido (nos disse a aluna 2) e o que acontece é que nem todo o mundo entra em qualquer sala de

aula, existe a escolha com quem trabalhar mas os alunos carentes, apesar das suas condições, aprendem mais do que outros alunos.

Às vezes tem uma criança que se destaca no meio das outras (nos disse a aluna 3, que deu o relato da escola) por ser “mais inteligente”. Mas a criança que levou a bolacha embora para dividir com os irmãos, tem muito mais conhecimento do que esta. Ela também tem uma visão de mundo, um conceito de cidadania, o outro é muito mais importante na vida dela, muito diferente da outra que faz lições e tira notas boas e não permite que as outras crianças peçam alguma coisa para ela. Eu penso que, geralmente a criança que tem mais dificuldades, ela é muito melhor de se educar do que aquela que tem melhores condições. Depende do professor, em uma classe de crianças carentes ele vai conseguir fazer o seu trabalho, enquanto que em uma sala onde não existe relação humana, o professor não vai conseguir tirar nada das crianças. Numa classe carente elas, vão querer mais, é onde as relações humanas acontecem.

Tendo em vista toda essa reflexão colocada, percebemos a postura crítica dos alunos em relação aos problemas educacionais, e a confiança que colocam na reflexão filosófica para debater esses fatos. Portanto, o Ensino da Filosofia da Educação no Colégio tem, como postura, refletir o concreto da realidade educativa, que é fundamento da crítica filosófica, crítica essa que ainda deposita na Educação a importância de se transmitir o novo como transformação da realidade. Por outro lado, há uma outra questão importante, dentro de toda essa reflexão, a ser discutida, que é parte do ponto de vista político, e também é polêmica; é a questão do Magistério. E como o trabalho da Professora tem esse fundamento de discutir os problemas sociais e políticos da educação, essa discussão não poderia estar de fora. Neste sentido, perguntamos a ela e também para as alunas como elas avaliam essa questão, e o que fazer para “evitar” esse problema?:

Primeiro; precisamos saber se o magistério vai mesmo acabar, pois há uma ambigüidade na lei, Segundo; nos parâmetros legais, ela dá abertura para as prefeituras tomarem essa decisão de fechamento ou não, Terceiro; não é possível atingir formação pedagógica até 2007 e Quarto; se eles fizerem isso, vai faltar professor para o Ensino Fundamental devido também o salário. (...) Então, não é o curso normal que tem lacunas, é a política educacional do País que tem lacunas. Se tiver que mudar, terá que mudar tudo. Eu penso (...) que não é uma questão política, é uma questão econômica. (...) Existe uma contradição dentro do País; se o professor do Ensino Fundamental, não recebe um bom salário, a conseqüência será a má formação do aluno, desde o início, que não vai desenvolver bem o seu trabalho. As alunas estão horrorizadas com o que está acontecendo na educação, elas acham um

absurdo uma criança chegar na 5ª série sem saber ler e escrever. Então o problema não é fechar o magistério, o problema é: “existe uma preocupação em fazer melhorar ou fazer uma política séria de educação no País, desde lá de cima?” (...) O magistério poderia continuar tranqüilamente, se tivesse uma política séria. Por exemplo, porque tirar a Filosofia, Sociologia do currículo, qual é o objetivo? Tirando essas matérias, que sabemos, são a base? Nós vivemos em um País onde a maioria das pessoas não “pensa”, é um comodismo mental. (...) Se fechar o magistério e continuar do jeito que está, esse descaso com a Educação, não haverá curso superior que resolva todos os problemas, muito pelo contrário; se tivesse uma proposta correta, o magistério continuaria, (...) se voltarmos para o lado da Filosofia, “quer fechar o magistério, por quê?” Eu creio que seja um grupo que lidera, que acredita que a vantagem será muito grande, (...) A problemática é essa não tem nada a ver com a Educação. Em Filosofia da Educação, eu trabalho muito essa importância da relação entre Professor e Aluno para as alunas; o professor que não se expõe tem medo e a Filosofia é essencial. Como qualquer aluno, a criança se envolve muito no trabalho do professor, por isso é importante o magistério.

As respostas das alunas vão de encontro à crítica feita pela professora, e é o que marca a concepção de Educação e de Filosofia desenvolvido em seu trabalho, para essa nova visão de mundo que conquistaram:

O magistério não deveria ser retirado do Ensino Médio (respondeu a aluna 1), principalmente pela necessidade que a população, mais carente da sociedade sente. Ela “depende” do Professor para trabalhar com seus filhos. Aqui no Colégio, por exemplo, o Ensino Médio é Municipal e dá acesso a essa população que também não precisa gastar com o material dos filhos. Então, por que fechar o magistério, se estamos sendo formadas, principalmente, para conhecer e trabalhar nesta realidade?

Esse público, (nos disse a aluna 2), não tem a possibilidade de freqüentar uma instituição pública superior porque geralmente quem passa numa Universidade Pública são os que têm condições de freqüentar uma Universidade Particular e isso é a grande contradição. O fato é; quem, hoje, está freqüentando a Universidade Pública, teve condições de pagar um Ensino Médio particular, ou seja, teve todo um investimento. E a criança que não tem essa condição, que sofre pela falta de professor não tem essa possibilidade, então, o problema é o magistério? Se queremos ter uma Faculdade boa, temos que começar com uma Educação boa para os que estão começando agora e isso é importante.

O magistério deu uma base muito boa. Agora, se tivermos que fazer uma Faculdade para poder dar aula, primeiro, teremos que pagar e muitas vezes não sabemos se a qualidade do curso é boa para a nossa capacitação docente. Segundo, a Faculdade de Pedagogia não nos forma para sermos professoras e temos que estudar as matérias pedagógicas. No entanto, o que acontece é que nas Universidades particulares muito do que estudamos no magistério, por exemplo, e que poderia ser aprofundado é deixado para trás e não saímos com uma boa formação.

Não é sempre que se encontra um curso bom em uma Faculdade, no curso de Pedagogia, por exemplo, os alunos não sabem elaborar um plano de aula e geralmente acabam consultando pessoas que fizeram o magistério para lhe ensinarem, como fazer um plano, Então a diferença está na teoria e na prática do cotidiano de sala de aula. Os alunos de pedagogia sentem falta do magistério para a continuação do seu curso superior, o fato não é fechar o magistério, é melhorar o ensino em todos os níveis.

o magistério: ou você gosta de dar aula ou você sai fora (nos disse a aluna 3). Porque, para chegar na frente da sala de aula e fazer do aluno um objeto do seu trabalho é muito fácil. O professor que diz, “ estou ganhando o meu salário, se aprendeu ou não aprendeu o problema é de vocês”, não deveria assumir a profissão. Ele deve gostar do que fazer do seu magistério um teste de aptidão, para depois ir para faculdade, por exemplo. Hoje, os testes de vestibular para entrar numa faculdade são apenas por interesse; existem faculdades em que o vestibular é de conveniência, torna-se um jogo de interesses que sabemos e dá lucro e, infelizmente, não têm o objetivo de formar professores capacitados. Se realmente é essa a visão deles, deveria ter pelo menos como objetivo uma formação melhor para os alunos. (...) Se o magistério é super importante para quem não tem condição de frequentar uma Universidade, por que também não facilitar para quem tem o magistério, quando sair do curso entrar direto na Faculdade ou em algum curso que melhore realmente sua formação, capacitando-o para melhor atuar e ter serviço? (...) Se faz uma faculdade Normal Superior, você verá tudo o que aprendeu no magistério, tem faculdades de Pedagogia, cujo “conteúdo” é o mesmo que foi trabalhado no Ensino Médio, então, para que acabar com o magistério?

Como pudemos observar nos relatos colocados, naquilo que foi trabalhado pela Professora para a construção do conhecimento das alunas, está caracterizada a sua concepção de Filosofia da Educação (ver plano de aula logo abaixo). Como em todos os outros colégios, essa marca está presente. É um trabalho de perspectiva crítica, porque busca entendê-la na dinâmica histórica de constituição da Educação e está na característica do seu **Referencial Bibliográfico** (ver Anexo VI). Toda essa perspectiva tem um embasamento teórico alavancado à realidade da escola, que foi o ponto de vista perseguido pela Professora em suas aulas. É também um trabalho cujo objetivo pode até não ter como fundamento filosófico a práxis, mas a idéia, o referencial teórico de transformação permeia toda a reflexão. E essa transformação ocorre na valorização do outro que é muito importante. Portanto, ela também partiu do seu ponto de vista cristão, resgatando os valores do outro na sua existência enquanto pessoa, não apenas prática, mas também humana e que deveria ser reconhecido sempre em todo momento da sua vida e na realidade em que vive.

7. E.E Cyro de Barros Rezende

Prof.º 7

Esse colégio tem uma história de tradição na cidade de Valinhos: era o único na cidade que oferecia o curso técnico profissionalizante (fechado em 1997), mais o curso médio normal para a população local e dos municípios vizinhos. Atualmente, mantém o curso Médio Normal com especialização para o Magistério. Um outro fato importante neste início de análise, é ser essa uma das cidades da região em que o ensino da Filosofia e o da Filosofia da Educação estão presentes nas escolas de Nível Médio. O trabalho desenvolvido pelo Professor teve uma salutar importância neste contexto, dando um sentido concreto para os objetivos de ensinar Filosofia na escola. Esse processo se deu da seguinte forma: de um lado, ele discutiu com os alunos a importância da reflexão filosófica no processo de formação da consciência humana; de outro, foi a maneira encontrada para mostrar que a Filosofia é uma disciplina que contribui nesse processo, portanto, não deveria ser retirada do currículo do Ensino Médio, uma vez que os próprios alunos sentem muita falta desse aprendizado, principalmente para discutir as questões polêmicas da realidade educacional.

A base desse trabalho era de característica instrutiva, ou seja, a partir dos temas propostos para discussão em sala de aula (seminários expostos pelos alunos), ele completava, dando uma explicação expositiva dos temas e os principais fundamentos filosóficos desta reflexão:

É um trabalho difícil, (comentou) , porque as alunas não têm um embasamento anterior da Filosofia. Então, é necessário dar esses conteúdos da Filosofia que elas não tiveram.

Isso porque, como ele disse, com a falta desse alicerce teórico da reflexão filosófica, qualquer discussão fica sem sentido, alienada da realidade. O resultado importante desta reflexão é que, no momento em que as/os alunas/os passam a dar importância para a Filosofia, como processo de análise crítica do contexto histórico/social (não só para o seu processo de formação), elas/es passam a discuti-la também como uma disciplina que deveria estar presente em todo o Ensino Médio como no Fundamental.

A Filosofia da Educação é muito importante na nossa formação (nos disse a aluna), mas temos dificuldades em entender. Porque esse é o primeiro ano que estamos tendo contato com a disciplina, o professor se esforça para passar para a gente os conteúdos, mas é muito difícil. Deveria ter Filosofia no curso inteiro, o que ajudaria muito nosso desempenho em sala de aula.

O que gerou essa discussão polêmica fora justamente o fato de que aulas de Filosofia da Educação estavam concentradas nos 3º e 4º anos do colégio, com duas aulas semanais por série. E essa discussão teve como viés a análise das políticas públicas para a educação no Brasil, e que tornou a base da crítica das/os alunas/os para a reflexão do problema.

Outro destaque que fizemos nesta reflexão é que o Professor é formado em Filosofia e tinha a vantagem de trabalhar com História da Educação também, o que facilitou um pouco mais o seu trabalho, porque tinha um tempo a mais com as turmas. No entanto, as dificuldades colocadas pela aluna eram visíveis; em nossas visitas ao colégio participamos de várias discussões (o Professor achou interessante que conhecêssemos o trabalho por séries, assistindo às aulas, do que comentar como ela acontecia, ficaria muito superficial. Para nós também foi interessante, pois conhecemos a realidade dos alunos) e muitas vezes os alunos nos pediam explicações sobre o assunto, sobre o que estava sendo discutido na aula, precisamente, por essa falta da reflexão filosófica. O que percebemos nas indagações colocadas pelos alunos é que eles ainda tinham aquela visão tradicional mecanicista de que, na aula de Filosofia, o professor tem que transmitir conteúdos da disciplina para que eles possam fazer as provas.

É importante, sim, transmitir os conteúdos da Filosofia, o que era feito pelo Professor. Mas, se aprende a Filosofia refletindo sobre ela, sobre seus conteúdos. Então, a discussão não poderia ficar limitada e centrada apenas no que o Professor dizia, mas também no que elas/es tinham a dizer; sua opinião sobre o que está sendo estudado, e essa era a maior dificuldade.

Desta forma, o trabalho desenvolvido por ele tinha duas frentes, nas quais ele delimitou os seus objetivos: na primeira foi trabalhado o tema de introdução à Filosofia para os alunos dos 3^{os} anos, onde foram debatidos alguns conceitos fundamentais desta introdução; na segunda, foi amarrada a continuidade desta discussão a temas

ligados à Educação para as/os alunas/os do 4º ano e nesta reflexão ele deu prioridade para se discutir com mais profundidade os conteúdos da Filosofia da Educação. No entanto, como dissemos anteriormente, as aulas do professor eram basicamente dialógicas, seguidas dos temas propostos para seminário dos alunos, tendo como referencial teórico o livro didático adotado pelas classes para execução do trabalho. Todo desenvolvimento das aulas ocorria pela leitura dos textos e a discussão em sala de aula era orientada e direcionada pelo Professor.

Em uma dessas discussões (numa sala de 4º ano), as alunas estavam falando sobre a importância do professor na formação humana, intelectual, ética e política do homem. A discussão havia tomado outro rumo quando nos pediram para comentar sobre o assunto. Antes de iniciarmos nosso comentário, perguntamos as/os alunas/os: “quantas das que estavam ali pretendiam, de fato, assumir a docência (serem professoras)?” Numa sala com trinta alunas/os quatro levantaram a mão confirmando que iriam ser professoras. Perguntamos o porquê das outras não responderem positivamente? Muitas responderam que estão no Magistério, porque o ensino é melhor e exige mais do aluno, mas não assumem a profissão, primeiro, porque não se sentem preparadas para tamanha responsabilidade e, segundo, porque o salário é muito baixo. Pelas respostas dadas, enfatizamos nosso comentário; o porquê estávamos discutindo, filosoficamente, aquele assunto, mostrando que a Filosofia não veio para dar respostas acabadas aos problemas que elas estariam enfrentando, mas as auxiliaria na reflexão e no entendimento de como, historicamente, esse problema fundamentou a realidade da escola. A resposta deveria ser, pois, construída dentro de cada uma delas, no que pensam sobre a Educação. Colocamos também o porquê de assumirmos a docência e porque estávamos ali, naquele momento, discutindo um problema chamado O ensino da Filosofia da Educação no Ensino Normal.

Neste sentido, a Filosofia da Educação tem uma contribuição para dar na formação delas, em refletir, amplamente, sobre as questões da Educação e a realidade do ensino. Resumindo a discussão, numa análise feita com o Professor, concluímos que, como elas não tiveram essa dinâmica de refletir sobre as questões filosóficas e educacionais, sofrem com o problema da alienação, uma questão cultural em nossa sociedade; portanto, não se sentem capazes de assumir, de fato, uma sala de aula.

Diante desta realidade contraditória, o trabalho do Professor também era de resgatar esses **valores** da Educação para o ser humano, e aí estava o sentido do seu trabalho (marco do seu referencial teórico (ver Anexo VII)) que tinha como ponto de partida a Filosofia e a sua importância como instrumento “crítico” para refletir sobre as características do pensamento educacional e o ponto de chegada era a análise crítica dos alunos quanto aos determinantes históricos deste pensamento, discutindo as principais tendências e correntes da Educação e como elas influenciaram na organização política e cultural da escola, atualmente.

Dentro dessa perspectiva, ele acabava analisando também o problema político do Magistério com o fechamento do curso: quais as causas, o motivo de estar fechando, a quem beneficia esse fechamento, quais os interesses existentes e como a sociedade reage a esse processo. É um trabalho que, segundo o Professor, tentou discutir a Filosofia na “totalidade” do problema educativo:

mas para discutir essa totalidade seria necessário um tempo maior, para que fosse possível entender esses problemas na sua raiz.

Entretanto, ele trabalhou em certa medida, o que foi possível e necessário para as alunas, para o que se propuseram ser, “professoras”:

O problema é que a sociedade não enxerga ou não quer enxergar, (comenta o professor) o problema da Educação, da escola e do ensino dos seus filhos. Sendo assim, como ensinar Filosofia? Que transformação pode ocorrer se os próprios alunos questionam, porque precisam estudar Filosofia? Esse é um cenário difícil, mas nós, como professores, temos que enfrentar, caso contrário não haverá Educação que dê conta dos problemas do homem.

CAPÍTULO II

As Concepções dominantes do Ensino de Filosofia da Educação nas escolas da Região

Nesse período em que estivemos visitando as escolas, aprendemos muito com os professores e, em especial, com os alunos, e o mais importante de todo esse contato é que, para nós, foi uma experiência enriquecedora, tanto do ponto de vista teórico da produção acadêmica como do ponto de vista prático da troca de experiências sobre o Ensino da Filosofia no Ensino Médio. Conhecemos também uma realidade que até então era “desconhecida” (Sempre se falou do curso normal, mas da Filosofia da Educação como um instrumental a mais no processo de formação no curso, ainda não havia se falado), isto é, estivemos em contato com realidades, situações e concepções de Ensino diferentes. E, dentro de toda essa realidade, percebemos um fato importante para uma primeira avaliação deste trabalho; o educando do Ensino Médio valoriza muito a Filosofia, dando-lhe uma importância fundamental para sua formação, tendo-a, também, como um ferramental teórico importante – que lhe é ou foi dado a partir desse pensar filosófico – que irá possibilitar-lhe ter o conhecimento necessário para a fundamentação de sua prática. Sobre essa questão estaremos, falando mais adiante.

Cabe lembrar também que cada escola está inserida em uma realidade e, dentro dessa realidade, está a característica do trabalho de cada Professor e o ponto de vista de cada aluno. Tal fato, em primeiro lugar, é que marca a concepção de Ensino de cada Escola e portanto, influencia muito na concepção deste para nossa Região.

Porém, entre os vários temas refletidos e discutidos em sala de aula, existem pontos das atividades de cada Professor, cujas características e concepções têm muito em comum. Devido ao próprio eixo do problema constituído nessa prática (fundamentos

constituídos nos planos pedagógicos) que é a crítica aos pressupostos educacionais da política brasileira para o Ensino Fundamental e Médio, esse é um dos pontos comuns no trabalho de cada um deles.

Tendo esse primeiro instrumental teórico nas mãos para início de nossa reflexão, propusemos um questionamento para delinear os objetivos da nossa pesquisa. Partiremos do seguinte questionamento: **“Qual é a identidade da Filosofia da Educação, no contexto exposto pelos Professores, naquilo que ensinam em suas respectivas escolas?”**

A resposta para esta questão não é simples, porque ela pode partir de um pressuposto de que haveria uma linha metodológica e filosófica que os professores deveriam seguir, porém não há uma vez em que estamos falando da questão **prática** da realidade onde cada um atua. Essa resposta também será uma avaliação do trabalho que desenvolvemos no período em questão (2001-2002), que servirá também como o nosso instrumental de discussão. Portanto, trata-se de um tema relevante que nos permite refletir sobre outras *situações* que fazem parte tanto do contexto histórico Ensino da Filosofia da Educação como da realidade concreta em que a própria Educação se encontra.

Um dos eixos norteadores comum no trabalho com a Filosofia da Educação de cada Professor, é a discussão sobre os **Valores na Educação**. Questão esta que envolve todo o pressuposto metodológico de trabalho que se desenvolve durante as aulas no período letivo (Esses valores fazem parte do contexto Ético, Político, Econômico, Social, Cultural, Histórico e Educacional da Realidade escolar, onde também se trabalha a valorização do ser humano, enquanto ser que educa mas que também é educado nesta relação). Esse é um ponto fundamental – na esfera da reflexão filosófica – para a análise dos problemas da Escola, da Educação e da Sociedade, vieses que serão importantes para o educando, que está saindo do curso normal para “vivenciar” efetivamente esses problemas na sua vida prática: a docência em sala de aula.

O fato de se discutir esse tema tem um fundamento importante na crítica feita por cada Professor, porque estes estão analisando também, dentro desta questão, o problema do curso: Por que está sendo fechado? Que ideologia está por detrás deste problema? E a quem interessa o seu encerramento em nível Médio? Isso é muito importante porque faz com que os educandos, como disseram, passem a refletir um pouco mais sobre a profissão que escolheram, sendo ela analisada e discutida como um dos vários instrumentos da formação e da conscientização humana. Todavia, ela é também uma profissão desafiadora, uma vez que o que está colocado em pauta, nesse processo, é a transformação das relações humanas, relações essas que fazem parte do contexto histórico em que vivemos, e no qual os educandos vão estar inseridos. O desafio dos educandos, porém, não será de apenas interpretar essa realidade conforme as relações que nela existem mas, se possível, dentro do seu trabalho com as crianças, transformar essas relações. Portanto, essa questão dos valores tem como fator importante a *mudança* de postura do educando frente a seu modo de agir e pensar, na medida em que ele irá “transmitir” para o outro – seus educandos – o que é necessário para se entender como sujeito nessa realidade; que também tem e na qual ele participa de uma concepção de mundo (Filosofia) e uma concepção de Homem que faz e é feito pela História (Educação).

Nessa perspectiva, cada Professor insere no seu projeto de Ensino da Filosofia da Educação, a sua concepção de mundo e, paralelamente a ela, fazem a crítica as principais correntes e tendências pedagógicas que foram “criando”, no decorrer da História da Educação a identidade da escola, que tem como pressuposto fundamental dessa criação o modelo econômico de cada época. Logo, em uma sociedade capitalista, a escola será projetada de acordo com seu viés e os seus condicionamentos:

Numa sociedade dividida em classes, em que tudo depende do lucro, numa sociedade cada vez mais dominada por alguns grandes monopólios rotulados pudicamente de multinacionais para indicar que a realidade não pertence a qualquer nação, o ensino envereda por formações utilitárias, curtas, diretamente utilizáveis e rendáveis na empresa – e baratas; o patronato pondera sempre a fim de comprimir as despesas da educação. Uma especialização restrita, uma força de trabalho parcelar, reduzido a perícia indispensável. (...) O capitalismo exige que a escola lhe forme trabalhadores que saibam vulneráveis; espera-se devido à sua formação restrita que não venham a revelar-se demasiado exigentes em matéria de salários, proporcionar-lhes-ão o

mínimo possível de instrumentos intelectuais que os ajudariam a questionar o sistema – a começar pelos que nascem diretamente da qualificação dentro do trabalho.(SNYDERS, G. 1999 p.100)

Partindo de tal pressuposto, a escola atualmente tem como base desse projeto os condicionantes tecnológicos de uma sociedade que se “modernizou” rapidamente, porque o seu próprio sistema produtivo necessita destes condicionantes para sua sobrevivência no mercado. Alterar os paradigmas da escola por determinantes tecnológicos por causa das necessidades da produção e do mercado, é a maneira solipsista da sociedade política manter os padrões estruturais de uma realidade que se altera economicamente, mas não altera os padrões sociais. Sendo assim, as características da escola atualmente estão fundamentadas nesta realidade, e são o ponto central da discussão dos Professores (e é aqui que se insere a questão dos Valores).

Que escola necessita das novas tecnologias, sem dúvida não há como fugir a essa necessidade. Na medida em que as estruturas mudam, é evidente que o tecido social e a escola não poderiam estar de fora, também se adaptam às mudanças. Mas, ainda há um ponto nevrálgico em torno deste processo; a marginalização e a exclusão de uma grande maioria que está fora dela. Essa crítica é fundamental porque reflete diretamente sobre a realidade política da escola, política essa construída a partir da implantação de normas e modelos (ideologia), que serviram também para “desarticular” o Ensino da Filosofia da Educação desta nova realidade¹⁰.

Nesta reflexão, o que ficou claro para nós é que, dentro do trabalho de cada Professor, apesar dos diferentes enfoques na perspectiva colocada no seu plano de aula ou mesmo na sua prática cotidiana, uma característica é marcante, mesmo não sendo *norte* do trabalho; o Ensino de Filosofia da Educação no curso normal de nossas escolas tem como base estrutural do seu referencial teórico o “**Materialismo Histórico**” uma vez que a reflexão proposta, no centro de cada trabalho se baseia: na *crítica* aos fatos concretos da Realidade (o presente o momento histórico que a escola vive), à Educação como processo de dominação dos determinantes sociais, políticos e econômicos e à Escola como mediadora desse processo.

¹⁰ *Op. Cit.* p. 120-1.

Logo, é um trabalho de busca e de entendimento dos problemas educacionais a partir do ponto de vista **histórico filosófico**, mas que se amarra também às questões sociológicas. E, em muitos casos, o trabalho se caracterizou mais pela questão social porque (como o ponto de referência é o “marxismo” e entre aspas, porque ele é trabalhado como viés de uma crítica que transparece nas discussões. Assim ele é visto e utilizado como a base, o alicerce fundamental para a discussão mais sistematizada do problema, e também porque muitos dos professores não se colocam em uma posição marxista) a discussão, em certa medida, é sobre a Educação mas o trabalho se dá pela interpretação das instituições que determinam o contexto educacional: a família, a sociedade, a política, a realidade cultural e econômica e a religião que, material e historicamente, fundamentam e concretizam esse universo da escola.

Todavia, assumir o pressuposto marxista como fator determinante do projeto histórico e educacional para o curso é uma questão difícil na realidade em que vivemos, porque o Professor hoje é “vítima” de um duplo problema: se por um lado, como expusemos anteriormente, há escassez de aulas nas escolas, por outro, há a possibilidade de retirada da disciplina no currículo do Ensino Médio. Com o fechamento do curso, sintomaticamente, ele ficaria desempregado.

Portanto, esse marxismo “assumido” se fundamenta, necessariamente, como uma ferramenta pedagógica constituída no seu plano de aula, ponto de partida que será utilizado para se discutir também sobre os valores na Educação, uma vez que o concreto desta realidade está exposto para o aluno na base estrutural em que ele vem se formando. E, mesmo com o referencial marxista presente no seu trabalho, este diverge de sua concepção de vida, ou seja, o Professor assume o seu lado “liberal”, religioso, político e ideológico, como todos nós assumimos. Por outro lado, ainda é necessário fazer a crítica às questões educacionais, à marginalização social, aos preconceitos raciais e sociais, a exclusão social e educacional, a valorização da escola como um projeto humano. Mas é necessário, primeiramente, garantir o emprego e é aqui que esbarra o problema da Educação.

A discussão sobre este fato é importante. Contudo, para que pudéssemos expor o que dissemos, acima partimos de um pressuposto fundamental; a experiência de cada Professor na relação com seus Alunos, isto é, os dados objetivos de nossa

investigação e, conseqüentemente, a conclusão a que chegamos, são parte de um conjunto de questões que fizemos para dialogar com estes. E como percebemos nas respostas dadas acima, como se fundamenta esta relação entre ambas as partes no processo ensino/aprendizagem para finalizar esse trabalho. Neste sentido, o objetivo central da nossa investigação foi direcionar nosso objeto de pesquisa ao que estávamos investigando: **a Concepção do Ensino da Filosofia da Educação no curso normal**, uma vez que nossa preocupação era entender também como o educando avalia e recebe esses conteúdos que são transmitidos para ele durante o seu período de formação. Porém, o curso em questão também vem sofrendo um desgaste contínuo, embasado pelas políticas educacionais, sendo questionado quanto a sua validade no Ensino Médio, principalmente pelos estudantes que querem ou estão ingressando na “carreira” docente. E para enriquecermos esta discussão, levamos alguns questionamentos, neste estudo de caso, para dialogar com professores e alunos que foram as seguintes:

- 1 O que o Professor leciona em Filosofia da Educação para o curso de Magistério? e como os alunos avaliam esse trabalho?
- 2 Dentro das temáticas trabalhadas, o conteúdo para a discussão abrangia mais as questões filosóficas ou históricas? ou há uma mescla das duas idéias para uma reflexão mais sistematizada do fenômeno educacional?
- 3 Que metodologia é utilizada para exposição dos conteúdos (a práxis pedagógica)?
- 4 Há uma bibliografia específica de trabalho, livro adotado, textos filosóficos sobre a educação?
- 5 Dentro da reflexão trabalhada, como amarrar a questão da Filosofia da Educação com o Magistério, ou seja, quais as críticas levantadas quanto à questão do fechamento do curso, por exemplo: para os alunos do Ensino Médio?

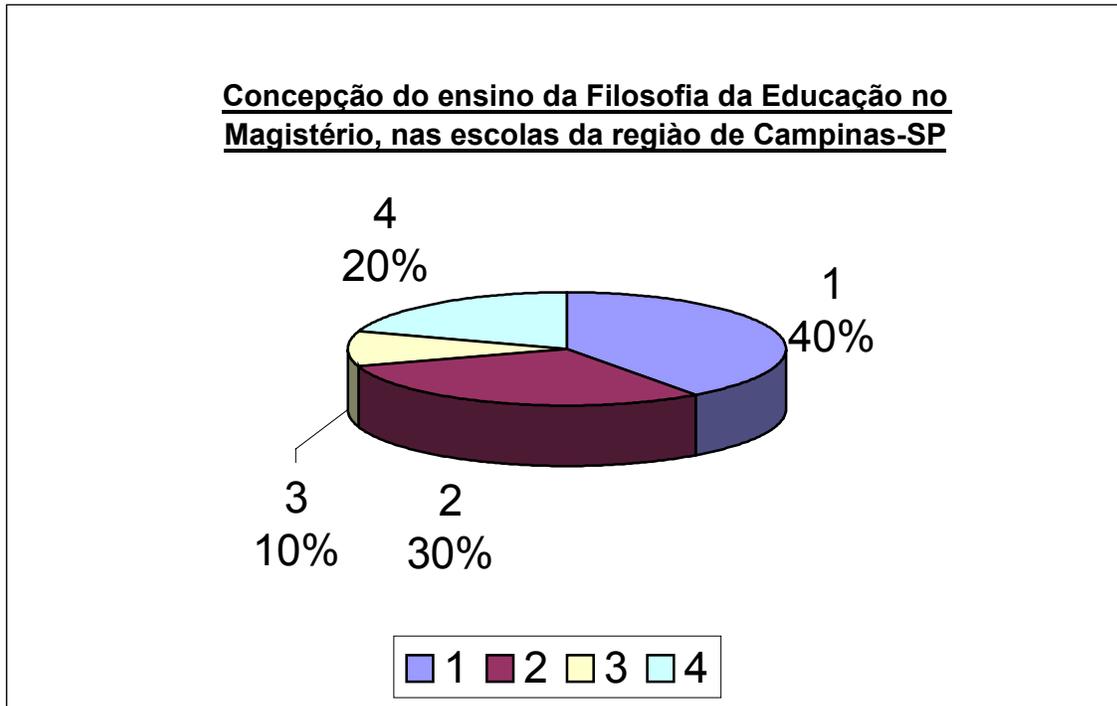
As perguntas que propusemos não tinham como objetivo o direcionamento da resposta de Professores e Alunos. Pelo contrário, elas serviram para a abertura do diálogo, para que cada um expusesse o seu ponto de vista e para nós isto foi muito enriquecedor. Neste sentido, a pesquisa não ficou restrita apenas à entrevista com os Professores e Alunos, porque estivemos em visita a todas as Escolas por vários dias

(exceto as duas Escolas iniciais, expostas acima e como dissemos, que serviram de base para a organização do nosso projeto), conhecendo o trabalho de cada Professor, participando das suas aulas e, em muitas vezes, nos envolvendo nos debates. Foram estas visitas no encontro com as turmas, ou seja, no nosso envolvimento com eles, que os motivaram a expor as suas idéias e o que pensam sobre a Filosofia da Educação.

Dessa maneira, o que tiramos de concreto dos diálogos serviu-nos para compreender as perspectivas do Ensino da Filosofia da Educação no curso normal. Contudo, como chegamos à nossa conclusão? Fizemos um levantamento a partir das respostas dadas, para organizar, de forma sistematizada e “geral”, quais são as concepções que são trabalhadas dentro da característica de trabalho de cada professor e, como dissemos anteriormente, o **materialismo** (na medida em que se analisa o concreto da realidade educacional) é o pressuposto, a identidade preponderante dentro de todas as características.

Mesmo existindo esse viés materialista, alguns conceitos da Filosofia estão amarrados a essa perspectiva. Há, portanto, uma média percentual que apresentamos abaixo como os eixos norteadores da atividade de cada Professor (ver Quadro 8) que caracterizam os pontos importantes dessa concepção. Mostramos agora os dados deste trabalho, de forma estatística, de como ele se fundamenta, na característica geral de organização metodológica das atividades propostas pelos Professores:

(Quadro 8)



No item n.o 1: Em algumas Escolas, os Professores trabalharam ou trabalham com uma Introdução à Filosofia (Conceitos básicos), principalmente os Professores que lecionam ou lecionaram com as turmas de 3º ano, que não tiveram nenhum contato ou “nunca” estudaram a Disciplina. Essa Introdução servirá, pois, de alicerce, metodológico, para as discussões mais sistemáticas do fenômeno educacional que se seguirão no 4º ano.

No item n.o 2: Os Professores trabalham sobre as principais correntes e tendências pedagógicas da Educação brasileira (reflexão histórica) para a discussão do viés educacional na atualidade e como ele se relaciona com as concepções que surgiram no decorrer da história .

No item n.o 3: Trabalhou-se a Filosofia da Educação a partir do ponto de vista Fenomenológico, ou seja, a Educação é um processo que se inicia no sujeito e que se objetiva na realidade. A essência dela está no ser da educação (o homem), logo, ela é um fenômeno que acontece subjetivamente. Em alguns casos, essa subjetividade se dá a partir do ponto de vista cristão; a valorização do humano se dá na valorização do outro .

No item n.o 4: Em alguns casos da reflexão, os Professores trabalham o fenômeno educacional a partir da raiz epistemológica, ou seja, a Educação é também uma atividade científica investigativa porque é rigorosa e requer métodos e processos para uma atuação correta. E sendo interpretada desta forma, ela deve ser analisada e discutida também a partir dos conceitos científicos e racionais, uma vez que o conhecimento se dá na relação homem e objeto.

Não estão colocados neste gráfico (por questão de formalização do mesmo, devido ao percentual de cada item), três itens fundamentais de todo esse trabalho, porque são trabalhados por todos os Professores o que dá uma média de 100% da reflexão de cada um:

Item 5: A importância da Filosofia da Educação no processo de formação do futuro educador. Conceituação da Educação, a partir da **Valorização** do homem. Portanto, ela (educação) não é só técnica, (positivista/mecanicista) mas também humana. E é por essa visão positivista da Educação que muitos estudantes deixam o curso partindo para um outro campo do saber e da Ciência.

Item 6: Estudo dos conceitos éticos, políticos, econômicos, culturais e sociais da Educação brasileira. Aqui se fundamenta a questão dos Valores na Educação, uma vez que não existe na Escola, na atualidade, a valorização do ser humano, que ainda sofre com uma educação marginalizadora.

Item 7; Estudo das tendências educacionais com base no Materialismo Histórico, ou seja, crítica à realidade educacional, tendo como eixo dessa crítica a História da Educação. Se a Educação é projeto humano produzido a partir das condições materiais efetivadas na relação homem-natureza, neste sentido, ela deve se concretizar na realidade (a Educação se objetiva na realidade) o que irá fundamentá-la como transformadora desta.

O que podemos perceber, no trabalho realizado pelos professores da Filosofia da Educação, é que o ponto de partida da reflexão, da crítica aos conceitos educacionais, do plano pedagógico de Ensino era a História, como organizadora das principais correntes do pensamento educativo, para ter como ponto de “chegada”, o objetivo desta análise, a Educação concretizada atualmente em nossa realidade. Como o pensamento filosófico é construído, historicamente, através da ação humana na

realidade, analisar o contexto pedagógico que está concretizado nesta realidade é, de certa forma, a maneira de se fazer a crítica às ideologias que este sobrepõe ao contexto social do homem. O objetivo, no sentido de refletir sobre essas condições materiais da história educacional, tinha como viés pensar em um “novo” modelo de Educação em que fossem trabalhadas as condições humanas como questão fundamental, em relação à Educação técnica. O curso normal, por exemplo, é um curso de formação “técnica”, no entanto, o trabalho dos professores tinha um direcionamento, na perspectiva do curso: o de “revalorização” do ser humano como o agente formador do novo pensamento educativo, na medida em que esse *novo* estava ligado, também, às condições sociais dos alunos que vão iniciar uma “prática transformadora.”

Todavia, qualquer ação transformadora tem como fundamento a práxis, porém essa mesma práxis era um “pressuposto” que perpassava a reflexão dos professores. Ela não aparece como um instrumental teórico e prático no seu plano pedagógico. Isso porque alguns professores trabalham o materialismo como uma tendência pedagógica amarrada à sua análise que servirá, portanto, de crítica às tendências e correntes constituídas na Educação. Entendia-se essa “ferramenta pedagógica”, dentro da reflexão trabalhada, como um possível **processo transformador das questões educacionais**, como foi exposto pelos alunos nos diálogos que com eles mantivemos, nos períodos de visitas.

Essa mesma práxis nós a entendemos como uma concepção de mundo, ou seja, uma Filosofia, que tem como fundamento a transformação radical das relações sociais, tanto no processo do agir como do pensar, que se concretiza também na transformação da realidade, entendida pelos educandos como a única maneira de mudar a consciência das pessoas (nesse caso das crianças), para “lutarem” por uma sociedade mais justa. Nesta perspectiva, ao passo que ela é um viés na reflexão e na prática metodológica dos professores, ela tem uma “sobrevida” – é impossível fazer a crítica às questões educacionais, quando se está analisando este fato, a partir do Materialismo, se às questões teórico-práticas não estejam amarradas no sentido de constituir uma ação crítica e transformadora deste fato – e adentra no plano pedagógico dos professores, como esse ferramental para entender criticamente o contexto histórico atual do fenômeno educativo.

E, sendo a idéia de transformação da realidade e da educação uma constante na reflexão dos alunos, percebemos que, por detrás desta “concepção crítica”, existe também uma contradição, que é real e faz parte das condições econômicas e sociais da realidade educacional do nosso país. O problema está justamente em como levar essa transformação – essa práxis transformadora – para a realidade. Ou seja, no que é ensinado em Filosofia da Educação para as/os alunas/os do curso, o referencial teórico que lhes é transmitido tem como fundamento, **a análise crítica e reflexiva dos problemas ligados à realidade da escola**, para uma discussão mais coerente desses problemas, como das questões educacionais, que foram construídas historicamente. E como a “Educação” sempre esteve voltada para as necessidades objetivas do capital, a escola sempre valorizou esse determinante econômico. Neste sentido, a crítica parte desse pressuposto, sendo o objetivo desta a transformação da realidade educacional. Para as alunas, como muitas nos disseram, essa transformação deve começar pela base (pelo Ensino Fundamental); é aqui, entendemos, que está o fundamento da práxis (o seu futuro nas mudanças de concepção de uma realidade que ainda é excludente), na relação, não só educativa como na afetiva, com as crianças. Mas, no momento em que essa práxis deveria se tornar prática, de mudança das relações sociais para as relações humanas, ela se revela ser ainda teórica. Poucos são as/os estudantes do curso normal que, ao terminarem o curso, irão estar de fato atuando em sala de aula.

Das sete escolas que visitamos, nesses dois anos, estivemos em contato com realidades, situações e sonhos diferentes. Neste período, conhecemos uma média de **500** estudantes distribuídos em salas de terceiro e quartos anos. Desta média, estivemos em contato mais próximo com **20** estudantes com quem mantivemos diálogos mais abertos tanto, dentro como fora da sala de aula; trocamos experiências e conhecemos o que aprenderam e como avaliavam o Ensino da Filosofia da Educação (expusemos esses diálogos acima). E como temos experiência em sala de aula, convivendo com estudantes das periferias, é muito comum este não querer se expor ou dialogar com outra pessoa ou expor o seu ponto de vista (o que aconteceu em muitas das escolas visitadas); quando muito, apenas dialoga com o Professor, e em exposição de trabalhos. Isso ocorre por vários motivos, desde a timidez, comum na adolescência,

até a vergonha de não saber o que falar. De todos esses estudantes, calculamos que, em média:

- 25% deles, ao saírem do Ensino Médio (curso normal), assumem a docência; os que não a assumem não o fazem, devido, às condições econômicas (baixos salários), sociais (a violência nas escolas), culturais (desorganização familiar) e até ideológicas (o aluno não se sente preparado para estar dando aula). Por isso, acabam desistindo de continuar nessa profissão.
- 20% deles, em média, continuam os estudos em nível Superior (Pedagogia, Normal Superior, Letras, etc.)
- 55% param no Ensino Médio ou dão continuidade aos estudos fazendo, cursos técnicos profissionalizantes em outras áreas, fora da Educação.

Numa realidade contrastante como a exposta acima, para as perspectivas para a Educação e como a escola hoje se diz ser “democrática”, por que muitos ainda estão fora dela ou, quando muito, desistem de continuar a caminhada? Se queremos transformar a realidade, não deveríamos começar transformando a Educação, quando a entendemos como um projeto humano? E o que acontece em nossa realidade, no entanto, é o **afunilamento** do sistema de Ensino, deixando a maioria de fora e uma minoria dentro do processo de “aquisição” do conhecimento. Porém, se ela é um produto deste projeto, quem deveria organizá-la não é o próprio ser humano, cujo objetivo seria a construção de uma nova realidade?

É nesta reflexão que entendemos que o sentido da práxis se mantém na teoria e onde está a contradição, porque todos sabemos ser necessário haver a transformação – que necessariamente não precisa começar na sala de aula, mas pode ser trabalhada em outras atividades que envolvam as pessoas nesta prática – mas muitas vezes não sabemos como fazê-la. No entanto, esse problema que expusemos, está no próprio processo de formação do educando ou da forma como a realidade vem se organizando?

Acreditamos que a resposta para a questão está no processo de organização da sociedade. Como a **sociedade política** – por ser um aparelho ideológico organizado historicamente nas relações de produção – sempre quis manter a sua hegemonia, para

manter os aparelhos de dominação, sobre a **sociedade civil** em “evolução”, com as transformações ocorridas no mundo, essa estrutura ideológica também altera sua concepção de dominação, amarrando-a à questão educacional. As relações humanas vão se transformando, historicamente (**Basbaum**, 1977 pg 81-2). A escola de ontem não é a mesma de hoje e nem será igual à do futuro. E ela não poderia ser. O Educador da Filosofia da Educação e o das Ciências Humanas estão isolados nos limiares do Ensino, travando uma luta consigo mesmo. Ou seja, na medida em que transmite os conteúdos da Filosofia da Educação para os alunos, porque sabe da sua importância no processo de formação destes, ele tem que se esquivar às pressões administrativas e burocráticas, se é que isso lhe daria alguma garantia de emprego. Neste divisor de águas se discute sobre as questões da inter e transdisciplinaridade, mas essa linguagem ainda é estranha para muitos Educadores, o que justifica o “isolamento” das Ciências Humanas.

As conseqüências dessa situação também adentram ao universo político. Há alguns meses atrás estivemos lutando no congresso nacional (por uma causa, que já era ganha, mas estamos perdendo devido a esse “isolamento” do professor das Ciências Humanas), pela inclusão definitiva da Filosofia e Sociologia nos currículos do Ensino Médio uma vez que a LDB vigente veio concretizar os interesses de uma Educação elitista. E, neste sentido, as disciplinas são colocadas como “optativas” no currículo das escolas, portanto, elas não precisam ter o teor de obrigatoriedade, tornando-se uma disciplina a mais na grade curricular do Ensino Médio, mas que podem ser trabalhadas como temas inseridos na transversalidade. Isso porque, no sentido colocado pela lei para a prática da reflexão filosófica, na viabilização legal do processo, o aluno precisa ter o “domínio” deste conhecimento (o que é necessário para sua prática cidadã) e não conhecê-lo em uma totalidade maior¹¹. Mas, devido às características do nosso sistema político, a imposição burocrática das elites que controlam econômica, social e culturalmente a nossa realidade, por falta de uma transparência política para o que se quer e espera da Educação, nossa luta sofreu uma

¹¹ Ver LDB in: PCN Ensino Médio, 1999 pg. 46 Art. 36 Parágrafo 1 Inciso: 3

derrota; o **veto presidencial**¹², que deixou visivelmente claro que tipo de Educação está consolidada para a realidade da população.

Essa *luta* não pode parar, e esse é o nosso objetivo enquanto Educadores. Devemos continuar com ela dentro da sala de aula, junto com os educandos, retransmitindo esse problema para eles, para que possam repassar para a sociedade, para as pessoas de sua convivência o tipo de Educação (modelo) que está inserido no nosso contexto histórico.

“Nas batalhas políticas desse fim de século, **Konder** (1992 p. 115) (e provavelmente também ao longo da “guerra” que vai continuar a se travar no começo do próximo século), as possibilidades de uma práxis eficaz vão depender, em decisiva medida, da capacidade das forças de esquerda de assimilarem os valores do pluralismo(o grifo é do autor), que há tantas décadas têm estado entregues a habilidade dos liberais. O resolutivo reconhecimento da necessidade de pontos de vista diversos, de tendências distintas, de correntes diferentes, de espaço assegurado para a expressão dos esforços de compreensão e transformação de uma realidade inesgotável (de um real irreduzível ao saber) não é uma concessão que a esquerda deve fazer ao liberalismo burguês: é o único meio que a esquerda dispõe de evitar o entorpecimento do seu pensamento e a deformação da sua atuação transformadora.”

Refletir sobre a ação educativa é, pois, o viés fundamental na luta dos educadores. E é aqui que se encontra a base de discussão dos Valores na Educação, uma vez que já existem “Valores” em nossa realidade, mas que fazem parte do sistema econômico vigente e que, em certa medida, já têm projetado para a escola, dentro da sua ótica, quais são as perspectivas para o seu modelo educacional no qual a população vai estar sendo “beneficiada”. Não podemos dar as costas para um problema que é fundamental para o futuro da Educação no nosso País, principalmente quando estamos analisando a política educacional. O exemplo é o próprio veto presidencial à lei do Dep. Padre. Roque que, de certa forma, “garante” que o ensino da Filosofia nas escolas tenha continuidade no processo de formação, não pelo fato de ser uma

¹² Ver anexo VIII.

disciplina a mais nos currículos, mas para trabalhar questões fundamentais, que os próprios estudantes entendem ser necessárias¹³.

Para entender os desdobramentos dessa realidade exploradora, os educadores da Filosofia e da Filosofia da Educação, devem levar essa discussão para a sociedade – a Identidade da Filosofia da Educação se sedimenta nesta ótica; na contextualização feita pelos Educadores sobre os problemas reais da educação em nossa realidade – mostrar os problemas reais que hoje fazem parte da escola, o que não é um problema exclusivamente dela mas de o todo tecido social que a envolve. A escola é o reflexo de tudo o que acontece em sua volta. Portanto, esse problema faz parte de uma totalidade. Porém, se ela é um produto social, quem deveria equacionar esses conflitos (escola e realidade) e projetar uma escola conforme suas necessidades reais é o próprio corpo social e não o corpo político, como acontece, porque já está claro que modelo educacional é projetado por esse corpo para a escola.

Esse é o objeto central de uma discussão que dá sentido aos novos meios de lutar a favor do que é nosso ferramental: *mudança* à Educação. Lutarmos hoje pela derrubada do veto, por exemplo, é a maneira que temos para mostrar à sociedade civil que nós, Educadores da Filosofia e das Ciências Humanas, estamos “vivos” e que temos ainda muita contribuição para dar à organização de uma realidade que espera por justiça, democracia e liberdade.

I – Contribuições de uma proposta dialética para o Ensino da Filosofia da Educação

*... a doutrina materialista sobre a alteração das circunstâncias da educação esquece que as circunstâncias são alteradas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado. Ela deve, por isso, separar a sociedade em duas partes – uma das quais é colocada acima da sociedade. A coincidência da modificação das circunstâncias com a atividade humana ou a alteração de si próprio só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como **práxis revolucionária**. (MARX, K e ENGELS, F. 1999 p.12)*

Partindo da afirmação de Marx, percebemos que a Educação está diretamente relacionada à História humana, por ser o próprio homem que altera as circunstâncias em que vive. Portanto, ela é um fenômeno social e político, que se transforma, na

¹³ Ver Anexo IX

medida em que esse homem, no seu desenvolvimento histórico de aprendizagem, vai adquirindo todo o conhecimento necessário para reflexão de sua prática na realidade (o que fora exposto acima), elevando, assim, a sua potencialidade crítica e criadora para efetivar uma ação cujo fundamento será à realização e a transformação plena do seu contexto.

Como dissemos anteriormente, a Educação não tem como ponto de partida a mudança¹⁴, mas auxilia na formação do homem para a concretização desta. Ele é o produtor da mudança. A Educação torna-se, para ele, um dos meios para chegar a esse fim, ou seja, ela tem a função de ser transformadora, na medida em que Educador e Educando se colocam como agentes desta ação. Tal mudança ocorre no processo de produção da História, uma vez que é o homem que a produz. Neste sentido, seu ponto de partida será a própria condição histórica da realidade humana, em sua interação com a sociedade, interação essa existente entre homem e a natureza, já que tais circunstâncias fazem parte desta relação.

O ensino, sendo o fenômeno de interação entre os seres humanos, tem uma função importante na formação da consciência do homem; seu papel é o de proporcionar a este a conscientização da concepção de mundo em que vive. E é precisamente neste ponto que entendemos que a dialética¹⁵ é uma ferramenta fundamental do pensamento filosófico, para se discutir a questão do ato de ensinar. A dialética, como método de análise da prática educativa, pode se tornar um dos fios condutores necessários para que o homem tenha a possibilidade de refletir sobre a realidade histórica no qual está inserido. Todavia, para que este objetivo seja, de fato, efetivamente construído na História humana, tivemos a preocupação de entender também a função dos principais autores desta causa: os **Educadores** e os **Educandos**. O educador, como nos diz Marx (1999), também se educa no envolver-se das relações

¹⁴ O sentido que colocamos aqui para a palavra “mudança”, uma vez que o termo possibilita a abertura de vários questionamentos e indagações, pois eles têm diferentes significados, está ligado ao sentido prático desta ação, ou seja, é possível mudar a realidade quando não só a interpretamos, mas quando nos utilizamos deste mecanismo para efetivar à transformação. Ela se transforma quando a teoria (o que está sendo ensinado) é colocada na prática.

¹⁵ **MARX** afirmava, portanto, a exigência de fazer a Dialética passar da abstração à realidade, do mundo fechado da “consciência” ao mundo aberto da natureza e da história. A mistificação, escreveu ele, que a Dialética sofre nas mãos de Hegel não impede de modo algum, o fato de ter sido ele o primeiro a descrever suas formas gerais de movimento de modo abrangente e claro. Em Hegel, a dialética está na cabeça. É preciso virá-la de pernas para o ar e descobrir o cerne racional no envoltório místico. **MARX** Karl, in Nicolau **ABBAGNANO**, 2000 pg. 274

humanas, portanto, ele também é um ser social inserido em um contexto analisado por si mesmo e que faz parte de sua realidade.

Por esse motivo, na sua ação de educar, ele não só é o agente desta, mas é também o ser que sabe ouvir o que o educando tem a dizer. E, nesta relação, ele também aprende com ela.

Se o educador, entendido dessa forma, é o intelectual de uma determinada massa, mas que também é determinado por ela, sua função, dentro deste contexto, será trabalhar a consciência do futuro educador para a sua formação intelectual, cuja função será também “conscientizar” o homem para a construção de uma nova realidade, em que esteja consubstanciada também a sua concepção de mundo. O trabalho dos professores de Filosofia da Educação, de certa maneira, vai a esse encontro; em contribuir na formação crítica e racional do aluno. Neste sentido, no que vai consistir “Ensinar Filosofia da Educação” para a formação deste intelectual?

- Primeiro: *No ensino da filosofia dedicado não a informar o aluno sobre o desenvolvimento da filosofia passada, mas a formá-lo culturalmente, para ajudá-lo a elaborar criticamente o próprio pensamento e assim participar de uma comunidade ideológica e cultural, é necessário partir do que o aluno já conhece, da sua experiência filosófica* (o grifo é nosso) *(após ter demonstrado que ele tem uma tal experiência, que é um “filósofo” sem o saber). E já que se pressupõe uma certa média intelectual e cultural nos alunos, que provavelmente não tiveram ainda mais informações soltas e fragmentárias, carecendo de qualquer preparação metodológica e crítica, não é possível deixar de partir do “senso comum”, em primeiro lugar, da religião, em segundo, e, só, numa terceira etapa, dos sistemas filosóficos elaborados pelos grupos intelectuais tradicionais.* (GRAMSCI, A 2001 p.119 (vol.1)).

Tendo como pressuposto fundamental a concepção gramsciana como referencial teórico da nossa reflexão, é que fomos buscar uma identidade possível para o trabalho com Filosofia da Educação. E, em se tratando do curso normal, esse ensino deveria levar em consideração estas questões: dar subsídios para que o educando se reconheça como intelectual, que faz parte de um contexto histórico e que deve traduzir para a massa os problemas vigentes ao seu processo de alienação, processos esses que foram construídos historicamente. Logo, a idéia central não é pensarmos que será possível eliminar o senso comum da realidade, por ser um fato construído na história e na cultura popular. Mas sim entender os seus mecanismos de manutenção (ideologia); porque eles se mantêm e proliferam na realidade. Neste sentido, entendendo esses

mecanismos, “poderíamos” elevar a consciência dos seres humanos (e no nosso caso, estamos falando do Ensino da Filosofia da Educação) no sentido de atingirem o “bom senso.”

- Segundo; mostrar, na prática, que a teoria é essencial, mas uma desvinculada da outra se tornam ineficientes:

O homem ativo de massa atua praticamente, mas não tem uma clara consciência teórica de sua ação, a qual, não obstante, é um conhecimento do mundo na medida em que o transforma. Pode ocorrer, aliás, que sua consciência teórica esteja historicamente em contradição com seu agir. É quase possível dizer que ele tem duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória): uma, implícita na sua ação, e que une a todos os seus colaboradores na transformação prática da realidade; e outra, superficialmente explícita ou verbal, que herdou do passado e acolheu sem crítica. (Op. Cit. P.103)

O ensino deve ser, pois um contra-discurso à ideologia de uma educação utilitária e tecnicista que privilegia o prático como critério de formação, e reduz o pensamento humano apenas ao que é necessário para a condução prática da sociedade, tornando o homem, uma máquina; “alienado” de seu contexto histórico e que não se “reconhece” como sujeito histórico que deveria participar dos acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais de sua realidade.

- Terceiro; mostrar que toda ação humana é objetiva e concretizada na história, e que esta objetividade altera as relações humanas, de produção, a sociedade, o modo de pensar, enfim, transforma a totalidade das coisas. O fato de transformar pressupõe que a relação existente entre o pensamento e os acontecimentos cotidianos (teoria e prática) são fatores ligados à ação política do homem na medida em que este se reconhece como ser político¹⁶. E este reconhecimento ele adquire no seu aprendizado, na troca, no diálogo, que faz com seu educador. Assim sendo, o Ensino da Filosofia da Educação é político quando, no projeto de sua prática, no interior de seu fundamento teórico, tenha como pressuposto a idéia da mudança:

A educação, não precede a revolução. Quando muito, caminha ao seu lado. Os intelectuais jamais estão à frente da mudança social. (...) A elevação do nível cultural das classes trabalhadoras, deverá realizar-se apenas com a conquista de sua emancipação política. A educação consolidará essas conquistas pela união do

¹⁶ Cf. SEVERINO, A Joaquim 1986 p.XIV.

trabalho produtivo com o ensino intelectual, o exercício físico e o aprendizado politécnico. O homem que trabalha não só com a mão mas também com o cérebro tornou-se consciente do processo que desenvolve, dominando o instrumento que utiliza e não sendo dominado por ele. (o grifo é nosso) (GADOTTI, M. 1992 p.57 e 59)

Não será, então, o Ensino de Filosofia da Educação que irá consolidar a emancipação política do indivíduo. Mas, pode sim, se tornar um dos instrumentos para efetivar esse processo na realidade. A educação torna-se um viés político, a partir do momento em que o homem, no processo de sua formação, toma consciência de que a sua ação na sociedade pode levar à transformação desta. Nesta ação, o ensino se faz como troca de experiências entre educador e educando (fato que percebemos também nas visitas às escolas onde já existe, de certa forma, um trabalho de amadurecimento intelectual dos alunos), e ambos têm uma importância fundamental para a construção deste processo histórico de transformação do contexto social.

Mesmo o ensino sendo utilizado, atualmente, para suprir as necessidades da atividade técnica, valorizando as questões práticas para a formação humana, não queremos aqui fazer críticas ao ensino técnico, pelo contrário, estamos fazendo sim uma crítica ao processo de desestruturação da formação humana dentro do contexto educacional atual. Neste sentido, o ensino técnico poderia estar ligado à formação reflexiva e crítica, como Gramsci (2001) propunha a Escola unitária. O problema é que com a “implantação” do modelo educativo em questão, o Ensino da Filosofia da Educação e o das Ciências Humanas, como um todo, ficaram “reduzidos” a uma análise *formal* da história do pensamento e, conseqüentemente, o empobrecimento intelectual do processo de formação do futuro educador¹⁷. Da mesma forma que a análise sobre o fenômeno educativo, também se tornou uma questão “formal”.

O curso normal é entendido como um curso técnico, mas um curso que está desvinculado das necessidades do mercado, uma vez que este precisa de pessoas para serem “inseridas” nesta realidade técnica produtiva. Nesse “novo” ponto de vista, o

¹⁷ A tese de que em uma sociedade “globalizada”, para ser competitiva, é necessário o enxugamento da máquina. O mesmo vem ocorrendo na educação: a escola, para ser competitiva e ao mesmo tempo moderna, precisa “reduzir” o seu quadro curricular, por isso a Filosofia vem perdendo seu espaço. Essa ideologia da redução do currículo e modernização do projeto pedagógico impregnou-se em todas as escolas, e em muitas delas a Filosofia foi retirada do seu quadro curricular. Não é à toa que o trabalho dos professores se torna rarefeito, sendo passado apenas o conteúdo formal da Filosofia (uma cultura filosófica), no que é possível para uma análise mais substantiva da questão educacional.

objetivo da escola passa a estar voltado para as necessidades do mercado. Por outro lado, o trabalho com a Filosofia da Educação, como constatamos, não fica reduzido apenas a esta análise formal da questão educativa; de retransmitir uma educação pragmática voltada para a necessidade prática do homem.

O trabalho com a disciplina nas escolas, em que o curso normal está ainda em atividade, também vem dando sua contribuição para a estruturação de uma sociedade que necessita de mudanças; resgatando os valores que deixaram de existir com a divisão da sociedade em classes. É por esta via que entendemos que o Ensino da Filosofia da Educação tem, em seu fim último, o de elevar a consciência humana para a construção de uma realidade onde prevaleça a justiça, e que o homem possa descobrir por si mesmo as suas potencialidades de superar a dominação, que está inserida neste contexto.

Logo, para se chegar à concepção de ensino dialético para o curso, levamos em conta, em primeiro lugar, o que se ensinou em Filosofia da Educação, o trabalho do Professor em sala de aula, pois é este que esteve presente em todo o momento da nossa investigação. Nesta realidade, cada Professor tem a sua concepção de mundo, como pudemos observar, que também é retransmitida ao seu aluno, para que possa construir a sua prática e se reconhecer como sujeito cuja função é ser educador. Estamos falando, de quem está formando para si a sua concepção de mundo, para retransmiti-la aos que mais necessitarão deste conhecimento; às crianças do Ensino Fundamental. E por ser a história um produto humano, essa produção deve começar na educação básica, que será o alicerce real da formação de uma nova consciência.

A Filosofia da Educação, tem dado uma contribuição importante, no processo ensino/aprendizagem; ela é uma das disciplinas que vêm auxiliando os alunos no desenvolvimento de sua reflexão crítica e criadora, pois, a partir de uma outra visão de realidade, trabalhada pelos professores, estes começaram a entender que educação faz parte do processo histórico, que está ligada às questões políticas, econômicas, sociais e culturais da sociedade. De certa forma, essa formação crítica tem um viés fundamental; de formar para a práxis transformadora, porque já estão colocados na base desta discussão os problemas reais da educação e do homem no mundo. A dialética é uma proposta a mais dentro do que já está sendo trabalhado. Ela seria o

momento *teórico* dessa práxis, é uma Filosofia cujo princípio é ser “organizadora” da racionalidade humana, que se realiza na realidade, deixando de interpretá-la para transformá-la concretamente. Portanto, esse processo de transformação se inicia *na* formação da criança e será concretizado no mundo.

Muitos ainda questionam e criticam sobre o sentido de se ensinar Filosofia na escola. A antítese deste processo está na própria realidade empírica que apresentamos. No entanto, para aprofundarmos mais esse fato, discutiremos no próximo item a sua importância para o nosso contexto histórico, no qual pode ser trabalhada uma nova concepção de mundo.

II. Por que ensinar Filosofia da Educação?

Cada povo tem um processo de educação pelo qual transmite a cultura, seja de maneira informal ou por meio de instituições como a escola. No entanto, nem sempre o homem reflete especificamente e de maneira rigorosa sobre o ato de educar. Muitas vezes a educação é dada de maneira espontânea, a partir de senso comum, repetindo-se costumes transmitidos de geração para geração. (ARANHA, M.L. 1996 p.108)

Um preconceito muito comum que está enraizado na consciência das pessoas, por se tratar de um fato que hoje é “cultural”, é o de questionar qual é a **utilidade** da Filosofia e no que ela consiste para resolver e suprir as necessidades práticas e imediatas da realidade¹⁸. Outro fator, contrário à idéia exposta, é associar o Ensino da Filosofia da Educação ao desenvolvimento crítico do homem. Está claro que, para ser crítico não é necessário estudar Filosofia se, de certa maneira, as pessoas já “analisam” os fatos e os acontecimentos do seu dia-a-dia, criticamente. O que colocamos aqui, como pressuposto da discussão, é que esta crítica pode ser fundamentada de maneira consciente, sistematizada, coerente, lógica, etc., eliminando dela todas as questões que habitualmente são discutidas no senso comum de maneira fragmentada, solta, sem coerência lógica e racional¹⁹. Neste sentido, a discussão filosófica partiria do ponto de vista crítico, porque a criticidade é o fundamento da reflexão de todos os homens; independente da sua concepção de mundo ou não. Porém, para que essa crítica seja o objeto orgânico de uma nova concepção de mundo, estes já devem ter tomado

¹⁸ Cf. **Op. cit.** p. 108.

¹⁹ Cf. **Op. cit.** p. 108.

consciência de sua importância para a sociedade. Segundo Gramsci (2001): “É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a Filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos.”²⁰

Entretanto, essa dinâmica de direcionar o objeto da análise de maneira crítica, pode se tornar uma constante na vida das pessoas, o que nos coloca frente aos objetivos de uma prática pedagógica para a Filosofia da Educação. Assim, não há um fim, uma meta a se chegar quando se propõe ensiná-la, ela é também uma constante e faz parte da nossa vida, como pode vir a ser na vida de quem se propõe a entendê-la como fonte de organização do pensamento (neste caso, estamos nos remetendo aos estudantes que têm contato direto com o Ensino da disciplina). Da mesma maneira, ocorre na organização da vida humana. O homem não tem um fim em si mesmo, (não estamos colocando este “fim” no sentido biológico, é evidente que o homem sofre as transformações do tempo, mas no sentido filosófico, na organização do pensamento, este que irá se manter na História) ele é um “produto” histórico concretizado na natureza, que também é transformada quando sofre a sua intervenção.

Na sua ação como agente transformador da realidade, o homem efetua essa transformação, por necessidades econômicas e sociais, sem perceber que nesta ação, também promove a transformação das relações humanas. Sua função política, entretanto, como formador de opinião, será o de elevar a consciência dos membros, para formarem o bloco social que seja, organicamente, coeso no sentido de estarem refletindo, criticamente, sobre o contexto em que vivem, é aí que estaria a concepção gramsciana de intelectual. Se todos somos “filósofos”, o ensino da Filosofia da Educação pressupõe a formação deste intelectual que, necessariamente, não precisa se reconhecer como um filósofo, mas que tenha a convicção que a Educação é um fenômeno social constituído na História, que é feita por e com ele²¹.

²⁰ Antonio **GRAMSCI**, Cadernos do Cárcere, p. 93 (Vol. 1)

²¹ “Cabe à filosofia (ARANHA, 1996 p. 108), entre outras coisas, examinar a concepção de homem que orienta a ação pedagógica, para que não eduque a partir da noção abstrata de “criança em si”, de “homem em si”. Da mesma forma, não há como definir objetivos educacionais se não temos claros os valores que orientam a nossa ação. O filósofo deve avaliar os currículos, as técnicas e os métodos a fim de julgar adequados ou não aos fins propostos sem cair no tecnicismo, risco inevitável sempre que os meios são supervalorizados e se desconhecem as bases teóricas do agir.”

Neste sentido, se o intelectual nasce da base de onde está inserido (luta de classes) o sentido de se ensinar Filosofia da Educação será o de repensar o referencial teórico no qual está se formando esse intelectual, para que ele tenha a possibilidade de fazer, da sua prática, o ponto de partida fundamental da mudança, do agir e do pensar do homem, contribuindo também para que os membros da sociedade venham ter a possibilidade de discutir amplamente os problemas das desigualdades sociais que existem neste contexto.

Promover a crítica como atividade reflexiva e também como atividade intelectual é fazer do Ensino da Filosofia da Educação o instrumento importante para o trabalho do novo Educador em sua prática pedagógica, prática essa que se objetiva na consciência do homem, cujo fim deve estar fundamentado na ação transformadora do processo de dominação da sociedade que, de certa forma, é o alicerce ideológico de uma classe que mantém a alienação como fonte de manutenção dos seus interesses.

A ação de ensiná-la, entretanto, será mais do que construir uma prática pedagógica voltada às necessidades utilitaristas, será o pressuposto para que o homem venha a reorganizar o seu pensamento no sentido de entender e transformar a realidade em que vive, contrapondo-se às contradições existentes em seu meio e contribuir também para a construção da História do mundo, mediante o questionamento dos antagonismos, que hoje são o fundamento de nossa realidade.

III. A possibilidade da Práxis no Ensino da Filosofia da Educação.

*Para os tecnocratas da educação, a questão política do homem é uma abstração. Parecem que ignoram as condições em que vive a grande massa da população. (...) **Pensar** é uma coisa que a consciência tecnocrática não se pode permitir, nem permitir a outros. É preciso agir e **agir** depressa. Por isso, é preciso evitar toda a discussão "inútil". É por isso, que a discussão sobre os fins do trabalho humano e sobre a condição humana aí está ausente. (GADOTTI, M. 1987 P. 126)*

Se a Educação deve ser um contra-discurso ao modelo educacional, ideologicamente imposto e que é dominador, o discurso filosófico deste deve ter como ponto de partida a análise crítica do fenômeno educacional em sua totalidade. Ou seja, de partir da reflexão sobre as contradições que existem no processo de formação

colocado na realidade escolar. Dessa forma, esse discurso possibilita entender este fenômeno como o que deve levar à emancipação do homem, quando este passa a analisar e a discutir criticamente sobre as contradições existentes no seu tempo.

A prática educacional, para que possamos alcançar este fim, deve ser transparente, removendo as lacunas existentes na atividade humana, que é vista apenas para suprir as necessidades de sobrevivência do homem, uma vez que esta sobrevivência está associada a sua atividade produtiva e “desvinculada” da sua atividade teórica. Se tivermos o Ensino como uma das fontes que poderá levar o homem à emancipação deste processo, partimos do pressuposto de que este deverá promover, dentro de todas as propostas que existem para a discussão da atividade educativa, a concepção dialética como uma ferramenta a mais para refletir, criticamente, sobre a questão educacional, de modo que esse homem possa formar a sua consciência, possibilitando-lhe vir, posteriormente, discutir de maneira sistemática essas contradições.

O sentido no qual utilizamos o termo *dialética* se refere, portanto, a uma nova ação educativa, que tenha como parte fundamental de sua prática a visão crítica e o postulado teórico e prático como ferramentas para a formação de um novo ideal de transformação do contexto social, em contraposição ao que é instituído, ideologicamente, na sociedade como modelo que não deve ser questionado, devido a sua estrutura burguesa. “Por isso, **Gadotti** (1998 p. 63), há necessidade de uma educação e sobretudo uma educação política” e que seja crítica a concepção tecnocrática instituída como modelo educacional, que beneficia também uma política que mantém a burguesia como classe hegemônica, portanto, que comanda toda a realidade social dos indivíduos.

A educação dialética, sendo um modelo que possibilita desenvolver a formação da consciência crítica dos homens, terá a práxis como seu referencial para essa análise reflexiva da sociedade²². Porque não haveria possibilidade desta superação, se não colocássemos em questão o contexto teórico para a formação da consciência que conduzirá o homem para a sua prática transformadora. Retomando novamente a

²² Cf. **VÁZQUEZ**, Adolfo S. *Filosofia da Práxis*, p. 5, “À práxis é a categoria central da filosofia que se concebe ela mesma não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação.”

proposição de **Gramsci** (2001), quando afirma que todos os homens são filósofos, estes o são na medida que analisam e refletem sobre o seu contexto. Serão, pois, filósofos da categoria que representam como classe. A tendência para que venham descobrir-se como filósofos terá por intercâmbio a Educação. Dessa forma, desmistificar as contradições existentes na realidade do homem é o que entendemos ser o sentido prático da Filosofia da Educação, e é a questão fundamental para que este possa se reconhecer como filósofo, que reflete sobre a sua realidade e efetiva a sua ação na história.

“Sem à práxis educativa, **Gadotti** (1987: 31), a filosofia da educação é uma ideologia.” Em nossa investigação, o que quisemos evidenciar fora justamente o discurso pedagógico do educador (sua práxis) da Filosofia da Educação em relação à realidade do educando. E neste discurso estará contida também a sua concepção de mundo interligada à sua concepção de educação, que foi sendo trabalhada no processo de formação da consciência do educando, portanto, que já está “objetivada” na formação do “intelectual”.

A filosofia da práxis é uma entre as várias concepções de filosofia que pode estar contida, como plano de Ensino do educador. No entanto, devemos considerar aqui, e não poderia ser de outra forma, o trabalho que estes desenvolvem. Porque partem da sua reflexão como proposta de Ensino, da experiência com seus alunos e da realidade em que estão atuando para que possam fazer da sua atividade pedagógica, um trabalho didático e reflexivo sobre o “existir” do homem no mundo, colocando, como questionamento, como se deve dar a atuação deste na realidade. Essa atuação não será somente uma forma de suprir as necessidades imediatas, que o mundo proporciona mas entender essa ação pode vir a ser uma atividade transformadora da sua consciência e também da realidade.

A filosofia da práxis não busca manter o “simples” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-las a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato com os intelectuais e os simples não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual moral que torne politicamente possível um progresso intelectual das massas e não apenas de pequenos grupos de intelectuais. (GRAMSCI, A 2001 p.103 (Vol.1))

Foi, de certa maneira, o que fizeram os educadores da Filosofia da Educação, para o investimento dessa proposta; revisitaram juntamente com seus alunos a História da Filosofia da Educação, analisando e discutindo sobre os caminhos e (des) caminhos nos quais a concepção filosófica da educação esteve e tem sido conduzida na realidade educacional do nosso País. Esta discussão abriu um espaço crítico de debates para que os educandos se colocassem de, certo modo, a interpretar os problemas da educação existentes na escola, colocando estes problemas, também, como um desafio para a sua prática. Em uma das escolas visitadas, tivemos a evidência desta discussão, no relato dado por uma das alunas do 4º ano B do Colégio municipal José de Anchieta Sumaré – SP, quando nos disse:

O aluno não se faz sem o professor e o professor sem o aluno; os dois são parte de uma mesma realidade a escola.

Neste sentido, desmistificar a dominação existente no processo ideológico da realidade educacional será o momento primordial da práxis educativa. “Uma educação, **Gadotti** (1998: 34), deve representar para a filosofia um autêntico desafio” Sendo assim, entendemos que o educando deve se sentir desafiado, enquanto estiver sendo “formado” para que, posteriormente, venha ter plena consciência da sua causa e comece a refletir criticamente sobre os obstáculos que terá que enfrentar, dentro e fora da escola, mostrando a seus futuros alunos, no processo de sua formação, as raízes históricas de suas limitações e onde estão instituídas as desigualdades, de que eles também fazem parte.

Assim, para educar, isto é, conscientizar, é preciso lutar contra a educação, uma luta retomada incessantemente, contra a educação dominante. Não apenas interrogar a educação sobre a natureza de seu projeto, sua coerência e incoerência, suas finalidades implícitas ou explícitas, a diferença entre o que ela preconiza e o que ela faz, etc., mas, além disso, pôr em evidência sua função ideológica em relação ao contexto político social e econômico. Essa leitura crítica da educação é essencial para a formação dos estudantes, tendo em vista a sua profissão. Formados como cidadãos, participantes, poderão continuar essa crítica fora da universidade (no nosso caso fora da escola) nos meios onde eles atuarão. (Op. cit. p.58)

“Uma filosofia da educação, **Gadotti** (1998: 54), que foge a essa responsabilidade em face do outro, criança ou adulto, da sociedade e do mundo, entricheirando-se atrás do mundo das idéias só pode desiludir e trair; arrisca-se a ser

um ópio uma fuga em resumo uma caricatura do homem e do pensar.” O trabalho pedagógico, neste sentido, deve levar em consideração o outro que é sujeito da ação educativa. Por isso, o papel do ensino da Filosofia da Educação é de colocar diante dele, os questionamentos do porquê dos antagonismos que existem em sua realidade e na realidade da educação. A este respeito, não podemos deixar de lado um fato muito importante:

... uma filosofia da educação deveria evitar a ilusão de que basta filosofar sobre a educação para consertar os erros porventura existentes no quadro educacional em que vivemos. Uma filosofia da educação deve antes de mais nada, reconhecer os limites de sua intervenção (o grifo é nosso). É preciso ainda evitar a ilusão de que uma educação é um processo tão simples que bastaria estabelecer claramente seus objetivos e finalidades para que o curso das coisas se modificassem. (...) é preciso reconhecer que não é preciso saber filosofia para filosofar. Por isso os educadores não precisam esperar que os filósofos lhes digam qual é a finalidade da educação. Contudo, a práxis de uma filosofia da educação feita pelos educadores deve ser nutrida por uma leitura que os familiarize com as noções de base, o discurso, o método, a maneira de fazer filosofia e de questionar. (Op. cit. p. 62)

Não se educa o novo educador para ser filósofo se, em sua ação na realidade, ele não reconhece a reflexão filosófica como parte do seu amadurecimento intelectual. No entanto, ele é educado para levar para a massa, a população mais “simples” e carente, o conhecimento necessário para que tenham a total consciência desta condição. Como estamos argüindo aqui sobre a atividade dos educadores que estarão atuando no ciclo básico do Ensino Fundamental, este questionamento, que dissemos acima, começa na atividade com as crianças, principalmente, quando se trata de crianças carentes que sofrem com o processo de marginalização da sociedade. Elas, segundo os relatos colhidos nas escolas, necessitam da aproximação do professor. Essa seria, na prática, a forma de se colocar o discurso filosófico à escuta da educação, uma vez que as crianças têm “consciência” da necessidade de serem educadas.

Educar, neste sentido, o homem “simples”, conscientizá-lo de sua condição histórica é fazer da Filosofia da Práxis uma das ferramentas metodológicas da atividade do educador, sendo essa práxis a ação transformadora da sociedade. Por isso, ela não só levará o homem a interpretar essa realidade como caberá a ele transformá-la efetivamente. Nesta situação, o ato de educar torna-se o processo de superação das

contradições existentes na realidade educativa, elevando a consciência do homem à atividade superior:

... quando o “subalterno” se torna dirigente e responsável pela atividade econômica de massa, o mecanicismo revela-se num certo ponto como um perigo iminente; opera-se então, uma revisão de todo o modo de pensar, já que ocorreu uma modificação no modo social de ser. Os limites e o domínio da “força das coisas se restringiram. Porquê? Porque no fundo, se o subalterno era ontem uma coisa, hoje não o é mais: tornou-se uma pessoa histórica, um protagonista; se ontem era irresponsável, já que era “resistente” a uma vontade estranha, hoje sente-se responsável, já que não é mais resistente, mas sim agente e necessariamente ativo e empreendedor. Mas, mesmo ontem será que ele era apenas simples “resistência”, simples “coisa”, simples “irresponsabilidade”? Não, por certo, deve-se, aliás, sublinhar que o fatalismo é apenas a maneira pela qual os fracos se revestem de uma vontade ativa e real.(GRAMSCI, A 2001 p. 106-7)

Como colocamos a práxis como fundamento do Ensino reflexivo e crítico, o que pudemos constatar nesta discussão é que, hoje, o grande desafio do trabalho dos Educadores da Filosofia da Educação não é fácil de se resolver pois faz parte de uma discussão polêmica que envolve a questão da política educacional do país: lutar pela melhoria e a qualidade de educação básica, desatando os nós da desigualdade que existe na formação humana dos homens em nosso país; e, neste caso, o ensino da Filosofia da Educação é essencial.

Para uma análise mais profunda deste assunto, retomaremos, novamente, a reflexão de Marx (1999:12), quando comenta na tese III sobre Feurbach que o educador se educa na sua interação com o outro, uma vez que as circunstâncias se modificam a partir da práxis revolucionária. O que está implícito nesta questão é a seguinte pergunta: quem deverá educar o educador para que ele reconheça dentro do seu trabalho pedagógico a práxis como essa atividade transformadora?

A resposta da questão já fora respondida pelos próprios educandos quando, evidenciam sua prática à realidade da escola.

O educador, não se faz sozinho mas na efetivação de seu trabalho com o aluno. Por esse motivo, a relação educador educando é muito mais do que uma relação de quem ensina e de quem aprende, mas de quem ensina aprendendo, uma vez que vemos o aluno, trazer para dentro do contexto escolar a sua experiência cotidiana (experiência essa contida em sua realidade, no problema da marginalização social que

sofre, muitas vezes por ser negro, pobre, morar nas periferias onde a violência e a degradação social aumentam a cada dia, por ser homossexual ou simplesmente por não ser reconhecido como pessoa por estar fora do convívio e da “normalidade” da sociedade) que é inserida no trabalho do educador. E é por meio desta reflexão que é possível fazer a História ser repensada, porque o aluno é o protagonista desta; é ele quem a produz, assim como é produzida por ele, portanto ele pode transformá-la.

O que constatamos, pois, nesta experiência, retomando a reflexão inicial, foi a necessidade que os alunos têm de se discutir amplamente à Filosofia da Educação, uma vez que ela fica restrita, em algumas escolas, as séries finais do Ensino Médio e o espaço de discussão fica reduzido a poucas aulas. E também a crítica que fazem quanto ao fechamento do curso normal, pois esse curso, segundo relatos, abriu espaço para uma análise mais detalhada do fenômeno educativo, no qual foram discutidos os métodos, as principais correntes e as principais linhas possibilitando um questionamento mais sistematizado deste processo, na medida em que ele, o curso, pode se tornar uma das fontes de análise dos problemas existentes na sociedade, principalmente quando falamos da questão das desigualdades sociais.

Desse modo, quando propusemos a práxis como método do processo educativo, se estamos falando do que se ensina em Filosofia da Educação, sua Identidade para o aluno do curso normal, esse trabalho deve-se iniciar colocando à escuta da Educação, negando qualquer forma de ação educativa, sem antes ser questionada e passada para a consciência do educando para que ele também reflita sobre qual é o sentido que tem a Educação na vida do homem.

Reivindico, para o educador, o direito à desobediência. A prática da educação começa pela desobediência e pelo desrespeito. É preciso ser desrespeitoso, inicialmente, consigo mesmo, com a pretensa imagem do homem educado, do sábio ou mestre. É preciso também desrespeitar esses monumentos da pedagogia, da teoria da educação, não porque sejam monumentos, mas porque é praticando o desrespeito a eles que descobriremos o que neles podemos amar e o que neles devemos odiar. (...) É preciso ter coragem para praticar a educação dessa maneira, mas é somente dessa maneira que podemos formar gente capaz de assumir a sua autonomia. Gente inconformada, capaz de autodeterminar-se e participar na construção de uma sociedade de direitos iguais. Nessas circunstâncias, o educador tem chance de repensar o seu estatuto e repensar a própria educação. O educador, ao repensar a educação, repensa também a sociedade. O ato educativo é essencialmente político. (GADOTTI, M. 1998 p. 71)

Ao iniciarmos o item, questionamos o modelo educacional tecnocrático, que “reduz” o ensino ao que é “necessário” para o aprendizado do homem, para inseri-lo na atividade produtiva²³. Por esta razão, é que o Ensino da Filosofia da Educação, nesta circunstância, torna-se uma atividade com pouca importância aos pressupostos e objetivos da Educação no Brasil, assim como o curso normal, cuja função é “formar” educadores. Porém, dentro da ótica da política educacional, este não vem “preparando” o Educador para o trabalho produtivo na escola, porque o aluno não está recebendo todas as informações necessárias para “conduzir” o seu trabalho de forma sistematizada, isto é, neste curso, o educando não está sendo “adequadamente” formado para sua atividade prática. Por outro lado, para o sistema capitalista de produção, este profissional não é “essencial” para o mercado de trabalho, se sua atividade é, essencialmente, “teórica” desvinculada de qualquer fundamento prático²⁴. Logo, quando defendemos a práxis no discurso filosófico do Educador da Filosofia da Educação, é precisamente, para fazer o contra-discurso a esse sistema ideologicamente dominador que transforma a educação em fetiche no qual o ser humano é, culturalmente, massificado.

Fazer do ensino da Filosofia da Educação no Ensino Médio, um contra-discurso à ideologia da educação tecnocrata, é fazer com que o novo Educador se perceba como o sujeito da transformação, no sentido de se construir uma Educação crítica e criadora e que possa levar a sociedade a questionar sobre os problemas reais que a afetam diretamente, portanto, que esta não perca de vista a necessidade de se ter uma visão crítica destes problemas.

A Educação não é a solucionadora dos problemas da sociedade, mas pode ser uma alavanca que o homem venha a utilizar para “quebrar” essas barreiras. Por isso, o fundamento da práxis, na reflexão filosófica da educação, está em lutar por uma Educação que seja justa, para uma sociedade que necessita ser educada e transformada, porque existe uma relação de interação entre educador e educando,

²³ “O que (GADOTTI, 1998: 200), o capitalismo tardio precisa é menos de uma massa instruída do que de quadros, que dominem o saber técnico e organizacional. Esperar, portanto, do capitalismo liberal, a generalização da escola pública para todos é esperar que ele se destrua, que ele use suas próprias armas contra si mesmo. É esperar o suicídio da classe dominante.”

neste contexto, onde ambos são produtores da história humana. Assim, a análise feita pela Filosofia da Práxis sobre a Educação é, sem dúvida uma análise do futuro das transformações e das condições materiais do homem em uma realidade cada vez mais marginalizadora dos processos sociais. Com efeito, este é o grande desafio de educadores e educandos, em sua crítica aos determinantes históricos de manutenção da Ideologia e das políticas educacionais. Refletir sobre uma educação transformadora é, sem dúvida, o ponto importante para qualquer desafio no pensamento filosófico.

²⁴ Não estamos aqui nos reportando ao curso de Pedagogia ou o Magistério Superior. Estamos constatando um fato que vem ocorrendo no Ensino Médio normal – nosso objeto de investigação – no qual, para a “nova” realidade educacional: à Filosofia como o Magistério não são “necessários”.

CAPÍTULO III

Raízes históricas onde iniciamos a reflexão do nosso tema investigativo

Apresentado no segundo capítulo o conteúdo empírico da investigação, entendemos ser necessário também buscar na história os laços fundamentais que são base também da crítica feita pelos professores em suas aulas. Isto é, quais são as matrizes fundamentais de nossa investigação, quando decidimos analisar essa possível **Identidade do Ensino da Filosofia da Educação**, na atualidade, do denominado curso normal? A resposta à questão, buscaremos esclarecê-la, tendo como enfoque os desdobramentos históricos de organização dos projetos pedagógicos constituídos legalmente através da estrutura política de nosso país. Porém, no desenvolvimento desses projetos, sempre houve um discurso crítico da Filosofia em relação ao problema educacional. A este respeito, estaremos refletindo sobre um fato cujo ponto de partida está ligado ao chão no qual se fundamentou tal situação: nas raízes históricas de onde se configuraram os nexos deste contexto. Sendo assim, o tema não se esgota nessa análise, uma vez que a Educação é um construir histórico da realidade. E como essa realidade possui a sua dinâmica, no desenvolvimento histórico, a Educação, sendo ela também um dos eixos da organização social, possibilita que esta discussão venha tornar o assunto relevante e revestido de atualidade. Portanto, o tema terá sempre esse revestimento, porque trata também de discutir, historicamente, as concepções de mundo para cada ser humano, uma vez que a sociedade sempre exigiu do homem respostas para os seus problemas.

Ao falarmos em uma Educação transformadora, questão que analisamos no capítulo anterior, cujo projeto teórico e prático seria a *mudança*, tanto da postura como da ação do homem frente às questões do seu tempo, pode parecer que esta

transformação tenha a característica de um projeto utópico, porque a estrutura moldada para a educação brasileira tinha e hoje continua a ter, como viés, o “pragmatismo” como fundamento pedagógico. O objetivo deste pragmatismo estava, e está voltado em transmitir para a massa, que este modelo educacional “pode” levá-la a sua “ascensão social”. Na medida em que a sociedade se “moderniza” continuamente, essa também sofre as conseqüências dessa mudança. Entretanto, quando colocamos, que ser a Educação uma necessidade humana, entendemos que esta pode dar sua contribuição para a organização de um novo projeto histórico e, conseqüentemente, uma nova concepção de mundo. Neste sentido, a utopia, à qual nos referimos, pode ser um sonho realizável na medida em que, dentro da própria estrutura, é possível se projetar o “novo”²⁵, algo que venha mudar as próprias características de como o homem possa ter um outro olhar sobre o mundo em que vive.

Ora, se o educador ainda acredita que é possível transformar as relações de produção a partir da práxis educativa(em todos os sentidos), sabe também que o seu trabalho é difícil e, ao mesmo tempo, de longo prazo. Mas o que acontece, no contexto atual, é que falar sobre este modelo de Educação (em uma práxis que pode ser transformadora), principalmente na Educação, parece ser algo distante da perspectiva de Ensino que de fato os seres humanos “necessitam”. Ou seja, é possível construir um discurso pedagógico, que seja transformador, se na atualidade o que o homem mais quer e “anseia” é a garantia dos meios para sua sobrevivência, uma vez que vive em uma sociedade onde os limites desta existência estão enraizados à atividade produtiva dos bens de consumo?

Se analisarmos as questões sociais, para responder a pergunta, o que perceberemos é que os seres humanos “querem” viver esta realidade dominadora, na medida em que esta não é uma opção, por não existir escolha, mas é devido, à própria imposição de um sistema político que os empurra para uma violência tanto real como a simbólica que sofrem quando o trabalho lhes é negado para o seu sustento, como o sustento dos seus semelhantes e também para manter uma “posição” (um status) nesta sociedade. Então, falar em luta de classes em uma sociedade capitalista globalizada,

²⁵ Quando projetamos as transformações do projeto educativo, pensamos inicialmente nas relações de produção estabelecidas nesse processo. Na sociedade Capitalista, só se transforma essas relações, se com ela também transformarmos as relações de propriedade.

como é a nossa atualmente, parece se tornar uma questão “inútil” para o homem contemporâneo, uma vez que suas preocupações estão voltadas apenas para sua individualidade, não estando “preocupado” em participar da construção de uma sociedade que, de fato, seja justa.

Essa é uma discussão evidentemente longa e foge aos propósitos da nossa discussão, mas o que a torna importante dentro da reflexão dessa temática é que a Educação, no Brasil, sempre teve como pressuposto de sua fundamentação o pragmatismo como viés da concepção pedagógica.

A concepção de Educação na realidade brasileira sempre esteve voltada para este pragmatismo, que se consubstanciou na história, regularizando projetos, que foram formalizando “sentidos” ao ato de educar e como educar essa sociedade. É fato constatar, nesta perspectiva, que essa Educação sempre esteve voltada aos interesses de um sistema que quer se manter hegemônico, tanto na sociedade civil como na sociedade política. É por esse motivo que as ciências humanas e, no nosso caso, a Filosofia da Educação vão tendo os seus espaços reduzidos e até mesmo diluídos – com o “milagre da multiplicação” dos temas transversais, o objetivo é fazer, do discurso pedagógico, um discurso inovador, moderno e que venha “viabilizar” a “nova” perspectiva que se quer da escola - na constituição do currículo escolar para o Ensino Médio. O que se quer manter, no entanto, é a continuidade de um ensino dominador: das condições sociais, da consciência e da realidade do homem.

Partindo desse pressuposto, entendemos que discursar sobre essa realidade, no qual se insere também a Educação, o curso normal e o Ensino da Filosofia da Educação é, acima de tudo, trilhar os caminhos no qual ele(a), enquanto disciplina e curso, foi sendo constituído(a) para a prática pedagógica na escola. E como essa prática vai sempre na contra-mão do que se espera da Educação, o Educador tem um papel importante quando faz à crítica deste modelo educativo. Ou seja, a reflexão filosófica deste fato é importante, também no seu trabalho, uma vez que ela proporciona a discussão das várias concepções de mundo transmitidas para o educando (reprodução das ideologias de uma educação dominadora). Portanto, o Ensino da Filosofia da Educação, que é também uma concepção de mundo pode contribuir, neste

trabalho, fazendo o contra-discurso às ideologias que estão implícitas na atividade pedagógica instituída pela legislação.

O educador, que faz do seu trabalho uma concepção de mundo, deve ter como projeto a *mudança* das questões sociais, que fazem parte do seu tempo e também da realidade dos seus educandos:

Que devemos entender por filosofia, por uma filosofia em uma época histórica, e qual é a importância e a significação das filosofias e dos filósofos em cada uma destas épocas históricas? Aceita a definição que Benedetto Croce dá de religião – Isto é, a de uma concepção de mundo que se transformou em uma norma de vida, já que norma de vida não se entende em sentido livresco, mas realizada na vida prática – a maior parte dos homens são filósofos, na medida que atuam praticamente e nesta sua ação prática (nas linhas diretoras de sua conduta) está contida implicitamente uma concepção do mundo, uma filosofia. (GRAMSCI, A. 1982 p.32)

E, para entendermos esta ação é, necessário que façamos esse resgate histórico do que foi proposto no Ensino da Filosofia da Educação, no contexto educacional brasileiro, para a formação e a concepção da sociedade na qual ela, hoje, existe.

Analisarmos a História da Educação será um ponto importante para aprofundarmos sobre o que já foi discutido na questão do Ensino, em várias décadas. Mas nos colocarmos também, no ponto de vista de que, se hoje existe um discurso pedagógico da Filosofia da Educação nas escolas, este foi - apesar das diferentes leituras da concepção filosófica – construído com a contribuição dos principais agentes desta causa; os educadores. E sendo uma questão prática, ela também será histórica, uma vez que a Filosofia se constitui na História produzida pelo intelecto humano.

Neste sentido, entendemos ser necessário analisar o problema em seu ponto de vista legal porque essa crítica, como vimos anteriormente, também reflete na atividade do professor hoje. Ou seja, este dá um direcionamento crítico na sua atividade com a Filosofia da Educação, sobre o ponto de vista histórico da legislação educacional, porém, dar diretrizes e bases para a Educação é nada mais do que “impor” limites ao que deve e não deve ser ensinado.

A História da Filosofia da Educação está marcada por esta questão legal, questão essa que sempre defendeu os interesses da burguesia e que coloca os propósitos desta ao ato de ensinar, no que implica naquilo que deve ser transmitido ao educando.

Diante deste fato é que objetivamos deslindar a trajetória histórica da “LDB” e o seu papel na formalização para o Ensino da Filosofia da Educação, fundamentado em suas diretrizes, e que impôs impõe limites para a questão educativa, como esse projeto determinou a marginalização social do homem e como o Educador trabalha com estas questões no seu cotidiano²⁶.

I. Contextualização histórica do Problema: a LDB

Com efeito, fixar as diretrizes e bases da educação nacional não é outra coisa se não estabelecer os parâmetros, os princípios. Considerar as propostas de LDB do ponto de vista das concepções de fundo que as diferenciam implica em esclarecer uma questão de rumos que se deve imprimir à educação de homem, sociedade enunciado dos primeiros títulos da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional relativos aos fins da educação, ao direito, ao dever, à liberdade de educar e ao sistema de educação bem como a sua normatização e gestão. (SAVIANI, D. 2001 p.189)

Quando se impõe um modelo normativo à questão educacional, o que se fundamenta na realidade é que a sociedade “política” se sobrepôs à sociedade civil. A educação é um direito de todos, por isso deve ser “democrática” mas, na realidade concreta, essa ainda promove a exclusão, onde a participação efetiva da população nas transformações sociais é totalmente anulada. Mesmo existindo esse discurso pedagógico na Educação, os Educadores sempre proporcionam um contra-discurso “ideológico” a este modelo educacional imposto (o que constatamos no trabalho dos professores das escolas visitadas). E, por se tratar de um assunto de fundamental relevância, neste primeiro momento analisaremos as leis 5.692/71 e 9.394/96, leis que foram fundamentais para a “organização” do Ensino no Brasil, e que mudaram o rumo do Ensino da Filosofia na realidade escolar.

Nossa reflexão limitou-se, no entanto, ao estudo dos governos ditatoriais, em especial o Governo Médici, no qual se promulgou a Lei 5.692/71, que reformulou toda a conjectura do Ensino Médio, trazendo essa reflexão até o presente momento em que estamos vivenciando a nova LDB 9.394/96. Como a Educação é uma questão política e que deve promover um projeto político para a sociedade, analisarmos a legalidade deste discurso é ir à raiz do problema em que se constitui a educação que estamos

²⁶ Sobre o trabalho dos educadores, Ver Cap. I

vivendo, uma vez que esse problema tem como viés teórico à realidade constituída nestas leis.

I.1 A influência histórica da LDB na organização do Ensino

Segundo nossa LDB (PCN, Ensino Médio 1999, p. 39.): *“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade, e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”*

Que sentido tem falar em “dever” na introdução colocada?

O verbo proporciona vários sentidos ao significado de sua ação e falar em “dever”, na situação exposta acima, significa colocar algo em prática. Neste caso, a ação está explícita no fato de “promover o pleno desenvolvimento do educando, para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho”. Não há dúvida que a organização do texto da LDB, em sua íntegra, está em sintonia com essa questão importante. Porém, ao remetermos essa idéia à realidade escolar, que sentido terá para o educando esse fato, quando a escola ainda é para ele um sistema de exclusão? Que cidadania é essa configurada no texto da lei, uma vez que para ela existir, de fato, é necessário que o educando tenha uma formação humana, que o leve a questionar e entender os problemas da sua realidade, promovendo também a transformação desta? Essa seria, de fato, uma ação cidadã e, no entanto, a Filosofia tem uma contribuição na formação desta consciência.

Por outro lado, essa mesma lei interpreta o fato de maneira diferente e, focada na sua interpretação, não vê a necessidade de se ter a Filosofia da Educação no “novo” currículo escolar, com o fechamento do curso normal, podendo a disciplina em questão auxiliar também o educando na efetivação de sua prática cidadã.

A conclusão a que podemos chegar deste fato é que, na teoria, a colocação do verbo é extremamente importante, mas que está muito longe de se efetivar na prática, visto que a realidade que os educadores enfrentam dentro da escola e fora dela, também, é muito diferente do que é entendido pela lei. Por isso, se o **Ensino da Filosofia como o da Filosofia da Educação** tem alguma contribuição importante para dar, na formação do educando, essa deve começar analisando o projeto político para a

Educação na organização da vida do homem em sociedade, organização essa que se constitui em sua história. Seguir as trilhas desse Ensino é desenvolvermos nossa crítica ao que já foi ao que é discutido na constituição da disciplina, cuja intenção é a formação do cidadão que se quer: consciente, preparado para a vida e também para o trabalho. É na prática, dentro da sala de aula, no cotidiano escolar, que está a caracterização do dever – se este é o sentido colocado para a educação na esfera da lei. Neste sentido, o ensino da Filosofia da Educação também não deveria ficar de fora.

Do que já foi investigado sobre a Filosofia da Educação, tem-se como ponto comum que ela, não pode ser vista e entendida “apenas” como uma disciplina a mais no curso de formação de professores. Seu discurso vai além de uma análise “formal” da ação educativa. É um discurso crítico sobre os problemas ligados à realidade da escola na constituição do seu projeto pedagógico, no qual está sustentada a formação do cidadão íntegro, “capaz” de conviver em sociedade. Neste sentido, a LDB também será parte deste discurso. E elevando ainda mais a importância do Ensino da Filosofia da Educação, sendo o cimento fundamental na elaboração deste discurso, sua prática torna-se o contra-discurso à ideologia consubstanciada na questão legal das diretrizes da Educação.

Retomarmos o discurso construído na esfera da lei é, pois, o nosso referencial para entendermos a atividade da Filosofia da Educação como uma atividade transformadora dos antagonismos impostos a esta por intermédio da lei. Ou seja, se no seu passado essa atividade tinha um papel importante no questionamento da ordem, o trabalho do Educador era de se colocar contra essa imposição legal.

O que analisamos, por esse pressuposto é que se na História da Educação, o discurso filosófico sempre foi um contra-discurso da ideologia dominante – no período ao qual estamos nos referindo – como esse discurso se constituiu, historicamente, na realidade do curso normal? Responderemos a questão, revisitando sua História até chegarmos no presente momento.

Iniciamos a discussão, retomando os conceitos da Lei 5.692/71, promulgada no governo ditatorial de Emílio Garrastazu Médici, no qual se consubstanciou a organização do Ensino de 1º e 2º graus. E que, atualmente, estão caracterizados pela dominação de Ensinos Fundamental e Médio. Mudança ocorrida na constituição da

nova LDB 9.394/96. E que regulariza, também, a formação do docente para a atuação no Ensino Fundamental²⁷.

Nesta trajetória histórica de organização do modelo educacional do Brasil, nossa discussão vai estar focada em duas questões fundamentais:

- 1) **a Educação como questão política, institucionalizada pelo modelo legal**; neste caso a LDB, que tem como fundamento a transmissão e a imposição de um modelo educacional voltado aos interesses de uma classe detentora do poder e que impõe limites à vida e a forma de se viver em sociedade;
- 2) **a Educação como crítica a questão política institucional**, como práxis transformadora, consubstanciada no trabalho do Professor que orienta o seu educando na organização e na formação dessa práxis, construindo um discurso e uma prática que seja contrária ao imposto pela questão legal.

A Lei 5.692/71 deixou raízes profundas em nossa realidade, quando passou a promover e institucionalizou, como modelo educativo, para nossa sociedade, a Educação tecnicista, liberal e utilitária. Essa cultura da técnica ficou enviesada na consciência das pessoas, portanto só é bom o que é útil e se, na Educação, não houver uma finalidade prática para essa “nova” realidade, o Ensino torna-se “descartável”. Essa questão revelou ser um discurso falacioso, que teve um efeito eficaz na realidade. Por outro lado, é possível ser feita uma análise crítica deste fato:

(...) A organização escolar não é obra da legislação. Ambas interagem no seio da sociedade que produz uma e outra. (o grifo é nosso) O exame do contexto nos permite inferir, por exemplo, que a expansão quantitativa do ensino brasileiro, após 1964, com todas as conseqüências daí advindas, teria ocorrido com ou sem a reforma da legislação; seu fator determinante está na forma como vinha evoluindo a sociedade brasileira. A legislação constitui o instrumento através do qual o Estado regula, acentuando ou amenizando as tendências em marcha. Assim à luz do contexto revelam-se ao mesmo tempo a falácia da eficácia da legislação. A falácia diz respeito às esperanças nelas depositadas e que não pode realizar. No caso do Brasil, a esperança de que as reformas operariam mudanças profundas resultou falaz. (...) Em contrapartida, elas se revelaram eficazes para ajustar a estrutura escolar à ruptura política levada a cabo pela Revolução de 1964. A tendência tecnicista à luz da qual se buscou efetuar o ajustamento acima mencionado teve que proclamar as virtudes da eficiência e da produtividade mas, ao mesmo tempo, não

²⁷ Cf. SAVIANI Demerval, Política e Educação no Brasil, p. 142 “Cap. 5 da Lei 5.692/71” e PCN, Ensino Médio, p. 52 Cap. V Título VI da LDB 9.394/96, Art. 61 e ss.

pôde se furta-los às proclamações ainda que amplas do “humanismo tradicional” de orientação liberal. Essa contradição exprime a contradição objetiva vivida no seio da organização escolar. E, enquanto expressão, ao mesmo tempo que é reflexo dela, age sobre ela, acentuando-a

Em suma: o estudo da legislação se revela um instrumento privilegiado para a análise crítica da organização escolar porque, enquanto mediação entre a situação real e aquela proclamada como desejável, reflete contradições objetivas que, uma vez captadas, nos permitem detectar os fatores condicionantes da nossa ação educativa. (SAVIANI, D. 1988 p.10)

A legislação foi o instrumento utilizado pelo Estado para medição deste com a sociedade, sendo que a Educação, como nos diz Saviani, é uma necessidade humana, que se faz por intermédio dela, sem intervenção desta política. No entanto, o ensino, sendo esse instrumento político na mão do Estado, foi o meio pelo qual houve a possibilidade de se reproduzir a ideologia e a cultura do tecnicismo como forma de organização da produtividade e do progresso da sociedade.

No que se refere à Lei em questão, já que a preocupação não era com a formação humana e sim técnica, essa não se eximiu da formação prática do professor do Ensino Fundamental. Mas qual teor teria essa formação e em que condição seria dado esse Ensino? Ensinar para quê? E para que o homem necessita ser ensinado?

Como estamos nos referindo ao período ditatorial, a resposta as questões está no que “deveria ser ensinado” e não “no que e como ensinar”. Em contra-partida, as disciplinas de Ciências Humanas e Filosofia foram suprimidas do currículo das escolas, **por se tratar de disciplinas supostamente subversivas** e perigosas para a organização da ordem “democrática” que poderiam levar os jovens ao questionamento dessa ordem vigente. Para evitar esta suposta sublevação popular, era necessário ensinar para os jovens as boas condutas, respeitando a “democracia”, a “moral” e os bons “costumes”.

O Ensino das Ciências Humanas foi substituído então pelo “civismo”, a preparação para o trabalho, entender as questões sociais do Brasil, no que deveria ser visto (mesmo assim houve autores que, burlando a lei, fizeram um enfoque crítico desta questão), ou seja, este Ensino já tinha como fim último a “formação” do “bom cidadão”, o que, se retornarmos a tempos anteriores, no descobrimento, seria para formar o bom Cristão.

Ser bom cidadão, neste sentido, era não saber questionar o que estava imposto pela legislação, era admitir a dominação burguesa como fato consumado, era contribuir para que na sociedade a ordem vigente se mantivesse como força hegemônica e não saber que esse tipo de Educação, ao invés de incluir o homem na participação democrática, o excluía.

No contexto histórico de 64, muitas foram as contribuições para a desarticulação de uma Educação emancipadora (a legislação foi uma delas), que visava à formação dos valores humanos, a conscientização política como forma de questionar a estrutura estabelecida na sociedade, enfim, dar condições ao homem de se perceber como sujeito histórico que tem importância na organização da sociedade. Mas, como o esquecimento e a alienação são duas fontes do poder ideológico muito utilizado pelas elites políticas, os governos militares exaltaram o tecnicismo, como fonte de “redenção” dos problemas humanos. Os paradigmas desta educação sempre visaram aos interesses das classes políticas, mantendo a dominação burguesa na realidade social²⁸.

Por esse motivo, quando destacamos, no início da digressão, que a promulgação da Lei 5.692/71 no governo Médici garantiu a exclusão social do processo democrático, principalmente a participação popular na discussão das questões políticas necessárias para a viabilização de um modelo de política social que, de fato, respeitasse a democracia, e os interesses da população fossem prioritários. E quando o assunto é a Educação, essa questão é ainda mais relevante, uma vez que o objetivo fundamental desta é “suprir” as necessidades de aquisição do conhecimento humano na medida em que o homem venha participar, efetivamente, da construção de projetos políticos e sociais que são parte integrante do seu existir, enquanto sujeito que promove a mudança deste contexto histórico.

E, em se tratando de política no Brasil, a trajetória deste processo foi bem diferente; os parlamentares de oposição aos governos militares, no congresso nacional, se “calaram” diante da imposição destes, imposição essa que foi feita de maneira autoritária, que garantiu a consolidação da ordem estabelecida. Por esse viés, percebemos que a “democracia” não era reconhecida como questão *real*, que deveria

²⁸ Cf. Theodor W. **ADORNO**, Educação e Emancipação, p.33 e ss

priorizar os problemas sociais, garantindo a manutenção da ordem democrática na sociedade, em sua totalidade. Essa prática deveria ter como fato fundamental a garantia dos direitos e deveres da população. Mas a democracia era reconhecida apenas na teoria em sua conotação semântica: “Governo do povo, para o povo e com o povo”. Mas quem é esse povo, realmente?

Com efeito, naquele período o regime autoritário não apenas havia triunfado como fora acometido de uma visão triunfalista, marchando seguro de sua força, para a consolidação da “democracia excludente” instalada na fase anterior do regime militar. De fato, o processo de exclusão havia se consumado, através da censura à imprensa, proibição de greves, arrocho salarial, inúmeras cassações, fechamento das entidades que não consentiam a escalada da repressão impulsionada a partir de organismos paramilitares e paragovernamentais, como o esquadrão da morte e os serviços de inteligência da Marinha, Exército e Aeronáutica, além do DOP’S dos diferentes Estados

Dir-se-ia que a partir de 1970 o regime autoritário não apenas agia na defensiva, desmantelando todas as organizações que representavam uma ameaça real ou possível, mas para a ofensiva, procedendo a uma ampla mobilização pelo alto, visando criar uma consciência nacional incondicionalmente favorável aos desígnios do grupo no poder (o grifo é nosso). Portanto não apenas desmobilizou a “sociedade civil” amordaçando-a e sujeitando-a inteiramente à “sociedade política” como se tentou mobilizar amplamente a sociedade brasileira a partir da própria “sociedade política.” (Op. cit. p.131-2)

Com a educação ocorreu o mesmo processo. Quando essa foi articulada, a partir do ponto de vista legal se instaurou uma ordem para os seus reais objetivos – da-se uma “diretriz” ao que deve ser feito na formação do homem. O sonho de uma Educação emancipadora é jogado, então, na lata do lixo da História. A Educação que prevaleceu foi a que iria garantir, como sempre garantiu, os paradigmas de um Ensino amplamente alinhado aos interesses de uma classe política que anseia pela dominação do homem, em especial a burguesia que luta pela continuidade deste modelo.

Quando os interesses de se organizar uma Educação que seja igualitária, se perdem no tempo, o mesmo acontece com o homem, que é elemento importante da ação educativa, homem esse que faz parte de uma sociedade impregnada dos vícios da cultura do senso comum, por viver ele também essa cultura, ao passo que foi educado para entender que a educação “servirá” apenas para suprir suas necessidades de sobrevivência. Neste sentido, o seu esquecimento está relacionado

ao fato de que ele não se percebe como sujeito que determina e é determinado pela História, que participa da construção da sociedade e que não vê, portanto, que a Educação, além de formá-lo para o trabalho, deveria ser sua fonte de humanização. E é aqui que está o eixo central da Identidade do Ensino de Filosofia da Educação, identidade essa quebrada e “excluída” nos governos militares. E, na atualidade, vem sendo também “eliminada” juntamente com o curso normal, porque, com o advento da educação tecnológica – iniciado em 64 – no sistema educacional, o que se quer mascarar é o fracasso escolar para a população que mais necessita da escola²⁹.

Com o processo de legislação da Educação, isto é, a necessidade de determinar diretrizes e bases; como se consubstanciou o Ensino da Filosofia da Educação, neste período, para o Magistério? Como colocamos acima, o modelo educacional priorizado pela Lei 5692/71, foi o modelo tecnicista e liberal. Por conseguinte, o foco no qual se constituiu o Magistério tinha como fundamentação a formação técnica do professor; técnico nas habilidades pedagógicas, naquilo que era necessário para o exercício de sua profissão, desvinculado muitas vezes das questões políticas sociais que fariam parte da realidade do educador. Ele estaria, “preparado” para “formar” o cidadão “consciente” pelo qual a sociedade tanto ansiava:

Sem dúvida um curso de formação de educadores pressupõe necessariamente um mínimo de habilitação técnica, fundada num campo de conhecimentos científicos. E esta formação técnico-científica tem que se caracterizar por inquestionável competência, superando toda postura de mediocridade (grifo nosso). Também o educador, como a qualquer outro profissional, impõe-se à exigência da competência, entendida como domínio de conteúdos, dos métodos, das técnicas especializadas relativas à área dos conhecimentos educacionais. Os riscos do cientificismo, quando se enfatiza a exigência da cientificidade rigorosa aos cursos de formação de professores, são grandes, mas eles não justificam qualquer condescendência quanto à meta da qualificação do ensino na preparação dos educadores. (SEVERINO, A J. 1986 p.XIII,XIV).

Uma ação cidadã com “diretrizes” a serem seguidas, não torna, pois, à cidadania um exercício. O que acontecia é que, na Educação do homem, criou-se um protótipo de cidadania que, ao invés de formá-lo para que tivesse a possibilidade de construir um projeto político no qual a cidadania é a questão fundamental desse projeto, fez-se o contrário; educou-o para ser uma máquina, cujo projeto de cidadania

²⁹ Cf. Theodor W. ADORNO, Educação e Emancipação, p. 40-1.

já está efetivado, é só embutir em sua consciência que a democracia é conquistada com “trabalho”, com “dever” e com amor para com a Pátria.

Não há dúvida de que sempre existiu e sempre existirá o contra-discurso dessa ideologia imposta pelo sistema político. Se ainda é possível pensar a Educação, como um instrumento de *mudança* que se objetiva na História, intervindo na formação da conduta humana, na maneira de agir e de pensar do homem que se posiciona criticamente diante dos problemas existentes em seu contexto, tal crítica torna-se para ele o seu objeto prático na medida em que essa *mudança* projeta uma nova concepção de mundo, contrária à ideologia imposta na concepção de mundo concretizada na ditadura, que deixou cicatrizes que o tempo não conseguiu fechar e que ainda estão abertas e nós convivemos com elas. Este seria o segundo ponto de nossa discussão, quando entendemos ser a Educação um projeto e um instrumento político, que é crítico e que analisa as questões educacionais a partir dos determinantes históricos .

Essa concepção projetada na Educação no período dos governos militares deixou resquícios na nova LDB, que promove a democracia, mas evita que ela seja efetivada na prática. Não é à toa que atualmente os Educadores questionam o fim do curso normal “promovido” por essa “nova” lei, devido aos interesses políticos que existem por detrás deste discurso. É necessário que mostremos para a os seres humanos a importância que tem a Educação, na organização de suas vidas, se é que ainda acreditam na formação humana, porque a Educação só acontece dentro de um projeto político que deve valorizar a vida do homem.

Todavia, o que aconteceu na Lei 5.692/71 e o que acontece na LDB 9.394/96, é a consolidação de um modelo educacional cuja concepção está voltada para os interesses do sistema liberal desta, e cujo pressuposto é garantir a manutenção do capitalismo concorrencial, a necessidade de consumo, a individualidade e a viabilização de uma democracia excludente.

Hoje, a “escola de cara nova” marca muito essa visão “modernizadora” para a Educação e contrasta com uma realidade cada vez mais pragmática, que aprofundou muito mais o dilema do curso normal e também da Filosofia. Essa escola, de “cara nova”, na verdade, não tem nada que seja de fato “novo” para a Educação. É o velho, que foi constituído na História que vem passando por um processo de depuração,

enviesado no ponto de vista tecnológico (passado um verniz, para encobrir as poeiras do tempo) traz à “luz” da inovação. Essa escola, que parece ser de todos, mascara, a partir da reflexão democrática a exclusão que muitos ainda sofrem dentro e fora desta instituição.

Não há dúvida de que a adequação às novas tecnologias seja necessária. Tanto que no Ensino da Filosofia da Educação essa adequação se faz necessária, uma vez que ela faz parte da realidade do educando e do educador, na melhoria de suas habilidades, quanto na formação de um discurso técnico, mas que esteja focalizado para as questões humanas.

Retomando a reflexão de Adam Schaff (1996), ele já comentava que as novas tecnologias, trariam para os desempregados estruturais uma conseqüência inevitável. No entanto, este teria uma saída para os seus problemas existenciais; na medida em que o emprego vem sendo extinto, principalmente para as camadas populares, estes teriam mais tempo livre para discutir e refletir, criticamente, sobre os problemas de sua realidade. Ou seja;

*Em minha opinião, a sociedade informática escreverá uma nova página na história da humanidade, pois dará um grande passo no sentido da materialização do velho ideal dos grandes humanistas, a saber, o do **homem universal**, e universal em dois sentidos: no de sua formação, global, que lhe permitirá fugir do estreito caminho da especialização unilateral, que é hoje a norma, e no de se libertar do enclausuramento numa cultura nacional, para converter-se em cidadão do mundo no melhor sentido do termo.(SCHAFF, A 1996 p.71)*

É por esse motivo que o discurso tecnológico da necessidade técnica não pode estar desvinculado do discurso humano, porque o que acontece na realidade, principalmente em relação à Educação é que o homem, valoriza mais as atividades técnicas como fundamento de sua formação, deixando de lado as questões políticas, sociais, econômicas, enfim todas as atividades que se constituem na história, e que, portanto, fazem parte da sua vida.

Esta herança de se difundir uma sociedade moderna alicerçada na técnica, para a Educação marcou a fundamentação teórica e prática das nossas LDB's e perpassou a História, chegando aos nossos dias. É por esse motivo, também, que o curso normal como a Filosofia da Educação estão em vias de desaparecer do currículo do Ensino Médio, porque Educação “não é política”, no ponto de vista das LDB's, mas

deve promover a cidadania. E para os tecnocratas da educação, a disciplina reflete o atraso de uma Educação que se quer modernizada, técnica e democrática.

Realçando um pouco mais sobre a perspectiva da nova LDB 9.394/96, o que destacamos desta lei é que os termos “cidadania” e “liberdade”, que perpassam todo o campo político desta, divergem entre si quando se trata da ação efetiva do homem no sentido de se construir uma sociedade democrática. A participação do cidadão nos acontecimentos políticos e sociais é que torna o exercício da cidadania um acontecimento prático e efetivo da democracia. Neste sentido, os termos citados acima são sinônimos, ou seja, a cidadania acontece de fato e é consolidada na prática, quando, na sociedade, a constituição de uma ordem igualitária é livre, abrindo possibilidades e perspectivas para todos os seus membros. Porém, o que acontece na perspectiva da Educação brasileira é o inverso do que se proclama (a escola não é democrática).

Uma Educação marcada historicamente pela constituição de diretrizes e bases, que transmite um viés político contrário ao que se quer de um Ensino, não poderia ser considerada Educação, mas imposição de normas. Por isso, o sentido de nossa Educação sempre foi de ofuscamento de sua concepção real, que é de promover a ideologia de uma sociedade elitista que exclui a maioria da população das questões que deveriam efetivar, de fato, essa sociedade democrática. Não é à toa que a Filosofia da Educação não tem sentido para a viabilização desta sociedade, porque a Educação, realmente, não é para todos.

Essa questão não se esgota nesta discussão, ela faz parte de um contexto histórico amplo, porém o que vem acontecendo na atualidade, no processo educativo, o desnivelamento deste com as necessidades da população – para não dizermos que estamos assistindo à “falência” do sistema educacional brasileiro, já “desconfigurado” da realidade de quem está excluído da sociedade. Por esse motivo é que fomos buscar na História da Educação o significado que a LDB teve para a estruturação deste modelo educativo, no qual se insere o trabalho do Professor de Filosofia da Educação, para a reflexão deste problema.

O discurso filosófico da educação na atualidade, no Ensino Médio, tomou outros rumos distanciando-se do discurso ideológico da LDB, se contrapondo a ele.

Mesmo com o processo, em andamento, de fechamento do curso normal, o que se ensina na escola também é a crítica à política educacional instaurada pela LDB, que marginaliza e exclui o homem da realidade social. Neste discurso, os alunos já interpretam e entendem que o ensino da Filosofia da Educação é necessário para fundamentarem sua crítica sobre esta realidade.

Hoje, o ensino da disciplina no curso normal tem como perspectiva a formação humana do educando, sua conscientização para a realidade histórica. Por sua vez, para este fazer acontecer a História (colocar essa teoria na prática) atualmente, é lutar para que a educação da criança seja realmente crítica dos contextos reais que ela vive e o sonho de se ter uma sociedade onde a democracia, seja respeitada, para todos os seus semelhantes. A importância do dever proposto na LDB deveria estar nesta prática. Como dissemos no capítulo I, uma minoria dos/as alunos/as que estão terminando o curso e querem dar continuidade do seu trabalho na escola com o Ensino da Filosofia da Educação, perceberam também a necessidade de lutar pela aprendizagem dos mais simples, levando esta conscientização para fora dos muros da escola, onde o ato de filosofar deve acontecer concretamente.

Com tudo, para que esse acontecer de fato ocorra é necessário que estejam sempre em evidência, na própria formação do aluno, os processos de manutenção da ideologia dominante para a educação básica. Por esse motivo, é que no próximo item iremos expor nossa crítica quanto ao veto presidencial que, historicamente, veio caracterizar os reais objetivos do que se espera da educação no Brasil.

II. Crítica ao contexto político da Educação: O veto presidencial.

Que sentido teve em vetar uma lei cuja preocupação não é só tornar a Filosofia uma disciplina obrigatória no Ensino Médio, mas em fazer com que a Educação seja, de fato, democrática e possibilite ao educando conhecer outros campos do saber?

O único sentido que se teve ao se realizar tal fato foi porque o discurso político, na prática, é um discurso demagógico, e também discriminatório e o governo acredita que, hoje, os professores, principalmente os do Ensino Médio, não têm mais a “capacidade” de se organizar coletiva e politicamente para lutar pelos seus ideais, pelos seus direitos

e pela Educação como o instrumento importante na organização social. Por este motivo, ele coloca todo o seu crédito em cima de uma visão pragmatista e mecanicista da Educação. E por essa visão, ele entende que o papel do professor, nesta realidade impositiva, é de “Ensinar” a fazer, na medida em que esse fazer também está relacionado à prática cidadã que estará sendo vivenciada pelo educando no seu cotidiano. Logo, ele deve aprender apenas o que é necessário para o que “irá” fazer quando estiver fora da escola.

Todavia, em nossas visitas aos colégios deparamos com núcleos de professores e estudantes que ainda “resistem” a essa pressão, fazem trabalhos críticos quanto à questão situacional, apesar de, muitas vezes, não contarem com o apoio da sociedade. Os educandos, como vimos nos relatos acima, acreditam no potencial metodológico e crítico dado pela reflexão filosófica para uma discussão mais sistematizada e coerente deste processo, (isso ficou claro também na participação dos estudantes, principalmente os universitários e secundaristas, na marcha para Brasília, no sentido de pressionar Deputados e Senadores para votarem a favor do projeto do Dep. Padre Roque, mostrando também o descontentamento quanto à imposição da política governamental para a Educação), na medida em que passam a entender que a Educação é um direito de todos.

Mas um governo, cujas regras administrativas fazem parte do contexto liberal – apesar de que no liberalismo há a “promoção da democracia” – e que diz promover a democracia, quando a população se mostra descontente com suas determinações, com as regras impostas, toma atitude e posição antidemocrática.

Uma outra característica do veto, e entendemos ser a mais importante porque é um fenômeno real vivenciado por todos os educadores, é que o governo colocou claramente para todos quais são os objetivos para a Educação em nosso País. Essa Educação é contraditória: de um lado, ela é vista como a “solucionadora” dos problemas sociais, repassando para a sociedade a ideologia de uma educação que se tornou democrática e, ao mesmo tempo, não excludente; do outro lado, na prática cotidiana, vemos que esse modelo educacional não se mostrou democrático e, ao mesmo tempo, ainda é excludente (a evasão escolar, a violência e marginalização são hoje realidades

ainda mais concretas na escola), dominadora e que não forma os seres humanos para a chamada prática cidadã que é tão promovida pela sociedade política.

Não há dúvida de que todos os condicionantes que colocamos acima estejam aumentando drasticamente, não só nas escolas que visitamos, como em todas as escolas das grandes regiões periféricas, (é uma constatação empírica), porque antes, de iniciarmos nossa pesquisa, vivenciamos essa realidade, trabalhando nas escolas da região. E um fato que marcou muito os estudantes é que com a Filosofia eles passaram a valorizar mais as coisas, os outros e a si mesmos, por isso muitos sentem a necessidade dela em todas as séries tanto, do Ensino Médio como no Ensino Fundamental.

Neste sentido, o veto contra a Filosofia, é uma forma de violência simbólica contra a Educação; uma Educação que, entendemos, não deveria valorizar apenas as questões técnicas, mas também as questões humanas, sociais, políticas fundamentadas em um projeto histórico de valorização de todos esses campos do Ensino e do saber. Não é possível viver sem a sociedade informática mas o que é a tecnologia se não existem relações humanas?³⁰ A técnica sem a valorização humana não é nada.³¹ O veto mostrou, na prática para os membros da sociedade civil, que Educação não é prioridade para o País, portanto veio concluir os objetivos e uma LDB que valoriza a educação elitista privada e que deixa às margens do processo da organização social a população das periferias urbanas que sofrem com todo tipo de marginalização social.

Mas, essa marginalização, que até então era restrita à camada mais simples da população, já quebrou todos os fios que organizam esse tecido, chegando aos limites da população média, que se via distante deste processo. Com os desdobramentos da política econômica e, conseqüentemente, a desconfiguração do sistema de ensino, hoje essa marginalização é parte de um todo: periferias e grandes centros sofrem com esse processo, justamente por medidas como o veto e a “venda” da Educação para o sistema privado de ensino.

³⁰ Cf. **BASBAUM**, L. Alienação e Humanismo pg. 87.

³¹ Ibid. pg. 91, 92-3

Em uma realidade tão contraditória, que expusemos acima, para o sistema educacional, o trabalho dos Professores da Filosofia da Educação é de denúncia às injustiças sociais frente à questão educativa. Trabalhar os valores tem esse sentido. Por outro lado, os educandos também têm um duplo desafio pela frente: eles sabem interpretar essa realidade mostrando que ela precisa ser transformada, mas falta, muitas vezes, levar essa interpretação para a vida prática no sentido de fazer com que essa transformação deixe de ser processo e passe a ser produto. O problema deste desafio é justamente a questão política (a política educacional e a política econômica). Lutar por uma situação que parece ser “irreversível” de modificar, vai fazendo com que os vieses dessa transformação se diluam no tempo: a luta enfraquece, os professores se individualizam, tomando posições muitas vezes isoladas. Isso é um reflexo para o futuro educador, e a sociedade está isolada “distante” dos problemas da Educação e da Escola. Portanto, não existe um apoio concreto desta porque sofre também com as influências de um sistema que quer se manter hegemônico e, indiretamente, acaba apoiando os interesses desse sistema.

Essas problemáticas que envolvem o ensino, a educação e a própria realidade da escola “retiram” o chão do novo educador, que se vê sem rumo e despreparado para trabalhar com os alunos aquilo que aprendeu nos seus quatro anos de curso. Por esse motivo também, muitos desistem de iniciar sua carreira na docência.

Outra questão importante neste ponto de vista da transformação é que o trabalho desenvolvido nas aulas geralmente é de refletir *sobre* a Educação para a construção de uma idéia (crítica) que seja transformadora da realidade. Esse objetivo estava inserido, como viés, no trabalho dos professores de Filosofia da Educação para a concretização deste fim. A discussão se centrava em analisar as matrizes históricas que organizaram o processo educativo (*PAIDÉIA* grega na formação do homem que vai atuar na pólis, por exemplo) e como essas matrizes vieram influenciar no contexto atual da formação do homem (o tecnicismo mecanicista), na crítica as tendências pedagógicas atuais. Todavia, esse discurso *sobre* a Educação, a partir desse olhar filosófico, “tendia” a levar o educando a refletir um pouco mais sobre sua formação, e qual é o sentido da Educação hoje. E, a partir do que se entendia por este ensino, é que o aluno iria “formar” para si uma consciência que envolve as necessidades do real

educativo, e é por essa via que ele passaria a ver o mundo de outra maneira e transformá-lo, quando percebe ser possível essa condição.

É uma proposta desafiadora porque, com a prática adquirida, passaria a conscientizar crianças para o entendimento de sua condição histórica e social; é uma realidade possível. Mas é necessário também pôr em prática essa crítica aos setores da sociedade que dominam e a mantêm viva, como colocamos anteriormente. Aí sim, a transformação começa a ocorrer e os educandos começam a perceber a sua importância como educadores que são.

Se educar é viver, como nos disse uma aluna num dos diálogos que tivemos durante as visitas, essa dinâmica da vida passa a existir no momento em que desamarramos os nós de uma realidade que mantém a dominação da consciência das pessoas como pressuposto de sua manutenção. Por esse fato, muitos ainda acreditam que o viver é um acontecimento que está desvinculado dos determinantes históricos, ou seja, muitos acreditam que a história acontece por estar ligada aos fatos que acontecem na realidade, e não porque é um produto histórico seu, feito por si mesmo. A realidade da escola passa pelo mesmo processo, ela é um produto histórico determinado pelas necessidades do capital, ou seja, ela é um produto de um sistema economicamente determinante na história, portanto ela reproduz os ideais deste sistema.

Mas quando entendemos que o ato de educar é um processo dinâmico que envolve toda uma situação das condições históricas, sociais, na qual a escola está inserida, podemos dizer, neste sentido, que a escola é também o produto histórico de quem vive o seu dia-a-dia. Da mesma forma que faz parte dos condicionantes do sistema capitalista, que faz dela o seu processo de manutenção da ordem (como aconteceu com o veto à Filosofia), ela também pode ser entendida como um produto humano que reflete as necessidades reais da população. Se a vida é o reflexo das relações materiais entre o homem e a natureza (relações materiais de produção), a escola é também o fundamento desta relação. Portanto, ela é um projeto humano que deveria traduzir as necessidades deste que vai construir historicamente a sua realidade.

Essa construção histórica de uma escola que precisa ser transformada, é a que encontramos presente, no trabalho dos professores da Filosofia da Educação, ou seja,

o Ensino está voltado para discutir as relações humanas³², fundamento de toda escola, onde não existe essa relação. O ensino se dilui em práticas mecânicas de ensino aprendizagem, fica ainda aquela característica positivista de que a escola é o local onde o aluno vai porque tem que aprender alguma coisa e hoje sabemos que a vida tem ensinado muito mais do que a escola vem transmitindo. O método dialógico é a raiz desse trabalho, não há educação sem diálogo. No curso normal, esse fato está muito presente: a busca da autonomia do sujeito frente aos problemas que terá que enfrentar. Logo, o diálogo, o escutar o que o outro tem a dizer, é a ferramenta pedagógica para serem trabalhadas as relações humanas, relações essas que estão distantes da realidade dos seres humanos. E é o que caracteriza a situação da escola hoje, principalmente para os alunos do ensino fundamental, realidade onde os educandos estarão atuando.

O diálogo é também a maneira dinâmica de se trabalhar os conteúdos da Filosofia e da Filosofia da Educação, analisando os problemas, comparando-os com o pensamento e a reflexão dos autores, abrindo várias vias de discussão sobre o problema onde cada uma pode colocar o seu ponto de vista, fazer sua crítica sobre as situações cotidianas. Seria a forma democrática de fazer com que esse ensino, que está sendo construído dentro da sala de aula, no momento do aprendizado, transcenda e venha se concretizar fora da sala no meio social.

Essa é, pois, a característica trabalhada pelos professores da Filosofia da Educação para transmitir os conteúdos da disciplina e, ao mesmo tempo, fazer a crítica às políticas educacionais – crítica ao Veto à continuidade da Filosofia no Ensino Médio – que impõem valores de como deve ser a Educação, e que estão na contramão do que principalmente a escola necessita: ser valorizada.

No próximo capítulo estaremos expondo as tendências pedagógicas que, historicamente foram construindo a característica do atual modelo educacional. Essas mesmas tendências tornaram-se também, fonte de crítica dos Professores, por se tratarem de modelos que caracterizam a marginalização que muitos ainda sofrem dentro do processo de formação.

³² Cf. **SUCHODOLSKI**, B. A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas (a pedagogia da Essência e a pedagogia da Existência) p. 102 e ss.

Capítulo IV

A formação docente e a realidade do ensino escolar atual.

Os fatores determinantes na educação de uma sociedade são as condições sócio econômicas e culturais desta com as relações de produção que existirão neste processo. A formação docente passa por esse viés. Será, então, a partir de uma análise crítica das correntes existentes na educação que poderemos evidenciar a identidade da Filosofia da Educação no contexto atual do curso normal médio uma vez que o cimento desta crítica, estará focado nesta condição histórica de formação do contexto social que faz parte da realidade construída pelos seres humanos.

Neste capítulo, portanto, buscaremos integrar as características da atual disposição educacional escolar da prática docente frente às políticas e pedagogias históricas que sustentaram a formação de educadores na tradição educacional brasileira.

1. A organização política do Ensino tendo a “marginalização social” como ponto de partida.

a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a sua função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização. Neste sentido, a educação, longe de ser um instrumento de superação da marginalidade, converte-se num fator de marginalização já que sua forma específica de reproduzir a marginalidade social é a produção da marginalidade cultural e, especificamente, escolar. (SAVIANI, D. 2000 p.5)

Como a educação é um produto histórico construído a partir de matrizes políticas, sociais e econômicas da realidade, essa tenderá sempre a ser vista sob uma determinada ótica e uma determinada corrente. Sendo assim, podemos dizer que o

eixo histórico concreto no qual essa foi conduzida, deixou a marca de que Educação não é para todos, isto refletido sobre o ponto de vista das discussões políticas. Neste sentido, **Saviani** (1988), a Educação é vista sobre dois ângulos diferentes, quanto a sua concepção na formação do homem.

Destacamos estes momentos, as questões centrais do fenômeno educacional que estavam vinculadas ao problema da marginalidade (Quem é marginal?), sendo que esta problemática deveria ser resolvida na trama de organização da sociedade, tornando evidente que a Educação deveria encontrar respostas aos problemas humanos.

Obviamente, as concepções de Educação no Brasil sempre tiveram como pano de fundo, garantir os interesses de uma classe que estava em plena ascensão social e que constituiria o poder hegemônico de condução da sociedade, (o que fizeram os jesuítas no período da colonização e os militares no processo de repressão aos direitos do cidadão (ditadura militar)). E, sendo a “marginalidade” a fração, na perspectiva política, de descontinuidade da organização social, esta deveria ser combatida no início, no processo de formação da consciência humana.

O que é importante destacarmos aqui é que o ensino da Filosofia da Educação sofrera uma grande influência deste processo, na formação do sistema educacional do nosso País.

No capítulo anterior, analisamos a influência da LDB, na organização política e pedagógica do Ensino, essa tendência que veio valorizar o tecnicismo como marco teórico e prático na organização de um Ensino moderno para a Educação. Nota-se que, com a universalização deste ensino “inovador” o que se queria era a organização de novas habilidades pedagógicas para a formação. Não há dúvida de que o Ensino da Filosofia da Educação para o Ensino Médio foi adequado a essa nova tendência³³. Portanto, educar para a cidadania, neste ponto de vista, é “transmitir” para o educando conteúdos que lhe possibilitem agir de maneira competente, competitiva e racionalizada, nesta realidade, cada vez mais produtiva. No caso do curso normal, esta formação se dava de maneira que possibilitasse inserir, no mercado de trabalho,

³³ Op. cit. p.14

professores “competentes” habilitados para reproduzir a ideologia do sistema dominador³⁴.

Desse modo, se esse modelo educacional está inserido e consolidado em nossa realidade, atualmente é porque essa consolidação teve uma conseqüência anterior, conseqüência essa que deu abertura para organizar o modelo de Ensino, no qual também já estava projetada uma concepção de homem e de mundo. Essa concepção, construída no contexto histórico e social da sociedade brasileira, é que caracterizou os modelos legislativos da educação – quando se quer impor normas para evitar a emancipação política da população – na medida em que a importância que se dava para esse processo, não era para a formação do homem que participasse efetivamente como cidadão, auxiliando na organização de um projeto político, social, cultural e econômico para a sociedade, e sim para garantir o sucesso e ascensão da burguesia detentora da propriedade e dos meios produtivos. Logo, ela tem o poder de organizar política e economicamente a produção, que foi se modernizando gradativa e continuamente em nossa realidade.

Por esse motivo, a necessidade da educação é tão fundamental que, vista por esse ângulo, seria a fonte de “redenção” dos males do homem.

Quando se projeta para a Educação um modelo, como o exposto acima, temos em vista que, ao se projetar tal modelo, esse deveria ter como objeto central de sua fundamentação a formação da consciência humana ligada a um projeto de vida. Mas, na história desta formação, a reflexão parte de outro ponto de vista; o homem é um ser marginal que deve ser educado para saber se postar nesta sociedade. Agora, o importante é entendermos, de que ponto de vista se entende esta marginalização. Por que colocar a Educação como a “salvadora” deste processo? Se realmente a Educação tem alguma contribuição para dar na “redenção” dos males do homem, o ato de educar não deveria ser um processo mecânico, como ocorre no tecnicismo.

Por esse motivo, é que propusemos discutir sobre a seguinte questão: esse homem necessita ser educado?

Para respondê-la, pensamos ser necessário buscar entender que características tem o ser humano, para as tendências educacionais constituídas na História da Educação,

³⁴ **Op. cit.** p.15

uma vez que elas também são o arcabouço teórico do trabalho dos educadores no ensino de Filosofia da Educação para os alunos do curso normal, a fim de discutir o problema dos valores em nossa realidade. Retomando os pontos que foram o norte da constituição histórica da formação do nosso contexto educacional, analisaremos, sinteticamente, alguns aspectos desta perspectiva:

1.1 A pedagogia tradicional

A pedagogia tradicional data de meados do séc. XIX. Este modelo surge num momento em que a sociedade estava passando por um processo de transformação radical; a burguesia passava a questionar o poder constituído pela nobreza e pelo clero, “exigindo” a liberdade como forma de expressão política. “O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia.³⁵” Somente o sistema democrático poderia dar conta dos problemas sociais levantados pela burguesia. E a Educação, neste sentido, era vista como a fonte de combate à ignorância, à erradicação do analfabetismo e ascensão social, por ser ela um direito de todos e um dever do Estado.

Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados. Como realizar esta tarefa? Através do ensino. A escola é erigida, pois, no grande instrumento para converter os súditos em cidadãos, “redimindo os homens de seu duplo pecado histórico: a ignorância, miséria moral e a opressão miséria política.”(Op. cit. p.06)

Na perspectiva colocada acima, o homem era visto como o ser, socialmente, ignorante, pois desconhecia, por não saber, o porquê de sua situação. No entanto, o que era, então, necessário fazer? Instruí-lo para que pudesse ter conhecimento desta realidade (ele passaria a saber, quando passasse a aprender). Sendo assim, todo o conhecimento acumulado, durante anos, deveria ser “socializado” com aqueles que estavam “excluídos” do saber; neste caso a burguesia – já que existia diferença em educar a burguesia e educar o restante da população.

³⁵ *Ibid.*, p. 04

O fato de se instaurar a democracia na sociedade traria, inusitadamente, outro problema para essa mesma burguesia; a participação popular na inclusão desta escola. E como a educação era uma questão social, dar instrução para estes também era importante, pois tratava-se de incluir na sociedade aquele que dela estava excluído.

Educar, no entanto, passou a ser a maneira de incluir os homens nas atividades sociais. Mas como seria transmitido esse ensino? O ensino, neste caso, seria dado de forma “doutrinária”, uma vez que o instrutor era o dono do saber, o mestre que conhecia “todas” as obras. A escola estava centrada na figura, deste cuja função era reproduzir todo o conhecimento acumulado. Aí é que se centrava o sentido em ensinar. Por esse motivo, também era denominado como o **Ensino Tradicional**, porque o aluno era *doutrinado* a aprender por intermédio daquele que possui o saber; o Professor.

Esse modelo educativo não teve a eficácia que a burguesia esperava, tornando-se ineficiente para os seus principais propósitos, além de que, doutrinar o Ensino, é fazer deste um processo “antidemocrático”. Assim, era necessário diferenciar o Ensino, dar espaço à crítica onde o aluno aprende, por intermédio de suas potencialidades, aprendendo por si mesmo. O professor não deve ser o centro, mas o mediador da formação. Nota-se que instruir a população é fazer da democracia um problema para quem mais quer se beneficiar dela. Portanto, o marginalizado deve ser entendido de outra maneira, uma vez que esse não deve ser caracterizado por causa da sua falta de conhecimento:

A referida escola, além de não conseguir realizar seu desiderato de universalização (nem todos nela ingressavam e mesmo os que ingressavam nem sempre eram bem sucedidos) ainda teve de curvar-se ante ao fato de que nem todos os bens sucedidos se ajustavam ao tipo de sociedade que se queria consolidar.³⁶ (Op. cit. p.6-7)

1.2 Pedagogia nova

A pedagogia nova data do fim do séc. XIX. Ela surgiu como crítica ao modelo tradicional, sendo que este modelo não deu conta de resolver os problemas sociais e, pelo contrário, distanciou ainda mais a relação entre os homens, aumentando as diferenças entre ricos e pobres – como se essa distância já não fosse visivelmente

³⁶ *Ibid.* p. 6-7

grande. Este modelo educacional teve, como questão fundamental, analisar o Ensino a partir das potencialidades de cada pessoa. Neste caso, o marginalizado não é o ignorante e sim aquele que não consegue agir com normalidade na sociedade, ou seja, o problema é psicológico e não da falta de conhecimento. “Esta teoria mantinha a crença no poder da escola e em sua função de equalização social.³⁷” O processo de adaptação, portanto, era o fator mais adequado e necessário para reabilitar o ser humano a viver em sociedade e a Educação tornou-se parte preponderante para a formação deste indivíduo.

a educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica. (Op. cit. p.8-9)

Como processo de transição, a pedagogia nova surgiu como um modelo que entendia que a Educação é coletiva e todos estão envolvidos neste processo. Partindo do pressuposto de que todos são parte integral do processo ensino/aprendizagem, o conhecimento se faria na relação do homem com o mundo, que ainda era desconhecido, ou seja, se partia do que não se conhece para se chegar ao resultado desejado.

Compreende-se, então, que essa maneira de entender a educação por referência à pedagogia tradicional tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não diretivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na lógica para uma pedagogia experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, tratava-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a prender. (Op. cit. p.09)

Portanto, para que este modelo funcionasse, era necessário um maior investimento nos materiais pedagógicos e na organização da escola, tornando-a mais atraente, receptiva e moderna. No entanto, nem todas as escolas foram beneficiadas neste “novo processo”, apenas algumas escolas foram contempladas, com este novo modelo e o problema da marginalidade, ao invés de ser resolvido, agravou ainda mais.

³⁷ Op. cit. p. 07.

O movimento escolanovista se caracterizou pela luta da “Educação para todos”, uma vez que todos têm direito à educação de qualidade. Mas essa qualidade se estendeu mais para as classes detentoras do poder do que para as camadas mais simples da sociedade.

O processo de democratização do Ensino é fundamental, mas é necessário entender, nas entrelinhas, que sentido tem essa democracia para a Educação. A democracia contida no movimento escolanovista tinha, como viés, o liberalismo político, porque defendia as liberdades individuais: qualidade, competitividade, produtividade, laicismo, direito de expressão, etc., são, pois, fatores expressivos desta tendência pedagógica. Ora, organizar um modelo educacional, utilizando-se deste ponto de vista, não seria uma forma de garantir à burguesia a sua ascensão social, uma vez que este modelo tem, como pressuposto fundamental, a modernização do ensino e, neste sentido, modernizar significa também tornar a relação Professor e Aluno, no processo pedagógico, mais “transparente”? Mas qual sentido tem essa transparência?

o ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou nas cabeças dos educadores acabando por gerar conseqüências também nas amplas redes escolares oficiais organizadas na forma tradicional. Cumpre assinalar que tais conseqüências foram mais negativas que positivas uma vez que, provocando o afrouxamento da disciplina acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito freqüentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento elaborado. Em contra partida, a “Escola Nova” aprimorou a qualidade do ensino destinado as elites.(Op. cit. p.10)

Com efeito, a escola nova que surgiu como a que traria a “luz da razão” como solução dos problemas da escola e da sociedade, também fez com que eles se agravassem. Dentro da ótica escolanovista, a escola tradicional era vista como um modelo de atraso aos progressos científicos da educação. Todavia, adequar o ser humano à “normalidade social” seria garantir a ele os seus direitos individuais de formação e informação (o homem é o agente da formação e não o processo dela) na medida em que direitos e deveres, na política liberal, é consolidar a “democracia”, a educação, a liberdade, etc., para todos.

Conseqüentemente, essa idealização da Escola nova não se realizou. Se observarmos a realidade da escola, no momento atual, os problemas sociais, ao invés

de terem sido canalizados para se pensar em soluções a longo prazo, pois esses problemas não são resolvidos da noite para o dia, se agravaram ainda mais. A escola não é democrática, o que já dissemos anteriormente, e as luzes da razão não iluminaram a consciência das pessoas, pelo contrário, ela distanciou ainda mais as relações entre os que educam e os que são educados. Por esse motivo, não foi possível ainda sair da consciência sincrética, para chegar ao conhecimento crítico, que é o sonho de todo Educador.

A Escola Nova, ao enfatizar a “qualidade do ensino” ela deslocou o eixo de preocupação do âmbito do político (relativo à sociedade e seu conjunto) para o âmbito técnico-pedagógico (relativo ao interior da escola), cumprindo ao mesmo tempo uma dupla função: manter a expansão da escola aos limites suportáveis pelos interesses dominantes e desenvolver um tipo de ensino adequado a esses interesses. (...) ao mesmo tempo que procurava evidenciar as “deficiências” da escola tradicional, dava força à idéia segundo a qual é melhor uma boa escola para poucos do que uma escola deficiente para muitos. (Op. cit. p.10-1)

1.3 A pedagogia tecnicista

A pedagogia tecnicista tem seu início em meados do séc. XX e, ao contrário, das duas pedagogias anteriores, essa reverteu todo o processo da perspectiva educacional³⁸. A educação passou a ser mais objetiva (centrada em métodos e finalidades, tornando o ato educativo mais pragmático), tendo como finalidade, educar para o processo produtivo, uma vez que a vida humana passou a ser focada na esfera da produção. Neste sentido, Educação passou a ser sinônimo de competitividade, concorrência e competência, retirando dela a sua fundamentação política, principalmente quando a questão era discutir sobre os problemas sociais. Neste ponto de vista, o marginalizado passa a ser o “*incompetente*”, o “*ineficiente*”, enfim, aquele que não consegue se adequar à atividade produtiva ficando de fora, vivendo às margens da sociedade.

Neste processo de racionalização do saber e do ensino, percebemos a diferença colocada na escola para os seus principais atores (educadores e educandos) do fenômeno chamado ensino, uma vez que o trabalho destes estará focado em um modelo que implanta normas e objetivos, enfim que idealiza, a partir da realidade produtiva, como se deve fundamentar o ato de educar. Ou seja, ao invés de se educar

para a vida, no sentido de socializar o saber para com os membros da sociedade para, de fato, instaurarmos uma ordem democrática, deve-se educar para o trabalho, impondo normas e limites para o Ensino, no sentido de consolidar um ensino discriminatório onde nem todos têm a possibilidade de participar desta realidade.

Nesta pedagogia do aprender a fazer, o ser humano não é o objeto central do processo ensino/aprendizagem, mas sim o que importa é a organização racional do pensamento para a objetivação deste processo (ele é o invólucro desta relação). Isto é, lhe é transmitido apenas o que é necessário para a execução da atividade produtiva, uma vez que este será o limite de sua liberdade, enquanto pessoa humana.

Cabe-nos observar, portanto, que na realidade capitalista em que vivemos, este modelo de educação é fundamental – por isso não há necessidade de Filosofia para a configuração de uma nova característica para o Ensino Médio.

Buscou-se planejar a educação de modo a dota-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco a eficiência. Para tanto, era mister operacionalizar os objetivos e, pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo. Daí a proliferação de propostas pedagógicas tais como o enfoque sistêmico, o micro ensino, o tele ensino, a instrução programada, as máquinas de ensinar. (Op. cit. p.12)

Mesmo na organização do Ensino, nas tendências anteriores, a marca das diferenças é notória. Para a burguesia deve ser ensinada a cátedra, a organização lógica do saber; enquanto que para a população, apenas o necessário para sua vida cotidiana. O modelo tecnicista de ensino, que surgiu exatamente para “suprir” as carências da população mais simples, e não fugiu à mesma conduta, contribuiu na formulação de um ensino focado em diferentes matizes, e no que deve e não deve ser ensinado para os mais simples. Quando falamos em suprir carências na situação exposta acima, que carência é essa que necessita ser suprida? Para os simples, é dado o trabalho, portanto a Educação tem que ser pragmática, desfocada dos problemas reais existentes na vida deste, mesmo sabendo que o trabalho está se tornando objeto de luxo para poucos. Se essa foi a maneira encontrada de suprir carências dos mais simples, pelo modelo em questão nos é possível entender o porquê, na sociedade, a

³⁸ *Ibid.*, p. 11

marginalização, a violência, o preconceito, etc. crescem a cada dia e de maneira assustadora.

Quando o Ensino se diluiu nas necessidades do mercado e, ao mesmo tempo, a Educação passou a ser reorganizada no sentido de burocratizar e sistematizar a prática pedagógica, o processo educativo passou a ser entendido como modernizador e transformador da realidade, uma vez que a formação esteve focada no técnico, cuja função seria reproduzir, na prática, o que aprendeu. Por isso a necessidade da sistematização do Ensino. Não há dúvida de que o tecnicismo desviou, no sentido da conduta, o foco do ato de ensinar Filosofia da Educação no curso normal, uma vez que este passou por várias reformulações, até encontrar o sentido do que é ser professor para esta realidade em ascensão.

O magistério passou então a ser submetido a um pesado e sufocante ritual, com resultados visivelmente negativos. Na verdade, a pedagogia tecnicista ao ensaiar transpor para a escola a forma de funcionamento do sistema fabril, perdeu de vista a especificidade da educação, ignorando que a articulação entre escola e processo produtivo se dá de modo indireto e através de complexas mediações. (Op. cit. p.14)

Porém essa discussão, que perpassou a história, reflete na atividade do Professor de Filosofia da Educação, atualmente. Na tendência de modernização do Ensino, alterando as práticas pedagógicas, o tecnicismo sincronizado com as novas tecnologias tornou-se o desafio para o Ensino da Filosofia da Educação, principalmente no Ensino Médio. Como analisar essa nova realidade onde a tendência para o ensino das Ciências Humanas está em se diluir cada vez mais na ótica desta nova realidade? Como fazer a crítica ao tecnicismo se, na atualidade, ele se tornou uma ferramenta a mais no processo ensino/aprendizagem e a cultura tecnológica foi absorvida em toda a sociedade, menos aos que não têm acesso a ela? Os desafios do Ensino da Filosofia da Educação estão lançados e as perspectivas para ele estão inseridas no trabalho do Educador da disciplina. É ele que instrui, como vimos nas visitas às escolas, seus educandos para absorverem, criticamente, esta nova realidade; mesmo que muitos educandos não acreditem que ser professor tem uma importância fundamental na construção de uma nova realidade. Os seres humanos precisam *acordar* desse seu “sono eterno”, para entender que a marginalidade não se elimina pedindo segurança apenas, mas educando aqueles que estão excluídos de ter segurança (as crianças).

Sendo assim, o ato de educar é mais do que a construção de um projeto para o “futuro” vivemos o presente, então é necessário primeiramente que a educação tenha como pressuposto um projeto de homem para o mundo, para que por si mesmo irá projetar o seu futuro. O que a pedagogia tecnicista fez foi pensar o futuro a partir da modernização dos objetos, dos materiais da produção, mas esse futuro nada é sem seu organizador.

Diante da complexidade que o assunto proporciona, percebemos que o Ensino e as concepções de Educação acima expostas sempre estiveram curvados para as necessidades da burguesia. Portanto, garantiram e continuam a garantir a esta a manutenção dos meios ideológicos de dominação da população.

2. Formação docente de nível médio e a Filosofia

Falar na formação docente em nível médio no contexto atual da Educação é uma questão desafiadora, justamente neste momento em que a sua continuidade vem sendo questionada na modalidade de ensino em questão (apesar de o parecer da CEB n.º 1/99 de 29/01/1999 aprovar sua continuidade no ensino médio). Por esse motivo, o que iremos analisar sobre esse ponto é a relação existente entre essa formação e a reflexão filosófica feita sobre as questões educacionais, já que, na própria organização desse pensar crítico, os conteúdos da Filosofia terão como pressuposto primeiro a crítica sobre essa situação.

Sendo assim, refletir sobre a formação a partir do pressuposto filosófico é, acima de tudo, fazer da mesma um potencial de crítica aos determinantes históricos da educação, na condição em que essa vem promovendo a formação do homem à luz de uma realidade massificadora das necessidades humanas. A introdução da filosofia, nos diz Alves (2002 pg. 122), no ensino médio (e nosso caso na formação docente) justifica-se, assim, por se tratar de uma mediação necessária na formação dos educandos no sentido de capacitá-los, teórica e metodologicamente, para intervirem de forma efetiva, ativa e conseqüente em seu meio social, para transformá-lo. Neste sentido, a formação se dá, por um lado pelas condições materiais, históricas e ideológicas em que a educação se encontra; por outro lado, pela crítica feita pelos

educadores quanto a essa realidade, o que vai contribuir na formação de uma nova concepção de realidade para os alunos. A mediação dada pela Filosofia na relação docência – realidade, são condições reais de entendê-la como processo que se constitui historicamente, o que “pode” envolver toda a trama de organização da sociedade em conjunto com as condições reais de existência humana.

É por esse motivo que a Filosofia da Educação tem um papel fundamental no processo de formação da consciência do educando, justamente por fazer a crítica a uma educação dominadora. À luz desta crítica, sua proposta é ser questionadora dos entraves políticos existentes na História da Educação brasileira.

Analisado, desta forma, o contexto histórico atual, a Filosofia da Educação pode ser entendida como “organizadora” de um discurso crítico sobre o fenômeno educacional portanto, ela tem uma importância significativa, não devendo apenas ser entendida como uma disciplina a mais no currículo do ensino normal, justamente por ela ter os seus pressupostos. E esses pressupostos se baseiam no próprio seio em que eles são produzidos; na História. Não é possível, no entanto, pensar a Filosofia desvinculada da questão histórica, da mesma forma que não é possível pensar a docência se não for através de um projeto vinculado à História humana. E é neste momento que a reflexão filosófica se torna questionadora dos problemas educacionais (e o pressuposto fundamental desta reflexão é a própria formação). Não há dúvida de que educador é o protagonista das transformações históricas, por ser ele também o sujeito produzido por esses determinantes que constituem tecido do social. Porém, essa consciência ele passa a tê-la quando reconhece que na sua contribuição para a formação intelectual do homem este passe a se perceber como, sujeito importante para um organização de uma nova concepção de mundo.

A identidade da Filosofia da Educação se constitui, neste sentido, através da situação exposta acima, o que serviu também de eixo norteador para o trabalho proposto pelos docentes do ensino médio normal. Desta forma, se de um lado entendemos a produção filosófica como produto construído a partir do projeto histórico, de outro, refletir filosoficamente sobre determinadas situações e conceitos é entendê-la também como práxis que faz parte da ação humana. Na formação docente, é crucial essa práxis para interpretação deste ser humano cuja função será resgatar os valores

fundamentais para a vida em sociedade. Podemos concluir, sobre essa reflexão, que a docência, então, será o ponto de partida para a construção do projeto humano, e a contribuição da Filosofia, nesta formação, também será importante. O educador, no momento em que passar a conviver com o outro, com seus alunos, neste caso, não será apenas parte da realidade destes quando vivenciá-la concretamente, mas irá fazer parte de uma *totalidade* no qual se estrutura sua realidade em função da realidade do outro. Nesta relação fundamental para a convivência, ele se faz ouvir para o outro.

Levantar a crítica, pois, sobre a realidade que os seres humanos sempre viveram, será o alicerce fundamental do trabalho do futuro educador que passa a questionar aquilo que lhe é questionado. Sendo essa a sua ação propositiva, tergiversar a ela é fazer de sua profissão um vazio inexorável. Neste vazio, se sedimentam os valores de uma educação utilitária, com princípios e ideologias de uma educação moderna, cunhada nos vieses do capitalismo vigente. Seguindo essa via, o educador deixa de cumprir o seu papel, transformando-se num mero reprodutor de idéias. E é justamente na análise desta situação que se insere a reflexão filosófica da Educação na formação docente. Esse, sem dúvida, é o trabalho concreto efetivado na ação dos Professores. Portanto, ela se torna indispensável na organização do pensar crítico dos alunos para auxiliá-los na condução da sua carreira, fazendo deste o intelectual, que não só conduz as massas mas que também sabe com ela conviver e ser parte dela.

Todavia, não será a Filosofia da Educação que irá viabilizar qualquer transformação na sociedade, pelo contrário, é o ser humano, com suas limitações, que conduz essa ação. Então, o educando do ensino médio normal, ao adquirir os conteúdos da Filosofia, principalmente como processo do seu enriquecimento cultural, para debater criticamente com seus futuros alunos sobre as contradições existentes na sociedade e na Educação, deve também fazer desta interpretação o elemento constitutivo de resistência a essas contradições que são inerentes ao contexto histórico dos seres humanos. Por aprender a “interpretar” essa realidade, caberá, ao futuro educador, ser o iniciador, no momento seguinte desta interpretação, da transformação do contexto histórico no qual se insere também a Educação. Uma educação que, ao

trabalhar a valoração das coisas (fetichização do objeto), deixou de trabalhar a valoração do ser humano, é que faz com que muitos ainda estejam excluídos desse processo.

3. Conclusões .

Ao iniciarmos esta discussão, tínhamos claro que encontraríamos muitas dificuldades para desenvolver o trabalho, desde as dificuldades operacionais de encontro com professores e alunos para diálogos e participação nas aulas (coleta de dados), de resistência de alguns diretores quanto a nossa presença na escola e de localização de algumas escolas, devido o próprio fechamento do curso, as escolas que o mantiveram tornaram-se pólos de formação de professores, situadas em diferentes pontos da Região.

Não temos dúvida de que, pelas dificuldades encontradas, a discussão não teve uma amplitude maior. No entanto, acreditamos que resultado foi muito positivo pelo que levantamos. Tivemos a oportunidade de conhecer realidades “conflitantes” onde estavam em debate o espaço da contradição e da ideologia na Educação e o contra discurso a tais situações no momento atual. Neste item, falaremos desta experiência, onde estas contradições e o espaço de luta estão colocados em pauta e, desta experiência tiramos lições. Lições essas que engendramos em nossa prática, que agora fazem parte do nosso cotidiano.

Falamos em Ensino da Filosofia da Educação hoje, e no nosso caso, observando essa prática na realidade do curso normal, é uma questão complexa e ao mesmo tempo árdua devido:

- 1) à realidade que enfrentamos;
- 2) ao número reduzido de aulas que torna o trabalho dos educadores muito rarefeito;
- 3) ao fechamento do curso;
- 4) ao interesse dos educandos pela disciplina é “menor” do que nas outras disciplinas;

- 5) ao desinteresse das escolas pela disciplina (em muitas escolas a disciplina de Filosofia foi retirada do currículo);
- 6) ao descaso político com a Educação;
- 7) ao descaso e a alienação das famílias em relação à Educação de seus filhos.

Enfim, existem muitos problemas que podem se tornar objeto de discussão e, por isso, é uma questão árdua, pois ela também remonta toda conjectura na qual a escola viveu e está vivendo, assim como a sociedade também passa por este mesmo processo, com o crescimento desorganizado da estrutura vigente e o que torna um agravante a mais na organização do projeto educacional. Estas questões são frutos importantes para o trabalho pedagógico dos Educadores da Filosofia da Educação.

Remetendo-nos na reflexão do Prof. Severino (2000), para analisar essa questão, ele nos diz que:

(...)para que se possa seguir a trajetória da Filosofia da Educação no Brasil, tomarei como demarcador do sentido da Filosofia da Educação o exercício de um pensar sistemático sobre a educação, ou seja, um pensar a educação, procurando entendê-la na sua integralidade fenomenal (grifo nosso). Pressuponho, pois, que se possa pensar a educação e, conseqüentemente, que se possa pensá-la igualmente sob um registro filosófico. Na discussão sobre o sentido da Filosofia da Educação, costuma-se, muitas vezes, referir-se à ênfase exagerada que se dá à Filosofia, em detrimento da educação, ou então a ênfase de que se deveria dar à educação em detrimento da Filosofia. Chega-se mesmo a se afirmar a impossibilidade de se articular as duas esferas.(SEVERINO, A in: GHIRALDELLI, Jr. 2000 p.269)

Então, discutirmos sobre o sentido de ensinar Filosofia da Educação, atualmente, é buscar entender o discurso deste Ensino para a questão educacional que está inserido em um plano pedagógico das escolas, uma vez que nesse plano estão contidos também os objetivos políticos do que se espera e o que se quer da Educação. Não há dúvida de que nesses planos existam deficiências que possam ser analisadas pelos Educadores e Educandos, como por exemplo.: o porquê da não inclusão da Filosofia da Educação nos quatro anos do curso, o que faz com que a discussão da disciplina fique rarefeita por não ter uma continuidade, ficando diluída aos poucos momentos em que a aula acontece (isto ocorre também porque a disciplina é ministrada nas séries finais do curso).

No entanto, se a Filosofia da Educação, no curso, é importante, a quem interessa a sua retirada do currículo escolar? Esta questão é base do trabalho de todos os educadores, que viram ser necessário retomar seu discurso na História, para entender a quem interessa a educação e qual deve ser o seu fundamento na estruturação da sociedade. O Professor tem um papel importante nesse discurso, pois é através do seu diálogo com o educando que possibilita a abertura do discurso crítico, é nesta relação que Professor e Aluno se tornam agentes do Ensino, uma vez que passam a descobrir as necessidades que um e o outro têm para a realização de um projeto pedagógico que valorize as condições humanas.

O diálogo não elimina as contradições (ao contrário, as pressupõe), mas lhes dá um tratamento especial, cuidadoso e reflexivo, porque nele o exercício da crítica se completa com a autocrítica. O outro introduz no movimento do meu espírito uma referência capaz de conter o ímpeto voluntarista, o exagero veleitário que nasce do subjetivismo típico do isolamento. A “liberdade” com que me afirmo na ação só consegue se tornar mais completa com o reconhecimento da dimensão da “necessidade”, representada pelo outro. O outro me põe em contato com uma realidade que o isolamento pode me impedir de enxergar. (KONDER, L. 1992 p.139)

Essa necessidade do diálogo com o outro faz com que o Ensino da Filosofia da Educação seja hoje um instrumento importante na formação dos novos educadores, uma vez que vão levar para sua vida prática a necessidade de conhecer o outro no contexto em que esse vive. O retorno é a própria conscientização de que o Ensino se faz com o outro:

O movimento pelo qual o sujeito se realiza só se torna efetivamente objetivo quando se torna intersubjetivo, isto é, quando vai de um sujeito a outro, em busca da volta. Nesse movimento, acaba-se por alcançar um nível em que a divergência persiste, porém deve se combinar com uma convergência, que se cria em torno do esforço por uma melhor compreensão mútua. (Op. cit. p. 139)

Portanto, um discurso desta natureza, consolidado na vida prática do educando, deve estar elencado em um processo histórico, cujos laços fazem parte das tendências pedagógicas nas quais se constituíram os momentos de estruturação da nossa Educação.

Como expusemos nos itens anteriores, as LDB's tiveram e ainda continuam tendo influência direta na normatização do Ensino, assim como a marginalização tem o

seu norte constituído na organização desta norma. O Ensino continua, então, transmitindo, ainda a ideologia de um modelo doutrinador, impositivo e delineado segundo com os interesses das elites políticas.

O diálogo não é suprimido totalmente, mas a sua consistência é que é modificada, de acordo com as necessidades técnicas do mercado. O outro passa a ser visto, então, como o “instrumento” de trabalho do Educador, e não como pessoa que interage com este na relação ensino/aprendizagem. Por esse motivo, fomos a campo conhecer como essa interação acontece.

Conhecer o trabalho do Educador da Filosofia da Educação foi importante, principalmente porque vimos que no seu trabalho, a análise da questão colocada acima, possibilita a reflexão crítica (essa crítica, a entendemos como a atividade criadora e criativa do ser humano, por isso é histórica, uma vez que este é sujeito objeto da história) deste contexto, no qual o pensamento e a reflexão filosófica do educando vão se constituindo. Porém, como consistiu esse seu discurso?

Podemos dizer que, atualmente, esse discurso no curso normal, como vimos na atividade dos educadores, é *crítico* a questão educacional. Ou seja, é um refletir histórico sobre as principais correntes e tendências da Filosofia em relação à Educação. Os Educadores buscam discutir a Filosofia, e aqui é interessante frisar que cada Educador tem a sua perspectiva filosófica (não há uma tendência filosófica delineada pela escola, no Estado por exemplo; cada Educador tem autonomia na constituição de seu projeto pedagógico. Temos aí uma exceção, existente, no colégio Ave Maria, onde a tendência para o curso partia da reflexão do Materialismo Histórico), para, no momento seguinte, inserir esta reflexão nos problemas existentes na esfera educativa como: a questão política e a economia, a questão cultural e social, os problemas da sexualidade na adolescência, violência, temas transversais, etc.

Esse discurso, alicerçado na História da Filosofia, leva em conta que a reflexão dos autores da Filosofia pode auxiliar na organização do pensamento do novo Educador. Portanto, pode auxiliá-lo também na constituição de um projeto pedagógico em que as necessidades do Ensino e da Educação se tornem questões prioritárias. Retomando, novamente, a questão da política educacional (para o aluno do curso normal, hoje, ser Educador é o que supostamente menos importa. A grande maioria

está fazendo o curso, porque o ensino é mais exigente (no Colégio CEFAM o período das aulas é integral) e requer mais responsabilidade, dando autonomia para os desdobramentos das suas potencialidades; portanto, os objetivos destes são outros). A questão colocada para o “novo Educador” no que é ensinado em Filosofia da Educação é a seguinte; que rumos será preciso tomar para que façamos existir, de fato, uma Educação que valorize o homem, na sua totalidade, e por intermédio deste projeto à Educação venha se tornar emancipadora? A resposta à questão deve estar constituída na leitura filosófica de cada aluno, uma vez que eles serão os “agentes” na consolidação deste projeto.

Atualmente, o Ensino da Filosofia da Educação está calcado nos problemas existentes na realidade educacional, o que faz com que o aluno passe a fazer sua crítica ao modelo que se quer de Educação para tal contexto. Revisitar a História da Filosofia – esse trabalho feito pelos educadores com os educandos – é mais do que contribuir com o sentido que se deve dar ao ato de educar; é mostrar que este é um produto histórico, que se faz na história e a história se faz com ele.

Essa reflexão da História com o educando, é o momento em que este passa a “filosofar” sobre a educação, que pode se tornar, porém, uma das ferramentas de seu trabalho em sala de aula, e onde se pode começar a refletir sobre a organização de uma sociedade mais justa. Estamos longe de fazer do Ensino da Filosofia da Educação o ensino da práxis, se entendemos o conceito de justiça como transformador das condições sociais do ser humano. Mas, ainda, podemos acreditar que essa práxis é possível, uma vez que as sementes desta reflexão estão plantadas; o que torna mais importante, no momento, é não fazê-la se perder no tempo, isto é, fazer com que no trabalho do Educador o Educando venha reconhecer a sua missão histórica:

As lutas vão depender das circunstâncias em que os problemas do exercício da cidadania vierem a se apresentar, em cada caso. São previsíveis alguns grandes campos de batalha: em torno da concentração da riqueza e do poder; da preservação do meio ambiente e do furor “produtivista”; em torno dos privilégios da propriedade privada, de discriminações étnicas, religiosas e sociais, da valorização do trabalho e da criação cultural; em torno do direito à informação; dos pontos do estrangulamento corporativos ou clientelísticos na prática da democracia; da maior aceitação da diversidade dos costumes; do direito à saúde, à educação; em torno do fortalecimento dos valores éticos “humanistas” e contra a relativização/mercantilização da vida. (Op. cit. p.136)

E se acreditamos que a Educação ainda tem uma contribuição para dar nesta batalha, é porque a sua força está no fato de que a realidade pode ser transformada, uma vez que educar é também conscientizar. Se a transformação ocorre, é porque passamos a refletir crítica, lógica e sistematicamente sobre as contradições que existem em nossa sociedade. Portanto, o Ensino da Filosofia da Educação, sendo esse discurso contra-ideológico ao processo de dominação da burguesia, trabalhado pelos Educadores no seu cotidiano de sala de aula, tem como viés à conscientização dos Educandos para a difusão da práxis transformadora, apesar de poucos alunos acreditarem na importância da Educação, descredito esse construído nos laços de constituição da nossa realidade capitalista, essa Educação ainda tem uma questão fundamental, fazer do seu projeto histórico a prática que poderá levar à *mudança*.

3.1 As lições aprendidas com este trabalho.

Discutir sobre o Ensino da Filosofia da Educação no contexto atual do curso normal de nível Médio, tendo como ponto de partida os pressupostos éticos, políticos e filosóficos da Educação, foi para nós uma questão desafiadora e, ao mesmo tempo, interessante. E o que apresentamos nas análises acima, apesar de todas as contradições expostas para a concretização de um ensino transformador; é que a Educação ainda é uma questão fundamental na realidade das pessoas. Portanto, ela ainda é possível quando está colocada no eixo norteador dos seus objetivos; o Homem, ser que tem a possibilidade de organizar os determinantes sociais existentes em seu contexto histórico.

A partir deste fato, quando colocamos que esse Homem pode atingir o máximo de consciência possível do seu tempo, é porque ele tem a possibilidade de organizar, coletivamente, a sociedade para as transformações que se fazem necessárias, uma vez que no decorrer de sua vida e de sua formação, conquistou a sua maturidade intelectual para fundamentar tais determinantes. Neste sentido, entendemos que essa maturidade também pode ser iniciada no curso normal, onde estão discutindo, criticamente, sobre os problemas educacionais. E para sua formação intelectual, a

prática e a reflexão filosófica de tais problemas são fundamentais. Portanto, a Filosofia da Educação também contribui nesse processo de formação.

Defender o Ensino da Filosofia da Educação no Ensino Médio atual é defender um projeto de Ensino que coloca como questão central de sua investigação, como da sua formação o homem, cuja função será participar ativamente da elaboração de um projeto transformador, no qual esteja colocada a sua concepção de mundo, para a realidade em que vive. Contudo, já podemos ter como certa uma primeira conclusão: o cidadão não se “faz” sozinho, é necessária a participação de todos os membros da sociedade civil nesse processo de fundamentação da cidadania e o Educador, porém, é a chave importante na elaboração deste projeto. Por isso, o Ensino da Filosofia da Educação no curso normal é o registro inicial deste processo e será o alicerce na construção deste “edifício”.

No entanto, o que vimos na trajetória histórica que trilhamos, foram os antagonismos inseridos nos projetos pedagógicos para a Educação brasileira, no qual também estava consubstanciada a organização da sociedade. Entendemos, porém, a Educação como parte de um projeto humano, portanto, histórico. Então, por que é necessário delimitar Leis para a condução do Ensino? É, precisamente, na crítica aos antagonismos de uma política educacional que exclui uma grande parcela da população, do processo de aquisição do conhecimento e também as questões discutidas neste trabalho, que está, pensamos, o fundamento do Ensino da Filosofia da Educação. E se dentro desta perspectiva estão inseridas as transformações sociais, a práxis – que é o fundamento teórico e prático da reflexão filosófica – não deveria estar de fora.

Seguindo esse pressuposto, entendemos que os desafios para o Ensino da Filosofia da Educação estão postos na realidade, ou seja, o de fazer, a partir da prática educativa, uma crítica severa aos antagonismos de uma Educação que, de certa forma, é excludente. Assim como as perspectivas serão os frutos deste desafio e estão na própria ação (na práxis) do futuro Educador, no campo em que ele escolheu para vivenciar essa sua prática; a Escola. Escola essa que vem necessitando de educadores que estejam envolvidos, de fato, com a elaboração de um projeto pedagógico transformador das questões sociais, assim como das relações humanas, uma vez que

essa Escola também está inserida, pelo menos uma grande parte dela, em realidades onde essas relações estão distantes do que acontece ao seu redor.

Portanto, essa escola que foi constituída na História de sua formação, a partir dos projetos legislativos, deixou a sua marca, como até hoje ocorre, de um Ensino e de uma escola que é para poucos. Denunciar essas situações, atual tarefa dos educadores da Filosofia da Educação, e que fazem com muito êxito, é tarefa da Filosofia e da Filosofia da Educação. Colocar o futuro Educador à escuta destes determinantes sociais é fundamental para que ele venha fazer sua crítica aos fatos expostos; é fazer com que a sua prática se torne, de fato, um instrumento da transformação social; é ir além também do que a Legislação espera da Educação e é fazer do seu trabalho o mediador entre a ação humana e a ação política, uma vez que essa ação já projeta uma organização política da sociedade.

Concluimos nossa reflexão, argüindo sobre a seguinte questão: toda discussão filosófica é uma discussão política, portanto, é histórica, na qual também se inserem os problemas de seu tempo. O problema do Ensino da Filosofia da Educação hoje é mais de ordem política e econômica, constituído ao longo da história da Educação brasileira, do que de ordem estrutural e pedagógica. É esse hoje o instrumento de discussão dos Professores da Filosofia da Educação no curso normal e, que vimos no primeiro capítulo, no qual também se tornou o seu instrumento de luta e o seu ferramental de instrução. Destruir, o preconceito muito difundido, atualmente, na cabeça das pessoas de que a Educação perdeu o seu sentido, é tarefa dos Professores da disciplina em questão. E é a partir desse trabalho que podemos mostrar para a sociedade civil que o Ensino da Filosofia da Educação tem importância. Assim como **Marx** (1999) disse, se as ações humanas é que alteram as circunstâncias, então, não seria necessário retirar a Filosofia, e sim fazer dela o instrumento da nossa luta.

Anexos

Anexo I

Escolas Visitadas

*E.E.Dom Jaime Câmara End. Av.José Mancini n-o 501 Bairro: Centro Cidade: Sumaré-SP Cep: 130175-000	Professora 1
*Colégio Ave Maria End: Rua Barão de Jaguará n.o 190 Bairro: Centro Campinas-SP Cep: 13015-000	Professor 2
*E.M.P.S.G. Magalhães Teixeira (CEETEPS) End: Rua Cap.Lourival Mey n.o 750 Cidade: Hortolândia-SP Cep: 13186-000	Professora 3
E.E.Pe Ismael Pereira (CEFAM) Campinas-SP End: Rua Cândido Mota n-o 186 Bairro: São Bernardo Cidade: Campinas-SP Cep: 13100-000	Professora 4.a Professora 4.b
E.E Carlos Gomes End: Av. Anchieta s/n Bairro:Centro Cidade: Campinas-SP Cep: 13100-000	Professor 5
E.M.P.S.G. José de Anchieta End: Rua Luis José Duarte n.o 277 Bairro: Jdim Carlos Basso Cidade: Sumaré-SP Cep: 13170- 232	Professora 6
E.E Cyro de Barros Rezende End: Rua Carlos Gomes n-o 280 Bairro: Centro Cidade: Valinhos-SP	Professor 7

As escolas, acima citadas, são as que, atualmente, oferecem na Região, o curso de Formação de Professores (Magistério), para o Ensino Médio.

As escolas com * no início fecharam o curso no final do ano de 2001. com exceção a primeira escola citada na tabela cujo fechamento ocorreu no final do ano de 2000.

Anexo II

Comunicado CENP

Senhor(a) Dirigente Regional de Ensino

Tendo em vista que as propostas de matrizes curriculares, já encaminhadas às Diretorias de Ensino, nesta data, sofreram pequenas alterações, estamos reencaminhando-as para análise das escolas e, portando, substituindo aquelas enviadas anteriormente.

Atenciosamente

Arlete Scotto

Coordenadora

Anexo III

Fonte Bibliográfica Prof^a. 1

BRANDÃO, Carlos O. O que é Educação São Paulo Ed. Brasiliense 1990 (Coleção; Primeiros Passos)

LUCCKESI, Cipriano C. Filosofia da Educação São Paulo Ed. Cortez, 1998 (Coleção magistério 2º Grau. Formação Professores) (Livro adotado para as aulas)

MEC e SE do Ensino Médio Parâmetros Curriculares Nacionais: Brasília Ensino Médio Ministério da Educação, 1999

NIDELCOLF, M: Uma escola para o Povo

SAVIANI, Demerval Escola e Democracia Campinas-SP Ed. Autores e Associados 1993

SEVERINO, Antonio J. Filosofia São Paulo Ed. Cortez 1994 (Coleção magistério 2º Grau. Serie formação Geral)

A bibliografia, acima citada, é de responsabilidade da professora, tivemos acesso a ela nos encontros que fizemos no período de visitas as escolas. Como referencial teórico para estudo e aprofundamento para a discussão dos temas propostos, ela é, pensamos, uma bibliografia com viés importante, porque os autores indicados para a discussão, tem uma vivência muita ampla da questão educativa no Brasil. Portanto, a análise do pensamento de cada um deles, pode vir auxiliar alunos e professores numa reflexão mais crítica sobre a realidade da escola na qual ela se encontra atualmente.

Fonte Bibliográfica Prof^a. 2

LUCCKESI, Cipriano C. Filosofia da Educação São Paulo Ed Cortez 1998 (Coleção magistério 2º Grau. Formação Professores) (Livro adotado para as aulas).

SAVIANI, Demerval Escola e Democracia Campinas-SP Ed. Autores e Associados 1993.

Anexo IV
Planejamentos Prof.º. 3

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: PROGRAMA DO 2º NORMAL

SUMÁRIO:

- I - Princípios : filosóficos, sociológicos, psicológicos, pedagógicos e teológicos.**
- II - Objetivos gerais do curso.**
- III - Conceitos gerais do curso.**
- IV - Expectativa em relação aos alunos.**
- V - Postura a ser cobrada do professor**
- VI - Objetivos e conceitos específicos do componente curricular no curso.**
- VII – 2º Normal por trimestre**
 - VII.1. – Objetivos Gerais do primeiro trimestre**
 - VII.2. – Objetivos específicos do primeiro trimestre**
 - VII.3. – Conteúdos do primeiro trimestre**
 - VII.4. – Recursos pedagógico-metodológicos do primeiro trimestre**
 - VII.5. – Avaliações do primeiro trimestre**
 - VII.6. – Objetivos Gerais do segundo trimestre**
 - VII.7. – Objetivos específicos do segundo trimestre**
 - VII.8. – Conteúdos do segundo trimestre**
 - VII.9. – Recursos pedagógico-metodológicos do segundo trimestre**
 - VII.10. – Avaliações do segundo trimestre**
 - VII.11. – Objetivos Gerais do terceiro trimestre**
 - VII.12. – Objetivos específicos do terceiro trimestre**
 - VII.13. – Conteúdos do terceiro trimestre**
 - VII.14. – Recursos pedagógico-metodológicos do terceiro trimestre**
 - VII.15. – Avaliações do terceiro trimestre**

I – PRINCÍPIOS PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS

O **homem** é visto enquanto um ser concreto e histórico, pois ele produz seus meios de vida e, assim, a si mesmo. O que o homem é coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produz, como com o modo como produz. O que o homem é depende das condições materiais de sua produção. Por isso ele é histórico, pois ao desenvolver sua produção material e intercâmbio material, transforma também, com esta realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. O homem de hoje difere do de outrora, pois está imerso numa sociedade concretamente localizada num tempo e espaço determinados.

O **mundo** está em perpétuo movimento; sujeito a múltiplas transformações realizadas pelo homem.

A **Educação**: entendida e analisada sempre em uma realidade sócio-histórica específica sendo, portanto, provocadora de questionamentos e abrindo perspectivas para transformação, capaz de “Reproduzir e minar ao mesmo tempo, as estruturas vigentes”. (Gramsci).

PRINCÍPIOS SOCIOLÓGICOS

A **História** é aqui considerada enquanto conjunto das relações humanas, ocorridas no movimento da estrutura social, num determinado tempo e espaço, a partir das necessidades coletivas.

A **Cultura** enquanto síntese da relação homem-mundo é constituída pelo trabalho.

A **Educação** é uma instituição social, com papéis determinados pela sociedade, que mantém e reproduz as relações sociais de produção. Entretanto, é através dela que se pode ampliar a consciência para transformar essas relações sociais de produção.

PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS

A “aprendizagem, mediada pela linguagem, tem papel fundamental no Desenvolvimento Humano. O aprendizado é “um aspecto necessário e universal no processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (Vygotski)

As funções psicológicas têm um suporte biológico, pois são produto da atividade cerebral; fundamenta-se nas relações sociais entre indivíduo e o mundo exterior, desenvolvendo-se um processo histórico. A relação homem-mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos.

A linguagem, portanto, é vista enquanto forma de interação especificamente humana e como sistema de signos culturalmente organizado. É mediadora entre o sujeito e o conhecimento; constitutiva do pensamento e da ação e responsável pela transformação das funções psíquicas elementares em funções psíquicas superiores (formação de conceitos).

PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS

Ancorada na pedagogia histórico-crítica, a educação formal é vista enquanto instância que cria possibilidade para a ampliação da consciência, por meio da ação transformadora do mundo real.

PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS

Deus é o Senhor da Vida e do Universo. Ele é o Pai e Criador, revela-se no cotidiano fazendo História com seu povo. História de amor que se concretiza no mistério da encarnação : assumindo a natureza humana Jesus Cristo revela a dignidade da pessoa que é ser imagem e semelhança de Deus. Busca-se a sociedade sonhada por Deus que visa a construção da grande

fraternidade onde a justiça, a verdade, a solidariedade, a partilha e a igualdade são os elementos fundamentais para a concretização do Reino de Deus onde todos sejam irmãos.

II - OBJETIVOS GERAIS DO CURSO

Contribuir com a formação de uma consciência cristã, social, crítica, solidária e democrática, onde o educando possa gradativamente ir se percebendo como agente do processo de construção do conhecimento e de transformação das relações entre os homens em sociedade.

III – CONCEITOS GERAIS DO CURSO

O **homem** constrói conhecimentos através das **relações** que estabelece com o mundo ao seu redor, projetando, para tanto, sua **linguagem**. Nessa relação que estabelece com os demais, os homens, pelo **trabalho**, transformam a **natureza** e a si mesmos, em busca de sobrevivência. Estas relações são conceitualizadas em cada uma das disciplinas eleitas na educação escolar. É a (re)construção contínua de conceitos que leva o homem à progredir em seus conhecimentos, o que o possibilita transformar a realidade, produzindo cultura. Daí a importância de que os conceitos de cada disciplina sejam trabalhados **dialeticamente**, sempre resgatando-se a noção de totalidade. Dessa forma, conhecendo as várias realidades e conhecendo o movimento existente entre a parte e o todo, o aluno poderá, de maneira crítica e consciente, formar sua consciência, apta a transformar o mundo e os homens.

IV - EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AOS ALUNOS

Muito embora saibamos da heterogeneidade econômica, social, política e cultural das turmas de alunos que compõem as salas de aula, que devem ser respeitadas em suas especificidades, vamos aqui delinear algumas expectativas gerais que temos em relação ao conjunto. São algumas predisposições que dependem sempre de inúmeros e polêmicos fatores, que acreditamos não ser preciso neste momento citá-los ou comentá-los. Portanto, dos alunos se espera minimamente que:

- 1 - tenham uma postura responsável ante aos compromissos firmados;
- 2 - ajam com discernimento ético quanto aos comportamentos em cada momento;
- 3 - participem efetivamente em cada atividade programada;
- 4 - se entrem com a classe e com o professor, possibilitando o desprendimento de espírito necessário ao diálogo constante;
- 5 - tragam à classe suas apreensões do mundo para polemizar com os conteúdos trabalhados.

V - A POSTURA A SER COBRADA DO PROFESSOR

Queremos com o termo postura afirmar qual deva ser o posicionamento e compromissos do professor nas relações decorrentes do processo de ensino-aprendizagem. São, na verdade, as relações entre professor-aluno e professor-direção/funcionários, os compromissos do professor, sua postura dentro da sala enquanto profissional da educação, sua compreensão de escola, entre outras. Assim sendo, podemos afirmar que do professor se espera minimamente que:

- 1 - ciente de que a educação é um processo em constante reelaboração e superação, jamais acabado e fechado (educação tradicional) e sem espontaneidade carente de conteúdos sócio-históricos (educação nova), trabalhe com os alunos de forma aberta possibilitando a participação e a integração deles em cada momento do desenvolvimento do programa;
- 2 - saiba manter a proximidade necessária em relação aos alunos para, facilitando as relações pessoais, possibilitar o melhor aproveitamento, mantendo a distância salutar para a bom desempenho das suas funções profissionais;

- 3 - com destreza se relacione com os alunos mantendo a sua autoridade, não autoritariamente mas de forma consentida e conquistada;
- 4 - valorize os alunos enquanto sujeitos histórico-sociais ativos e que trabalham, pautados nas contradições que marca o todo social e pessoal, realizando progressos, construindo-se a si e ao mundo ao seu redor;
- 5 - cumpra suas responsabilidades para com a direção nos prazos e termos combinados, e se relacione com os funcionários de forma a sempre se mostrar aberto ao diálogo tendo como pressuposto desta relação a igualdade fundamental enquanto ser humano;
- 6 - prepare-se em relação aos conteúdos ministrados procurando o melhor domínio sobre eles;
- 7 - intervenha nos diferentes momentos do processo de ensino-aprendizagem não abrindo mão de sua função de articulador e organizador dos conteúdos e formas que possibilitem a construção crítica e coletiva do saber;
- 8 - trabalhe sempre priorizando a valorização do coletivo sobre o individual;
- 9 - entenda a escola enquanto um organismo vivo presente no todo histórico-social, por ele determinada e dele determinante na mesma relação dialética;
- 10 - valorize a inter-relação entre as diferentes facetas componentes da realidade humana, apontando para a negação da negação como resultado do processo de construção da vida em constante devir.

VI – OBJETIVOS E CONCEITOS ESPECÍFICOS DO COMPONENTE CURRICULAR NO CURSO

Proporcionar ao educando uma prática reflexiva que articule suas experiências cotidianas com os campos de atuação filosófica (antropologia, epistemologia, axiologia). Dever-se-á refletir sobre a existência humana, nas suas mais diferentes dimensões, e sua relação com os fenômenos sócio-político, econômico e cultural, a partir da tradição histórica e da contemporaneidade.

VII - 2º NORMAL POR TRIMESTRE

VII.1. - OBJETIVOS GERAIS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

Os objetivos gerais são aqueles que, com abrangência maior no que se refere ao seu entendimento já que possibilita a associação com os conceitos desenvolvidos pelas demais disciplinas e com a vida como um todo, serão perseguidos no 1º trimestre naturalmente em consonância com os apresentados nos dois trimestres posteriores. São eles:

- 1 – situar-se na realidade histórica atual tendo como ferramental teórico e prático o aprofundamento das questões: ética e política;
- 2 – despertar o interesse pela ação política na realidade cotidiana pautados pela delimitação determinada pela ética;
- 3 - motivar os alunos a posicionarem-se frente à realidade em que vivem e que enfrentarão como profissionais da educação enquanto sujeitos políticos que têm clareza do universo de valores presentes no mundo e suas decorrências na prática social.

VII.2. - OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

Esses objetivos são aqueles que, assimilados em decorrência de cada conteúdo desenvolvido no processo de ensino aprendizagem, apontamos especificamente para servir como norte em cada momento do desenvolvimento da disciplina. São eles:

- 1 – delinear um conceito próprio de Ética e Política;
- 2 – identificar e compreender a vastidão do universo de valores presentes no mundo atual;

- 3 - relacionar o conceito de ética com o de política, buscando compreender a decorrência política da ética;
- 4 – diferenciar teoricamente ética e moral;
- 5 – posicionar-se criticamente ante a sociedade atual de acordo com seus próprios pressupostos éticos e políticos.

VII.3. - CONTEÚDOS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

O eixo central dos conteúdos a serem devidamente trabalhados em sala de aula será o da relação entre Ética e Política, mediante uma análise baseada nos princípios do materialismo histórico e dialético de linha gramsciana. Objetivamos trabalhar este conteúdo buscando um certo aprofundamento característico da abordagem filosófica já que esta, acreditamos, deve primar pela globalidade, rigorosidade e radicalidade em suas análises.

Pretendemos, pois, dividir estes conteúdos em dois momentos distintos; a saber: **Ética e Política**. Ao tratarmos do primeiro momento, procuraremos fazer um breve relato sobre o conceito de ética e sua distinção teórica da moral. Após isso, queremos abordar sinteticamente o problema da ética presente, ou ausente, na sociedade capitalista, chegando ao ponto culminante e final deste primeiro momento, qual seja a extensão desses conceitos para a realidade atual.

Adentrando ao segundo momento, qual seja o da análise da Política, buscaremos identificar um conceito de política e apresentar a falácia do termo “a-político” enquanto negação do inegável. Depois, procuraremos adentrar na questão da democracia e cidadania pautados nos textos de apoio que apontamos. Eis, portanto, os eixos de conteúdo que pretendemos seguir.

VII.4. - RECURSOS PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

Na tentativa de motivar a apreensão dos conteúdos e despertar o interesse pela compreensão, pretendemos utilizar alguns recursos pedagógico-metodológicos que vão além da lousa, giz e exposição oral. Neste sentido, precisaremos de ter à disposição vídeo e aparelho de som que toque fita cassete.

- a) no que se refere ao **vídeo**: pretendemos exibir o curta “Acorda Raimundo” buscando nele verificar o universo ético.
- b) a **música** a ser trabalhada será “Que País é Esse”, buscando verificar na letra uma visão crítica sobre a política em nosso país.
- c) a **poesia** estudada será “O Analfabeto Político”, por uma visão crítica do “a-político”.

VII.5. - AVALIAÇÕES DO PRIMEIRO TRIMESTRE

A avaliação é processual, cumulativa e diagnóstica, atravessando toda prática docente. Deve ser vista como momentos dialéticos, “paradas” para a reflexão sobre a teoria que embasa uma prática docente, de forma a possibilitar a avaliação sobre a adequação ou não do processo, de correção de seus desvios, quando for o caso.

A avaliação deverá levar em consideração os avanços e “paradas” dos alunos em relação aos objetivos/conceitos/metodologia.

A avaliação, portanto não é neutra, mas está a serviço de uma concepção teórica de sociedade, ou seja, de uma pedagogia preocupada com a transformação da sociedade. Ela é parte de um todo e deve ser coerente com este todo, bem como com os princípios Filosóficos, Sociológicos, Psicológicos, Pedagógicos e Teológicos.

Sendo a avaliação:

- 1- **Processual**: todas as atividades realizadas pelo aluno deverão ser consideradas para a síntese e quantificadas de 0 a 10.

2- **Cumulativa:** todos os avanços e “paradas” historicamente analisados, serão considerados durante o processo.

3- **Diagnóstica:** erros e acertos darão ao professor e ao aluno indicadores da adequação entre teoria e prática (objetivos/conceitos/conteúdos/metodologia/avaliação).

As “paradas” a que nos referimos acima, devem ser vistas como “momentos dialéticos” e de reflexão que possibilitarão a diagnose do quanto o professor e o aluno caminharam rumo aos objetivos levantados. Os alunos que não atingiram os objetivos propostos para o trimestre, serão orientados para reestruturarem suas produções, pois o olhar do professor não estará sobre o erro, e sim, sobre a construção do conhecimento por parte do aluno.

Avaliar-se-á os avanços e “paradas” do aluno em relação aos objetivos/conceitos/metodologia. Seu envolvimento efetivo em todo o processo: coerência, responsabilidade e pontualidade na execução e apresentação das atividades propostas.

Em todas as atividades estaremos utilizando os seguintes critérios para a quantificação:

2- Não avançou em relação aos Objetivos .

4- Avançou parte dos Objetivos.

6- Avançou somente em relação aos Objetivos Essenciais.

8- Avançou de modo satisfatório em relação aos Objetivos.

10- Avançou plenamente em relação aos Objetivos.

As notas obtidas com a reestruturação serão as consideradas na síntese.

Serão realizadas, basicamente, duas avaliações, além de outras que poderão ser sugeridas pelos alunos, quer sejam diferentes na forma quer no conteúdo. **A primeira avaliação será escrita**, sujeita a reestruturações por parte dos alunos se constatarmos essa necessidade e terá o seguinte **tema**: “Ética: um pressuposto da cidadania”. Os alunos, **em grupo**, deverão produzir um texto, na forma convencional (segundo as orientações de MEP), com todo o cuidado gramatical e lógico, baseado nos textos de apoio citados, nas exposições em classe e nos demais recursos pedagógicos utilizados. Nele **deverão constar** as seguintes discussões: a) apresentação do conceito de ética; b) relação entre ética e cotidiano; c) diferenciação teórica entre ética e moral; d) posicionamento crítico ante a falta de ética presente na realidade nacional. **A data para a entrega** deste texto é a 2ª semana do mês de março.

No que se refere à **segunda avaliação**, seu **tema** será “Ética e Política: o Poder em Questão”. Os alunos, **em grupo**, deverão apresentar um **seminário** à classe tendo como base os textos de apoio citados para o trimestre e artigos da mídia para ilustrar as exposições. A forma de apresentação deste seminário fica ao critério do grupo. Além da apresentação à classe, cada grupo deverá apresentar ao professor um texto; nele **deverá constar**: a) conceito de Política e Poder; b) relação estabelecida entre Política e Ética; c) o papel ético do educador enquanto um sujeito político por excelência; d) posicionamento crítico ante a realidade política nacional; e) posicionamento crítico próprio ante à falácia da “a-política”. O roteiro do seminário deverá seguir também estes passos que ora apresentamos para o texto. **A data para a apresentação deste seminário** é a 2ª semana do mês de abril.

OBS: Não será admitida a cópia de trechos dos textos de apoio. Acaso isso ocorra, o trecho citado deverá vir entre aspas e com a fonte citada, caso contrário o trabalho será considerado nulo e caberá ao aluno a tarefa de refazê-lo, procurando apresentar o entendimento pessoal expresso com suas próprias palavras.

VII.6. - OBJETIVOS GERAIS DO SEGUNDO TRIMESTRE

São eles:

- 1 – situar-se na realidade histórica atual tendo como ferramental teórico e prático propiciado pelo aprofundamento da questão da ética, política e educação;
- 2 – despertar o interesse pela ação pedagógica conseqüente, ou seja, com referencial ético claro na ação pedagógico-política;
- 3 - motivar os alunos a posicionarem-se frente à realidade em que vivem e que enfrentarão como profissionais da educação enquanto sujeitos políticos que têm clareza do universo de valores presente no mundo e suas decorrências na prática pedagógica;

VII.7. - OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO SEGUNDO TRIMESTRE

São eles:

- 1 – compreender a extensão de cada uma das tendências pedagógicas abordadas e suas práticas;
- 2 – relacionar as tendências pedagógicas com os conceitos de democracia e cidadania;
- 3 – estabelecer um posicionamento pessoal crítico quanto às práticas pedagógicas;

VII.8. - CONTEÚDOS DO SEGUNDO TRIMESTRE

O eixo central dos conteúdos a serem devidamente trabalhados em sala de aula será o da relação entre cidadania, democracia e tendências pedagógicas. Objetivamos trabalhar este conteúdo buscando um certo aprofundamento característico da abordagem filosófica já que esta, acreditamos, deve primar pela globalidade, rigorosidade e radicalidade em suas análises. Pretendemos, pois, dividir estes conteúdos em dois momentos distintos; a saber: **Educação, cidadania e democracia e tendências pedagógicas da educação.**

Ao tratarmos do primeiro momento, procuraremos fazer um breve relato da relação entre educação, cidadania e democracia, estendendo a temática anterior para este segundo trimestre e, depois, buscar a extensão de cada um desses conceitos para a realidade que vivemos fundamentando nossa exposição na perspectiva materialista histórica e dialética de linha gramsciana.

Adentrando ao segundo momento, qual seja o da análise das tendências pedagógicas, buscaremos identificar os pressupostos filosóficos de cada uma destas. Eis, portanto, os eixos de conteúdo que pretendemos seguir neste trimestre.

VII.9 - RECURSOS PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS DO SEGUNDO TRIMESTRE

Na tentativa de motivar a apreensão dos conteúdos e despertar o interesse pela compreensão, pretendemos utilizar alguns recursos pedagógico-metodológicos que vão além da lousa, giz e exposição oral. Neste sentido, precisaremos de ter à disposição vídeo e aparelho de som que toque fita cassete.

- a) no que se refere ao **vídeo**: pretendemos exibir o filme “Sociedade dos Poetas Mortos” buscando nele verificar as tendências pedagógicas;

VII.11. - AVALIAÇÕES DO SEGUNDO TRIMESTRE

Seguindo as mesmas orientações didático-pedagógicas do primeiro trimestre, neste momento, serão realizadas, basicamente, duas avaliações, além de outras que poderão ser sugeridas pelos alunos, quer sejam diferentes na forma quer no conteúdo. **A primeira avaliação será escrita**, sujeita a reestruturações por parte dos alunos se constataremos essa necessidade e

terá o seguinte **tema**: “Educação e Cidadania: as ausências na sociedade brasileira”. Os alunos, **individualmente**, deverão produzir um texto, na forma determinada convencionalmente (segundo as orientações de MEP), com todo o cuidado gramatical e lógico, baseado nos textos de apoio citados, nas exposições em classe e nos demais recursos pedagógicos utilizados. Nele **deverão constar** as seguintes discussões: a) apresentação dos conceitos próprios de democracia e cidadania e citação de exemplos concretos do cotidiano para ilustrar cada um deles; b) relação entre Educação, Cidadania e Democracia; c) posicionamento crítico próprio relativo à importância do profissional que educa o cidadão para a democracia. **A data para a entrega** deste texto é a 1ª semana do mês de junho.

No que se refere à **segunda avaliação**, seu **tema** será: “As tendências pedagógicas”. Os alunos, **em grupo**, deverão apresentar um **seminário** à classe tendo como base os textos de apoio e as discussões travadas em classe. A forma de apresentação deste seminário fica a critério do grupo. Além da apresentação à classe, cada grupo deverá apresentar ao professor um texto. **A data para a apresentação deste seminário** é a 2ª semana do mês de julho.

VII.12. - OBJETIVOS GERAIS DO TERCEIRO TRIMESTRE

São eles:

- 1 - caracterizar Ideologia;
- 2 - relacionar Ideologia e Educação;
- 3 - despertar o interesse pelo conhecimento das tramas do mundo atual;
- 4 - conhecer o ferramental teórico de Gramsci utilizado para interpretar as relações travadas na realidade social;
- 5 - motivar os alunos a posicionarem-se frente à realidade em que vivem e que enfrentarão enquanto profissionais da educação.

VII.13. - OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO TERCEIRO TRIMESTRE

São eles:

- 1 - tomar conhecimento da importância da significação da Ideologia;
- 2 - conhecer as diferentes concepções de Ideologia;
- 3 - estabelecer relação direta entre Educação e Ideologia no mundo e nas relações sociais que estabelecemos;
- 4 - identificar a educação enquanto uma prática social assim como as outras que compõem a realidade humana;
- 5 - posicionar-se criticamente ante a sociedade atual.

VII.14. - CONTEÚDOS DO TERCEIRO TRIMESTRE

O eixo central dos conteúdos a serem devidamente trabalhados em sala de aula será o da relação entre **Ideologia e Educação** mediante uma análise baseada nos princípios do materialismo histórico e dialético de linha gramsciana. Objetivamos trabalhar este conteúdo buscando um certo aprofundamento característico da abordagem filosófica já que esta, acreditamos, deve primar pela globalidade, rigorosidade e radicalidade em suas análises.

Pretendemos, pois, dividir estes conteúdos em dois momentos distintos: relações entre **Ideologia e Educação e a Concepção Gramsciana de Realidade**. Ao tratarmos do primeiro momento, procuraremos fazer um breve relato histórico etimológico da palavra Ideologia e, depois, avaliar seu desenvolvimento histórico. Após isso, queremos abordar sinteticamente o problema da Ideologia relacionada à Educação, fundamentando nossa exposição nos textos de

apoio citados adiante. Isso realizado, chegaremos ao ponto culminante e final deste primeiro momento, a saber a extensão desses conceitos para a realidade atual.

Adentrando no segundo momento, qual seja o da relação; análise da concepção gramsciana de realidade, buscaremos identificar as formas de articulação das relações sociais e o papel desenvolvido pela ideologia no bloco histórico como “cimentador” da dominação da classe dominante mediante os mecanismos da sociedade civil. Procuraremos abordar também a Educação como um dos veículos mais importantes de sedimentação ideológica, aqui fundamentando-nos no texto de Beatriz Sabóia, e estabelecer uma relação entre saber e poder. Eis, portanto, os eixos de conteúdo que pretendemos seguir.

VII.15. - RECURSOS PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS DO TERCEIRO TRIMESTRE

Na tentativa de motivar a apreensão dos conteúdos e despertar o interesse pela compreensão, pretendemos utilizar alguns recursos pedagógico-metodológicos que vão além da lousa, giz e exposição oral. Neste sentido, precisaremos de ter à disposição vídeo e aparelho de som que toque fita cassete.

No que se refere ao vídeo, pretendemos exibir o documentário “Muito Além do Cidadão Kane”, buscando nele verificar a o potencial da Ideologia frente à realidade; a música a ser trabalhada será “Ideologia”, buscando mostrar a alienação presente na realidade social como um todo.

VII.16 - AVALIAÇÕES DO TERCEIRO TRIMESTRE

Seguindo as mesmas orientações didático-pedagógicas do primeiro trimestre, neste momento, serão realizadas, basicamente, duas avaliações, além de outras que poderão ser sugeridas pelos alunos, quer seja diferente na forma quer no conteúdo. **A primeira avaliação será escrita**, sujeita a reestruturações por parte dos alunos se constatarmos essa necessidade, de acordo com a forma convencional (segundo as orientações de MEP), com todo o rigor gramatical e ortográfico, e terá o seguinte **tema**: “Ideologia e Educação: Poder e Saber”. Os alunos, **individualmente**, deverão produzir um texto baseado nos dois textos de apoio referentes à Ideologia. Nele, **deverão constar** as seguintes discussões: a) definição de Ideologia; b) a relação entre Ideologia e Educação; c) delinear um posicionamento crítico pessoal sobre Ideologia; d) identificar pelo menos duas situações no mundo em que vivem nas quais se percebe claramente a atuação da ideologia. **A data para a entrega** deste texto é a 2ª semana do mês de outubro.

No que se refere à **segunda avaliação**, seu **tema** será: “O Papel da Ideologia na Concepção de Antônio Gramsci”. Os alunos, **em grupo**, deverão apresentar um **seminário** à classe tendo como base o texto de apoio relacionado a este autor. A forma de apresentação deste seminário fica a critério do grupo. Além da apresentação à classe, cada grupo deverá apresentar ao professor um **texto escrito**; nele **deverá constar**: a) um resumo do entendimento do grupo sobre a concepção gramsciana de realidade; b) uma abordagem própria do grupo sobre a Ideologia; c) um abordagem da Educação relacionada à Ideologia na concepção gramsciana; d) o papel do educador enquanto sujeito que deve trabalhar dentro destas relações de saber e poder. O roteiro do seminário deverá seguir também estes passos que ora apresentamos para o texto. **A data para a apresentação deste seminário** é a 2ª semana do mês de novembro.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: PROGRAMA DO 2º MÓDULO NORMAL

SUMÁRIO:

- I - Princípios : filosóficos, sociológicos, psicológicos, pedagógicos e teológicos. (Idem 1º Plano)**
- II - Objetivos gerais do curso. (Idem 1º Plano)**
- III - Conceitos gerais do curso. (Idem 1º Plano)**
- IV - Expectativa em relação aos alunos. (Idem 1º Plano)**
- V - Postura a ser cobrada do professor.**
- VI - Objetivos e conceitos específicos do componente curricular no curso. (Idem 1º Plano)**
- VII – 3º Normal por trimestre.**
 - VII.1. – Objetivos Gerais do primeiro trimestre.**
 - VII.2. – Objetivos específicos do primeiro trimestre.**
 - VII.3. – Conteúdos do primeiro trimestre.**
 - VII.4. – Recursos pedagógico-metodológicos do primeiro trimestre.**
 - VII.5. – Avaliações do primeiro trimestre.**
 - VII.6. – Objetivos Gerais do segundo trimestre.**
 - VII.7. – Objetivos específicos do segundo trimestre.**
 - VII.8. – Conteúdos do segundo trimestre.**
 - VII.9. – Recursos pedagógico-metodológicos do segundo trimestre.**
 - VII.10. – Avaliações do segundo trimestre.**
 - VII.11. – Objetivos Gerais do terceiro trimestre.**
 - VII.12. – Objetivos específicos do terceiro trimestre.**
 - VII.13. – Conteúdos do terceiro trimestre.**
 - VII.14. – Recursos pedagógico-metodológicos do terceiro trimestre.**
 - VII.15. – Avaliações do terceiro trimestre.**

VII - 3º NORMAL POR TRIMESTRE

VII.1. - OBJETIVOS GERAIS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

Os objetivos gerais são aqueles que, com abrangência maior no que se refere ao seu entendimento, já que possibilita a associação com os conceitos desenvolvidos pelas demais disciplinas e com a vida como um todo, serão perseguidos no 1º trimestre naturalmente em consonância com os apresentados nos dois trimestres posteriores. São eles:

- 1 - identificar historicamente o liberalismo e neoliberalismo;
- 2 - relacionar o liberalismo com tendências da educação atual;
- 3 - conhecer as alternativas pedagógicas às pedagogias liberais;
- 4 - despertar o interesse pelo conhecimento das transformações do mundo atual;
- 5 - motivar os alunos a posicionarem-se frente à realidade em que vivem e que enfrentarão enquanto profissionais da educação.

VII.2. - OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

Esses objetivos são aqueles que, assimilados em decorrência de cada conteúdo desenvolvido no processo de ensino-aprendizagem, apontamos especificamente para servir como norte em cada momento do desenvolvimento da disciplina. São eles:

- 1 - tomar conhecimento da importância da passagem histórica do modo-de-produção feudal ao capitalista;
- 2 - conhecer alguns dos principais filósofos liberais e suas idéias fundamentais;
- 3 - conhecer o surgimento do neoliberalismo;
- 4 - identificar o impacto das transformações econômicas neoliberais na educação;
- 5 - posicionar-se criticamente ante à sociedade de consumo.

VII.3. – CONCEITOS -CONTEÚDOS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

O eixo central dos conteúdos a serem devidamente trabalhados em sala de aula será o aprofundamento da tendência liberal, mediante uma análise baseada nos princípios do materialismo histórico e dialético de linha gramsciana e na abordagem filosófica que, como tal, exige a rigorosidade e radicalidade de análise.

Pretendemos, portanto, ter dois momentos distintos no que se refere aos conteúdos: o Liberalismo e o Neoliberalismo. Ao tratarmos do primeiro momento, procuraremos fazer um breve relato histórico da passagem do **modo-de-produção feudal para o capitalista**, objetivando identificar os fatos históricos que, imbricados, marcaram essa passagem. Após isso, queremos abordar sinteticamente alguns dos principais **filósofos iluministas** (Locke, Rousseau, Montesquieu, Quesnay, Gournay, Smith) e as alternativas que propuseram para solucionar os problemas à época prementes. Isso realizado, chegaremos ao ponto final deste primeiro momento.

O segundo momento será o da análise do **Neoliberalismo**. Quando tratarmos deste último ponto estaremos buscando identificar sua gênese e atualidade no momento presente em que vivemos e suas implicações na prática educativa e seu impacto na educação como um todo. Eis, portanto, os eixos de conteúdo que pretendemos seguir.

VII.4. - RECURSOS PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS DO PRIMEIRO TRIMESTRE

Na tentativa de motivar a apreensão dos conteúdos e despertar o interesse pela compreensão, pretendemos utilizar alguns recursos pedagógico-metodológicos que vão além da lousa, giz e exposição oral. Neste sentido, precisaremos de ter à disposição vídeo e aparelho de som que toque fita cassete.

No que se refere ao vídeo, pretendemos exibir “Sociedade dos Poetas Mortos”, buscando nele verificar alguns dos valores conservadores em paralelo aos do neoliberalismo; a música a ser trabalhada será “Somos Quem Podemos Ser” e, por fim, o poema a ser debatido será “Eu Etiqueta”, esses dois últimos serão analisados de forma a mostrar a imposição do mercado e do consumismo em nossa sociedade.

VII.5. - AVALIAÇÕES DO PRIMEIRO TRIMESTRE

A avaliação é processual, cumulativa e diagnóstica, atravessando toda prática docente. Deve ser vista como momentos dialéticos, “paradas” para a reflexão sobre a teoria que embasa uma prática docente, de forma a possibilitar a avaliação sobre a adequação ou não do processo, de correção de seus desvios, quando for o caso.

A avaliação deverá levar em consideração os avanços e “paradas” dos alunos em relação aos objetivos/conceitos/metodologia. Ela, portanto, não é neutra, mas está a serviço de uma concepção teórica de sociedade, ou seja, de uma pedagogia preocupada com a transformação da sociedade. Ela é parte de um todo e deve ser coerente com este todo, bem como com os princípios filosóficos, sociológicos, psicológicos, pedagógicos e teológicos.

Assim temos a avaliação:

1- **Processual:** todas as atividades realizadas pelo aluno deverão ser consideradas para a síntese e quantificadas de 0 a 10.

2- **Cumulativa:** todos os avanços e “paradas” historicamente analisados, serão considerados durante o processo.

3- **Diagnóstica:** erros e acertos darão ao professor e ao aluno, indicadores da adequação entre teoria e prática (objetivos/conceitos/conteúdos/metodologia/avaliação).

As “paradas” a que nos referimos acima, devem ser vistas como “momentos dialéticos” e de reflexão que possibilitarão a diagnose do quanto o professor e o aluno caminharam rumo aos objetivos levantados. Os alunos que não atingiram os objetivos propostos para o trimestre, serão orientados para reestruturarem suas produções, pois o olhar do professor não estará sobre o erro, e sim, sobre a construção do conhecimento por parte do aluno.

Avaliar-se-á os avanços e “paradas” do aluno em relação aos objetivos/conceitos/metodologia. Seu envolvimento efetivo em todo o processo: coerência, responsabilidade e pontualidade na execução e apresentação das atividades propostas.

Em todas as atividades estaremos utilizando os seguintes critérios para a quantificação:

2- Não avançou em relação aos Objetivos .

4- Avançou parte dos Objetivos.

6- Avançou somente em relação aos Objetivos Essenciais.

8- Avançou de modo satisfatório em relação aos Objetivos.

10- Avançou plenamente em relação aos Objetivos.

As notas obtidas com a reestruturação serão as consideradas na síntese.

Serão realizadas, basicamente, duas avaliações, além de outras que poderão ser sugeridas pelos alunos, quer sejam diferentes na forma ou no conteúdo. **A primeira avaliação será escrita**, sujeita a reestruturações por parte dos alunos se constarmos essa necessidade e terá o seguinte **tema:** “O Liberalismo e suas ideais”. O alunos, **em grupo de dois**, deverão produzir um texto, com todo o cuidado gramatical e lógico, na forma convencionalmente determinada (segundo as orientações de MEP), baseado nos dois textos de apoio citados e nas exposições em sala. Nele, **deverão constar** as seguintes discussões: a) o que se entende por liberalismo?; b) a relação entre o liberalismo de ontem e o mundo atual; c) posicionar-se frente ao liberalismo (delinear uma

avaliação positiva ou negativa do liberalismo); d) relacionar os valores liberais e os que hoje presenciamos no mundo em que vivemos, fundamentalmente aqueles vividos pela juventude.

No que se refere a **segunda avaliação**, seu **tema** será: “O Neoliberalismo e a Educação”. Os alunos, **individualmente**, deverão apresentar um texto, de acordo com as orientações estabelecidas para o primeiro. Nele **deverá constar**: a) um resumo do entendimento pessoal sobre o Neoliberalismo; b) o impacto do Neoliberalismo no mundo em que vivemos (econômica, política, social e culturalmente); c) o impacto do Neoliberalismo na educação d) posicionamento próprio ante ao Neoliberalismo.

OBS: Não será admitida a cópia de trechos dos textos de apoio. Acaso isso ocorra, o trecho citado deverá vir entre aspas e com a fonte citada, caso contrário o trabalho será considerado nulo e caberá ao aluno a tarefa de refazê-lo procurando apresentar o entendimento pessoal expresso com suas próprias palavras.

VII.6. - OBJETIVOS GERAIS DO SEGUNDO TRIMESTRE

São eles:

- 1 – situar-se na realidade histórica atual tendo como ferramental teórico e prático o materialismo histórico e dialético;
- 2 – despertar o interesse pela ação pedagógica conseqüente, ou seja, com a clareza de que toda ação pedagógica é política;
- 3 - motivar os alunos a posicionarem-se frente à realidade em que vivem e que enfrentarão como profissionais da educação enquanto sujeitos políticos que têm clareza da pluralidade de teorias e práticas presentes no mundo e que se articulam em sínteses superadoras constantes.

VII.7. - OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO SEGUNDO TRIMESTRE

São eles:

- 1 – apreender os conceitos elementares do materialismo histórico e dialético;
- 2 – relacionar os conceitos do materialismo histórico e dialético com as práticas educativas vivenciadas;
- 3 – estabelecer um posicionamento pessoal crítico quanto ao materialismo histórico e dialético;
- 4 – construir uma prática educativa pautada nos elementos e princípios do materialismo histórico e dialético.

VII.8. - CONTEÚDOS DO SEGUNDO TRIMESTRE

O eixo central dos conteúdos a serem devidamente trabalhados em sala de aula será o da relação entre materialismo histórico e dialético e as práticas educativas. Objetivamos trabalhar este conteúdo buscando um certo aprofundamento característico da abordagem filosófica já que esta, acreditamos, deve primar pela globalidade, rigorosidade e radicalidade em suas análises. Pretendemos, pois, dividir estes conteúdos em dois momentos distintos; a saber: **o materialismo e a crítica das práticas educativas**.

Ao tratarmos do primeiro momento, procuraremos fazer um breve relato dos principais elementos componentes do corpo teórico do materialismo histórico e dialético, buscando a extensão desses conceitos para a realidade que vivemos.

Adentrando ao segundo momento, qual seja o da análise da tendência pedagógica decorrente do materialismo histórico e dialético, buscaremos identificar nela os elementos do

corpo teórico anteriormente estudado. Eis, portanto, os eixos de conteúdo que pretendemos seguir neste trimestre.

VII.9 - RECURSOS PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS DO SEGUNDO TRIMESTRE

Na tentativa de motivar a apreensão dos conteúdos e despertar o interesse pela compreensão, pretendemos utilizar alguns recursos pedagógico-metodológicos que vão além da lousa, giz e exposição oral. Neste sentido, precisaremos ter à disposição vídeo e aparelho de som que toque fita cassete.

- b) no que se refere ao **vídeo**: pretendemos exibir o filme “Eles Não Usam Black Tie” buscando nele verificar a ação do materialismo histórico e dialético;

VII.10. - AVALIAÇÕES DO SEGUNDO TRIMESTRE

Seguindo as mesmas orientações didático-pedagógicas do primeiro trimestre, neste momento, serão realizadas, basicamente, duas avaliações, além de outras que poderão ser sugeridas pelos alunos, quer sejam diferentes na forma, quer no conteúdo. **A primeira avaliação será escrita**, sujeita a reestruturações por parte dos alunos se constataremos essa necessidade e terá o seguinte **tema**: “O Materialismo Histórico e Dialético”. Os alunos, **individualmente**, deverão produzir um texto, na forma determinada convencionalmente (segundo as orientações de MEP), com todo o cuidado gramatical e lógico, baseado nos textos de apoio citados, nas exposições em classe e nos demais recursos pedagógicos utilizados. Nele **deverão constar** as seguintes discussões: a) apresentação dos conceitos elementares do materialismo histórico e dialético; b) destacar a importância da realidade concreta para esse corpo teórico; c) relacionar este corpo teórico com a lógica dialética; d) posicionamento crítico próprio ante ao materialismo histórico e dialético.

No que se refere à **segunda avaliação**, seu tema será: “A tendência pedagógica decorrente do materialismo histórico e dialético”. Os alunos, em grupo, deverão apresentar **um seminário** à classe tendo como base os textos de apoio e as discussões travadas em classe. A forma de apresentação deste seminário fica a critério do grupo. Além da apresentação à classe, cada grupo deverá apresentar ao professor um texto-roteiro.

VII.11. - OBJETIVOS GERAIS DO TERCEIRO TRIMESTRE

1. Buscar situar-se na realidade histórico-social à luz dos princípios e conceitos do materialismo histórico e dialético, de linha gramsciana;
2. Despertar-se antes aos problemas prementes da conjuntura econômica, política, social e cultural da realidade presente;
3. Motivar os educandos a estabelecerem um posicionamento próprio ante à realidade verificada.

VII.12. - OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO TERCEIRO TRIMESTRE

São eles:

1. Conhecer criticamente o processo de desenvolvimento das atividades racionais;
2. Conhecer os conceitos fundamentais desenvolvidos por Antonio Gramsci;
3. Tomar conhecimento do modelo de escola proposto por Gramsci;
4. Analisar os modelos de escolas presentes na realidade brasileira contemporânea, tendo como paralelo a escola unitária de Gramsci.

VII.13. - CONCEITOS-CONTEÚDOS DO TERCEIRO TRIMESTRE

Os conceitos e conteúdos a serem desenvolvidos neste momento do processo de ensino-aprendizagem serão aqueles que fundamentam uma visão crítica **da razão e da obra política e pedagógica de Antônio Gramsci**.

Fundamentado nesses conceitos, os alunos deverão ter a possibilidade de criticamente analisar o processo de desenvolvimento da atividade racional, procurando romper com todo dogmatismo e ceticismo. Depois, o objetivo será o de analisar o modelo de escola unitária proposto por Gramsci. Naturalmente, ficará claro que a dicotomia presente nos modelos de escolas presentes na realidade brasileira hoje, determinados pela nova LDB e pelo Decreto nº 2208/97 deve ser profundamente rechaçada, se se pretende, como Gramsci, uma “escola que forme homens integrais”.

Será, portanto, necessário aprofundar-se no conhecimento dos modelos de escolas implementadas no Brasil atuais, escola média para as elites e escola técnica para a classe subalterna, ou melhor, será necessário o conhecimento da **realidade da escola brasileira atual**.

VII.14. - RECURSOS PEDAGÓGICO-METODOLÓGICOS DO TERCEIRO TRIMESTRE

Na tentativa de motivar a apreensão dos conteúdos e despertar o interesse pela compreensão, pretendemos utilizar alguns recursos pedagógico-metodológicos que vão além da lousa, giz e exposição oral. Neste sentido, precisaremos ter à disposição vídeo e aparelho de som que toque fita cassete.

- a) no que se refere ao **vídeo**: pretendemos exibir o filme “Sociedade dos poetas mortos” buscando nele verificar a ação crítica do modelo de escola do materialismo histórico e dialético;
- b) no que se refere à **música**: pretendemos apresentar a música “Estudo errado”, de Gabriel, o Pensador, buscando nela identificar a crítica à realidade educacional atual;
- c) no que se refere ao **poema**: pretendemos apresentar o poema “Elogio do Aprendizado”, de Brecht, ressaltando a importância do acesso ao conhecimento, bem como da escola ser transformada com a transformação dos homens dominados e dirigidos.

VII.15. - AVALIAÇÕES DO TERCEIRO TRIMESTRE

Seguindo as mesmas orientações didático-pedagógicas do primeiro trimestre, neste momento, serão realizadas, basicamente, duas avaliações, além de outras que poderão ser sugeridas pelos alunos, quer sejam diferentes na forma, quer no conteúdo. **A primeira avaliação será escrita**, sujeita a reestruturações por parte dos alunos se constarmos essa necessidade e terá o seguinte **tema**: “A escola de Gramsci”. Os alunos, **individualmente**, deverão produzir um texto, na forma determinada convencionalmente (segundo as orientações de MEP), com todo o cuidado gramatical e lógico, baseado nos textos de apoio citados, nas exposições em classe e nos demais recursos pedagógicos utilizados. Nele **deverão constar** as seguintes discussões: a) os conceitos fundamentais do aparato teórico de Gramsci; b) Os princípios básicos da escola gramsciana; c) relacionar esse modelo de escola crítica com aquela presente na realidade nacional

No que se refere à segunda avaliação, seu tema será: “Crítica à educação nacional”. Os alunos, em grupo, deverão apresentar um seminário à classe tendo como base os textos de apoio e as discussões travadas em classe. A forma de apresentação deste seminário fica a critério do grupo. Além da apresentação à classe, cada grupo deverá apresentar ao professor um texto-roteiro.

1. Identificação:

- a) Nome da Escola: “Colégio Ave Maria”
- b) Ano: 2001 Curso: Normal de nível médio Série: 4º ano
- c) Nome do Professor: 3
- d) Componente Curricular: Filosofia da Educação

3. Objetivos gerais do curso

O CURSO NORMAL

Contribuir para que o aluno reflita sobre a realidade social onde atua e posicione-se junto a ela, de forma a assumir um compromisso político-pedagógico.

A reflexão sobre diferentes posições teóricas é feita de maneira ampla, de forma a possibilitar a compreensão da inexistência da neutralidade e, assim, caminhar para a construção de um posicionamento político frente à realidade e de um espírito crítico, embasado em conceitos e critérios científicos.

Proporcionar aos alunos instrumentalização técnica que lhes permita uma ação eficaz, tendo sempre presente à articulação teoria/prática.

Dada a existência do curso de Magistério no Colégio, que este caminhe para a construção de projetos político-pedagógicos como pólo articulador, prioritariamente, no curso Infantil e de 1ª a 4ª séries.

4. Objetivos gerais do Componente Curricular no Curso

Proporcionar ao educando uma prática reflexiva que articule suas experiências cotidianas com os conceitos filosóficos (antropologia, epistemologia, cultura, estética, ética e política). Pensar a existência humana (na dimensão racional e afetiva) e sua relação com os fenômenos sócio-político, econômico e cultural, a partir da tradição histórica e da contemporaneidade.

5. A Metodologia

A metodologia deve estar sempre coerente aos princípios filosóficos, sociológicos, psicológicos e teológicos, bem como a concepção de Educação, de Mundo e de Homem em que se acredita. Considerando que através do processo educacional o educando necessariamente deve: aprender a conhecer; aprender a fazer aprender a conviver e aprender a ser; a metodologia deve necessariamente considerar o aluno como sujeito e o professor como mediador de todo o processo de aprendizagem. Nestas condições o professor deve criar as condições necessárias para que ocorra a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno rumo a sua própria autonomia.

Os conteúdos sócios culturais serão os elementos dessa mediação sujeito/conhecimento. Neste sentido, trabalhar metodologicamente com os conteúdos da cultura elaborada, significa partir da vivência cotidiana do aluno (conteúdos significativos/contextualização/relevância social), através de uma continuidade e de uma ruptura com a cultura do senso comum. A prática docente busca o elaborado (abstração) e retoma o cotidiano (concreto/conhecido); porém busca ir além - romper com essa prática; na medida em que a reelabora, buscando um salto para a

compreensão mais elaborada e complexa do mundo.

Nessa metodologia é fundamental a formação e apropriação de conceitos pelo aluno. O professor terá portanto o papel de organizar e acompanhar o processo de apropriação do conhecimento de seus alunos e não apenas ser o simples transmissor de conteúdos estanques para uma posterior memorização e reprodução. Os temas transversais constituem-se assim em linhas do conhecimento, que atravessam e se cruzam entre as diferentes disciplinas, constituindo-se em fator estruturador e fio condutor da aprendizagem. A busca de conhecimentos através das interações - aluno x aluno; aluno x professor; aluno x texto é a síntese final a ser perseguida através de um encadeamento lógico do desenvolvimento das capacidades cognitivas (objetivos/conceito/habilidades), de forma crítica considerando sempre os objetivos políticos.

A produção e entendimento de textos adquirem relevância nesta metodologia que não pode excluir o aluno do processo de produção do conhecimento.

6. Avaliação

A avaliação é processual, cumulativa e diagnóstica, atravessando toda prática docente. Deve ser vista como momento dialético, “paradas” para a reflexão sobre a teoria que embasa uma prática docente, de forma a possibilitar a avaliação sobre a adequação ou não do processo, de correção de seus desvios, quando for o caso.

A avaliação deverá levar em consideração os avanços e “paradas” dos alunos em relação aos objetivos/conceitos/metodologia.

A avaliação, portanto não é neutra, mas está a serviço de uma concepção teórica de sociedade, ou seja, de uma Pedagogia preocupada com a transformação da sociedade. Ela é parte de um todo e deve ser coerente com este todo, bem como com os Princípios Filosóficos, Sociológicos, Psicológicos, Pedagógicos e Teológicos, que fundamentam nossa Proposta Pedagógica.

Sendo a avaliação:

1- **Processual:** todas as atividades realizadas pelo aluno deverão ser consideradas para a síntese trimestral.

2- **Cumulativa:** todos os avanços e “paradas” historicamente analisados, serão considerados durante o processo.

3- **Diagnóstica:** erros e acertos darão ao professor e ao aluno indicador da adequação entre teoria e prática (objetivos/conceitos/conteúdos/metodologia/avaliação).

As “paradas” a que nos referimos acima, devem ser vistas como “momentos dialéticos” e de reflexão que possibilitarão a diagnose do quanto o professor e o aluno caminharam rumo aos objetivos levantados. Os alunos que não atingiram os objetivos propostos para o trimestre, serão orientados para reestruturarem suas produções, pois o olhar do professor não estará sobre o erro, e sim, sobre a construção do conhecimento por parte do aluno.

Existem três momentos de síntese provisória:

1º trimestre: fevereiro/março/abril

2º trimestre: maio/junho/agosto

3º setembro/outubro/novembro

O trimestre tem por objetivo permitir que os alunos tenham o máximo de oportunidades para avançar em seu desenvolvimento e aprendizagem, sempre calcado nos pressupostos de uma proposta crítica.

A síntese qualitativa trimestral e síntese final serão baseadas nos avanços significativas do aluno durante o ano letivo.

As sínteses qualitativas trimestrais dos resultados de avaliação do aproveitamento serão expressas em notas, numa escala de 0 (zero) a 10 (dez), graduadas de 1 (um) em 1 (um) ponto. A quantificação das avaliações do processo de ensino aprendizagem situa-se dentro dos seguintes critérios;

- de 0 (zero) a 2,0 (dois inteiros): o aluno não atingiu os objetivos essenciais;
- de 3,0 (três inteiros) a 5,0 (cinco inteiros): o aluno não atingiu todos os objetivos;
- 6,0 (seis inteiros): o aluno atingiu os objetivos essenciais;
- 7,0 (sete inteiros) a 9,0 (nove inteiros): o aluno atingiu todos os objetivos;
- 10,0 (dez inteiros): o aluno atingiu plenamente os objetivos do processo educacional.

7. 1º trimestre/ 2º trimestre/3º trimestre

1. Objetivos do Componente Curricular no Curso

O curso tem a pretensão de dar uma ampla visão do problema educativo e, especificamente, do pensamento de um dos educadores que fundamentam o projeto político-pedagógico do Colégio Ave Maria, Antonio Gramsci.

A partir dos conceitos elementares do pensamento de Antonio Gramsci, pretende-se caminhar no sentido de elucidar com um pouco mais de clareza e profundidade a prática pedagógica e as relações de poder vigentes no mundo atual (1º trimestre). Isso dará a oportunidade para se fazer uma análise crítica do problema da cidadania, seja no mundo antigo ou moderno, seja no mundo atual (2º trimestre). Essa relação entre educação e cidadania subsidiará a discussão acerca do problema da cidadania hoje, com suas diferenças conceituais e práticas e suas decorrências à manutenção ou transformação do “status quo”.

Por fim, far-se-á um trabalho voltado à metodologia científica, visando desvelar os pormenores, características e especificidades do trabalho científico (3º trimestre). Isso na tentativa de estimular entre os educandos o espírito cientificista e questionador hoje necessários e exigidos pela própria realidade econômica.

1. Conceitos-Conteúdos dos trimestres

Trimestre	Conceitos-Conteúdos
I	- conceitos elementares do pensamento gramsciano e a relação com a educação: <ul style="list-style-type: none"> - Sociedade e “bloco histórico”; - Relações de força: “guerra de posição” e “guerra de movimento” - Estado: “sociedade civil” e “sociedade política”; - “Hegemonia”; - “Educação unitária”.
II	- cidadania e a educação: <ul style="list-style-type: none"> - a cidadania grega; - a cidadania e a revolução burguesa; - o conceito de cidadania hoje; - por um novo conceito de cidadania.
III	- a pesquisa e a educação; <ul style="list-style-type: none"> - a pesquisa: fontes, problemas e métodos. - a pesquisa em educação: o problema da neutralidade científica; - a construção de um projeto de pesquisa.

3. Recursos pedagógico-metodológicos dos trimestres.

Os procedimentos metodológicos serão selecionados de acordo com os objetivos e conceitos a serem desenvolvidos, motivando a participação, a abertura e a partilha de experiências e possibilidades.

Trabalharemos, pois, com aulas expositivas e dialogadas, estudos de textos para fundamentação dos conteúdos, debates, atividades de pesquisa em jornais, revistas, noticiários de TV, análise de vídeos, entrevistas, seminários, painéis bibliográficos, painéis gráficos, cartazes, dinâmicas variadas e com “gestos concretos” (objetivando nossa prática de solidariedade, com atividades que proporcionem uma interação direta dos alunos com a realidade social da periferia por exemplo).

4. Avaliação dos Trimestres.

- a) critérios: os critérios avaliativos serão aqueles anteriormente mencionados – tópico “6”;
- b) instrumentos: em cada trimestre realizaremos uma avaliação escrita e individual em classe e um trabalho em grupo. Além desses instrumentos, também utilizaremos a observação das atitudes (“conteúdos atitudinais”) e seus procedimentos (“conteúdos procedimentais”) dos alunos durante os trimestres.

Fonte Bibliográfica (Geral)

- ANDERSON, Perry. in Pós-neoliberalismo. Editora Paz e Terra, São Paulo 1995.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da Educação. 1ª edição, editora Moderna, São Paulo, 1.989.
- _____ e MARTINS, Maria Helena Pires. Temas de Filosofia. Editora Moderna, São Paulo 1.992.
- _____ Filosofando. Introdução à Filosofia editora Moderna, São Paulo 1.986.
- BETTO, Frei. OSPB – Introdução à Política Brasileira. 16ª edição, editora Ática, São Paulo 1992.
- CACERES, Florival. História Geral. 3ª edição, editora Moderna, São Paulo, 1988.
- CARVALHO, Cecília M.de. Construindo o saber: técnicas de metodologia científica editora Papirus, Campinas-SP, 1988.
- CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. 3ª edição, editora Ática, São Paulo, 1994.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. Editora Cortez, São Paulo, 1991.
- CORDI, Cassiano e outros. Para Filosofar. Editora Scipione, São Paulo, 1995.
- COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia. Para uma Geração Consciente. 4ª edição, editora Saraiva, São Paulo 1989.
- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. O que é Cidadania. 2ª edição, editora Brasiliense, São Paulo 1993. (Coleção primeiros passos; n. 250)
- GALANO. Introdução à Sociologia. Editora Hárbara.
- GENTILI, Pablo.(org.). Pedagogia da Exclusão – Crítica ao Neoliberalismo em Educação. Trad. Vânia Paganini Thurler e outros, editora Vozes, Petrópolis-RJ, 1995
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Trad. Carlos Nelson Coutinho, 9ª edição, editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.
- HARNECKER, Marta. Conceitos elementares do materialismo histórico. Coleção Bases, n. 36, edição 1ª, editora Global, São Paulo, 1981.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Coleção Magistério 2º Grau, editora Cortez, São Paulo, 1.992
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. Coleção Magistério 2º Grau, Série Formação do Professor, editora Cortez, São Paulo, 1.994.
- MARTINS, Marcos Francisco. Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão? editora Autores e Associados, São Paulo, 2000.
- _____ Uma “catarsis” no conceito de cidadania: do cidadão cliente à cidadania como valor ético-político. Revista de Ética Campinas-SP: PUC-Campinas, julho-dezembro de 2000, volume 2, n. 2
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. Gramsci e a escola. Série Princípios, 2ª edição, editora Ática, São Paulo, 1990.
- SABÓIA, Beatriz. A Filosofia Gramsciana e a Educação, in. Em Aberto, ano 09, n. 45, Janeiro/março de 1990.
- SAVIANI, Demerval e outros. Filosofia da Educação Brasileira. 3ª edição, editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1987.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Filosofia da Educação. Construindo a Cidadania. Coleção Aprender & Ensinar, editora FTD, São Paulo, 1994.
- _____ Metodologia do trabalho científico. 4ª edição, editora Cortez e Moraes, São Paulo, 1979.

SILVA, Sônia Aparecida Ignácio. Valores em Educação – O problema da compreensão e operacionalização dos valores na prática educativa. 2ª edição, editora Vozes, São Paulo, 1988.

VICENTINHO, Cláudio. História Geral. 3ª edição, editora Scipione, São Paulo, 1993.

Anexo V

Plano de aula e Fonte Bibliográfica Prof. ° 5

Plano de Aula para a disciplina: Filosofia da Educação. 4º ano

Os temas propostos são para leitura e debate em sala de aula

Objetivos: Trabalhar as principais concepções de educação existentes na história, contrapondo-as com a concepção de educação existente nos dias de hoje:

Temas para discussão

Tema 1: Introdução à Filosofia.	
1.	Filosofia, Reflexão (coerência lógica) Introdução ao pensar filosófico.
2.	As distorções do processo reflexivo.
3.	As conseqüências para a Educação.
4.	A importância da Filosofia.
5.	Processo do Filosofar.

Tema 2: Filosofia e História da Educação.	
6.	A Filosofia e a Educação.
7.	Educação e Ideologia.
8.	A Educação Egípcia.
9.	A Educação Babilônica.
10.	A Educação Chinesa.

Tema 3: Filosofia, História e Educação	
11.	As transformações da Mentalidade (Concepção mítica do Homem nos poemas de Homero).
12	A PAIDEIA Grega:
12.1	O método Socrático (Ética).
12.2	O pensamento de Platão (Filosofia).
12.3	O realismo Aristotélico (Política).
13.	A antiguidade Romana: A Realeza, A República, O Império.
14.	A Educação na Renascença.
15.	O colégio Jesuíta.

Fonte Bibliográfica

ARANHA, Maria Lúcia de A. Filosofia da Educação São Paulo Ed. Moderna 1996

ARANHA, Maria L. A e MARTINS, Maria H. P. Filosofando São Paulo Ed. Moderna 1986.

Anexo VI

Planos de aula e Fontes Bibliográficas Prof.ª 6

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ DE ANCHIETA
CURSOS: ENSINO FUNDAMENTAL E NORMAL
 CR IADA PELA LEI MUNICIPAL 756 DE 29/08/67 RECONHECIDA PELA PORTARIA
 C.E.E. 8081 D.O. 19/05/81
 RUA GERALDO DE SOUZA, 157/221-JARDIM CARLOS BASSO - CEP-13.170-232
 FON/FAX (019)3873 1574-SUMARÉ - SP

ESCOLA: Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio José de Anchieta
PROF: 6 DISCIPLINA: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
CLASSE QUE SE APLICA: 3º normal

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA

Adquirir compreensão de qual seja a importância da filosofia dentro da área educacional.
 Analisar as considerações dos vários estudiosos que refletiram sobre problemas que permeiam as políticas educacionais brasileiras.
 Buscando levar as alunas a ter conhecimento e consciência das relações existentes entre sociedade, economia e educação.

1º BIMESTRE

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Compreender a importância da filosofia para educação.
- Qual é papel do filósofo da educação, a importância da reflexão filosófica para compreender os vários processos que fazem das políticas educacionais.

CONTEÚDO

- Compreensão do que seja Filosofia da Educação, seu objetivo e Importância.
- Compreensão das varias correntes filosóficas que compõe à educação e seus principais representantes.

2o BIMESTRE

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Compreender a importância do professor e qual é o seu papel.
- Análise das tendências da educação brasileira suas várias correntes.

CONTEÚDO

- Papel do Professor e do Aluno, segundo, a escolanovismo.
- Aspectos filosóficos sobre a escolanovismo.
- Aspectos históricos que levaram ao desenvolvimento da teoria de tal corrente.
- A visão filosófica da tendência (corrente) tecnicista.

3º BIMESTRE OBJETIVO ESPECÍFICO

- Refletir sobre a importância da escola para a Sociedade.
- Entender de onde se originou a escola original, suas conseqüências vantagens e desvantagens para a educação.
- Compreensão do que seja democracia dentro da instituição de ensino.

CONTEÚDO

- Crítica e Auto-Crítica.
- A desvalorização da Sociedade.
- A redução do trabalho escolar à ação política.
- O democratismo.

4º BIMESTRE OBJETIVO ESPECÍFICO

- Análise das teorias dos vários educadores que surgiram nas mais diferentes épocas;
- Compreensão da importância de suas contribuições para educação.

CONTEÚDO

- Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, João Amós Comênio, Jean Jacques Rousseau, Joan Henrique Pestalozzi, Karl Marx, Frederich Engels, Antonio Gramsci, John Dewey, Maria Montessori, Celestin Freineit.

HÁ BILIDADES, ESTRATÉGIAS E AVALIAÇÕES

- Aulas expositivas, Vídeos, Seminários, etc.
- Trabalho escrito com tema pré-estabelecido e avaliação dissertativa

FONTE BIBLIOGRÁFICA

- Apostila Confeccionada pelo Professor
- **PILETTI**, Claudino e **PILETTI**, Nelson Filosofia e História da Educação S. Paulo-SP Ed. Ática 4ª ed. 1986.
- **SEVERINO**, Antonio Joaquim: **Filosofia da Educação**; Construindo Cidadania

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ DE ANCHIETA
CURSOS: ENSINO FUNDAMENTAL E NORMAL
 CR IADA PELA LEI MUNICIPAL 756 DE 29/08/67 RECONHECIDA PELA PORTARIA
 C.E.E. 8081 D.O. 19/05/81
 RUA GERALDO DE SOUZA, 157/221-JARDIM CARLOS BASSO - CEP-13.170-232
 FON/FAX (019)3873 1574-SUMARÉ - SP

ESCOLA: Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio José de Anchieta
PROF: 6 **DISCIPLINA:** FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
CLASSE QUE SE APLICA: 4º A/B

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA

Compreender e refletir sobre a dimensão política e social da educação. Ter consciência do papel do professor enquanto formador de indivíduos conscientes e críticos.
 Analisar os vários processos que compõe os ideais da educação brasileira, vinculando os mesmos as condições políticas, sociais e econômicas da nação em sua totalidade.

1º BIMESTRE

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Compreender os vários processos que fizeram com que houvesse um desenvolvimento cultural.
- Entender que todo ato cultural é também um ato social, pois é através do mesmo que serão estabelecidas as regras que regerão a sociedade.
- Compreender que as relações trabalhistas também fazem parte da cultura e sociedade de um povo.
-

CONTEÚDO

- Cultura, Sociedade e Trabalho

2º BIMESTRE

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Compreender como se organiza a produção da vida material (econômica) de seus membros e das relações daí decorrentes.
- Compreensão da contradição básica entre: capital e trabalho.

CONTEÚDO

- Sociedade, Educação e Trabalho

3º BIMESTRE

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Compreender qual seja a função da escola: transmissão, criação sistemática da cultura.
- O que compete ao educador; o sentido da prática docente a qual se dá pela mediação da competência técnica.

CONTEÚDO

- Dimensão da Competência do Educador.

4º BIMESTRE

OBJETIVO ESPECÍFICO

- Desenvolver a consciência de quais sejam as características de um educador competente.
- Atuação do professor enquanto mediador.
- O estabelecimento de dialogo ligando o aluno ao mundo.

CONTEÚDO

- Competência e Utopia

HABILIDADES, ESTRATÉGIAS E AVALIAÇÕES

- Aulas expositivas, Vídeos, Seminários, etc.
- Trabalho escrito com tema pré-estabelecido e avaliação dissertativa

FONTE BIBLIOGRÁFICA

- Apostila Confeccionada pelo Professor
- RIOS, Terezinha Azevedo Ética e Competência
- CHAUÍ, Marilena Convite à Filosofia S. Paulo-SP Ed. Ática 2000

Planos de aula e Fonte Bibliográfica Prof.º 7

Plano de Aula para a disciplina Filosofia da Educação. 3º ano

Os temas (ver quadro abaixo) propostos são para leitura e debate em sala de aula, apresentação de trabalhos, aulas expositivas e vídeo.

Objetivos: Fazer com que o aluno tenha noções sobre a Filosofia, seus métodos e a relação com a educação. Analisar a atuação do homem na sociedade a fim de compreender as relações que estabelecem entre si e com o mundo. Refletir sobre a **busca de uma significação existencial**. Analisar o papel da Ideologia, Ética e do Poder na Educação.

<u>Temas</u>	
1.	O que é Filosofia.
2.	Concepção de Homem (valores).
3.	Cultura e Humanização.
4.	Relação entre: Trabalho, Poder e Cultura
5.	Noções básicas de: Ideologia, Ética, Política e Alienação.
6.	Métodos Filosóficos:
6.1	Materialismo.
6.2	Positivismo.
6.3	Racionalismo.
6.4	Empirismo.
6.5	Dialética.
6.6	Fenomenologia.
7.	Conceito de Educação.
8.	Educação Informal.

Plano de Aula para a disciplina Filosofia da Educação. 4º ano

Os temas propostos (ver quadro abaixo) são para leitura e debate em sala de aula, apresentação de trabalhos, aulas expositivas e vídeo.

Objetivos: Fazer uma abordagem das teorias educacionais tradicionais e contemporâneas, considerando o pensamento prático dos educadores e filósofos. Ter noções elementares das ideologias dos métodos filosóficos. Compreender a influência do pensamento liberal na educação.

<u>Temas</u>	
1.	Educação Popular e da Mulher.
2.	Os Valores.
3.	Pressupostos Políticos da Educação.
4.	Educação e Pedagogia.
5.	Escolas: Tradicional, Nova e Tecnicista.
6.	Teorias Crítico Reprodutivistas, Construtivista e Progressistas.
7.	Repensando à Educação:
7.1	Positivismo.
7.2	Materialismo Dialético.

7.3	Idealismo.
7.4	Liberalismo.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de A. Filosofia da Educação São Paulo Ed. Moderna, 1996 (Livro adotado nas séries)

ARANHA, Maria L. A e MARTINS, Maria H. P: Filosofando São Paulo Ed. Moderna, 1986

Todos os planos expostos acima, foram cedidos pelo professores, no período de acompanhamento de suas aulas. E cada um deles, como está visível, caracteriza, assim como caracterizou, a sua concepção de Ensino de Filosofia da Educação, porém a matriz filosófica de cada um, como pudemos observar e apesar dos diferentes enfoques, para a discussão do fenômeno educativo é, em certo sentido, o materialismo histórico (questão que comentaremos no próximo item). Todos os Professores têm a preocupação de transmitir aos seus educandos os pressupostos de uma Educação, que seja transformadora e, ao mesmo tempo, que valorize o homem no contexto em que ele vive independente de sua cor, de sua raça, opção sexual, condições econômicas e sociais, enfim, o que expressa a sua totalidade como sujeito.

Compreender o Homem dentro de todas as suas limitações é o que ensinam, atualmente os professores da Filosofia da Educação e o objetivo está presente dentro do trabalho apresentado por eles nos seus planos de aula.

No capítulo seguinte apresentamos algumas idéias e juízos sobre a identidade da Filosofia e da Filosofia da Educação na tradição educacional e escolar brasileira. Esperamos alinhar referenciais epistemológicos e políticos para uma interpretação crítica destas identidades e condições institucionais.

Anexo VIII

Diário Oficial da União.

Presidência da República

Despachos do Presidente da República

Mensagem:

Nº 1.073, de 8 de Outubro de 2001.

Senhor Presidente do Senado Federal.

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do parágrafo 1º do artigo 66 da Constituição Federal, decidi **Vetar** integralmente, por contrariedade ao interesse público, o Projeto de Lei n.º 9 de 2000 (n.º 3.178/97 na Câmara dos Deputados), que “Altera o art. 36 da Lei 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.”

Ouvido, o Ministério da Educação assim se manifestou:

Razões do veto:

“A Constituição Federal em seu art. 210, *caput*, preceitua:”

“Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.”

Celso Ribeiro e Ives Gandra Martins, *in* Comentários à Constituição do Brasil, lecionam que a fixação do conteúdo mínimo para o ensino fundamental devem ser levadas em conta as diferenças regionais de desenvolvimento socioeconômico, que devem estar presentes em benefício da própria unidade federada em que encontra instituído o estabelecimento de ensino. O conteúdo mínimo tem como finalidade manter a unidade dos currículos em todo o País e ao mesmo tempo manter uma parte diversificada, capaz de atender às peculiaridades e características de cada região, aos planos das escolas e às diferenças individuais existentes e necessárias dos educandos.

Sabidamente a LDB (Lei n.º 9.394/96), em atenção às peculiaridades e características de cada região, em seu artigo 9º, inciso IV, atribuiu à União a incumbência de “estabelecer, em colaboração com os Estados e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos mínimos, de modo de assegurar formação básica comum.”

Acrescente-se que o art. 211 da constituição Federal, em seu Parágrafo 3º, preceitua que os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.

Assim, o projeto de inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo do ensino médio implicará na constituição de ônus para os Estados e o Distrito Federal, pressupondo a necessidade da criação de cargos para a contratação de professores de tais disciplinas, com a agravante de que, segundo informações da Secretaria da Educação Média e Tecnológica, na há no País formação suficiente de tais profissionais para atender a demanda que advirá caso fosse sancionado o projeto, situações que por si só recomendam que seja vetado na sua totalidade por ser contrario ao interesse público.

Muito embora o art. 210 da Constituição Federal se refira à fixação de conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum, entendo que os princípios inerentes de tal diploma sejam observados para a fixação dos currículos e conteúdos mínimos para o ensino médio, a cargo da União em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, conforme preceitua o art. 9º, inciso IV, da Lei n.º 9.394/96.

Por derradeiro, tecnicamente, a proposta constituída no projeto, se viável, deveria ser inserida no art. 26 da Lei 9.394/96, o qual o parágrafo 1º estabelece que os currículos do ensino fundamental e médio devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática.

Estas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar o projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos senhores membros do Congresso Nacional.

Anexo IX
SENADO FEDERAL
PROJETO DE LEI DA CÂMARA
N.º 9, DE 2000
(N.º 3.178/97, na Case de origem)

altera o art. 36 da Lei n.º 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O caput do art. 36 da Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorara acrescido do seguinte inciso IV:

Art. 36,
IV – são incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias.

..... (NR)
Art. 2º Revogam-se o inciso III do parágrafo 1º do art. 36 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

PROJETO LEI ORIGINAL
N.º 3.178, DE 1997
Altera dispositivos do art. 36 da Lei
n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Que
estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º É acrescentado o seguinte inciso IV ao art. 36 da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

“art. 36,

IV – Serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias.”

Art. 2º É suprimido do inciso III do parágrafo 1º do art. 36 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Justificação

A inclusão da Sociologia e da Filosofia no currículo, do ensino médio representa uma medida necessária para a consolidação da base humanista no que se refere aos conhecimentos adquiridos pelo educando.

Difícilmente será bem sucedida a inclusão de temas referentes a esses campos em outras disciplinas com docentes que não tenham a formação plena e adequada para o cumprimento dessa tarefa. Daí ser insatisfatório o texto da atual LDB. Nesse sentido, ao defender a inclusão da Filosofia no currículo do ensino médio, diz o professor Franklin Leopoldo e Silva:

“Existe, portanto, um lado pelo qual a Filosofia ocupa na estrutura curricular uma posição análoga a qualquer outra disciplina: há que o que aprender, há o que memorizar, há técnicas a serem dominadas, há, sobretudo, uma terminologia específica a ser devidamente assimilada. Não devemos nos iludir com o adágio “não se aprende filosofia”, algo que pode levar a um comodismo ou a uma descaracterização da disciplina. O que a Filosofia tem de diferente das outras disciplinas é que o ato de ensiná-la se confunde com a transição do estilo reflexivo, e o ensino da Filosofia somente logrará algum êxito na medida em que tal estilo for efetivamente transmitido. No entanto, isso ocorre de forma concomitante à assimilação dos conteúdos específicos, da carga de informação que pode ser transmitida de variadas formas. O estilo reflexivo não pode ser suficiente ilustrado quando o professor e os alunos refazem o percurso da interrogação filosófica e identificam a maneira peculiar pela qual a Filosofia constrói suas questões e suas respostas.

Ora, é desta maneira específica que a Filosofia realiza o trabalho de articulação cultural... Pensar e repensar a cultura não se confunde com compatibilização de métodos e sistematização de resultados: é uma atividade autônoma e de índole crítica. Não devemos, portanto entender que a Filosofia estará no currículo do Segundo Grau em função das outras disciplinas, quase num papel assessora metodológica. No entanto, seria grave infidelidade ao espírito filosófico entender que a Filosofia virá se agregar ao currículo apenas para tomar-se mais uma parte em todo desconexo, ou pelo menos com profundos problemas de integração e conexão. Neste sentido, não representa pretensão dizer que a Filosofia não é apenas mais uma disciplina; ao dizê-lo, estaremos apenas reafirmando a natureza do estudo filosófico. A Filosofia tem uma função de articulação do indivíduo enquanto personagem social, se entendermos, que autêntico processo de socialização requer a consciência e o reconhecimento da identidade social e uma compreensão crítica da relação homem-mundo.”

As observações supra valem **mutatis mutandis** para sociologia.

Em face do exposto, submetemos aos nobres pares o presente Projeto de Lei. Sala das Sessões, abril de 1997. – Deputado Padre Roque.

LEGISLAÇÃO CITADA

LEI N.º 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996

Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional.

.....

TÍTULO V

Dos Níveis e das Modalidades

Educação e Ensino

.....

CAPÍTULO II

Da Educação Básica

.....
SEÇÃO IV
.....

Do Ensino Médio

Art. 36 – O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção 1 deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

I – destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II – adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes.

III – Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

Parágrafo 1º – Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

(À Comissão de *Educação*)

Diário Oficial do Senado Federal, de 18-4-2000

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia** . Ed. Martins Fontes. São Paulo: 2000 4ª ed.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Ed. Paz e Terra. São Paulo, 1995.
- ALVES, Dalton José. **A Filosofia no Ensino Médio: ambigüidades e contradições na LDB**. Editora; Autores e Associados FAPESP Campinas-SP 2002.
- ARANHA, Maria Lúcia de A . **Filosofia da Educação**. Ed. Moderna. São Paulo: 1996
- BASBAUM, Leôncio. **Alienação e Humanismo**. Ed. Símbolo São Paulo: 1977.
- CUNHA, Luiz A e GOES, Moacyr. **O Golpe na Educação**. Ed. Jorge Zahar 7ª ed. São Paulo:1991.
- DUARTE, Newton. **Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e A Escola de Vigotski (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)**. Ed. Autores e Associados. 3ª ed. Campinas-SP: 2001
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Ed. Melhoramentos, 11ª ed. Rio de Janeiro: 1978.
- FERNANDES, Florestan. **O desafio Educacional**. Ed. Cortez e Autores Associados. São Paulo: 1989
- GADOTTI, Moacir. **A Educação contra a Educação**. Ed. Paz e Terra. 4ª ed. São Paulo: 1987.
- _____ **Concepção Dialética da Educação (um estudo introdutório)** Ed. Cortez e Autores e Associados 8ª ed., São Paulo: 1992.
- _____ **Pedagogia da Práxis** Ed. Cortez e Instituto Paulo Freire. São Paulo: 1998.
- GENTILI, Pablo (org.) **Pedagogia da Exclusão Crítica ao neoliberalismo em educação**. Ed. Vozes 2ª ed.. Petrópolis-RJ 1996
- GHIRALDELLI, Paulo Jr. (org.) **O que é Filosofia da Educação?** Ed. DP&A. Rio de Janeiro: 2000
- GOLDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia (Que é a Sociologia?)** Difusão Européia do Livro. São Paulo: 1970
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Ed. Circulo do Livro. São Paulo: 1982.
- _____ trad. Carlos Nelson Coutinho. **Cadernos do Cárcere Vol 1**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2001
- _____ trad. Carlos Nelson Coutinho. **Cadernos do Cárcere Vol 2**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2001

- _____ trad. Carlos Nelson Coutinho. **Cadernos do Cárcere Vol 3**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2001
- JAEGER, Wener. **PAIDEIA. A Formação do Homem Grego**. Ed. Martins Fontes. São Paulo 2001.
- KONDER, Leandro. **O futuro da Filosofia da Práxis (O Pensamento de Marx no Séc. XXI)** Ed. Paz e Terra 2ª ed. Rio de Janeiro: 1992.
- LALANDE, André. **Vocabulário Técnico de Filosofia**. Ed. Martins Fontes. São Paulo 1999
- LÉVÊQUE, Raphaël e BEST, Francine. **Por uma Filosofia da educação**.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência (O Futuro do Pensamento na Era da Informática)**. Ed. 34. Rio de Janeiro: 1993.
- MANACORDA, Mário A. **MARX E a Pedagogia Moderna**. Ed. Cortez 3ª ed. São Paulo: 2000
- MARX, Karl. **Escritos de Juventud**. Fondo de Cultura Econômica. México: 1987.
- MARX, Karl e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)** Ed. Hucitec. São Paulo: 1999
- _____. **Manuscritos Economico e filosóficos de 1844** Fondo de Cultura Econômica. México: 1987.
- MATOS, Junot Cornélio. **EM TODA PARTE EM LUGAR NENHUM A Formação Pedagógica do Professor de Filosofia**. Tese de Doutorado Fac. de Educação UNICAMP. Campinas-SP 1999
- MENDES, Dumerval T.(org.) **Filosofia da Educação Brasileira**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1983
- MUCHAIL, Salma T. (org.) **A Filosofia e seu Ensino**. Ed. Vozes e EDUC da PUC-SP. São Paulo: 1995.
- NUNES, César A. **Aprendendo Filosofia**. Ed. Papirus. Campinas-SP: 1991.
- NUNES, César e GAMBOA, Silvio S. **Filosofia e Dialética para uma Retomada do Debate sobre as Tendências Epistemológicas em Educação**. Revista Educação Fac. de Pirassununga: 1998
- PCN's Ensino Médio**. MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Ministério da Educação Brasília 1999.
- SANTOS, João de Almeida. **O Princípio da Hegemonia em Gramsci**. Ed. Vega Universidade. Lisboa: 1986.

SAVIANI, Demerval. **a nova lei da educação LDB TRAJETÓRIA LIMITES E PERSPECTIVAS**. Autores e Associados 7ª ed.. Campinas – SP: 2001.

_____ **Da LDB ao Plano Nacional de Educação**. Autores e Associados.
Campinas-SP: 1998.

_____ **Educação: do Senso Comum à Consciência filosófica**. Autores e Associados. Campinas: 1980.

_____ **Educação e Questões da Atualidade**. Livros do Tatu e Ed. Cortez. São Paulo: 1991.

_____ **Escola e Democracia (Polêmicas do Nosso Tempo)**. Autores e Associados 33ª ed. São Paulo: 2000

_____. **Política e Educação no Brasil**. Ed. Cortez e Autores e Associados. Campinas-SP: 1988.

SCHAFF, Adam. **A sociedade Informática**. Ed. Brasiliense, 5ª ed.. Rio de Janeiro: 1996

SEMERARO, Giovanni. **GRAMSCI e a Sociedade Civil (Cultura e Educação para a Democracia)**. Ed. Vozes 2ª ed. Petrópolis-RJ: 2001.

SEVERINO, Antonio J. **A Filosofia Contemporânea no Brasil**. Ed. Vozes. São Paulo: 1999

_____ **Educação, Ideologia e Contra-Ideologia (Temas Básicos de Educação e Ensino)**. E.P.U . São Paulo: 1986

SNYDERS, George. **Escola Classe e Luta de Classes**. Ed. Centauro 2ª ed.. São Paulo: 1999.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **Teoria Marxista da Educação**. Editorial Estampa, Lisboa: 1976.

_____ **A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas (A Pedagogia da Essência e a Pedagogia da Existência)** Ed. Horizonte 5ª ed. Lisboa: 2000

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da Práxis**. Ed. Paz e Terra 3ª ed. Rio de Janeiro: 1977

VERNANT, Jean Pierre. **As origens do Pensamento Grego**. Editora Bertrand Brasil, 6ª ed. Rio de Janeiro 1989.

ENSINO MÉDIO - MATRIZES CURRICULARES - PROPOSTAS PARA 2003 PARA DISCUSSÃO NAS ESCOLAS

PERÍODO NOTURNO - Carga horária semanal de 20 horas

PROPOSTA 1 - manutenção do quadro curricular já adotado pela escola, em 2002

PROPOSTA 2

		Componentes Curriculares	1ª	2ª	3ª	
Base Nacional Comum e Parte Diversificada	Linguagens e Códigos	L. Portug. e Literatura	3	5	5	
		Arte	2			
		L. Estrang. Moderna	2			
		Educação Física				
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	3	5	5	
		Física	2			
		Química	2			
		Biologia	2			
	Ciências Humanas	História	2	5	5	
		Geografia	2			
		Filos/ Socio/Psico				
	Opção da Escola			05	05	
	Total			20	20	20

Observações:

1. Para as 2ª e 3ª séries, estamos apresentando um número básico de aulas, por área, que deverá ser desdobrado entre as disciplinas que compõem a área.
2. O número de aulas de "opção da escola", 5 na 2ª série e 5 na 3ª série, deverá ser distribuído nas áreas, contemplando as disciplinas que melhor atendam ao projeto pedagógico da escola.

PROPOSTA 3

		Componentes Curriculares	1ª	2ª	3ª
Base Nacional Comum e Parte Diversificada	Linguagens e Códigos	L. Portug. e Literatura	4	4	4
		Arte	2		
		L. Estrang. Moderna	2	2	
		Educação Física			
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	4	4	4
		Física	4	4	2
		Química			2
		Biologia			2
	História	2			2
	Ciências Humanas	Geografia	2	2	2
Filosofia			2	2	
Total			20	20	20

PROPOSTA 4 - sugestões para estudos, respeitadas a LDB e legislações complementares.

		Componentes Curriculares	1ª	2ª	3ª	
Base Nacional Comum e Parte Diversificada	Linguagens e Códigos	L. Portug. e Literatura				
		Arte				
		L. Estrang. Moderna				
		Educação Física				
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática				
		Física				
		Química				
		Biologia				
	Ciências Humanas	História				
		Geografia				
		Filosofia				
		Psicologia				
	Sugestão da Escola	Sociologia				
	Total			20	20	20